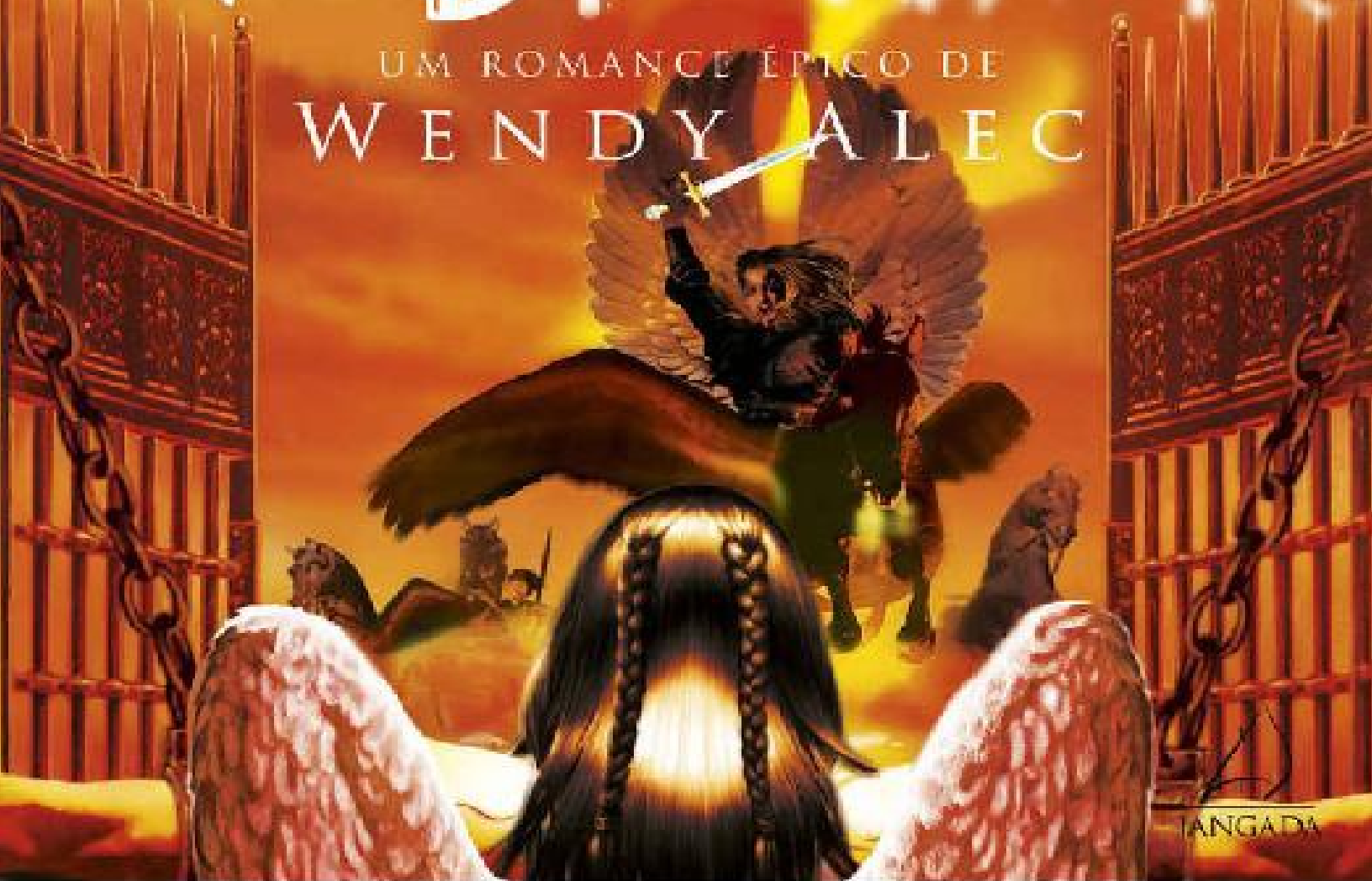


LIVRO DOIS
AS CRÔNICAS
das
IRMÃOS CELESTIAIS

MESSIAS O PRIMEIRO JULGAMENTO

UM ROMANCE ÉPICO DE
WENDY ALEC



LANGADA



MESSIAS
O PRIMEIRO JULGAMENTO

Wendy Alec

MESSIAS
O PRIMEIRO JULGAMENTO

Tradução
MARCELLO BORGES



Titulo do original: *Messiah – The First Judgement*.

Copyright © 2007, 2008 Wendy Alec.

Copyright da edição brasileira © 2014 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2014.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de textos: Denise de C. Rocha Delela

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Wagner Giannella Filho e Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alec, Wendy

Messias : o primeiro julgamento / Wendy Alec ; tradução Marcello Borges. – 1. ed. – São Paulo : Jangada, 2014.

Titulo original : Messiah : the first judgment.

ISBN 978-85-64850-72-9

1. Ficção inglesa. I. Título.

14-07419

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

1ª Edição digital: 2014

e-ISBN: 978-85-64850-87-3

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 – Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

Aos milhares e milhares de membros da nossa incrível família de As Crônicas, que gostaram tanto de *A Queda de Lúcifer* e têm aguardado desesperadamente uma continuação.

Após muitos meses, longos e tortuosos, a continuação – *Messias – O Primeiro Julgamento* – está enfim em suas mãos!

A paixão e o amor que devotaram a esta história têm mais significado do que possam imaginar.

Estas páginas são dedicadas a todos vocês.

Novembro de 2008.

Ele nos salvou quando não pudemos mais lutar por
nós mesmos. As Crônicas são a história Dele.

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Os personagens](#)

[De A Queda de Lúcifer - As Crônicas dos Irmãos Celestiais - Livro I](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 - Príncipe de Perdição](#)

[Capítulo 2 - Aretas de Petra](#)

[Capítulo 3 - Irmãos](#)

[Capítulo 4 - O Primeiro Céu](#)

[Capítulo 5 - Herodes](#)

[Capítulo 6 - Christos](#)

[Capítulo 7 - A Revelação](#)

[Capítulo 8 - A Sétima Pedra](#)

[Capítulo 9 - As Hordas do Inferno](#)

[Capítulo 10 - Alexandria](#)

[Capítulo 11 - Mosteiro dos Arcanjos](#)

[Capítulo 12 - Megiddo](#)

[Capítulo 13 - A Reunião](#)

[Capítulo 14 - 26 d.C.](#)

[Capítulo 15 - Traição – 27 d.C.](#)

[Capítulo 16 – As Condições do Acordo](#)

[Capítulo 17 - O Vale da Tentação – 27 d.C.](#)

[Capítulo 18 - Fuga - 27 d.C.](#)

Capítulo 19 - Zahi

Capítulo 20 - Kerf Kenna - 27 d.C.

Capítulo 21 - 27 d.C.

Capítulo 22 - Gadareno

Capítulo 23 – Subterfúgio

Capítulo 24 – O Véu

Capítulo 25 - O Hebreu

Capítulo 26 - Escolhas sinistras

Capítulo 27 - Galileia

Capítulo 28 - Mandragora

Capítulo 29 – Lázaro

Capítulo 30 - Abaixo dos anjos

Capítulo 31 - Judas

Capítulo 32 – O Troféu

Capítulo 33 - Getsêmani

Capítulo 34 – A Testemunha

Capítulo 35 - Antonia - 30 d.C.

Capítulo 36 - O Lugar da Caveira

Capítulo 37 – Gólgota

Capítulo 38 – O Véu

Capítulo 39 – Os Portões do Inferno

Capítulo 40 – Rei Guerreiro

Capítulo 41 - Jotapa

Capítulo 42 – O Cálice de Cornalina

Capítulo 43 - Luto

Capítulo 44 – Ecos da Eternidade

Capítulo 45 - O Primeiro Julgamento

Capítulo 46 - Os Conselhos de Terror do Inferno

Capítulo 47 - A Porta de Rubi

As Crônicas dos Irmãos Celestiais - Livro 3

Filho de perdição

Eles não tem Sômbra

OS DECAÍDOS

Lúcifer – Satã, rei de Perdição. Tentador; adversário; governante soberano da raça dos homens, da terra e das regiões inferiores.

Charsoc – Apóstolo sinistro, principal sumo sacerdote dos Decaídos. Governador dos Grandes Magos da Corte Sombria e dos terríveis Reis Feiticeiros do Ocidente.

Marduk – Líder dos Conselhos Sombrios e comandante das forças de Lúcifer.

Darsoc – Príncipe secundário da legião dos Magos Cinzentos.

Alastor – Grande mago das Cortes Sombrias.

Lorde Astaroth – Ex-general de Miguel; comandante supremo de Lúcifer.

Moloch – Príncipe satânico; “açougueiro” de Perdição.

Dagon – Comandante da Horda Sombria.

Belzoc – Defensor de Perdição e regente satânico do mundo sombrio do reino da Pérsia. Líder dos vinte e quatro príncipes satânicos de Perdição.

Merodach – Regente satânico do reino da Babilônia.

Gaap – Rei da região ocidental do inferno: principal ancião dos senhores infernais.

Nisroc, o Necromante – Guardião da Morte e da Sepultura.

Nakan – Rei Feiticeiro dos Necromantes do Oriente.

Dracul – Líder dos Reis Feiticeiros do Ocidente.

Araklba – Recém-coroadado como Príncipe dos Vigilantes Sombrios.

Sethunelah – Antigo líder dos Magos Cinzentos Sombrios.

Huldah – Suserano sombrio dos Reis Xamãs.

Dagda – Recém-coroadado como Líder dos Reis Necromantes.

Faileen – Rainha das Bruxas Demoníacas.

Forneus – Marquês do inferno.

Balberith – Principal assistente de Lúcifer.

Zadkiel – Assistente de Lúcifer. Banido para o Tártaro – abismo.

Ramuel, Mulciber, Vidar, Belial e Ruber – Generais da Horda Sombria.

Pruslas, Barbatos e Rashaverak – Generais de Lúcifer.

CONSELHOS DE TERROR DO INFERNO

Reis Feiticeiros de Terror de Ishtar.

Arcanjos de Ashtoroth.

Tronos de Folcador.

Magos Sombrios.

Reis Necromantes.

Bruxas Demoníacas da Babilônia.

Hera e os *banshees* das Valquírias.

Reis Xamãs.

Videntes de Plantas de Diabolos.

PRIMEIRO CÉU

Miguel – Príncipe-chefe da Casa Real de Jeová; comandante dos exércitos do Primeiro Céu; presidente dos conselhos de guerra.

Gabriel – Príncipe-chefe da Casa Real de Jeová; presidente da Suprema Corte dos Reveladores Angelicais.

Jeová – Ancião dos Dias.

Christos – Jesus.

Jether – Guerreiro imperial e líder dos Vinte e Quatro Reis Anciões do Primeiro Céu, e intendente-chefe do Supremo Conselho dos Mistérios Sagrados de Jeová.

Xacheriel – Curador de ciências e dos universos do Ancião dos Dias, e um dos Vinte e Quatro Reis Anciões sob a liderança de Jether.

SUPREMO CONSELHO REGENTE DE ANCIÕES ANGELICAIS

Jether, Xacheriel.

Maheel, Lamaliel.

Issachar, Zebulon.

Josafá, Matusalém.

Rafael – Ex-comandante de Lúcifer. Principal general de Miguel.

Ephaniah – Ex-mordomo de Lúcifer.

Uriel, Ariel.

Adão – Primogênito da raça dos homens.

Aprendizes – Antiga raça angelical caracterizada pela juventude eterna e por sua notável curiosidade, que auxilia os Anciões a cuidar das incontáveis novas galáxias criadas por Jeová.

Obadiah, Dimnah.

Tirzah, Rakkon.

Otniel, Jatir.

Lamech, Kalleel.

TERRA: 2021

Jotapa – (22), princesa da Jordânia.

Nick De Vere – (29), mais jovem membro da dinastia De Vere – arqueólogo. Contraiu aids e está morrendo.

Adrian de Vere – (39), irmão do meio da dinastia De Vere. Ex-primeiro-ministro do Reino Unido, recém-indicado como presidente dos Estados Unidos da Europa, candidato ao Prêmio Nobel da Paz.

Jason De Vere – (44), irmão mais velho da dinastia De Vere. Magnata da imprensa norte-americana. Proprietário de um terço dos impérios televisivos e jornalísticos do mundo ocidental.

Julia St. Cartier – (42), ex-mulher de Jason De Vere.

Lily de Vere – (15), filha de Julia e Jason. Paralítica.

Lilian de Vere – (76), mãe de Nick, Adrian e Jason De Vere.

Lawrence St. Cartier – (82), padre jesuíta; agente aposentado da CIA; negociante de antiguidades – tio de Julia St. Cartier.

TERRA: 28 d.C.

O Nazareno – Jesus.

Aretas – Rei da Arábia/Petra.

Jotapa – Princesa da Arábia.

Zahi – Príncipe coroado da Arábia.

Ayeshe – Mordomo de Aretas.

Duza – Arauto de Zahi.

DE A Queda de LúCíFER -
AS CRÔNICAS DOS IRMÃOS
CELESTIAIS - LIVRO I

A tempestade aumentou com a força de um ciclone, e um tórrido inferno se ergueu em meio à penumbra, iluminando todo o lugar.

Lúcifer levantou o antebraço para proteger o rosto, os lábios movendo-se em palavras incoerentes de terror, quando um lençol de chamas, apocalíptico e devorador, caiu sobre os anjos em brasas terríveis e escaldantes, que os envolveram.

– O fogo que consome! – berrou.

Na câmara, gritos apavorantes ressoavam enquanto a hoste angelical renegada era consumida pela bola de fogo escaldante.

– Vou levar o homem comigo! Não vou queimar sozinho!

Os gritos perturbados ecoaram pela escuridão enquanto línguas de fogo ardente envolviam Lúcifer. Olhou para as mãos. Incrédulo, observou que queimavam. As unhas largas e bem cuidadas retorceram-se e se tornaram garras amareladas e envelhecidas. As feições de alabastro esculpido tornaram-se repletas de marcas e escaras. As sobrancelhas negras se juntaram. O belo nariz aquilino ficou torto. A passional boca carmim transformou-se em um traço fino e cruel.

Alucinado, Lúcifer pôs as mãos no rosto, sentindo-o desfigurado, disforme. Os magníficos cabelos espessos, cor de ébano, caíram do couro cabeludo em punhados ardentes. O anel de ouro e rubi incrustou uma marca profunda de queimadura na pele.

– Ouça-me, Christos! – rugiu. – Eu, Lúcifer, portador da luz, príncipe-chefe, sagrado regente angelical da Casa Real de Jeová, torno-me agora Seu inimigo jurado, e vou levar-Lhe traição e iniquidade pela eternidade das eternidades!

Um vento forte como uma tempestade soprou pela câmara. Os anjos que estavam com Lúcifer – também transformados horivelmente – agarraram em desespero as balaustradas, as colunas de mármore, e tornaram-se eles próprios como mesas de mármore ao serem sugados para fora da Sala do Trono. Gritavam em um frenesi quando os relâmpagos estalaram. Então, lançados por alguma imensa força magnética, eles e tudo ao redor foram sugados por um redemoinho. Um vórtice negro situado além da entrada da câmara.



As sombras caíram...

1981

MONTE SÃO MIGUEL, MARAZION
CORNUALLHA, ÎNGLATERRA

A figura alta e imperial encontrava-se sobre uma elevação escarpada entre as altas encostas de granito do Monte São Miguel. A capa índigo flutuava sob os violentos jatos da furiosa tempestade de inverno no Canal da Mancha.

– Pai Nosso... – murmurou Lúcifer, o tom de voz suave e educado mal se fazendo ouvir.

Um raio espocou, iluminando o alto monte piramidal, coroado pelo castelo medieval.

– ... Que estais no céu...

Os céus se abriram, e uma chuva forte começou a açoitar o solo.

Lúcifer respirou fundo, o rosto voltado para cima, banhando-se na tempestade torrencial, e ergueu as mãos em exultação para o céu enegrecido. Monstruosas asas negras de serafim ergueram-se atrás dele.

– Venha a nós o meu reino... – gritou, os olhos azuis como o aço ardendo de fervor.

Os cabelos ensopados grudavam-lhe no rosto, mascarando as feições imperiais e desfiguradas.

– Seja feita a vontade *Dele* – ecoou uma voz suave atrás dele.

Lúcifer sorriu. Um sorriso lento e satisfeito.

– Miguel... – murmurou, dando as costas para o irmão –, você está atrasado.

Miguel estava do lado oposto do monte, a mão sobre a espada, em silêncio. Lúcifer afastou a cabeleira negra do rosto, analisando com insistência o irmão.

Miguel trajava os longos mantos de seda branca do uniforme cerimonial de seu batalhão. As safiras sobre o peitoral de prata reluziam, e os cabelos trigueiros estavam amarrados em duas tranças com platina. As belas feições esculpidas mostravam-se resolutas.

Sério, ponderou Lúcifer. Não, sério não... franco. Nobre e franco Miguel. *Nada mudou*, refletiu. Riu sarcasticamente.

– Você me chamou através das cortes reais. O que o traz aqui, meu irmão? – Miguel caminhava de um lado para o outro, impacientemente.

Lúcifer sorriu com seu velho e magnífico sorriso, saboreando a frustração de Miguel.

– Estava passando pela área – disse com descontração. Aproximou-se de Miguel, em meio às cristas das ondas furiosas, a passos largos e firmes. – Fiquei *curioso*, irmão. – Chegou mais perto, frente a frente. – Soube das lendas... da pedra branca na floresta – sussurrou.

Os olhos verde-claros de Miguel se fixaram no inescrutável olhar de safira de Lúcifer.

– Lendas sobre Miguel, o Arcanjo... – O irmão mais novo se arrepiou quando as palavras adocicadas e sedutoras de Lúcifer penetraram no fundo de sua alma. – A essência dos contos de fadas – prosseguiu o irmão mais velho.

– Percorro muitas terras – tornou Miguel.

– Ah, mas você se revela para poucas pessoas. – Lúcifer começou a rodeá-lo lenta e indolentemente. – Viram uma aparição sua aqui, na Cornualha, no ano 495. – Fez um gesto na direção de um rochedo a distância. – Você se revelou para um pescador, um eremita solitário... um *monge*? – Os olhos de Lúcifer se estreitaram. – Quem era ele, Miguel? Um de nós? – sibilou. – Era angelical ou da raça dos homens? Jeová está *compelido* a antever cada um de meus movimentos?

– Está desperdiçando meu tempo, Lúcifer – Miguel falou com frieza. – Você me convocou com o selo real, mas fala de trivialidades.

Lúcifer observou-o com ceticismo.

– Creio que se trata de algo mais que trivialidades, meu irmão. Não importa, vou saciar minha curiosidade noutra ocasião. – Lúcifer ergueu as mãos para o alto. – Vamos aos negócios, Miguel; os negócios de nosso Pai. E, como Ele, eu também quero falar do Messias. – Ele observou as margens irregulares do sudoeste da Cornualha. – E deste império em extinção, deste leão enfraquecido... desta *Inglaterra*. – Virou-se. – Pois ela ainda contemplará um rei... neste ano, talvez no próximo... – Riu ironicamente para Miguel, tal como fazia quando esgrimiam em eras

passadas, em mundos que havia muito tinham desaparecido. – Talvez nesta noite, Miguel, nasça um Messias em Marazion.

– Fale abertamente, Lúcifer – retrucou Miguel, perdendo a paciência. – Chega de parábolas.

– Ah, mas falo a verdade ou será apenas uma invenção? – alfinetou Lúcifer. – Diga a nosso Pai que eu também vou mandar um Messias.

– Nosso pai é onisciente – respondeu Miguel. – Ele conhece todas as suas conversas. Cada um de seus pensamentos é precedido e observado por Ele.

– Ah, sim, mas eu respeito o processo legal. Meus pensamentos devem ser registrados nas cortes reais e nos códigos do céu. É por isso que você está aqui: para que eu cumpra as exigências do sistema legal *Dele*.

Miguel indicou concordância.

– Será registrado, conforme solicitou.

– Minha força se esvai... – Lúcifer analisou o céu, estranhamente agitado. – O Nazareno está por perto...

Um temor pouco característico estampou-se em seu semblante desfigurado.

– Você veio sozinho?

Miguel assentiu.

– O tempo se esgota, meu irmão – o príncipe-chefe disse com suavidade, a tristeza estampada nas nobres feições.

Lúcifer ergueu a cabeça, a respiração agora mais fácil.

– Ele oferece o arrependimento com uma mão, mas, com a outra, busca minha queda. – Os olhos de Lúcifer se encheram de aversão. – Nosso Pai é malicioso.

– Como queira, Lúcifer. – Miguel o fitou com ira repentina. – Sua iniquidade cínica afeta seu julgamento.

– Assim como sua desavergonhada ingenuidade afeta o seu – ironizou Lúcifer.

Os dois irmãos ficaram se olhando, severos, inabaláveis. Por fim, o mais velho se manifestou:

– Meu Messias vai surgir nestas ilhas – sussurrou. – Um rei da política e da indústria, cortejado por reis e rainhas; um orador mais eloquente do que Churchill ergue-se sobre estas margens. – Contemplou, acima das furiosas ondas escuras, uma estrela solitária que tremulava através das brumas. – Creio que lhe darei irmãos – declarou. – Como *nós*, ele terá uma família. – Subitamente, seu humor mudou. – Serão três, assim como você, Gabriel e eu somos três irmãos angelicais. – Esboçou um sorriso rápido para Miguel. – Três irmãos da raça dos homens. – Um fogo insano se acendeu em seu olhar. – E, *como* nós – curvou-se ironicamente para Miguel –, um deles será um insurreto, um renegado.

Miguel baixou a cabeça.

– Você vai perder, Lúcifer – murmurou –, tal como perdeu no Gólgota.

– *Gólgota!* – rosou Lúcifer, o semblante convertendo-se na mesma hora em uma máscara de ódio.

Deu as costas para Miguel, contemplando a fúria do mar de inverno. Sua voz era áspera.

– Diga a Jether que, quando ele vir o cavaleiro branco no céu, meu Messias fará sua aparição na raça dos homens.

E desapareceu.

Miguel se virou quando Gabriel saiu das brumas suspensas sobre a Cornualha, vindo pelas rochas em sua direção. Os cabelos claros caíam-lhe soltos sobre as vestes azuis. As feições imaculadas eram mais elegantes e suaves do que os traços definidos e marcantes de Miguel. Mas, naquela noite, seu semblante real estava duro.

– O Messias nascerá nesta noite em Marazion – anunciou Gabriel, preocupado. – É certo. – Ficou em pé sobre as rochas diante de Miguel, a Espada da Justiça pendente ao lado do corpo. – Os batalhões angelicais decaídos de Lúcifer já estão cercando a área. Nossas legiões farão o mesmo.

Miguel baixou a cabeça.

– Ele vai perder em Megiddo – disse.

Gabriel assentiu.

– Sim, Miguel, ele vai perder, mas a que preço para a raça dos homens?

Juntos, os irmãos ficaram em silêncio, olhando além das escuras e rodopiantes névoas que se erguiam na costa oeste da Cornualha para uma estrela brilhante que se alçou no céu acima da pequena aldeia de Marazion.



2021

Mosteiro dos Arcanjos
Alexandria, Egito

Dois monges estavam no portal de São Miguel Arcanjo, o domo giratório do telescópio no observatório do Mosteiro dos Arcanjos. Suas feições ocultavam-se pelo capuz cinzento dos trajes monásticos coptas. Olhavam, pelo Telescópio Solar Coronado, diretamente para o sol egípcio, paralisados pela perturbadora aparição que flutuava acima da escaldante planície do deserto.

O monge mais velho observou, hipnotizado, o espectro se materializar numa forma sinistra e pálida sobre um magnífico cavalo branco. A forma segurava um arco.

– O Cavaleiro Branco do Apocalipse... – sussurrou o mais jovem, tocando a cruz no peito. – O Primeiro Selo foi quebrado.

– O Filho de Perdição aparece para governar; alguém da raça dos homens. – O

monge mais velho ergueu os olhos do telescópio e observou o brilhante céu avermelhado da aurora egípcia. – Começou a Grande Tribulação.



Aquele amanhecer ainda está gravado na minha memória. A manhã em que o sinal do Cavaleiro Branco do Apocalipse surgiu no céu egípcio sobre a escaldante planície do deserto. O Filho de Perdição apareceu para governar na raça dos homens. Pois o rompimento do Primeiro Grande Selo certamente anunciou o começo das devastações do Fim dos Dias.

E, enquanto estava ao lado de Jether, observando a aparição fantasmagórica, minha mente recuou dois mil anos antes, até um amanhecer diferente. E a um sinal diferente, que certa vez brilhou forte e alto no céu oriental. Um sinal que aterrorizou a alma de meu irmão Lúcifer, Rei dos Condenados. Pois os eventos arrepiantes das luas seguintes iriam mudar a eternidade no mundo da raça dos homens, tal como ainda a conhecíamos. E mergulharia os exércitos do Primeiro Céu e dos Decaídos numa batalha cósmica que reverberaria por cem eras.

Além de Megiddo.

Além do término do mundo da raça dos homens.

Culminando numa batalha final. Entre meus irmãos.

Miguel e Lúcifer.

Mil anos no futuro.

Na Garganta Branca do Inferno, nas margens orientais do Lago de Fogo.

Mas foi ali, eras antes, que nossa história começou...

Pois seria um ocaso diferente...

PRÍNCIPE DE PERDIÇÃO

4 A.C.

DOIS MIL E DEZESSETE ANOS ANTES

Lúcifer escancarou as colossais portas de safira da sala do trono e caminhou até o pórtico oriental do Palácio Negro, debruçado sobre os penhascos de heliotrópio de Perdição. Voltou o rosto para o céu enquanto as doze luas magenta de Perdição se punham no horizonte âmbar claro, acima das desoladoras terras de lava ardente do inferno. A imensa estrela flamejante ainda estava fixa no firmamento noturno entre o Segundo Céu e a Terra.

Contemplou a nova por um longo tempo. Em silêncio.

Quilômetros abaixo dali, nas lúgubres criptas dos sinistros Reis Xamãs, o lento e pulsante compasso dos sinistros tambores de guerra do inferno ecoava pelas prisões inferiores dos condenados.

Um sorriso demorado estampou-se nas feições desfiguradas de Lúcifer ao observar a contínua fila de mulheres e homens fantasmagóricos vestidos de cinza atravessando dois monstruosos portões de ferro negro que se erguiam a trezentos metros acima do solo vermelho e reluzente – os Portões do Inferno.

Centenas de serafins demoníacos, com olhos amarelados e a aparência de górgonas, aninhavam-se no alto das imensas torres do portão de ferro negro que ocupava o perímetro do inferno, suas gigantescas e escamosas garras de bronze riscando as torres, e chamas avermelhadas saindo-lhes das narinas e orelhas. As asas

dessas górgonas eram de ouro laminado e se estendiam por trinta metros quando abertas; sobre as cabeças repletas de escamas, gravado numa letra caprichosa, lia-se: “Almas da Raça dos Homens”.

Lúcifer puxou a capa de veludo violeta e a estreitou contra o corpo. Seus cabelos, brilhantes e negros como as asas de um corvo, presos em tranças grossas, entremeadas de diamantes, caíam sobre os ombros largos, esvoaçando ao vento quente e tempestuoso que saía dos desoladores penhascos de ônix de Perdição. A coroa satânica de diamantes, símbolo de seu poder, estava sobre a cabeça, e as vestes de seda branca brilhante, com bordas de pelo de lobisomem, caíam sobre o chão, quase ocultando as sandálias ornadas com pedras preciosas. Sua fisionomia, antes esplêndida, fora desfigurada quase a ponto de se tornar irreconhecível no tórrido inferno, depois de seu banimento do Primeiro Céu. Mesmo assim, em raríssimos momentos, a deslumbrante beleza de eras anteriores ficava estranhamente evidente: a testa larga cor de mármore, as maçãs do rosto altas e imperiais, a boca de um carmim passional, os autoritários olhos cor de safira agora imersos nas sombras de seus pensamentos.

Estendeu displicentemente um pedaço de carne para seu cão infernal predileto, o mimado Cérbero com cinco cabeças, que lambia a mão do dono com as línguas ásperas. Depois, Lúcifer voltou a contemplar a estrela.

Balberith, seu principal assistente, estava à porta.

– Seus príncipes satânicos voltaram da Terra, Vossa Excelência. – Ele se curvou profundamente.

Lúcifer assentiu e, forçando-se a parar de contemplar a estrela, avançou portas adentro, dirigindo-se ao monstruoso trono de ônix negro, o trono de Satã. Sentou-se diretamente sob o vórtice de cristal negro que girava acima dele. Araquiel, seu cortesão, estendeu-lhe o cetro sobre uma almofada de veludo. Ele o pegou. Logo atrás do trono ficavam os Portões Dourados da Necrópole Sombria, que abrigava a grande e áurea Arca da Raça dos Homens, acorrentada à Sepultura Negra por monstruosas correntes de ferro. O troféu de Lúcifer.

Diante dele, erguiam-se os maciços portões de ferro negro da Sala do Trono. Sua ameaçadora horda satânica, a Horda Sombria, estava de prontidão – mil dos temíveis generais de elite do alto-comando de Lúcifer, decaídos do Primeiro Céu milênios antes com seu rei renegado. Após o banimento, a glória da bravura e honra desses generais fora rapidamente reduzida a uma depravada e incessante selvageria. Os corredores de Perdição reverberavam com histórias sinistras e murmuradas sobre torturas e carnificinas sangrentas. O terror dos reclusos das penitenciárias do inferno. Aqueles pálidos olhos cor de palha encaravam todos impiedosamente, destacando-se nas feições cobertas de escaras. Os cabelos negros e trançados caíam até abaixo das coxas. Ao lado dos membros da horda decaída, diversas panteras negras de olhos

amarelos iam de um lado para o outro, acorrentadas aos mestres depravados, rosnando e exibindo suas venenosas presas negras.

Dagon, comandante da Horda Sombria, deu um passo à frente, o capacete numa das mãos enluvadas, a outra sobre a espada, e se curvou.

– Anuncio os príncipes-chefes satânicos de Vossa Majestade, os governantes do mundo das trevas.

Os portões de ferro que davam acesso à Sala do Trono se abriram e dois príncipes monstruosos entraram, seguidos por dez regentes e seus guardas. Os portões se fecharam, deixando os doze regentes sozinhos diante de Lúcifer e da Horda Sombria. Eles caíram prostrados diante dos portões.

– Anuncio Sua Alteza Real, príncipe Belzoc, defensor de Perdição e regente satânico do mundo sombrio do reino da Pérsia – declarou Dagon.

O ameaçador Belzoc, príncipe satânico da Pérsia, ergueu-se e exibiu seus dois metros e setenta, depois caminhou pelo reluzente piso de lápis-lazúli, dirigindo-se ao trono. Foi detido a seis metros dali por seis membros da Horda Sombria, que ergueram as espadas de lâmina larga.

O principal mago do Conselho Sombrio deu um passo à frente.

– Pode se dirigir a seu imperador.

Belzoc ajoelhou-se em uma das pernas e afastou a espessa cabeleira negra do rosto bexiguento, erguendo os olhos avermelhados e brilhantes para seu imperador.

– Volto da Pérsia, Vossa Majestade – vociferou, uma saliva amarelada e viscosa gotejando dos lábios finos e pálidos. – Meus escravos sombrios da raça dos homens executaram suas ordens. Todos os príncipes e membros da família real que nasceram recentemente estão mortos. – O timbre sinistro e demoníaco de sua voz ecoou pelo recinto.

Lúcifer o contemplou, inflexível e silencioso.

O mago-chefe falou novamente:

– Anuncio Sua Alteza Real, príncipe Merodach, regente do reino da Babilônia.

Merodach pôs-se sobre um dos joelhos, trêmulo.

– Todas as casas reais, todos os palácios, castelos e pavilhões do reino da Babilônia foram esquadrihados. Todos os membros das linhagens reais foram mortos.

Lúcifer se levantou, caminhou até o lado leste da câmara e abriu as pesadas cortinas de veludo.

– Mesmo assim, a nova arde flamejante no céu – gritou. – Ele *está vivo!* – Deu meia-volta, furioso.

Marduk, líder do Conselho Sombrio e comandante das forças de Lúcifer, adentrou os portões. Dirigiu-se ao trono e se curvou, depois levantou o rosto encapuzado e ficou diante de Lúcifer.

– Trago notícias da nova – disparou, seu silvo sibilante ecoando pela Sala do Trono. Curvou-se profundamente mais uma vez. Só os olhos amarelados e pálidos podiam ser vislumbrados sob o capuz marrom-claro de seu manto.

Lúcifer fez um gesto com a mão para o mago e seus regentes.

– Deixem-nos a sós.

Imediatamente, os doze regentes se espalharam pelo pátio externo. Marduk se aproximou do trono e levantou um pouco o capuz, as feições desfiguradas e pálidas evidentes.

– A estrela se move para o leste, Vossa Majestade, na direção do Oriente Médio do planeta Terra. – Lúcifer ficou olhando um ponto além da corcunda de Marduk, além das enormes portas de safira, para o lugar onde a estrela permanecia imóvel. – Nossos batalhões reviraram a Pérsia, a Grécia e a Babilônia, senhor, mas não conseguimos encontrá-lo.

Lentamente, Lúcifer dirigiu seu olhar para uma forma alta e sinistra que estava agora à entrada dos portões.

Charsoc, o Sombrio, merecera seu nome entre os decaídos como Apóstolo Sombrio de Lúcifer. Antes de tombar do Primeiro Céu, havia sido membro do Supremo Conselho, formado pelos oito Anciões mais antigos de Jeová, sendo um dos grandes monarcas angelicais do céu, intendente dos mistérios sagrados, abaixo apenas de Jether, o Justo, na hierarquia. Mas o traiçoeiro Charsoc tinha se degenerado sem esforço, tornando-se o mais sombrio e decadente dos Reis Necromantes, reinando agora como principal sumo sacerdote dos decaídos, governador dos Grandes Magos da Corte Sombria e dos terríveis Reis Feiticeiros do Ocidente.

Seu semblante pálido, perverso e enrugado estava emoldurado por um véu de cabelos negros e lisos, além de uma barba. Onde antes ficavam seus olhos, duas órbitas queimadas e vazias projetavam-se assustadoramente para fora, mas sem íris nem pupilas – um lembrete sempre presente do dia e da hora em que Christos em pessoa visitara as prisões dos condenados. Sua volumosa veste de feiticeiro no estilo arlequim era do mais fino tafetá, ornamentada com pingentes e amarrada ao meio com uma espessa fita de cetim vermelho. Os dedos ossudos e pálidos estavam repletos de anéis de ouro com safiras, opalas e esmeraldas. Charsoc desapareceu dos portões e materializou-se de novo bem diante do trono de Lúcifer, curvando-se profundamente, os cabelos varrendo o chão.

– Vossa Excelência, grande príncipe... – A voz de Charsoc tinha um tom sinistro e, ao mesmo tempo, sofisticado. – A nova anuncia um príncipe recém-nascido; este rei menino, que nasce da raça dos homens, é de grande linhagem real. – Ele acariciou as opalas de fogo no anel do polegar. – Uma estrela dessa magnitude representa uma casa real de imenso poder. – Ele aproximou sua cabeça da de Lúcifer. – Alguém tão

poderoso, que seu reino poderia destruir o nosso... – um temor pouco característico estampou-se no rosto de Charsoc, e ele baixou o tom de voz – ... e acelerar o julgamento...

Um silêncio terrível desceu sobre a Sala do Trono.

– Onde o rei menino deve nascer? – As palavras de Lúcifer ficaram suspensas no recinto. Ele se voltou para Marduk. – E os Murmuradores das Trevas? – sibilou.

Marduk ergueu a cabeça, a voz trêmula.

– Senhor, eles têm atravessado as fronteiras de um lugar chamado Israel, na terra dos homens. Porém, as legiões de seus irmãos reais, príncipes-chefes Miguel e Gabriel, cercam a área; não podemos nos infiltrar.

– Miguel! – rosnou Lúcifer. – Esse rei menino nascerá naquele pedaço de poeira árida. Estou sentindo isso. – Ficou em silêncio por um longo tempo e depois se voltou para Charsoc, os olhos estreitados. – Os Reis Feiticeiros do Ocidente... eles previram que esse menino terá alguma ligação com Christos?

Charsoc o olhou com firmeza, embora trêmulo. Manteve-se calado.

Lúcifer apontou seu cetro para Marduk.

– Você vai descobrir isso, Marduk.

Levantou-se, esplendoroso em seus trajes.

– Jeová me atormenta continuamente com esse criadouro de profetas, patriarcas... e, agora, reis rivais. Mas sou eu que vou *atorméntá-Lo* a partir deste momento. Transmita meu édito real. – Lúcifer levantou o cetro bem alto. – Dagon, envie a Horda Sombria. Distraia meu irmão Miguel e o leve para o oeste. Solte a legião de abutres-xamãs de suas gaiolas infernais. Envie-os para o leste.

Lúcifer caminhou pelas grandes portas adornadas com joias do pórtico leste. Continuou a observar o pilar flamejante que ardia no céu negro, a nova que anunciava seu adversário – o rei menino.

ARETAS DE PETRA

O pequeno grupo de magos viajava havia semanas a cavalo pelo terreno rochoso e traiçoeiro das principais rotas comerciais da Pérsia, seguindo o rio Eufrates, levado pelo estranho pilar flamejante que se erguia alto no céu. Na orla do deserto sírio, encontraram uma antiga casta de monges que havia trocado os cavalos dos magos por dez camelos.

O idoso mago Baltazar liderava a caravana, sua postura ereta e imperial, montado no camelo mais treinado. Atrás dele iam Gaspar, o mais jovem mago da ordem caldeia, ao lado de Melquior, mais velho e contido. Balista, o mordomo de Baltazar, e seis magos iam mais atrás, os camelos carregados de grandes sacos de especiarias finas, provisões e instrumentos astronômicos.

O destino deles: Petra.

Por gerações, a cidade abrigara as antigas relíquias do rei hebreu Salomão – relíquias que seriam apresentadas ao rei recém-nascido.

Os dias acabavam se fundindo às noites, os crepúsculos às auroras, enquanto os magos se forçavam ao limite de sua resistência, açoitados sem piedade pelo intenso sol do deserto na travessia do feroz interior da Síria. Sem parar para descansar nem dormir, as forças exauridas pelo calor escaldante, impelidos à frente pela nova que chamejava furiosamente, cruzavam o rude e desolador panorama, passando por

Damasco, até o terreno se transformar num paraíso de exuberantes vales verdes e córregos murmurantes. Mais magro e esgotado, Baltazar ergueu sua mão.

– Vá na frente, Balista. Faça a guarda real saber que estamos a apenas um dia de viagem. As relíquias de Salomão nos aguardam! – gritou, a voz áspera pela exaustão, os olhos ardendo de entusiasmo.

A caravana contornou a última montanha naquela madrugada. Lá estava ela, aninhada no remoto e praticamente inacessível vale entre as montanhas ao sul do mar Morto: a misteriosa e antiga cidade nabateia de Petra.

O lugar era cercado pelas elevadas e rudes colinas de arenito rosa, que se erguiam do platô desértico para proteger os nobres habitantes árabes dos invasores. O grupo contemplou encantado a grande fenda diante deles.

– O Siq – murmurou Melquior, impressionado –, a maior fenda da terra.

Um por um, liderados por Baltazar, os magos percorreram a longa, estreita e sinuosa estrada entre os altos penhascos, até dobrarem em uma curva. Ali, erguendo-se diante deles, encontrava-se um imenso monumento com colunas de treze andares de altura e um pórtico de vinte e sete metros de largura, entalhado no penhasco de arenito rosa-claro.

– Al Khazneh, a oitava maravilha do nosso mundo – sussurrou Baltazar, fascinado.

Então, sua cabeça tombou de exaustão sobre o peito e ele desmoronou, perdendo a consciência e se entregando a um sublime abandono.



Baltazar, agora banhado, as unhas tratadas e com três noites de sono atrás de si, estava trajado magnificamente em sua túnica sacerdotal bordada. A pele negra reluzia como ébano, e a barba e os cabelos prateados encontravam-se brilhantes após terem sido cuidadosamente aparados e massageados com óleos perfumados por um dos mordomos pessoais do rei. Sentia-se jovem como poucas vezes ocorrera em seus oitenta e sete anos.

Cavalgou pelo pátio do palácio real, acompanhando o belo e jovem rei que ia à frente dele em seu belo cavalo árabe, os trajes carmim flutuando ao vento, os olhos azuis como aço, claros e determinados.

Embora tivesse menos de quarenta anos, o jovem monarca irradiava um poder e uma autoridade bem superiores aos de sua idade, qualidades em geral atribuídas aos grandes governantes antigos. Aretas IV, rei de Petra e do sul da Arábia, tinha temperamento pragmático e decidido. Seu perfil esguio em seu um metro e oitenta de altura tornara-se moreno graças ao intenso sol árabe, e as mãos musculosas eram calejadas devido às atividades manuais. Cachos longos e escuros, presos por fitas, emolduravam as feições fortes e bronzeadas e o sorriso sempre presente. Baltazar o

estudou com atenção. Ele era diferente do pai, o velho e confiável colega de Baltazar, o prudente rei nabateu. O jovem Aretas era um rei orgulhoso, intenso e temperamental, que às vezes se mostrava excessivamente autoritário e propenso à intransigência. Com o tempo, amadureceria, tal como acontecera com seu pai; Baltazar tinha certeza disso.

Acompanhou Aretas e a guarda real pela rua adornada por colunas, admirado com a beleza dos túmulos reais ornamentados e pelos palácios menores. Aretas apontou com orgulho para o anfiteatro recém-construído, que acomodava facilmente três mil pessoas. Percorreram as ruas estreitas e empoeiradas, rodeadas pelas altas muralhas de Petra. O odor de leite de cabra rançoso, misturado com o aroma de incensos e de especiarias, invadiu-lhe as narinas ao se aproximarem do mercado popular a céu aberto. Centenas de comerciantes chineses, árabes, indianos e romanos se acotovelavam pelos pavimentos desiguais, negociando estridentemente em centenas de barracas os preços de incensos, sedas e especiarias. Baltazar contemplou intrigado os paradisos, os magníficos jardins e as lagoas ornamentais de Petra.

À frente deles, ficava o imponente portal de Temenos, com seu arco triplo, decorado com bustos esculpidos e elaboradas inscrições entalhadas.

Aretas desviou para a direita e apeou diante do belo Templo dos Leões Alados. Baltazar observou os leões e os grifos ricamente esculpidos que decoravam os capitéis de calcário dos colossais pilares do templo. O jovem rei conduziu o grupo pelos amplos degraus ornamentados, percorreu a nave, com Baltazar e os outros magos atrás dele, até chegarem aos pilares prateados do santuário interior. Um grande véu magenta pendia de varões dourados sobre o altar de pedra escura. Aretas, atipicamente solene, pôs-se sobre um dos joelhos. De imediato, duas sumas sacerdotisas trajando túnicas brancas de gaze afastaram em um gesto reverente o véu púrpura, prostrando-se depois sobre o piso de mármore e sendo imitadas pelos magos.

Aretas levantou-se devagar e o sumo sacerdote abriu o véu de gaze interior. Diante deles, sobre o altar de pedra úmida e escura, encontrava-se uma caixa de prata lavrada com querubins e serafins. Aretas voltou-se para Baltazar e assentiu. Lentamente, levantou a grande tampa de prata e revelou um cálice de ouro, uma pequena caixa de pedra e um bastão de ouro. Contemplou-os com encanto indisfarçável.

– As maravilhas de Daniel... – disse Baltazar.

– O cálice de olíbano, a caixa de alabastro com mirra... – murmurou Aretas.

– E o bastão de ouro de Aarão. – Baltazar ergueu a cabeça e fitou Aretas, o semblante radiante. – As relíquias do templo de Salomão...

– Faz mais de meio milênio desde que o hebreu Daniel confiou-as à nossa casa real para que as guardássemos em segurança. – Aretas bateu duas vezes no chão

com seu bastão de ouro. Os mordomos levantaram-se no mesmo instante.

Baltazar voltou-se para o jovem rei com lágrimas nos olhos, tomado pela emoção.

– As profecias do grande mago Daniel devem ser cumpridas. Precisamos entregar as relíquias ao rei recém-nascido.

Aretas assentiu. O sumo sacerdote bateu as mãos e, com rapidez, seis ajudantes acomodaram respeitosamente a caixa sobre os ombros.

Aretas caminhou lentamente pelo templo. Ficou em pé sobre os degraus, observando a cidade nabateia, mergulhado em contemplação.

– A casa do meu pai aguardou ansiosamente por este dia – murmurou.

Baltazar assentiu.

– Seu pai, meu velho e leal compatriota.

– Reverenciado Baltazar, sabe que não compartilho dos sentimentos religiosos dele. – Aretas voltou-se para o visitante, uma vulnerabilidade incomum expressa em seu semblante. – Mas, em nome do meu pai, eu o acompanharei a Jerusalém.

Baltazar meneou a cabeça, comovido pela oferta.

– Quem sabe, meu velho amigo? – Aretas sorriu. – Se esse bebê for o futuro rei dos judeus, eu poderia formar uma aliança com ele e acabar com as eternas disputas em nossas fronteiras.

Aretas se deteve quando uma carruagem real parou diante dos degraus do templo. Quatro servas reais se alinharam.

Uma garotinha se desvencilhou vigorosamente dos braços da serva real, correndo na direção de Aretas e se lançando em seus braços.

– Papa, papa, vou com você...

O semblante de Aretas se suavizou de imediato, e ele abraçou a menina, observando-a depois à distância de um braço, roçando levemente os cachos escuros e rebeldes que se espalhavam sobre seu rosto.

– Jotapa! Você é uma princesa da Casa Real de Aretas em todos os momentos. Esteve brincando na terra de novo?

Jotapa soltou um risinho.

– Jotapa fez castelo... para papa, o rei...

Aretas jogou a cabeça para trás, rindo alto e por um bom tempo.

– Vou visitar um jovem rei, Jotapa, um rei dos hebreus. – Ele acariciou com ternura o belo rosto da filha, em formato de coração. – Se ele for grácil e justo... – Aretas olhou amorosamente para Jotapa – ... e bonito... – fez com que se sentasse sobre seu joelho – ... muito, *muito* bonito, podemos combinar um casamento, uma aliança entre as Casas da Arábia e da Judeia.

Baltazar sorriu e meneou a cabeça, apoiando suavemente a mão sobre o ombro do rei.

– Meu caro Aretas... – Fitou estranhamente algum ponto vago a distância. – Este

rei que vamos procurar não é terreno.

– Você fala como meu pai falava. Sabe que não sou um homem religioso, Baltazar. Seus dizeres profundos devem ser guardados para o banquete noturno, quando poderei digeri-los com jarras de vinho!

Aretas ergueu Jotapa do colo, jogou-a para o alto e, em meio aos risinhos dela, montou em seu cavalo e colocou-a à frente, onde a menina ficou cantarolando baixinho. Baltazar cavalgou ao lado deles pelas ruas ladeadas por colunas, até chegarem ao reluzente pátio de mármore do palácio real.

Gaspar e Melquior vinham pelo pátio na direção deles. Gaspar se curvou profundamente.

– A estrela... a estrela está se movendo, meu senhor Baltazar! – Baltazar e Aretas olharam para o céu. Baltazar apeou, exultante. – Ela se move para o noroeste, Vossa Majestade. É lá que encontraremos o Messias, nosso compatriota de quem falou Daniel.

– Precisamos consultar quanto antes os conselheiros de Jerusalém, Melquior – instruiu Baltazar.

Aretas levantou a mão.

– Meus embaixadores têm mantido contato com aquele a quem chamam de Herodes, o Grande, rei vassalo da Judeia.

O semblante de Melquior ficou sombrio.

– Herodes, o Edomita? – Ele franziu o cenho.

As sobrancelhas de Baltazar se franziram.

– As histórias sobre sua crueldade chegaram até a Pérsia, Aretas. Ele mandou matar os principais sacerdotes do Sinédrio. Até mesmo sua esposa e três filhos...

Aretas circulou pelo pátio, as mãos às costas.

– Estou certo de que você ouviu meu pai dizer que a mãe de Herodes, Kufra, era uma princesa nabateia... e que Herodes passou algum tempo entre nós quando garoto.

Baltazar assentiu.

– Sei disso. Sei também que, quando Herodes foi forçado a escapar de Jerusalém, seu pai repeliu o pedido dele de buscar asilo em Petra.

– Sim, houve certa controvérsia: Cleópatra... Sileu...

– Na melhor das hipóteses, pode ser algo incerto. Certifique-se dessas alegações – disse Baltazar, sério.

Aretas assentiu.

– Ele é um tirano cruel e impiedoso, sei disso. Não é alguém em quem se possa confiar. Mas há diversas relações políticas entre nossos países, e os conflitos em nossas fronteiras se intensificaram nos últimos meses. Ele está ansioso para se encontrar comigo. – Aretas se ajoelhou e acariciou gentilmente o queixo de Jotapa. –

Agora, aprenda com a sabedoria de um rei, minha princesa. O tamanho e a dignidade da nossa caravana farão com que ele ao menos seja hospitaleiro até determinar nosso verdadeiro objetivo. Ele vai nos ajudar nessa busca, ainda que com a intenção de nos usar para os próprios fins...

Ele encaminhou Jotapa carinhosamente para o mordomo real, sob os protestos da menina. Deu-lhe beijos amorosos nas duas faces e se despediu dela. Depois, levantou-se e olhou para Baltazar com sobriedade.

– Mas, em vez disso, nós vamos usá-lo para os nossos fins! – Bateu palmas e servos se apresentaram prontamente. – Preparem caixas com ouro e especiarias para o rei da Judeia... – Voltou-se para Baltazar e sorriu. – Vamos ser recebidos como reis em Jerusalém, meu velho amigo. E Herodes, o Grande, virá em pessoa nos receber!

★ ★ ★

2021

ALEXANDRIA EGITO

Nick De Vere pisou fundo no acelerador do Range Rover Sport 2009 prateado que alugara. Havia chegado, exausto, ao aeroporto do Cairo naquela manhã, vindo de Heathrow, na Inglaterra, e aquele era o único veículo com tração nas quatro rodas disponível na locadora.

– Nada mal para um vovozinho – murmurou enquanto o carro disparava em alta velocidade pela longa estrada do deserto ocidental na direção de Alexandria.

Fazia oito anos desde que visitara Alexandria, a “Pérola do Mediterrâneo”, pela última vez. Naquela época, a estrada era desoladora, sem tráfego e árida, mas agora grandes faixas de terra cultivada, de haras e de propriedades palacianas alinhavam-se à margem da estrada. A trinta quilômetros dos limites da cidade de Alexandria, pouco antes do pedágio do Portal da Cidade, virou à direita, acionou a tração nas quatro rodas e disparou pela planície do deserto, deixando para trás uma grande nuvem de poeira.

Quase uma hora depois, a formidável fortificação pôde ser vista a distância. Os antigos muros de granito do Mosteiro dos Arcanjos, escavados na imensa montanha atrás da fortaleza do mosteiro que resistira a séculos de perseguição romana contra os cristãos egípcios, tinham entre três e dez metros de altura e cerca de três metros de espessura. Agora, era o local de repouso final da maior descoberta arqueológica do século XXI: os anais secretos de Lúcifer.

Cinco semanas antes, a antiguidade de valor incalculável fora levada dos cofres arqueológicos de segurança máxima do museu do palácio real de Amã, na Jordânia, para o mosteiro, logo depois do tênue pacto de cessar-fogo após a sangrenta Guerra

Pan-árabe-russa contra Israel. E a antiguidade permanecia lá.

Nick rangeu os dentes. Ele a descobrira, três anos e meio antes, nas escavações arqueológicas em Petra, embora o mundo inteiro estivesse alheio ao fato – e continuaria assim, graças à Casa Real da Jordânia. E também à grande necessidade da soma exorbitante de dinheiro depositada numa conta em seu nome, aberta num banco suíço, em troca do seu silêncio.

Nick suspirou. Bateu a mão no volante, frustrado. Parou do lado de fora do alto portão ocidental e viu que estava deserto. Esgueirou o corpo alto e magro para fora do Range Rover e caminhou até o portão.

Nick De Vere faria vinte e nove anos no mês seguinte, o mais jovem de três irmãos pertencentes a uma família de banqueiros extraordinariamente rica, a família De Vere. Ele era bonito, quase perfeitamente belo, os olhos cinzentos, profundos e inteligentes sobre um nariz aquilino e maçãs do rosto salientes. Os longos e finos cabelos queimados de sol roçavam a camiseta cor de chumbo.

Recentemente, a vida desferira dois golpes duros sobre Nick De Vere, um atrás do outro. Seu fundo fiduciário fora congelado pelo pai, James De Vere, na noite anterior a seu ataque cardíaco fatal. E, agora, Nick também estava morrendo. De aids. Submetera-se à mais avançada terapia antirretroviral durante quatro anos, mas agora o corpo vinha enfraquecendo com rapidez.

Afastou com impaciência a franja loira dos olhos. Olhando para cima, percebeu vagamente dois beduínos jogando gamão, gesticulando e falando em voz alta, alheios à sua presença.

Nick voltou para o Range Rover e apertou a buzina. No mesmo instante, os dois beduínos ficaram em pé e correram para o portão, as túnicas longas esvoaçando atrás deles. Ouviu o som de madeira raspando e rangendo enquanto um tosco elevador descia pela lateral do muro do mosteiro.

Nick olhou incrédulo para o elevador oscilante. O mais velho dos dois beduínos apontou para ele.

– Pode entrar – disse, sorrindo e exibindo a boca sem dentes.

– Abra o portão! – exigiu Nick.

– Portão, não; entre ali. – O homem apontou para a geringonça de madeira, depois para uma porta também de madeira no muro, dez metros acima de Nick.

Nick fechou os olhos, estupefato, depois bateu no capô do motor.

– E o meu carro?

– Só a pé... e de helicóptero – respondeu o beduíno, dando de ombros. – Nada de motor – afirmou enfaticamente.

Nick bateu com força a porta do carro, revirou os olhos e entrou no elevador de madeira, que começou a oscilar freneticamente enquanto os dois árabes o erguiam na direção da pequena porta, graças a um sistema de roldanas.

– Por aqui! Por aqui!

Um sacerdote idoso gesticulou para que Nick o acompanhasse por um terreno de plantio repleto de verduras, romãs e ervas. Caminharam por fileiras de palmeiras e oliveiras, por uma prensa de azeite e depois por um segundo pátio interno. Nick teve a nítida sensação de que era observado... vigiado, para ser mais preciso. Enquanto caminhavam pelo refeitório dos monges e rumavam para uma antiga torre de observação, Nick se deteve para estudar o domo giratório do Telescópio Solar do observatório do mosteiro. O sacerdote franziu o cenho e gesticulou para que ele prosseguisse.

Nick acompanhou obedientemente a figura encurvada através de um jardim cercado por sicômoros, até uma pequena trilha de pedras que serpenteava por uma ampla lagoa com belas flores de lótus espalhadas sobre as águas turvas. Pararam diante de uma porta de metal enferrujado, a entrada para a vasta ala antiga do mosteiro.

Nick observou com atenção o sacerdote fazer o sinal da cruz com reverência e digitar agilmente um código no sofisticado sistema de segurança. As portas de metal se abriram devagar. Percorreram, então, numerosos corredores antigos e sinuosos, permeados pelo odor de tinta e de couro misturado a mirra, além de passarem por uma enorme biblioteca ocupada por centenas de monges que arquivavam dados em silêncio em sistemas de computador Apple Mac de última geração. Nick baixou a cabeça ao adentrarem um túnel baixo e úmido. Enfim, ficaram diante do que parecia ser a porta de uma cripta.

Dois soldados de ombros largos e com submetralhadoras se materializaram, como se do nada, um de cada lado de Nick. Tinham a cabeça raspada, e ele reconheceu no mesmo instante o padrão digital nos uniformes – o comando de operações especiais, uma força de elite da Jordânia.

O velho sacerdote entregou um documento com o selo real hachemita para o soldado mais alto.

– Ele obteve acesso aos anais para fotografá-los. – O sacerdote baixou o olhar, curvou-se e se afastou correndo.

Nick franziu o cenho. De repente, foi empurrado com força contra a parede de pedra, os braços abertos, e revistado rigorosamente pelo primeiro soldado. O segundo agarrou sua câmera e despejou sem nenhuma cerimônia o conteúdo dos bolsos e da sacola de Nick sobre uma bandeja, que passou por um aparelho de varredura de aparência sofisticada.

Ele olhou espantado para o guarda. Cinco segundos depois, foi empurrado

rudemente contra a porta. O primeiro soldado fez um gesto para que ele retirasse os pertences da bandeja. Furioso, Nick os pegou e os guardou de novo na sacola. Segurou a câmera com firmeza.

O soldado mais alto fez um gesto para que Nick o acompanhasse porta adentro. Viu-se, então, em uma enorme antecâmara, cercada no mínimo por doze câmaras menores e separadas, contendo a mais magnífica coleção de antiguidades que ele já tinha visto. Artefatos egípcios, etruscos, persas, assírios e caldeus, mosaicos e afrescos árabes, ícones gregos e russos, obras originais de Rafael, Leonardo da Vinci, Ticiano, Perugino. Tesouros inestimáveis.

Bem à frente dele, porém, via-se a câmara maior. Nick entrou e uma estátua de diorito à direita chamou sua atenção. Franziu o cenho. Ela parecia estranhamente familiar... *Sim*, lembrou-se. Sua foto tinha circulado a Europa na lista vermelha da Interpol sobre antiguidades saqueadas dos iraquianos. Fascinado, aproximou-se. Centenas de volumes de manuscritos estavam empilhados do chão até o teto. Percebeu uma tábua de pedra repousando dentro de uma caixa de vidro. Observou a tábua, fascinado com os entalhes em forma de cunha. *A maioria dos legados da antiga Mesopotâmia... a coleção de selos cilíndricos de valor incalculável...* Observou a tábua, hipnotizado, buscando a câmera no bolso. Lenta e cuidadosamente, alinhou o aparelho digital do tamanho da palma da mão com a tábua. *Inacreditável.*

Dedos esguios e com as unhas feitas tiraram a câmera com firmeza de sua mão.

– Nada de fotografias aqui, senhor De Vere. Deve respeitar nossas condições.

Nick se virou e viu-se diante de um par de olhos castanhos e brilhantes. Ele curvou a cabeça respeitosamente.

– Vossa Majestade...

– Não gostamos de passar por tolos, senhor De Vere. Por favor, trate de respeitar nosso acordo, ou posso lhe garantir que todas as licenças que nós, o povo jordaniano, aprovamos para o seu trabalho serão revogadas de imediato.

Nick estudou a princesa à sua frente. Ela parecia jovem... bem mais jovem do que em qualquer outra fotografia que vira dela – *vinte e dois*, pensou, *definitivamente não mais do que vinte e quatro anos*. Ela era pequena e esguia, os ossos miúdos, maçãs do rosto salientes e feições majestosas realçadas por tranças negras brilhantes que lhe caíam abaixo dos ombros. Vestia-se com discrição: calças jeans desbotadas e camiseta branca, e o único sinal que indicava sua impressionante riqueza era um delicadíssimo relógio Audemars Piguet adornado com brilhantes no pulso esquerdo.

Ela percebeu que Nick a estudava, e um leve sorriso passou por seus lábios.

– As tábuas cuneiformes com os trechos perdidos da epopeia de Gilgamesh, as mais antigas palavras escritas, um alto-relevo de bronze datado de 4000 a.C., valem cem *Mona Lisas* – falou com suavidade a princesa da Jordânia, como se recitasse

uma doxologia sagrada.

– Nosso governo devolveu ao Estado do Iraque milhares de antiguidades furtadas que foram levadas ilegalmente para a Jordânia no início da década de 2000 – prosseguiu. – O vaso sagrado de Warka, a estátua de Entemena, e o restante nós compramos na Suíça, por centenas de milhões de dólares, no mercado negro. Esses objetos apareceram em toda a parte: bazares de Teerã, em Paris, até num aeroporto dos Estados Unidos. – Ela hesitou. – Fomos pacientes. Muitos dos tesouros saqueados acabaram aparecendo em Londres.

Ela encarou diretamente os olhos penetrantes e cinzentos de Nick.

– O maior centro mundial de negócios em arte islâmica – murmurou Nick. – Tio Lawrence...

A princesa assentiu.

– A rede de contatos de Lawrence St. Cartier foi extremamente útil para a Casa Real. Agora, possuímos a maior e mais importante coleção de manuscritos com iluminuras do mundo, exceto pela do Vaticano. – Ela voltou a caminhar. – Em 180 a.C., os nabateus foram presenteados com este mosteiro por uma antiga casta de sacerdotes ligados às Cortes Reais do Egito. Através dos séculos, governos egípcios tiveram em alta conta sua herança histórica e continuam a respeitar o atual tratado com o Reino Hachemita. A Casa Real da Jordânia tem mantido seus tesouros inestimáveis ocultos dos olhares intrusos do mundo exterior, tendo-os confinado atrás destas paredes, dentro destas criptas. Somos profundamente gratos ao tio da sua cunhada – ela hesitou – e, naturalmente, a você.

Safwat, o chefe de segurança, aproximou-se da princesa. Era um homem magro, de cabelos curtos.

– Vossa Majestade – disse em voz baixa na habitual entonação árabe entrecortada –, seu helicóptero chega em quinze minutos.

Ela assentiu e agradeceu, voltando-se para Nick.

– Acompanhe-me.

A princesa fez o caminho de volta pela antecâmara com rapidez, virando à esquerda e entrando em um túnel estreito e mal iluminado.

– Seu inglês é impecável, Vossa Alteza – comentou Nick. – Li que estudou em Oxford.

– História Antiga e Arqueologia Clássica.

Nick a seguiu bem de perto, acompanhando a cadência dos seus passos pelos corredores estreitos e sinuosos. Conseguiu distinguir um leve aroma de mirra no ar.

– Teve uma educação britânica... como seu pai...

– Ah – respondeu a princesa –, mas vocês, assim como nós, também não são ingleses, senhor De Vere. Vejamos... – Sua voz tinha apenas um sutil sotaque árabe.

– Você nasceu em Washington, DC, membro da dinastia De Vere. Seu pai foi

nomeado embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido cinco anos depois do seu nascimento. Você foi criado na Grã-Bretanha; em Regent's Park, para ser exata. Estudou em Gordonstoun, fez seu curso de Arqueologia em Cambridge, tem QI acima de 130, é talentoso... Seu ponto fraco são as drogas e um estilo de vida de *playboy*. Ovelha negra da família, fundo fiduciário congelado. Seu irmão mais velho, Jason De Vere, notável magnata da mídia norte-americana, possui um terço dos impérios televisivos e jornalísticos do mundo ocidental. O irmão do meio, Adrian de Vere, foi o mais jovem primeiro-ministro do Reino Unido e indicado recentemente como presidente dos Estados Unidos da Europa, candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Em 2014, você esteve envolvido em um acidente no qual a filha do seu irmão mais velho ficou paraplégica. Você estava ao volante, embriagado na ocasião. Desde esse dia, Jason De Vere nunca mais falou com você.

Nick olhou atônito para as costas da princesa, que desapareciam à frente com rapidez.

– Você contraiu aids há quatro anos. Adrian de Vere pagou os melhores tratamentos na Suíça, em Londres e na Clínica Mayo, mas, nos últimos cinco meses, seu corpo não respondeu favoravelmente a nenhum deles.

Nick lutou para controlar a fúria que se acumulava dentro dele, causada por aquela adolescente real enxerida.

– Minha vida particular não é da...

– Você é um *toló*, Nicholas de Vere – ela falou, interrompendo-o bruscamente. – Desde a fabulosa ascensão política do seu irmão, toda a sua família tem estado sob observação atenta de todos os governos: Interpol, Europol, a CIA, o M16, Mossad, SAVAMA, a FSB e o serviço secreto da Jordânia; *todos* o estão observando.

Ela dobrou de repente à direita e entrou em um pequeno corredor úmido. Nick a seguiu.

– Meu irmão, o príncipe herdeiro, e eu vamos nos encontrar com seu irmão e as Nações Árabes Unidas no mês que vem em Damasco para a assinatura do maior acordo de paz do século XXI. Pela primeira vez, estaremos todos na mesma mesa: China, Coreia do Norte, Europa, a União Pan-Árabe, os Estados Unidos, Rússia e Israel. Pode ser que obtenhamos a paz em nossa era, afinal. – Ela se voltou para ele na escadaria. – Garantimos seu acesso aos anais para que você continue a estudá-los. Entretanto, Lawrence St. Cartier me pediu que retribuísse um favor, coisa de negócios. Gostaria de ver a cruz mencionada nos anais?

Nick respirou fundo; a raiva se evaporou no mesmo instante.

– Então a cruz existe?

Nick se aproximou da princesa com um brilho estranho no olhar.

– Ah, sim, Nicholas de Vere, ela existe...

A princesa desceu agilmente pela úmida escadaria de pedra.

– Diz a lenda que ela possui estranhos poderes de cura. – A voz de Nick ecoou atrás da princesa, que desapareceu à sua frente. Ele se apressou pelos degraus atrás dela.

– As lendas são muito poderosas na mente daqueles que acreditam – rebateu a princesa.

– Segundo a lenda, Aretas, o Quarto, protegeu o Cristo menino em Sua fuga do Egito. – Os olhos de Nick reluziram de empolgação. – E ele O trouxe para este mosteiro, para uma antiga casta de magos.

Nick estacou, o suor brotando subitamente em sua testa. Apoiou-se no corrimão da escada para se recuperar. A princesa voltou-se para ele e subiu alguns degraus. Ela sustentou o olhar de Nick. Ele prosseguiu:

– O próprio Cristo menino entalhou uma cruz quando ainda era bem jovem e a deu de presente para Aretas antes de sair deste mosteiro e voltar para Nazaré.

– Cartier lhe fez um bom resumo. Você parece conhecer todas as nossas lendas.

Continuaram a descer até chegarem às criptas inferiores, parando diante de uma sólida porta de ferro, com pouco mais de um metro e vinte de altura. Dois monges atarracados, escondidos em um canto sombrio da antessala, dirigiram-se para Nick. Um terceiro monge, mais velho, ergueu a mão. Os dois voltaram instantaneamente para as sombras.

– Agradeço, padre Benedict. Ele é nosso convidado.

O monge curvou-se diante da princesa, digitou uma senha de segurança num painel na parede e recuou, permitindo que a porta de aço, com trinta centímetros de espessura, deslizasse para o lado, revelando uma antiga porta de madeira na entrada da cripta.

Nick passou a mão na porta, intrigado.

– Cedro-do-líbano – murmurou.

Padre Benedict assentiu.

– Os fundadores do mosteiro importaram a madeira para a construção original – disse ele.

Nick se curvou para passar pela porta baixa com seu esguio um metro e oitenta, adentrando o pequeno mausoléu. No centro da câmara, sob um espesso vidro de segurança, estava sua descoberta – os Anais Angelicais Secretos. Como que hipnotizado, ele observou a estranha luz azul que ainda tremulava levemente das páginas. Depois, com grande esforço, afastou o olhar dos anais. Na extremidade esquerda da câmara, apoiada numa almofada de veludo azul sob um domo de vidro, estava uma pequena cruz, não maior que um DVD, perfeitamente entalhada em acácia.

Nick se aproximou e depois franziu o cenho.

– Ela foi colada... – Examinou-a pelo domo. – *Mal* colada.

A princesa suspirou.

– Há dois mil anos, o rei Aretas imaginou que o Cristo menino cresceria e se tornaria um guerreiro, um colosso, e derrubaria Roma. Mas o guerreiro de Aretas não existiria. Dizem que depois da crucificação do hebreu, num momento de amargor, de impulso passional e desilusão, Aretas teria esmagado a cruz em um acesso de raiva.

– Há histórias incríveis e inconsistentes que dizem que, quando Aretas estava em seu leito de morte, Cristo apareceu para ele – falou Nick, olhando-a intrigado.

– Somos uma nação maravilhosamente dramática, senhor De Vere. – A princesa baixou o olhar. – Os contos de Scheherazade, *As mil e uma noites*. Nossa rica cultura poética e em prosa fez do nosso povo os contadores de histórias que temos sido através dos séculos. – Ela deu de ombros. – É por isso que temos tantas lendas.

A voz da princesa mudou de timbre quando os óculos escuros Prada escorregaram e caíram no chão de pedra. Ela se ajoelhou para pegá-los, e Nick fez o mesmo. Ele os tomou nas mãos e os estendeu para ela, e percebeu, fascinado, a pequena e simples cruz de prata que saiu da camiseta que ela usava.

– Mesmo assim, princesa, você acredita – sussurrou.

Ela olhou com firmeza para ele, calada, ajoelhada e imóvel.

– Meu povo respeita e reverencia Cristo como um mestre e um profeta, senhor De Vere. É um fato conhecido, mesmo para agnósticos como você. – A princesa retrucou. Recompondo-se rapidamente, pegou os óculos e se levantou.

Mas Nick continuou, implacável:

– Porém, seus críticos afirmam que você decidiu dar um passo a mais... como Jotapa, a filha de Aretas, o Quarto.

Safwat saiu das sombras e apareceu à porta com o padre Benedict.

– Seu helicóptero chegou, Vossa Majestade. – A voz de Safwat era suave, mas insistente. – O Gulfstream reabastece em Alexandria. Precisamos ir para o palácio de Aqaba antes que escureça, princesa.

A princesa assentiu.

– Está em boas mãos, Nick De Vere. – Fez um gesto na direção do padre Benedict. – Mas devo lembrá-lo: todo material digital deve ser entregue ao padre Benedict antes que você saia; nenhuma imagem deve sair deste edifício, ou revogo sua licença. Até um dos irmãos De Vere deve se curvar ante as leis do Reino Hachemita. – Ela se virou, porém Nick pôde ouvir a voz suave dela saindo da penumbra. – Era minha homônima, Jotapa.

Depois disso, ela partiu.



MAIS TARDE

O sol estava quase se pondo quando Nick abriu a porta do Range Rover. Seu rosto estava corado pela excitação.

Dois monges encapuzados estudavam-no desde o Observatório do Mosteiro dos Arcanjos.

– Ele está muito doente.

– Está morrendo – sussurrou o monge mais velho –, mas sua maior doença está na alma.

– A identidade do Filho de Perdição será revelada a ele? – perguntou o mais moço.

– Ele vai voltar, e não levará muitas luas. As revelações sobre seu irmão vão começar. – O monge mais velho se afastou da janela do observatório. – É quando ele vai entrar na noite escura da sua alma.

O sol poente iluminou as nobres feições de Jether quando ele afastou o capuz do rosto. Tinha um ar cansado.

– Ele foi o escolhido. Que Jeová lhe seja misericordioso.

O monge mais moço observou o Range Rover percorrendo a planície do deserto.

– Ele não tem fé.

– Mesmo assim, busca a verdade. – A voz de Jether tinha um tom suave e revelava seu encanto. – Essa é a maravilha da raça dos homens, Gabriel. – Dirigiu-se para o telescópio a fim de contemplar a aparição esbranquiçada no céu egípcio. – O Messias de Lúcifer está aqui.



4 A.C.

Lúcifer estava em pé sob a luz evanescente das doze luas magenta de Perdição, tocando sua viola, os olhos cerrados em êxtase.

As portas altas e emolduradas do seu quarto encontravam-se totalmente abertas, e a melodia requintada ecoava pelo cenário desolador coberto de lava, indo até as cavernas do inferno.

O rosto de Lúcifer estava voltado para o céu. Os cabelos negros, livres dos adornos de diamante, caíam reluzentes sobre os ombros nus, e uma rara serenidade repousava em seu semblante.

Ele manejava o arco de chifre entalhado com longos e passionais movimentos

sobre as cordas da viola, a boca movendo-se suavemente com o mote elegante, os dedos longos e finos deslizando com destreza pelo braço do instrumento.

Uma batida suave ecoou pelo quarto, e Balberith, seu assistente, entrou.

Lúcifer abriu os olhos, sentindo a presença dele.

– Dei ordens para que não me perturbassem – falou, olhando fixamente para Balberith e afastando a viola do queixo.

Balberith se curvou, segurando uma missiva lacrada com o selo necromante dos Reis Feiticeiros do Ocidente.

Lúcifer a abriu com a mão livre e estudou a carta, dobrou-a com cuidado e assentiu. Balberith se dirigiu à porta. Lúcifer caminhou pelo quarto, inquieto, a viola ainda na mão.

Um segundo cortesão apareceu e abriu as portas da câmara musical de Lúcifer, ricamente ornamentada, que continha sua vasta coleção de liras, saltérios, dulcimeros, pífaros, órgão de tubos, alaúdes, serpentões, cornetas e chofares de ouro reluzente. Lúcifer entregou-lhe a viola.

Balberith voltou acompanhado por Charsoc, trajando a esvoaçante túnica noturna carmim e uma touca noturna amarelo-canário com pingente à cabeça. Seu bebê abutre-xamã negro estava apoiado em um dos braços.

– Vossa Majestade... – Curvou-se profundamente, um sorriso sinistro no rosto de olhar cego.

– Pode falar – disse Lúcifer, dando as costas para Charsoc. Balberith amarrou a fita do camisão de cetim de Lúcifer.

– Vossa Majestade, recebi notícias da casta dos Murmuradores das Trevas que atravessam o reino árabe de Petra. Eles informaram que uma caravana de magos chegou ao cair do sol de ontem. Os magos procuram o rei recém-nascido.

Lúcifer olhou por sobre o ombro para Charsoc enquanto Balberith acomodava um pesado roupão branco de pele sobre seus ombros, a expressão inescrutável.

– Magos...? O que *elas* querem com esse rei?

– São membros da casa superior dos Megistanes, Vossa Majestade; trata-se de uma antiga casta sacerdotal. Seus deveres incluem a unção dos reis. Estão acompanhando a estrela.

– Coroadores de reis!

– Vossa Majestade, há alguém, um seguidor devoto nosso, um rei da Terra, cujos feiticeiros se consultam com os Reis Feiticeiros do Ocidente. Os magos vão procurá-lo. Eles estão em busca dele.

– E esse rei que abraça a nossa causa? – Um leve sorriso despontou nos lábios de Lúcifer. Deteve-se sob as cem varetas ardentes de incenso de olíbano, inalando profundamente.

– Seu nome é Herodes – respondeu Charsoc. – Ele está bastante abalado, Vossa

Majestade. Esse novo rei ameaça seu poder.

Lúcifer se aproximou das enormes janelas de rubi. A nova tinha se aproximado muito mais da Terra. Lúcifer observou sua luz, que ardia intensamente.

– Envie Darsoc, meu príncipe secundário, e meus Magos Cinzentos para seguirem esses magos. Dê ordens para que os Grandes Magos da Corte Sombria os acompanhem. Oriente os Reis Feiticeiros para instruir Herodes, de modo que, quando chegarem, esses magos devem procurar cuidadosamente a criança e, quando a encontrarem, devem comunicá-lo. Sua desculpa será o desejo de venerar a criança.

– Lúcifer virou-se e se afastou das janelas. – E depois me informem – um sorriso lento e maléfico se espalhou por seu semblante –, para que eu também possa venerar a criança...

IRMÃOS

Gabriel caminhava descalço e em silêncio, os pés afundando na areia perolada macia e brilhante das praias brancas celestes do Primeiro Céu, espalhadas por milhares de quilômetros, na frente do Palácio dos Arcanjos. Suas pálidas tranças douradas estavam entremeadas com platina e lhe pendiam sobre as costas, chegando até o traje formal de seda adamascada cinza-claro. Suas feições etéreas eram impecáveis: as maçãs do rosto perfeitamente esculpidas; o semblante majestoso. Os olhos claros e cinzentos eram suaves, mas penetrantes.

Gabriel contemplou o reflexo das doze luas de um azul pálido que brilhavam no horizonte do Primeiro Céu, observando os tons de lilás passando a um majestoso índigo profundo. Na direção do horizonte oriental ficava o Éden com seus magníficos e exuberantes jardins suspensos e cascatas de ametista, que mal eram visíveis sobre a linha do mar. Estrelas cadentes e relâmpagos faziam arcos sobre a espuma das ondas prateadas do mar de cristal, e punhados de diamantes luminescentes do tamanho de romãs chegavam às areias brancas emanando um brilho suave.

Ele contemplou o alto palácio de colunas douradas que se erguia bem acima da parede ocidental. Fora ali que ele e os dois irmãos mais velhos tinham vivido em harmonia e amizade antes que as sombras funestas da insurreição caíssem sobre o

reino do Primeiro Céu – antes que Lúcifer, serafim, grande arcanjo, portador da luz, fosse banido.

Agora, apenas as grandes alas de aposentos de Miguel e Gabriel encontravam-se ocupadas. A majestosa ala oeste do filho da manhã estava desoladora, o magnífico quarto de madrepérola de Lúcifer deserto, as portas altas e douradas, gravadas com o emblema da Casa Real, trancadas desde a manhã do seu banimento em mundos há muito desaparecidos.

Miguel caminhou em sua direção pelos degraus dourados, a capa cor de esmeralda esvoaçando atrás dele.

– Acabo de voltar da terra – anunciou, marchando pela fileira de grandes colunas brancas e passando pelas amplas pérgulas de cristal da ala leste do palácio, rumo a Gabriel, através das areias peroladas.

– É bom vê-lo, estimado Gabriel. – Miguel beijou-o carinhosamente nas duas faces e depois removeu as luvas douradas de combate.

– Digo o mesmo por vê-lo, amado irmão. – Gabriel estudou o nobre e alto guerreiro. Os cabelos brilhantes e trigueiros de Miguel estavam amarrados para trás, ornamentados com esmeraldas e ouro, em duas tranças espessas que destacavam as feições nobres e os olhos verdes e inteligentes imersos em pensamentos.

Recentemente, sua sabedoria aumentou muito, refletiu Gabriel. *Desde o banimento de Lúcifer.* Havia desaparecido os resquícios do temperamento exaltado e do gênio intratável de anos anteriores, e com isso ele ganhara uma nobreza e uma graça inconfundíveis. Aquele era seu irmão mais velho, Miguel, um espírito revestido de honra, nobreza e valor, comandante supremo dos exércitos do Primeiro Céu – guerreiro de Jeová.

Miguel ergueu a cabeça para o horizonte e fechou os olhos, uma paz profunda transformando suas feições. Inspirou a capitosa fragrância de mirra que flutuava pelas praias reluzentes, vinda das vastas e exuberantes planícies com grandes álamos, situadas bem além do trecho a leste do Éden. Ficou em silêncio por algum tempo e depois acompanhou o olhar de Gabriel em direção aos aposentos de Lúcifer.

– Os magos de Lúcifer o alertaram. – Sua voz era suave. – Era só uma questão de tempo.

Gabriel fez que sim.

– Sabíamos que seria assim.

Ele caminhou até a beira do mar de cristal, contemplando as estrelas cadentes índigo que passavam brilhantes acima do horizonte.

– Ainda posso ver seus cabelos negros ondulando sob a brisa que sopra do leste – murmurou. – É estranho... lembro-me de cada palavra de Lúcifer, como se elas estivessem impregnadas na minha alma. – Virou-se para Miguel. – “A cada pôr do sol” – sussurrou Gabriel – “somos testados quanto a servir nossa vontade e desejos

peçoais, ou aos de Jeová.” Foi isso o que ele me disse, exatamente neste lugar. “Faça escolhas sábias todos os dias, Gabriel” – Gabriel baixou os olhos cinza-claro – “e você nunca O desapontará. O maior presente que você pode Lhe dar é escolher livremente servi-Lo em obediência, o que é, por sua vez, manifestação do verdadeiro amor”.

– Jeová, por Sua opção, dotou a raça angelical de livre-arbítrio – disse Miguel. – Lúcifer escolheu seu caminho, assim como nós escolhemos o nosso.

– E assim como a raça dos homens escolheu o dela – falou Gabriel, reflexivo. Continuou a caminhar pelas areias luminosas.

Fez-se um longo silêncio. Por fim, Gabriel falou novamente:

– Miguel... – Ele ergueu o rosto em direção à ala oeste abandonada, os olhos repletos de grande tristeza. – Você acha que Lúcifer sente remorso?

– Não – ecoou uma voz suave.

Gabriel se voltou. Jether, o Justo, monarca angelical imperial e governante dos Vinte e Quatro Reis Anciões de Jeová, estava em pé nos degraus dourados acima deles, a barba e os cabelos prateados ondulando ao sabor dos zéfiros suaves que vinham do mar. As feições encanecidas eram tranquilas, mas, sob as sobrancelhas espessas e brancas, os pálidos e úmidos olhos cinza-azulado reluziam como os de uma águia – intensos, alertas. Nada escapava ao olhar vigilante de Jether. Ele sabia quanto o terno Gabriel vinha sofrendo nos últimos tempos. Os sonhos que noite após noite assombravam Gabriel eram o preço do dom de que fora dotado como vidente de Jeová, o revelador angelical. Ele sorriu compassivamente para Gabriel.

– Se ele tem remorso, Gabriel... – Jether caminhou rumo aos dois irmãos pelas areias, as pérolas cobrindo-lhe, a cada passo, os sapatos cor de lima adornados com pedras – ... é um remorso por si mesmo, por perceber a triste consequência das suas escolhas, da sua decadência. Mas um remorso sincero... – Jether dirigiu sua atenção para um ponto ao norte das duas árvores do Éden, onde se via a colossal porta de ouro incrustada com rubis e irradiando luz, embutida nas paredes de jacinto da torre: a entrada para a Sala do Trono. – O verdadeiro remorso baseia-se no arrependimento, em sofrer por ter pecado, e não pela consequência do pecado. São coisas bem contraditórias; completamente opostas. – Os pálidos olhos azuis de Jether brilharam com um fervor pouco característico. – E nunca devem ser confundidas.

Jether olhou para a alta ala oeste, com seus grandes balcões de pérola que agora estavam abandonados. Devolutos.

– Magnânimo em beleza – sussurrou. – Repleto de sabedoria... Como caíste do céu, ó filho da manhã!

– O que essa raça dos homens representa para Ele, a ponto de se preocupar com ela? – murmurou Gabriel.

Jether apoiou a mão suavemente no ombro dele.

– O Supremo Conselho está reunido. A presença dos príncipes-chefes de Jeová é requisitada.

Miguel curvou-se para Jether.

– Assim será feito, reverenciado Jether.

Jether alisou a túnica verde-clara de cetim bordado.

– Vamos nos reunir nas areias orientais sob os grandes salgueiros. Ao crepúsculo.

– Jether estudou os irmãos com atenção. – O velho mundo se foi – falou com suavidade. – Nunca poderá ser revisitado. Este é um dia de despedidas. – Então desapareceu, transportado para a Torre dos Ventos.



Em todas as eras que se passaram desde o banimento de Lúcifer e de nosso regresso de Perdição, nunca houve um momento em que Miguel e eu tornamos a olhar para nosso mundo anterior.

Mas, de algum modo, ambos sabíamos que aquele dia seria diferente.

Ficamos em pé, sozinhos nas areias escaldantes. Em silêncio. Dois irmãos. Não príncipes-chefes. Não o guerreiro ou o revelador. Apenas irmãos. Lembrando. De tudo o que tinha acontecido. De tudo o que havia transcorrido. Pesarosos.

Pois, apesar de tudo que sentíamos que iria acontecer, as lembranças de nossa tríade fraterna percorreram nossas almas sem serem convidadas, como ondas que a tudo consumiam e queimavam. E eu sabia que era naquele momento que diríamos o último adeus.

Pois Jether tinha razão. Nosso mundo anterior jamais poderia ser visitado novamente.

O velho mundo se fora.

Miguel e eu nunca mais olharíamos para trás...

... pois havia um mundo novo à frente.

Um mundo cujo destino estava agora por um fio.

Um mundo com cujo destino o Primeiro Céu ficaria irreversivelmente entremeado.

... O mundo da raça dos homens.

○ PRIMEIRO CÉU

Jether caminhava a passos firmes pelos corredores sinuosos da Torre dos Ventos no Primeiro Céu, a barba e os cabelos brancos e sedosos varrendo o piso de safira enquanto andava. Sobre sua cabeça repousava uma coroa de jacinto.

Obadiah, aprendiz pertencente a uma antiga raça angelical que possuía as características da juventude eterna e uma notável curiosidade, era o assistente de Jether. O aprendiz corria atrás dele, arfante, mal chegando à altura da cintura de Jether. As pernas curtas e grossas quase trotavam para acompanhá-lo, os cachos alaranjados esvoaçando, e ele tentava em vão impedir que a volumosa capa de cetim verde-salgueiro se arrastasse pelo piso polido de safira. Enquanto se encaminhavam para um corredor, Obadiah distraiu-se ao ver Tirzah, outro aprendiz, praticando tiro ao alvo com algo que parecia uma enorme bola de canhão de ferro.

O descuidado Obadiah perdeu o controle da capa justamente quando Tirzah lançou a bola de ferro, que prescreveu um arco alto sobre a cabeça deles e caiu com grande velocidade bem no meio do caminho de Jether. Este parou precisamente no momento em que o esferoide ofensor atingiu o chão. Soltou um profundo suspiro e se virou para olhar Tirzah.

– *Agora* você vai acreditar quando eu digo que tenho olhos na parte de trás da cabeça, Obadiah? – O olhar dele se voltou para o aprendiz, as sobrancelhas brancas

unidas. – Vá tomar seu desjejum!

Obadiah saiu rapidamente, com Tirzah logo atrás. Jether riu sozinho e depois notou seis aprendizes também rindo no corredor, às escondidas, enquanto comiam coalhada e biscoitos. Ao perceberem seu olhar, derrubaram o lanche e o encararam, espantados. Jether caminhou com firmeza na direção deles, que ficaram da cor de beterrabas e se espalharam pelos quatro cantos do aposento. Jether conteve o riso e, agarrando a capa com as duas mãos, prosseguiu pelo corredor. Com o cenho franzido.

Xacheriel, um dos oito Anciões mais graduados do Primeiro Céu e grande amigo de Jether, apareceu numa pequena porta. Xacheriel era o curador de ciências e universos do Ancião dos Dias, um dos Vinte e Quatro Reis Anciões sob o governo de Jether. Ele e seus sábios eram executores dedicados das maravilhas impronunciáveis de Jeová, governadores dos três grandes portais e intendentes dos cofres sagrados dos querubins e serafins flamejantes, que abrigavam os incontáveis bilhões de projetos de DNA e códigos genéticos, além das linhas divisórias de inumeráveis universos, oceanos e galáxias.

Ele coordenou os próprios passos com os de Jether, as grandes sobancelhas brancas unidas, percorrendo os corredores em suas galochas de laboratório cor de violeta. Quem segurava a cauda da túnica de Xacheriel era Dimnah, um aprendiz baixo, robusto e sardento, tremendo violentamente por conta dos arcos azulados de corrente elétrica que emanavam de Xacheriel e o abalavam.

Jether se deteve e bateu no ombro de Xacheriel.

– Humm-humm – pigarreou discretamente em seu lenço.

Xacheriel franziu o cenho com impaciência.

Jether apontou para Dimnah, agora convulsivo, os arcos elétricos azulados entrando e saindo desde os cachos cor de gengibre até os joelhos com meias listradas. Xacheriel olhou, impaciente, para as luvas índigo de borracha.

– Rakkon! Jatir! – berrou.

Um grupo de aprendizes trajando galochas das cores do arco-íris e luvas de borracha apareceu instantaneamente, como se houvesse se formado de uma nuvem de vapor.

– Desconectem o tolo do Dimnah!

Com imensa dificuldade, os aprendizes conseguiram desprender Dimnah da cauda da túnica de Xacheriel.

– Sem galochas! – murmurou Xacheriel. Ele fez um gesto com a mão para o atordoado Dimnah, agora caído no chão como se estivesse morto. – Uma experiência com alta voltagem, e o cabeça de ovo não usa galochas! – Xacheriel suspirou, irritado, procurando sob o casaco de proteção alguma coisa nos volumosos bolsos dos trajes alaranjados e tirando um pequeno bolo pegajoso e mordido, com a

consistência de um *donut* e uma camada de creme índigo no centro, que colocou entre os lábios do paciente Dimnah.

– Alimento para a mente! – declarou, esfregando as grandes mãos e prosseguindo em sua travessia do corredor.

Jether meneou a cabeça, piscando os olhos e se divertindo com a cena enquanto o acompanhava.

– Lúcifer e seus asseclas estão perigosamente próximos da verdade, Jether – declarou Xacheriel com expressão sombria.

Jether o olhou sob as sobrancelhas, sem perder a cadência dos passos.

– A percepção de Lúcifer sobre os caminhos de Jeová tem diminuído nas últimas eras – respondeu. – Ele e seus magos maléficos procuram alguém nascido em uma Casa Real da Terra; alguém com poder e nobreza.

Saindo dos corredores de safira, foram para os exuberantes gramados dos jardins inferiores da Torre dos Ventos, dirigindo-se para as câmaras mais baixas da Sexta Cúspide, onde foram recebidos por outros dois aprendizes, que seguravam as rédeas de dois cavalos de asas brancas.

Jether arqueou as sobrancelhas para Xacheriel ao colocar o pé no estribo.

– Ainda temos algum tempo – falou, preocupado.

Jether e Xacheriel montaram sem esforço e voaram sobre os diamantes reluzentes que revestiam a vasta e sinuosa via que atravessava os maciços portões de pérolas, com sessenta metros de altura, cruzava a ponte de cristal e chegava à grande praia de pérolas na extremidade do Mar de Zamar.

Sentados em tronos de jacintos, sob o céu aberto das praias orientais, encontravam-se os membros do Supremo Conselho dos oito reis anciões, os principais de Jeová. Seis monarcas anciões já estavam sentados em torno de uma mesa de ouro, cabeças abaixadas, todos trajando túnicas de cores vibrantes. Os lábios moviam-se silenciosamente em súplicas ao Ancião dos Dias. Miguel estava sentado em um trono de prata lavrada.

Jether apeou, e os seis monarcas Anciões, acompanhados por Miguel, levantaram-se ao mesmo tempo, curvando-se em reverência à sua pessoa. Jether assentiu com a cabeça e ocupou seu lugar no trono à cabeceira da mesa, com Xacheriel à esquerda. Ele próprio baixou a cabeça, movendo os lábios em súplicas. Depois, fez um gesto para Miguel.

– Lúcifer suspeita dos magos – falou Miguel. – Meu pessoal de reconhecimento me informou que os feiticeiros da corte real de Herodes da Judeia consultaram os Reis Feiticeiros do Ocidente.

Zebulon, um ancião com longa barba branca e aparência gentil, ergueu a cabeça, saindo por um momento de suas súplicas.

– Sim, é verdade, Miguel. Mas Dracul e seus Reis Feiticeiros também se

consultam continuamente com Melsoc da Pérsia e da Babilônia, e com Babel dos medas.

Matusalém ergueu a cabeça branca coroada.

– Dracul mantém todas as opções em aberto. Ele faz especulações. – Suas palavras foram calmas e medidas. – A única coisa de que eles têm certeza é que o príncipe nascerá da raça dos homens no Oriente.

Maheel, um terceiro ancião, ergueu a cabeça; os olhos azuis como água estavam distantes.

– Pode falar, Maheel – permitiu Jether em voz baixa.

– O maior perigo virá quando a estrela se imobilizar novamente, dessa vez sobre o local onde irá se deter: Belém.

Ouviu-se um estrondo quando Gabriel chegou galopando pelas areias em seu cavalo branco, acompanhado por dez reveladores. Deteve-se sob os grandes salgueiros, apeou e se dirigiu a eles, falando mesmo enquanto andava.

– Perdoem-me o atraso, meus honoráveis Anciões, meu reverenciado irmão Miguel. Recebi notícias urgentes dos meus batedores reveladores. Nosso maior perigo, lamento dizer, está quase sobre nós. Lúcifer enviou Darsoc e os Magos Cinzentos no amanhecer de hoje para seguirem os magos. Será apenas uma questão de tempo até Lúcifer perceber que o príncipe recém-nascido do Oriente, e Christos, são a mesma pessoa.

Todos à mesa ergueram a cabeça; Miguel e Gabriel revelaram gravidade no olhar que trocaram. Lamaliel meneou a cabeça.

– Sua fúria não terá limites.

Issachar cofiou a barba.

– A primeira ação dele será examinar os constituintes do sangue de Christos.

– Estamos cientes disso – comentou Xacheriel, tamborilando os dedos na mesa com certo exagero, ao lado de Jether.

– O gênio maligno de Lúcifer não é páreo para a ilimitada sabedoria de Jeová – replicou Jether, fechando o livro da Lei Eterna. Pousou a mão enrugada suavemente sobre a de Xacheriel para conter sua inquietude.

– Ele fica cego pelas próprias ideias preconcebidas – afirmou Issachar.

– Sua opção por menosprezar com persistência os tratados de Jeová celebrados com a raça dos homens em eras passadas poderia, em última análise, levar à sua derrota – falou Gabriel.

Jether assentiu.

– O orgulho dele o torna mais descuidado. Ele despreza os acordos que nos serão vantajosos.

Xacheriel esfregou as espessas sobrancelhas.

– Ele será persuadido mais facilmente se os seus temores forem abrandados.

Jether assentiu em concordância.

– Devemos ter fé.

– Lúcifer foi atraído para as regiões orientais – disse Miguel, levantando-se. – Ele enviou Dagon e sua Horda Sombria propositalmente para me levar ao Ocidente. Enviei quarenta legiões atrás de Dagon para apaziguar o desconforto do meu irmão; oitenta das minhas legiões ainda estão bem posicionadas no Primeiro Céu. Elas aguardam meu retorno ao Oriente.

– Minhas legiões de reveladores estão mobilizadas – acrescentou Gabriel. – Os proclamadores e batedores rumaram para o horizonte oriental nesta madrugada. Aguardam ordens suas, meu irmão.

Jether levantou-se devagar da mesa, seguido pelos sete Anciões. Apertou o braço de Miguel e ambos seguiram Gabriel pelas areias peroladas até a pérgula com colunas de mármore, subindo pelos degraus dourados rumo aos exuberantes jardins tropicais, onde ficavam os tronos dos irmãos arcanjos, ao lado das Cachoeiras de Néctar. Zéfiros azulados sopravam violentamente. Jether contemplou os cavalos alados galopando pelas praias de pérolas além do Mar de Zamar. Bem acima dos cavalos, uma enorme águia branca com garras de ouro planava na direção deles.

A águia pousou com elegância na areia, perto de Jether, que tirou uma missiva com o selo de Jeová de seu colar de diamantes. Ele leu em silêncio.

– Jeová me convocou – murmurou, voltando-se depois para observar os tons reluzentes de índigo e de lilás do arco-íris que envolvia o Palácio de Cristal.

Ao norte das duas árvores imensas dos jardins suspensos, acima dos labirintos, via-se uma porta dourada colossal, incrustada com rubis e irradiando luz, embutida nas paredes de jacinto da torre – a entrada para a Sala do Trono de Jeová. Poucos, muito poucos, haviam chegado a contemplar a beleza do semblante de Jeová. Jether, fiel intendente dos mistérios Dele, era um deles. Ele cerrou os olhos.

– Os códices do Julgamento Branco – sussurrou. – Devem ser abertos.

Miguel recuou, atônito.

– Os códices de fogo – ecoou Gabriel.

Jether assentiu.

– O Dia da Sétima Pedra se aproxima. – Montou na grande águia, sentando-se sobre a sela dourada e afagando as suaves penas brancas de seu pescoço. A águia olhou para Jether com seus olhos castanhos, penetrantes e gentis, aguardando seu comando.

– Fiel Vespar, quero viajar para os labirintos da Sétima Cúspide – falou, os olhos cobertos por uma estranha névoa. – Miguel, apresse-se rumo ao céu oriental. Gabriel, encontre-me na Sétima Cúspide dos labirintos. Nunca nos esqueçamos, meus príncipes angelicais, de que lutamos em nome de Jeová pelo maior prêmio do universo. – Sua voz reverberou com paixão quando Vespar ascendeu ao céu. – Pela

redenção da raça dos homens de seu rei tirano, Lúcifer!

HERODES

Um grande grupo de conselheiros de Jerusalém, inclusive os setenta e um membros do Supremo Conselho judeu, o Sinédrio, e todos os escribas de Herodes, bem como os próprios magos, encontravam-se reunidos no pátio interno do palácio. Herodes estava sentado em seu ornamentado trono dourado e trajando suas roupas púrpura mais ostensivas, a coroa posta desengonçadamente sobre a espessa e mal-acabada peruca cor de gengibre. Coxeou pesadamente até a janela mais próxima para observar, insatisfeito, o pilar de fogo que ardia no céu noturno.

– A estrela arde mais forte a cada hora! – O rosto estava arroxado de raiva. – Vocês sabiam que eu teria um rival e não me *advertiram*? – Bateu com o cetro em um vaso decorado, espatifando-o no chão. – Os judeus têm um rei; seus textos hebraicos são claros a respeito. – Ele se levantou do trono e se voltou para o sumo sacerdote, que estremeceu de terror. – Eles são claros, não são?

– Os textos são claros, senhor – gaguejou o sacerdote.

Herodes escancarou os rolos da Torá.

– Tragam-no mais perto para que ele possa conhecer o assunto mais intimamente.

Os guardas agarraram o sumo sacerdote pelos braços e o lançaram diante de Herodes, que colocou a Torá na frente do rosto do homem.

– Onde esse rei dos judeus vai nascer?

Petrificado, o sacerdote folheou os rolos até encontrar o livro de Miqueias. Tremendo, deteve-se. Herodes arrancou o rolo dele e o estudou com avidez, as bochechas carnudas agitando-se enquanto lia.

– Onde, *onde* diz aí “rei dos judeus”? – Ficou face a face com o sumo sacerdote. – Mostre-me.

– Em Belém da Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta Miqueias: “Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre as principais cidades de Judá! É de você que sairá para mim aquele que há de ser o chefe de Israel!”.

– Sou EU? – berrou Herodes, o rosto corado. – É de Herodes, o Grande, que fala a profecia? É de Herodes? Ou é... – ele se virou – ... DE OUTRO? – silvou, o queixo duplo trêmulo.

O sumo sacerdote engoliu em seco. De súbito, reunindo coragem, em um instante de fervor sagrado, balbuciou:

– É de outro. – Suas palavras saíram em voz baixa, mas eram inconfundíveis. – O Messias, o governante de Israel... Seu reino não verá um fim.

Herodes levantou-se do trono, apoplético, e esmagou seu cetro contra o peito do sumo sacerdote. Este rolou pela escadaria de mármore, o sangue escorrendo da cabeça para o piso. Os membros do conselho ficaram aterrorizados, todos em silêncio.

Herodes ergueu seu manto volumoso.

– SAIAM DAQUI! Saíam! – gritou ele. – FORA!

Os conselheiros se espalharam como gansos para fora da Sala do Trono, dois deles arrastando o sacerdote semiconsciente. Os assessores de Herodes se reuniram ao redor do trono, trêmulos e sussurrando febrilmente.

– Parem com esses resmungos infernais – rosnou Herodes. – Sobre o que estão cochichando agora?

Seu principal assessor deu um passo à frente.

– Falamos da caravana, Vossa Majestade, que se aproxima de Jerusalém, vinda do Oriente.

Um segundo assessor se curvou.

– A caravana exhibe grande riqueza e pompa, Vossa Majestade. Fala-se dela por toda a Jerusalém.

Herodes sentou-se pesadamente em seu trono.

– Sim, sim, meus magos me informaram. São da Pártia. Causam interferências... são coroadores de reis! Tiram reis do trono por capricho. – Mordeu o punho, os olhos luzindo de insanidade. O suor escorria de sua testa franzida sob a coroa. – É um complô. Os partas consideram-me um usurpador; querem me matar... me destronar. E colocar no lugar esse... esse rei infante dos judeus.

– Não, Vossa Majestade. Essa caravana pertence a um rei, Aretas, governante

soberano da Arábia.

– Aretas, o rei de Petra! Bem, ele não é nenhum filósofo; não é cúmplice de magos. – Herodes relaxou visivelmente. Respirou fundo e ajeitou a peruca. – Trata-se de um homem pragmático, que já viu derramamentos de sangue.

Os olhos de Herodes brilharam.

– Ele veio em paz ou em guerra? – perguntou, agarrando, trêmulo, o manto com o punho cerrado. – Em guerra! – guinchou. – Quer se vingar. Ele veio me matar e anexar a Judeia ao reino nabateu! – Um fio de saliva ficou suspenso em seu queixo. Foi tomado pelo paroxismo, tossindo sangue em seu lenço.

Seu principal assistente entregou-lhe uma missiva selada. Herodes a agarrou e a abriu, os olhos esbugalhados, estudando o conteúdo.

– Ele quer me homenagear e resolver conflitos de fronteiras. – Enxugou a fronte com um lenço de seda. – Ele busca a paz. – Expirou pesadamente, aliviado, e estendeu a mão trêmula para o mordomo, que de imediato pôs nela um cálice adornado cheio de vinho.

– Esse aprendiz de rei também pode ser uma ameaça para Aretas. – Sorveu um gole com delicadeza. – Deixem seus embaixadores saberem que meu palácio o aguarda. Ele será um hóspede bem-vindo. – Acariciou o cálice, pensativo. – As Casas Reais de Petra e da Judeia fariam uma boa aliança. Juntos, destruiremos esse aprendiz de rei!

Herodes se virou para uma figura alta e sinistra à direita do seu trono.

– Mefisto, invoque o Conselho dos Necromantes.

Mefisto entoou seus cânticos e lentamente os treze Reis Guerreiros do Ocidente se materializaram ao lado dele, invisíveis para Herodes. Dracul, o líder, falou, sendo ecoado por Mefisto, quase como se fosse um *alter ego*, dizendo as palavras com ele num uníssono estranho, sobrenatural:

– Que busquem cuidadosamente pelo menino e deem notícias. Encontrem e destruam o rei recém-nascido.



Gabriel cavalgava em pelo em seu cavalo, percorrendo as belas florestas tropicais e atravessando os vastos prados de juncos das planícies orientais do Éden no Primeiro Céu, os cabelos trigueiros esvoaçantes. Parou a quilômetros da Montanha Sagrada, perto da base da entrada de rubis da Sala do Trono e dos labirintos ocidentais das sete cúspides. Apeou e entrou pelo acesso subterrâneo às cavernas sagradas. Cada uma das sete câmaras ocultas na montanha subiam até o santuário interior dos labirintos. Gabriel caminhou de cabeça baixa, o trajeto iluminado apenas pelas tochas de chama eterna presas no alto das paredes da caverna.

À medida que subia pela câmara, um temor inexplicável apertou seu coração. Continuou a avançar pela parte central dos labirintos, até chegar à sexta lâmpada ardente. Nove guerreiros, altos e silenciosos, postavam-se ali com espadas flamejantes. Os Vigilantes, guardiões do santuário interno de Jeová. Eles ergueram as espadas flamejantes para Gabriel, curvando-se em sinal de respeito.

Gabriel continuou pela passagem escura, avançando até poder vê-los: os terríveis guerreiros de Jeová, os Vigilantes da sétima chama.

Os Vigilantes o viram e, como se fossem um só, ergueram as espadas flamejantes que impediam o acesso à Sétima Câmara. Devagar, Gabriel passou pela enorme grade de ferro, hipnotizado por uma luz ardente situada à esquerda. Os Vigilantes se afastaram e sumiram. Ele se embrenhou ainda mais na caverna. Diante dele, soprava um vento tempestuoso, e do vento surgiu uma grande nuvem índigo com relâmpagos e raios saindo do interior daquela manifestação infernal.

Gabriel olhou intrigado para a cena. Diante dele estava Jether, em meio às chamas ardentes, os braços erguidos, e seu cajado, o cajado dos ventos brancos, levantado bem no alto. Os cabelos e a barba ondulavam na tempestade que se erguia da nuvem índigo. Raios azulados chispavam do cajado. Seu rosto brilhava como bronze polido, a pele ardendo, transparente. Pouco visíveis entre as brasas, encontravam-se sete imensos códices de lápis-lazúli encadernados em ouro, as páginas emanando uma luz azul intensa – os códices do Julgamento Branco.

Gabriel observou enquanto dois majestosos querubins flamejantes ficaram visíveis através das chamas. O primeiro tirou o códice superior das brasas ardentes. Esticou a mão e entregou o volume sagrado a Jether.

Jether pegou o volume e o levantou.

– O Códice do Primeiro Julgamento! – gritou. – Os segredos de Jeová serão revelados!



Herodes assentiu e abriu lentamente as volumosas cortinas de veludo vermelho. Diante dele estavam o rei Aretas, Baltazar, Gaspar, Melquior e cem magos, com cofres de ouro e pedras preciosas. Ele curvou-se profundamente para o rei Aretas, que também se curvou em resposta. Herodes observou as caixas repletas, feliz como uma criança. Sentou-se no trono e fez um gesto para que Aretas se sentasse diante dele em um trono dourado menor, ricamente entalhado.

– Seu nome real tem atravessado com frequência as planícies do deserto e chegado a mim, grande xeque Aretas de Petra e da Arábia; Aretas, o nobre, o guerreiro, protetor de seu povo.

– Seu nome real é acompanhado de fama e renome por todas as planícies

orientais, ó Herodes da Idumeia, Herodes, o Grande, temido por todos. – Aretas curvou-se mais uma vez.

Um sorriso de prazer espalhou-se pelo rosto de Herodes, e o queixo se tornou frouxo, as carnes moles.

– Você veio a Jerusalém, mas não foi apenas para buscar a paz, Aretas. Está à procura de outro rei que não eu. Disto estou convencido.

Aretas encarou penetrantemente os olhos do velho rei. Ele era debochado e maléfico, mas não era tolo; mesmo à beira da morte, era um inimigo formidável. Aretas sabia disso.

– Procuro prestar homenagem a Herodes, o Grande, mas, sim, você está correto em sua suposição. Há outro que procuro, ó Herodes.

Baltazar deu um passo à frente e curvou-se profundamente.

– Vossa Majestade, buscamos aquele que nasceu como rei dos judeus. Vimos sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.

Os olhos de Herodes se estreitaram. Ele agarrou o braço de Aretas e o afastou do mago.

– Você é um homem brilhante, Aretas... – Herodes baixou a voz. – Percebeu logo a ameaça de um novo rei que poderia destruir nossos reinos e se aliou aos próprios magos que podem localizar sua presença!

Herodes voltou-se de novo para o mago e sorriu agradavelmente.

– Meus sacerdotes me disseram que o rei recém-nascido pode ser encontrado em Belém. Vão, procurem com cuidado o menino. E, quando o encontrarem, contem-me, para que eu também possa ir até ele prestar minhas homenagens. Meus exércitos estão à disposição de vocês, bem como minha hospitalidade. – Ele bateu palmas. – Nossas pequenas disputas, o vale do Mar Morto, Syllaeus, ficaram para trás. Melech, mostre aos convidados reais os seus aposentos.

CHRISTOS

Darsoc, um príncipe secundário, estava à frente dos Magos Cinzentos, seus feiticeiros demoníacos, cultos e sinistros. Incomparáveis em sua fama de implacáveis e ardilosos, os Magos Cinzentos eram os melhores informantes de Lúcifer, servindo como seu serviço de inteligência mais graduado. Arquivistas, filósofos, intelectuais. Lá estavam eles, cem dos melhores, os capuzes brancos puxados sobre os rostos, obscurecidos pelas sombras.

– Pastores! Bá! – Alastor, Grande Mago das Cortes Sombrias, grunhiu para Darsoc. – Isto não é morada para um rei! – Virou o cavalo de combate com impaciência. – Você e seus magos estão desperdiçando meu tempo!

Darsoc se levantou sem que um único músculo se movesse, todos os sentidos em alerta.

Alastor jogou para trás a cabeça coberta por um turbante prateado, os olhos, vermelhos e estreitos como os de um gato, brilhando com desdém.

– Uma tarefa para tolos! – cuspiu. – Queremos voltar para as Cortes Sombrias de posse de fatos!

– Então vá cavalgar você mesmo, Alastor. – As palavras de Darsoc foram tecidas como seda embebida em veneno. – Não vai querer desapontar seu mestre implacável... o Grande Mago Charsoc. E esqueça suas joias... e seu adiantamento. –

Um pequeno sorriso maligno passou pelos lábios de Darsoc. – Ou sua cabeça.

Alastor virou o cavalo negro de combate para encarar o grupo de Magos da Corte Sombria.

– Vamos embora, não há nada aqui; cavalguemos até a Pérsia! – gritou, com seu cavalo monstruoso exalando fogo e emitindo o rumor de trovões com os cascos, o cajado flamejante erguido no alto.

Darsoc jogou o capuz para trás. Suas feições pálidas e elegantes exibiam uma luminosidade estranha. Só com uma observação mais próxima é que se notaria como sua pele, antes perfeita, estava agora marcada, e como os belos olhos cinzentos tinham um brilho sombrio, maligno. As rajadas de vento esvoaçavam os longos cabelos sobre a capa branca.

– Sinto o cheiro de reveladores no vento – silvou. Em seguida, levou aos lábios pálidos um dedo envolvido pela luva cinza.

Um tremendo vento começou a soprar, acompanhado pelo som monstruoso de batida de asas. No mesmo instante, o céu foi tomado por milhares e milhares de gigantescas águias brancas, cujas asas se estendiam por trinta metros, com colares e esporas de ouro fundido.

– Os batedores dos Cavaleiros Brancos. – Um sorriso malicioso se estampou no rosto de Darsoc enquanto observava Alastor e o grupo de Magos da Corte Sombria de Charsoc ascendendo ao céu escuro em direção ao leste. – Miguel está aqui... – murmurou, um lampejo brotando no olhar cruel. – Vamos esperar.



Rei Aretas, Baltazar, Gaspar e Melquior lideravam a grande caravana montados em cavalos árabes brancos. Balista e Ayeshe, mordomo de Aretas, acompanhavam-nos de perto. Baltazar contemplou a estrela, agora estacionária, fixada diretamente sobre um cume a distância, depois puxou as rédeas de seu cavalo, fazendo um gesto para que o grupo também parasse. Apeou com o coração acelerado e liderou o grupo até as colinas de Belém, guiado apenas pela lâmpada solitária que pendia do centro de uma corda na entrada de uma hospedaria isolada à frente deles. Deteve-se do lado de fora da baixa estrutura feita com pedras brutas. Na parte de baixo, encontrava-se reunido um pequeno rebanho de animais amarrados para passar a noite. No andar de cima, havia seis pequenos quartos de pedra. Baltazar caminhou lentamente ao lado de cada quarto, estudando os ocupantes, depois voltou-se para Aretas e Melquior, meneando a cabeça. Com um franzir do cenho, foi andando até uma tosca gruta de pedra ao lado da hospedaria, que funcionava como um estábulo. Quatro cãesinhos, as costelas aparecendo sob a pele magra, latiam incessantemente para ele, mordiscando-lhe os pés. Ele cobriu o rosto com a capa quando o odor pungente de

dejetos de vacas, mulas e camelos invadiu suas narinas, parando fora da área suja onde mulas e cavalos estavam abrigados. Hesitante, olhou para dentro, virou-se e fez um gesto para que o grupo o acompanhasse. Aretas franziu a testa, mas Baltazar assentiu com a cabeça. Aretas deu de ombros, concordando, e Gaspar e Melquior acompanharam Baltazar para dentro do estábulo. Lá, na extremidade do cômodo singelo, em meio ao feno e à palha que serviam de alimento para o gado, e a outras reses, estava sentada uma jovem com as pernas cruzadas sobre um tapete de palha, pouco mais velha que uma menina. Os cabelos cacheados chegavam à cintura, emoldurando as belas feições cor de oliva, maçãs do rosto altas, nariz aquilino e uma boca rósea e delicada. Ela observou espantada os visitantes, exausta, mas seus olhos castanhos estavam exultantes. O olhar se voltou para o bebê em seus braços. Como se fossem um só, os magos se prostraram. Ela colocou o bebê com ternura na manjedoura e caminhou pelo chão de palha, dirigindo-se a Baltazar.

À porta, Aretas olhava a cena em silêncio, observando o estábulo vazio, exceto pela manjedoura de madeira, a única mobília do lugar. Baltazar pôs-se de joelhos, as lágrimas escorrendo pelas faces encanecidas da cor do ébano.

– Todos esses anos... durante todas essas eras, guardamos fielmente estes presentes – sussurrou. – Guarde-os bem para o Messias judeu profetizado pelo grande hebreu Daniel. – Baixou a cabeça, trêmulo.

Gaspar, pálido, pôs os presentes com delicadeza aos pés de Maria.

– Um cálice de olíbano, uma caixa de mirra...

Melquior deu um passo à frente.

– O bastão de ouro de Aarão. Com eles, prestamos nossa homenagem ao Messias.

– Ajoelhou-se, a cabeça abaixada.

Maria ergueu a cabeça, afastando as longas tranças escuras do rosto encantador.

– Aceitamos humildemente estes presentes – respondeu.

– E agradecemos. – José observava discretamente a cena atrás da manjedoura.

Baltazar ergueu as mãos para o alto.

– Imaginar que eu viveria para ver este dia. – Levantou a cabeça e virou-se para Aretas, que estava de pé, pálido e em silêncio, ao lado da porta. – Aretas, venha. – Os olhos de Baltazar brilhavam. – Era por Ele que nosso ancestral Daniel ansiava.

José estendeu sua mão para Aretas, que meneou a cabeça.

– Não sou um homem religioso... – declarou com firmeza.

Baltazar agarrou seu braço e o guiou até o bebê adormecido, não mais envolvido nas bandagens apertadas dos primeiros dias. Aretas recuou, as mãos estendidas à frente. Maria sorriu com ternura e estendeu a mão para ele. Mais uma vez, o rei meneou a cabeça com impaciência.

– Perdoem-me... eu não acredito como eles...

Maria continuou a sorrir para ele, o olhar fixo em seu rosto. Com suavidade, em

sua pequena mão cor de oliva acolheu a mão bronzeada e áspera.

– Diga-lhes que não acredito... – Aretas olhou para Baltazar, quase implorando.

Maria o observou compassivamente com seus olhos castanhos e úmidos como se ele não compreendesse bem as coisas, e pousou a mão dele sobre a do bebê.

Aretas caiu para trás como se houvesse sido projetado por uma força violenta, chocante. Baltazar, Maria e José ficaram atônitos vendo o corpo de Aretas tremer, como se acometido por uma intensa convulsão. Sua respiração ficou curta, rasa, e ele jogou a cabeça de um lado para o outro, levando as mãos ao rosto antes de se prostrar no chão.

Baltazar o fitou horrorizado.

– Perdoe-me... – Dirigiu-se a José. – Precisamos acudir Sua Majestade imediatamente; vamos tirá-lo daqui.

José franziu o cenho.

– Ele não está em condições de ser removido, senhor.

Maria assentiu, os olhos tomados por consternação. Ela pôs a mão sobre a de Baltazar.

– Há um espaço nos fundos, com o estalajadeiro. Vamos mantê-lo lá até que fique mais forte.

Baltazar assentiu e se virou para Gaspar, que tremia ligeiramente.

– Vou ficar com o rei Aretas. Cuide da nossa caravana.

Gaspar assentiu, estupefato, e trocou um olhar desolador com Melquior.

Baltazar se virou para contemplar mais uma vez o bebê e depois tomou a mão do rei na sua; seus dedos tremiam com violência. Mas foi quando Baltazar olhou para o rosto de Aretas que seu sangue enregelou, pois o jovem rei fitava o vazio, os olhos bem abertos. Tinha ficado completamente cego.

A REVELAÇÃO

Lúcifer estava sentado, banhando as pernas na cálida lagoa âmbar e dourada que reluzia sob as pálidas luas sombrias do horizonte ocidental, tomando elixir de romã em seu cálice dourado. Virou-se para Marduk, à sua esquerda.

– Esses coroadores de reis, os magos, o que descobriram? – Pegou uma fruta azul das vinhas prateadas que floriam em suas estufas noturnas, cortando-a agilmente com uma pequena faca afiada.

Marduk fez um gesto para os feiticeiros do palácio, que se encontravam imóveis como pedra atrás da lagoa ornamental.

– A nova estava se movendo, Vossa Majestade – respondeu o líder dos magos. – Eles saíram do palácio de Herodes ao amanhecer. Ficaram de fazer um relatório para Herodes, senhor, tal como ordenou.

Lúcifer se manteve em silêncio, esperando. Colocou uma fatia da fruta na língua e a engoliu.

– Recebemos rumores de que eles não retornaram, Vossa Majestade – gaguejou o líder dos magos.

Lúcifer olhou fixamente para ele, a mente acelerada. Marduk aproximou seu rosto do de Lúcifer.

– Devem ter tomado um caminho diferente.

Lúcifer entregou o cálice para seu mordomo com a expressão inescrutável, levantando-se enquanto Balberith o secava com uma toalha dourada. Caminhou pelos terraços ocidentais com Balberith atrás dele, percorreu as estufas e chegou à Sala do Trono, trajando apenas uma tanga de seda branca, depois agarrou a túnica de cetim das mãos de Balberith e a jogou sobre os ombros, enraivecido.

– Rumores... – resmungou, mandando os feiticeiros embora com um gesto. Eles saíram correndo pela câmara revestida de mármore, passaram pela guarda luciferiana e pelos portões da Sala do Trono. – Rumores! – gritou.

Alastor dirigiu-se aos portões negros e passou a sussurrar com Marduk enquanto Lúcifer ia de um lado para o outro diante do trono, as mãos às costas, observando seu reflexo no piso negro e polido. Marduk correu pela nave da Sala do Trono, estranhamente perturbado.

– Os Magos da Corte Sombria de Charsoc voltaram, Vossa Majestade.

Lúcifer não desviou os olhos dos próprios passos.

– Conceda-lhes uma audiência – ordenou.

Imediatamente, os portões se abriram para revelar a corpulenta figura de Alastor, envolto em uma capa negra. Atrás dele vinha seu grupo de magos com turbantes prateados, os cajados negros emitindo um fogo alaranjado.

Lúcifer ficou em pé diante dos balcões do norte, de costas para eles.

– Onde está o rei recém-nascido?

Alastor caminhou devagar pela nave da Sala do Trono em direção a Lúcifer, e o único som que se ouvia ali era o de seus calçados carmim, estreitos e pontudos, que rangiam a cada um dos seus passos desengonçados. Charsoc se materializou nos portões negros. Em silêncio. Apenas observando.

Alastor deteve-se no meio da nave.

– Não encontramos rei algum, Vossa Majestade.

Lúcifer se virou, o rosto contorcido pela ira, e depois escancarou as maciças portas douradas da ala norte. A nova estava mais próxima, bem mais próxima da Terra, e ardia furiosamente.

– A nova ainda arde. – Cerrou os punhos com raiva. – ONDE está o rei menino nascido no Oriente?

Darsoc e seus Magos Cinzentos adentraram a Sala do Trono. Os Magos Cinzentos ficaram em pé, e eram muitos – uma cena de tirar o fôlego. A estranha beleza que os envolvia era hipnótica. Altos e pálidos, com cabelos platinados lisos como vidro, que chegavam à cintura e desciam pelas capas de veludo branco fechadas por delicados botões de prata entremeados por vespas vivas. Darsoc deslizou silenciosamente pelo chão de lápis-lazúli em direção a Alastor e ao trono.

Alastor deteve-se diante de Lúcifer.

– Não encontramos nenhum rei de nascimento nobre, senhor, apenas um bebê de

camponeses embrulhado em cueiros, que pastores foram reverenciar.

Marduk se agitou, impaciente.

– Pastores! Vocês desperdiçam o tempo de Sua Excelência.

Lúcifer segurou o braço de Marduk para silenciá-lo, as unhas penetrando fundo na pele dele. Marduk franziu o cenho, perplexo, mas obedeceu.

Alastor virou-se para Darsoc, que se aproximava, e depois caiu de joelhos.

– Não, meu senhor. – Um sorriso maligno se espalhou pelas feições flácidas. Ele ergueu o olhar sombrio para encontrar o de Lúcifer. – É *Darsoc* quem desperdiça seu tempo com pastores – disse com voz rouca. – Nós, os Grandes Magos das Cortes Sombrias, fomos prudentes. *Nós* voltamos para a Pérsia.

Charsoc acariciou lentamente a serpente de prata do seu cajado, observando Alastor com interesse, imerso em contemplação.

Lúcifer dirigiu-se às enormes portas abertas, observando durante um bom tempo a nova.

– Darsoc, meu príncipe malvado.

– Meu senhor – falou Darsoc, curvando-se profundamente para Lúcifer e ajoelhando-se ao lado de Alastor.

– Conte-me sobre esses pastores. – A voz de Lúcifer, de costas para Darsoc, era gentil, reconfortante.

Darsoc ergueu os olhos por sob o capuz.

– Alastor considerou-os uma distração, Vossa Excelência... uma mera diversão – respondeu com sua voz apática, mas em tom polido.

Lúcifer se virou e o encarou com a expressão inescrutável.

– Mas *você*, meu leal e ardiloso escravo...

– Houve uma grande comoção no Segundo Céu. Desceu um grande grupo de cavaleiros celestes.

– E qual era o propósito deles? – Charsoc entrou pela nave e se encaminhou diretamente para o trono.

– Eram batedores. – Darsoc mediu as palavras. – Cavaleiros Brancos da Montanha Sagrada, senhor.

Alastor mudou a posição do corpo desajeitado, sentindo-se repentinamente desconfortável, enquanto olhava ora para Charsoc, ora para Lúcifer.

– Do batalhão do seu irmão, o príncipe-chefe Miguel, senhor.

– Miguel envia batedores e arautos por causa de um bebê camponês? – Lúcifer franziu o cenho e afastou os cabelos dos olhos, momentaneamente confuso.

– Seu tolo pálido! – cuspiu Alastor. – Está fazendo Sua Excelência perder tempo!

Darsoc aproximou a cabeça platinada da cabeça de Alastor, coberta por um turbante prateado, e depois grudou os lábios esmaecidos e acinzentados na orelha carnuda dele.

– Acho que não – silvou. Tirou as luvas prateadas e fez um gesto ágil para uma figura alta e pálida, envolvida em uma capa branca de veludo, que se materializou no mesmo instante ao lado dele.

– Sou chamado Jequon, Mago Cinzento – Jequon falou com voz grave, mas em tom suave. – Principal arquivista dos Magos Cinzentos.

– E o que seus arquivistas documentaram, Jequon? – perguntou Lúcifer com gentileza, de costas para Alastor.

Jequon contemplou as mãos longas e trêmulas, depois olhou para um ponto perdido ao lado de Lúcifer.

– Meus arquivistas documentaram os pronunciamentos dos Cavaleiros Brancos. – O suor começou a brotar em sua têmpora.

– Transmita a declaração, Jequon – ordenou Charsoc. – Ela pode ter importância para meu imperador e soberano... – Jequon curvou-se de novo para Lúcifer. Charsoc apoiou a mão ameaçadoramente sobre o cabo da cintilante espada necromante. – Transmita-a. Palavra por palavra.

Jequon respirou fundo.

– A declaração dizia que... que neste dia nasceu uma criança... neste dia, na cidade de David... – Jequon olhou para Lúcifer, a coragem prestes a abandoná-lo. – Nasceu um salvador que é... – Nenhum músculo do rosto de Lúcifer se mexeu. – ... que é... Cristo...

Lúcifer virou-se espantado para Charsoc, cujo sangue se esvaiu do rosto.

– *Chris... tos* – silvou Lúcifer, horrorizado. Um pavor terrível contorceu suas feições.

– O Senhor – balbuciou Jequon, sem que seus olhos deixassem os de Lúcifer. Um sorriso estranho se esboçou nos lábios pálidos de Darsoc ao observar Charsoc aproximando-se de Alastor, os passos hesitantes, o corpo trêmulo.

Alastor olhou chocado de Lúcifer para Charsoc.

– Um engano, meu senhor. – Levantou-se, o queixo duplo tremendo.

– Um engano – murmurou Charsoc.

Com um golpe selvagem, Charsoc atravessou Alastor com sua espada necromante. Alastor ficou engasgado no próprio sangue azul, prestes a vomitar. Depois, com um único impulso brutal, Charsoc cortou o pescoço de Alastor. A cabeça caiu no chão com um baque seco.

– Nunca toleramos enganos – murmurou Charsoc. A espada escorregou da sua mão e caiu no chão nu com um ruído metálico.

– *Nunca* toleramos enganos! – Como um raio, Lúcifer se virou para Charsoc, e a própria espada ficou diante do pescoço dele. – Seus magos me decepcionaram, Charsoc! – O corpo de Charsoc estremeceu descontroladamente, o suor escorrendo-lhe das têmporas.

– Essa nova... esse rei... – Lúcifer agarrou violentamente os cabelos compridos de Charsoc e os puxou tanto, que Charsoc pôde sentir o hálito quente de Lúcifer queimando sua face. – Esse rei não é outro senão *Christos*! Seu sangue... ele não foi corrompido? – Lúcifer deu outro safanão cruel nos cabelos de Charsoc. – Você conhece, como eu, os fundamentos da lei eterna. – Tomado pelo horror, Charsoc olhou para Lúcifer, a mente descontrolada. – Se Seu sangue não for corrompido, ele vai trocar a alma Dele pelas almas dos homens e tirar meu reino de mim! – rugiu Lúcifer.

Lúcifer ficou em silêncio por um minuto, depois largou Charsoc com violência. Ele caiu no chão ao lado do desafortunado Alastor. A cabeça de Alastor desapareceu. Em seguida, o corpo também sumiu, indo diretamente para o abismo.

Lúcifer soltou a espada, caminhou até a janela e abriu as cortinas, lançando blasfêmias contra a estrela que ainda estava visível no Segundo Céu.

– A genialidade de Jeová! Ele Se enviou! Fui enganado por minhas próprias suposições, como Ele imaginou que aconteceria!

Ele desviou de Charsoc e foi até Darsoc, que estava em pé, também trêmulo.

– O Messias Dele não terá palácio nem trajes reais. O Messias Dele nasceu da poeira e do barro! Diga-me, Darsoc, para onde vai o rei menino? – silvou, o rosto a centímetros da face de Darsoc.

– Segui... segui suas ordens reais, senhor – respondeu Darsoc com temor crescente. – Meus Murmuradores das Trevas seguiram os magos de volta pelo deserto até a Pérsia.

– O bebê está com os magos? – Lúcifer ficou dando voltas em torno dele.

Darsoc entregou-lhe uma carta não selada com seus dedos pálidos, que tremiam descontrolados. Lúcifer agarrou a missiva e a amassou, o rosto contorcido pelo ódio.

– A criança *desapareceu*! – rosnou.

Lúcifer apoiou-se pesadamente em um pilar, passando os dedos pelos cabelos negros e murmurando coisas para si mesmo em uma língua angelical maligna e peculiar, como se estivesse demente.

– Meus irmãos estão me enganando – sussurrou. Virou-se para Charsoc, ainda trêmulo no chão. – Investigue as circunstâncias do nascimento do bebê. Descubra o que Jether pretende. Não ouse falhar comigo de novo, Charsoc!

Lúcifer apertou a capa contra o corpo e virou-se para Marduk.

– Incite as hordas demoníacas que atormentam dia e noite o imbecil do Herodes. Infecte seus sonhos para que ele deseje, de coração, mandar matar todos os meninos com menos de dois anos. O príncipe de cueiros não vai escapar da minha ira. Convoque Belzoc – gritou –, o grande príncipe da Pérsia. O príncipe Miguel será dele! Prepare nossos carros de guerra! Reúna todos os regentes para combatermos meus irmãos. Astaroth! – berrou –, alerte todos os poderes, principados e

governantes das sombras deste mundo, os grandes príncipes satânicos, Nakan e seus Reis Necromantes, os Tronos de Folcador, os Reis Feiticeiros de Ishtar... Diga para que se reúnam nas grandes planícies de Perdição. E que *encontrem* meu irmão Miguel. Onde estiver Miguel, o menino Christos estará *também*! – Por fim, Lúcifer berrou: – Então, atacaremos!

A SÉTIMA PEDRA

Jether estava sentado em seu trono de jacinto na Sétima Câmara, no fundo das criptas subterrâneas dos labirintos, folheando o grande códice azul. Gabriel estava diante dele, estudando-o com interesse... e esperando.

– O códice revela o plano de Jeová, suas palavras secretas preparadas eras antes do advento da raça dos homens – falou Jether, fechando os olhos em reverência.

– Jeová preparou um lugar para o rei menino no Egito, em Alexandria. Há um rei da Arábia chamado Aretas. Ele foi escolhido para disseminar seu nome, e vai ajudar o bebê em sua fuga.

– Lúcifer não conhece os códices? – perguntou Gabriel.

– Durante muito tempo, Lúcifer ficou encantado com os códices de fogo. Eles permaneceram nos labirintos durante eras antes de ele surgir – explicou Jether. – Sua alma ansiava por poder observar as páginas do códice, mas não, ele não conhece o conteúdo.

– E Charsoc? – questionou Gabriel. – Ele conhecia os mistérios sagrados. Foi guardião da Sexta Pedra.

– Charsoc... – A expressão de Jether ficou séria. – Ele conhece bem sua existência. A Sexta Câmara do conhecimento era sua morada, mas a câmara da sétima chama estava selada para ele. Portanto, o mistério sagrado do Messias está a

salvo de suas feitiçarias poluídas. – Jether fechou o livro; as piritas incrustadas nele reluziram como estrelinhas na capa do códice, feita de lápis-lazúli de um azul profundo. Ele olhou para Gabriel. – Vou pegar a Sétima Pedra.

Gabriel olhou incrédulo para Jether.

– Havia seis pedras aqui nos labirintos – sussurrou. – Uma se foi... a da Sexta Câmara... quando Charsoc nos deixou. – Gabriel olhou com firmeza para Jether. – Nenhum ser angelical pôs os olhos na Sétima Pedra...

– A Sétima Pedra, a Pedra de Fogo, possui os poderes combinados das outras seis. Ela está além dos decretos do céu. – Os olhos de Jether se estreitaram enquanto divagava. – Ela está além dos tesouros dos ventos e do granizo, além dos sete mares da sabedoria. No próprio berço do universo.

Jether depositou o códice com cuidado em um grande nicho da parede da caverna, onde ficava a enorme caixa de prata dos textos sagrados.

– Ela vai proteger o bebê enquanto ele caminhar como membro da raça dos homens, até seu selo ser erguido, e ele tiver de enfrentar o teste final... contra o próprio Lúcifer. – Jether pôs a capa sobre os ombros e prendeu seu fecho com dedos trêmulos. – Não temos tempo a perder. O menino *precisa* ser selado com a Sétima Pedra. Atualmente, ele se encontra vulnerável. Desprotegido. Você, Gabriel, corra até José. Informe-o do plano de Jeová para levá-lo a um mosteiro em Alexandria.

– Vou imediatamente para a terra da raça dos homens – tornou Gabriel.

Jether assentiu.

– Enviarei Vespar, minha águia guerreira, com uma mensagem para Miguel, dizendo-lhe para abandonar os horizontes orientais. Ele deve acompanhar a caravana, pois é a única proteção com que o bebê conta para se defender dos ardis malignos de Lúcifer até que eu o sele em Alexandria com a Sétima Pedra de Fogo.

Jether tirou da túnica um pequeno frasco com óleo de mirra e cássia. Gabriel ajoelhou-se diante dele.

– O tempo está contra nós. – Ele ungiu a têmpora de Gabriel e depois colocou as mãos suavemente em sua cabeça, em uma bênção de consagração. – Evite os corredores orientais – sussurrou. – Os Murmuradores das Trevas os percorrem sem cessar. Devo me preparar para minha viagem.



Baltazar ficou andando de um lado para o outro no pequeno recinto durante toda a noite em súplicas, pedindo ajuda para Aretas, seu rei e amigo, ao Deus de Daniel. Banhou a cabeça febril de Aretas com os trapos que Maria havia dado, embebidos na mirra das reservas da caravana, na esperança de trazê-lo de volta à consciência.

Andou pelo quarto durante horas, rezando, implorando. Mas o velho Baltazar

sentiu que Aretas estava sendo sopesado nas mãos do Onisciente. Aguardaria.

Já passava da meia-noite quando as mãos de Aretas pararam de tremer, e o sol quase nascia quando Baltazar pôde discernir suas primeiras palavras incoerentes. Então, o rei abriu de novo os olhos. E o sol já ia alto quando ele se ergueu da esteira posta sobre o chão e deu os primeiros passos hesitantes.

Mas quando enfim pegou a mão de Baltazar, a sua estava firme, os olhos límpidos, e seu rosto exibia uma paz que Baltazar nunca tinha visto antes no jovem rei orgulhoso e teimoso.

Aretas tentou falar, mas as palavras não saíam, apenas lágrimas – lágrimas que ele não conseguiu deter. Lágrimas pelos derramamentos de sangue que um rei havia ordenado; lágrimas por mil execuções em seu reino; lágrimas por milhares de ardis e traições do rei... e lágrimas de mil remorsos de um homem. Chorou sobre o braço do velho astrônomo, a ponto de o manto de Baltazar ficar ensopado. Depois, de súbito, acalmou-se.

– O bebê corre grande perigo. Precisamos proteger o Messias de Daniel e sua sagrada família. – Olhou ao redor. Ayeshe, seu fiel e idoso mordomo, estava do lado de fora da porta. – Ayeshe, prepare a guarda real! – Ele se levantou, e sua voz era clara e forte. – Meus ancestrais reais foram presenteados com um mosteiro em Alexandria por uma antiga casta de magos da Casa Real do Egito. Será um lugar seguro para o rei menino. Cavalgaremos até lá.



No alto da elevação, a leste do Palácio Negro, o aço afiado das espadas de lâmina larga reluzia enquanto Lúcifer e o comandante supremo de seus exércitos, lorde Astaroth, grão-duque do inferno, esgrimiam e lutavam, como faziam a cada aurora como parte do rigoroso treinamento físico de Lúcifer, pelo qual ele era fanático a um ponto que beirava o narcisismo. Naquela manhã, porém, ele parecia estranhamente distraído. A espada de Astaroth atingiu-o no peito com ferocidade, e Lúcifer se dobrou em agonia. O robusto Astaroth riu em triunfo e lhe deu as costas. Como um raio, Lúcifer lançou Astaroth ao solo, arfando, as mãos do oponente torcidas nas costas em agonia.

Lúcifer levantou a máscara de esgrima com um sorriso de satisfação no rosto.

– É por isto que sou o rei do inferno. – Jogou a espada no chão de lava e pegou uma toalha das mãos de Araquiel para secar o rosto. – E você, Astaroth, é apenas um duque... embora um grão-duque.

O colossal adversário, desfigurado mas ainda belo, meneou os cabelos loiros, ainda zonzo. Lúcifer relanceou o olhar para o guerreiro decaído. Às vezes, o jeito de Astaroth lembrava assustadoramente o de Miguel. Visto de costas, ele poderia ser

um dublê do irmão de Lúcifer. Em mundos que o tempo deixara para trás, Astaroth fora comandante das melhores legiões de Miguel, seu general mais leal, seu colega mais íntimo. A expressão de Lúcifer ficou sombria ao se lembrar do irmão. E, agora, Astaroth era o defensor de Lúcifer, comandante supremo dos exércitos de Perdição. Astaroth sentia algum remorso? Lúcifer enxugou o rosto com uma toalha de seda. Jamais teria certeza.

– Prepare suas legiões – grunhiu. – Sairemos a cavalo amanhã ao nascer do sol.

Astaroth curvou-se em reverência. Em seguida, dirigiu-se ao pórtico mais distante, montou em seu cavalo alado negro e percorreu o céu na direção dos carros de guerra de seus vastos batalhões, reunidos nas extensas planícies de Perdição.

– Vossa Excelência.

Lúcifer se virou.

– Ainda estou magoado com sua insensatez, Charsoc. – Os lábios de Lúcifer se apertaram em uma linha fina.

– Vou me redimir, Vossa Majestade. Nossos analistas demoníacos e sábios feiticeiros examinaram as circunstâncias do nascimento do bebê. Meus arquivistas confirmaram as descobertas. – Charsoc se aproximou de Lúcifer. – De fato, o bebê nasceu de uma mulher da raça dos homens; o parto foi testemunhado. Os Murmuradores das Trevas confirmaram suas descobertas. Ele é membro da raça dos homens, como qualquer outro nascido na cidade chamada Belém. Sua mãe é uma hebreia, uma jovem. O pai é um homem chamado José. Entretanto, existe a possibilidade de que um óvulo criado tenha sido implantado por Jeová na hospedeira.

– Christos encarnado... – Lúcifer esfregou o queixo, imerso em pensamentos. – Não podemos excluir nenhuma possibilidade. E a concepção do óvulo?

– Como acontece na raça dos homens, a concepção do bebê é o resultado de duas células-germe: o óvulo da mãe e a semente do pai. Na raça dos homens, elas repartem igualmente as mutações herdadas da natureza pecaminosa, que derivam da queda. O óvulo *sempre* precisa ser fertilizado pela semente do pai, José, para permitir sua concepção e replicação. – Charsoc sorriu triunfante. – É assim com *todos* da raça dos homens.

– Conheço bem a engenharia biogenética da raça dos homens. – Lúcifer caminhava de um lado para o outro. – Cada gota de sangue que a criança produz é resultado da introdução do espermatozoides masculino. O sangue fetal e o materno não entram em contato efetivo, sendo separados pela camada dupla de epitélio coriônico. – Ele se virou para Charsoc com um lampejo incomum no olhar. – E se eles tiverem um plano *alternativo*, um plano para ignorar propositalmente a semente masculina... – a expressão de Lúcifer agora era sombria – ... e *impedir* as mutações herdadas?

– Uma semente substituta? – Charsoc franziu o cenho.

– Uma semente que *não* seja da raça dos homens. – Lúcifer ficou contemplando um ponto situado além dos horizontes magenta de Perdição. – Uma semente *incompactível*... Jeová – declarou Lúcifer.

– Senhor! – gaguejou Charsoc. – Isso é estritamente vedado; é proibido pelos fundamentos da lei eterna promulgada pelo próprio Jeová. Sabe disso melhor do que eu: seus generais expulsos da primeira morada por terem mantido relações com as filhas dos homens. A punição deles por transgredirem a lei eterna foi serem acorrentados pela eternidade nas regiões mais baixas do mundo inferior, o Tártaro.

– Sei muito bem disso. Os poços lúgubres, até o Dia do Julgamento – murmurou Lúcifer. – Assim, se Jeová fertilizasse o óvulo criado, Ele seria culpado de coabitar com a raça dos homens, assim como a hospedeira decaída teria de ser banida para o Tártaro.

Lúcifer caminhou até a extremidade da ala leste, com os aviários reais de Perdição, e ficou andando de um lado para o outro diante de centenas de colossais gaiolas douradas que abrigavam sinistras aves sarcófagas.

– Meus irmãos podem ter seus ardis, suas conspirações bem formuladas, mas, quando se trata de Jeová, Ele está limitado à própria lei eterna. Ele não pode transgredi-la – murmurou –, nem mesmo para salvar a raça dos homens.

Lúcifer destravou a porta de uma das gaiolas e pegou suavemente, com as mãos enluvadas, um filhote de abutre com colar de diamantes que sibilava em sinal de protesto. Acariciou as asas negras para tranquilizá-lo, seus olhos cor de safira imersos em reflexões.

– Contra meus instintos mais profundos, estou convencido – sussurrou para si mesmo. – Jeová não teve participação na concepção da semente de Christos. – Deu meia-volta. – Não! – Dirigiu-se até uma gaiola repleta de criaturas parecidas com morcegos de olhos azul-claros, que guinchavam e se contorciam, e puxou uma delas pela longa e úmida cauda de ratazana. – Não haverá semente *incompactível*, Charsoc! – declarou.

O filhote de abutre soltou um grito ensurdecedor, abriu o cruel bico curvo e exibiu as garras vermelhas. Lúcifer pendurou a criatura parecida com morcego pela cauda, diante do filhote. A ave esmagou sua cabeça com as garras ferozes e a engoliu com uma única mordida.

– Bom menino, Cagrino. – Lúcifer afagou a cabeça do filhote. – O bebê Christos teve de receber a herança genética pela semente do pai – murmurou. – Ele compartilha dos danos inerentes ao pecado presente na semente e no sangue de José, portanto o sangue do bebê Christos é corrompido. – Lúcifer franziu a testa. – Só alguém com sangue imaculado, livre dos danos causados pelo pecado, pode trocar a alma pelas almas da raça dos homens e livrá-las do meu domínio.

Pôs Cagrino suavemente sobre uma almofada de veludo, devolveu-o à gaiola

dourada e fechou a porta, ainda em contemplação profunda.

– Mesmo assim, sinto que Ele veio para destruir meu reino. Sinto isso. – Lúcifer caminhou até o terraço oriental e postou-se a um ponto, supervisionando seus exércitos. Uma imensa e terrível milícia infernal se agrupava nas ardentes e áridas terras vulcânicas do inferno. – Por que ele está aqui no meu planeta? – sussurrou. – Precisamos destruí-lo antes que sua força aumente.

– Há um *modo*, Excelência. – Charsoc pegou uma missiva com o selo do Primeiro Céu. – Os abutres-xamãs tomaram uma águia reveladora “em custódia”. – Charsoc fez uma pausa. – Era Vespar.

Os olhos de Lúcifer se estreitaram.

– Vespar... – ele ecoou. Depois virou-se, imediatamente em alerta.

– Ele levava esta missiva de Jether, o Justo. – Charsoc hesitou, um sorriso sinistro no semblante. – Estava endereçada a seu irmão, o príncipe Miguel, senhor.

Lúcifer caminhou até Charsoc e agarrou a carta da sua mão. Este observou atentamente seu senhor e aliado enquanto ele examinava o conteúdo da missiva.

– Jether vai se encontrar com Miguel e o rei menino perto de Alexandria, com o grande selo: a Sétima Pedra – murmurou Lúcifer, uma estranha excitação reluzindo no olhar. Deu as costas para Charsoc, observando o horizonte. *Recordando*. – O poder da Sétima Pedra é insuperável. Ela tem em si os poderes combinados de todas as seis pedras dos labirintos. Depois que o bebê for selado com a Pedra de Fogo, nós, os decaídos, seremos impotentes contra ele. Nossa única oportunidade está...

Charsoc aproximou-se de Lúcifer, agarrando seu braço com os dedos ossudos.

– Na janela do tempo, senhor, antes que o bebê chegue ao mosteiro e a Jether. É seu momento de maior vulnerabilidade.

Lúcifer o observou com um olhar vago, um lampejo incomum passando por seus olhos.

– Ele veio para destruir meu reino. Em vez disso, porém, eu é que vou destruí-lo. Você se superou, Charsoc. – Lúcifer estendeu a mão com o grande anel de rubi quase negro de Satã. Charsoc se ajoelhou diante dele e beijou o anel. – Está perdoado.

– Obrigado, meu senhor... meu rei. – Charsoc fez uma reverência profunda.

– Reúna os discípulos do inferno! – gritou Lúcifer. – Instrua Astaroth para que os conduza à guerra sem demora, na terra que a raça dos homens chama de Egito. Vamos matar o rei menino!



Os intensos e implacáveis ventos do deserto sopravam em meio à caravana. Estava quase anoitecendo, e o grupo tinha a impressão de que percorria o Egito já havia

uma eternidade. Dezenas de camelos carregados de olíbano, ouro e tesouros do Oriente lideravam a enorme caravana pelas vastas planícies do deserto, e o avanço deles era inibido por furiosas tempestades de areia. Dez cavalos árabes brancos, elegantemente ajaezados, iam no centro da caravana. Maria agarrava com força contra o peito o bebê envolto em cueiros, suas feições quase ocultas por um capuz, o olhar resoluto. Um vento frio açoitou a caravana, e o céu escureceu assim que teve início um imenso tremor. Maria cobriu o bebê e O segurou com mais força ainda contra si.



– Jether! Jether! – O grito premente atravessou os colossais balcões da Câmara Âmbar Real, que se erguiam acima dos aposentos monásticos particulares de Jether na Torre dos Ventos, chegando ao lugar onde Maheel e Issachar o ajudavam em seus preparativos para a viagem até o berço do universo.

Obadiah levava um amuleto de prata vazio para Jether, que o prendera habilmente a uma longa corrente de prata.

– Jether! Jether!

Olhando para cima, Jether e Maheel viram Xacheriel descendo a passos trôpegos os amplos degraus em espiral da Câmara Real, feitos de âmbar. Segurava distraidamente a toga púrpura e dourada de tafetá bordado enquanto descia, e os calçados de seda com ponta curva deslizavam perigosamente nos degraus. Dimnah se agarrava com desespero ao braço dele, mais atrapalhando do que ajudando na descida.

Xacheriel deu um passo em falso e ambos caíram em um precário amontoado de púrpura e ouro dentro da biblioteca particular de Jether, espalhando-se de maneira indigna pelo reluzente piso de âmbar.

– Droga, raios... – murmurou Xacheriel, tateando à procura do monóculo, agora soterrado por pilhas de anais recém-encadernados. Ele olhou furioso para o trêmulo Dimnah, como se tudo tivesse sido culpa do aprendiz.

Jether meneou a cabeça. Colocou a corrente com o amuleto no pescoço, travou o fecho e depois caminhou até o par caído, seguido de perto por Maheel. Olhou para os enormes pés de Xacheriel enfiados em calçados de seda da cor do céu, obviamente muitos números aquém do adequado.

– Por acaso você não passou – começou Jether, dirigindo-se a Xacheriel – um pouco de graxa de lubrificação para viagem no tempo, que acabou de inventar, na sola dos calçados cerimoniais, passou?

Xacheriel lançou-lhe um olhar indignado.

– Estava realizando uma experiência com voltagem nas câmaras holográficas. –

Franziu as sobrancelhas, envergonhado. – Meu... meu mais recente experimento em viagem no tempo. Acabei perambulando pela Zona Vermelha por engano – declarou em tom teatral. – Um *lapso* temporário dos meus instrumentos. A graxa colaborou para que eu pudesse partir apressadamente.

Maheel meneou a cabeça branca com uma expressão gentil estampada no rosto.

– Nós já o avisamos várias vezes para não viajar para essas coordenadas. – Franziu o cenho, preocupado. – É perigoso, meu caro Xacheriel. Na melhor das hipóteses, é arriscado. Os espiões de Charsoc frequentam essa faixa do tempo e são impiedosos nos métodos de tortura.

– Sim, sim... – Xacheriel fez um gesto de menosprezo.

– Lobisomens demoníacos costumam frequentar os corredores do tempo na Zona Vermelha – mencionou Jether com voz sombria e firme.

Xacheriel empalideceu momentaneamente, para grande alívio de Jether. Dimnah, por sua vez, ficou fascinado com a história, a boca escancarada.

Jether decidiu reforçar o ponto enquanto estava em vantagem.

– Assim como os Reis Feiticeiros, que comem carne humana. – Jether encarou Xacheriel com um olhar fixo. Suas mãos tremiam visivelmente. – Uma das inúmeras vantagens de não ser feito de matéria. – Falou como consolo, e arrancou, depois, um enorme lenço escarlate com pontinhos claros do bolso interno, secando o suor que começava a lhe brotar de repente na testa.

A boca de Dimnah continuava escancarada. Issachar permanecia atrás de Jether.

– Precisa de mim? – Jether perguntou a Xacheriel. – Devo sair agora para pegar a Pedra de Fogo.

Xacheriel franziu o cenho e, depois, bateu violentamente na têmpora com sua grande mão.

– Sim... Sim... É claro! – Xacheriel passou a andar em círculos, organizando os pensamentos. – É uma história *terrível*, reverenciado Jether – declarou de maneira preocupante.

Issachar bocejou propositalmente em voz alta. Jether o olhou sob as sobrancelhas.

– Uma *história terrível*. – As grandes mãos de Xacheriel estremeceram. – Ela afeta seus planos de viagem – sussurrou.

Jether franziu a testa, pousando a mão com suavidade no ombro de Xacheriel.

– Acalme-se, meu velho amigo. Respire fundo.

Xacheriel respirou, o grande tórax arfando.

– Passando pela Zona Vermelha, no Segundo Céu, encontrei os batedores reveladores, o primeiro escalão de Águias de Gabriel.

Jether aguardou com paciência, sabendo que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao ponto.

– Eles tinham em sua custódia uma criatura de aparência e odor desagradáveis.

Parecia-se com um abutre e tinha penas desgastadas: um abutre-xamã, um dos batedores de Charsoc.

Jether assentiu.

A boca de Dimnah estava tão aberta que Jether teve de fechá-la fisicamente com a própria mão.

– Dimnah! – rosnou Xacheriel. – Bem, a forma de vida com penas e péssima aparência tinha *isto*: seu “troféu”. – Xacheriel vasculhou os bolsos volumosos e acabou pescando de lá um grande colar de prata e diamantes com o selo das águias reveladoras. Ele o passou para Jether, esfregando cuidadosamente os olhos com um lenço.

– Vespar... – Jether murmurou, atônito.

Xacheriel segurou desajeitadamente os dedos encanecidos de Jether.

– Lamento ser o portador de notícias tão terríveis, meu velho amigo.

Jether desvencilhou os dedos trêmulos da pressão firme de Xacheriel e, depois, virou rapidamente o colar de Vespar. A insígnia escarlate que indicava haver uma missiva com a ave ainda estava no lugar. Jether mirou um ponto além de Xacheriel, as feições congeladas pelo horror. Pois ele sabia, com terrível certeza, que, se Miguel houvesse recebido a missiva, teria substituído prontamente a insígnia escarlate por outra dourada, da Casa Real, indicando ter recebido a comunicação. Era a regra mais simples, seguida por todos os membros das legiões do Primeiro Céu.

– A insígnia está no lugar. – A voz de Jether mal se fez ouvir. – Vespar não chegou até Miguel com a missiva. Por conseguinte, Miguel não recebeu minha instrução para sair do Oriente e acompanhar a criança até Alexandria. – Ele se agarrou na balaustrada para se apoiar, as mãos trêmulas. – O bebê viaja enquanto falamos. E sem proteção.

Jether virou-se para os Anciões, o rosto tão branco quanto um lençol. Eles o fitaram, horrorizados.

– É pior ainda – prosseguiu ele. – Se Lúcifer descobrir a missiva, saberá que vou me encontrar com o rei menino perto de Alexandria com a Sétima Pedra. Deve estar mobilizando os exércitos do inferno agora mesmo, enquanto conversamos. – De súbito, Jether passou a subir correndo as escadas de âmbar com os Anciões logo atrás. – Mandem Sachiel até Miguel. Ele deve ir para o Egito sem demora. – Virou-se para os Anciões na escada. – Não contamos mais com a ajuda do elemento surpresa. Preparem Rafael e nossos exércitos para o ataque. Sairemos ao pôr do sol.

AS HORDAS DO INFERNO

Os imensos e terríveis exércitos do inferno mobilizavam-se nas desoladoras e escaldantes áreas vulcânicas do inferno. Folcador, o temível arquiduque do inferno e melhor general de Lúcifer, um demônio feroz com aparência de anjo e asas de grifo, ia ameaçadora e orgulhosamente em seu carro de guerra negro, liderando cem legiões dos decaídos. Astaroth, grão-duque do inferno, ia pelo ar com seu carro de guerra puxado por vorazes dragões brancos siberianos. Os generais bárbaros – Pruslas, Barbatos e Rashaverak – marchavam por terra, a ameaçadora Horda Sombria atrás deles.

Forneus, o grande e ardiloso marquês do inferno, ia pelo céu sobre o monstruoso e enrodilhado Leviatã, seguido por vinte e nove legiões de demônios-serpente alados com a língua prateada.

As vastas companhias de Magos Cinzentos Sombrios e seus camelos com três corcovas e sem cabeça iam ao lado dos temíveis Reis Feiticeiros de Ishtar, nas costas de lobisomens e dragões. No alto, no céu escarlate e enevoadado do inferno, voavam as Bruxas Demoníacas da Babilônia com um Leviatã, e Hera e os *banshees* das Valquírias seguiam em suas gigantescas serpentes voadoras. Marchando logo atrás ia a grande e macabra companhia de Reis Necromantes, conduzindo seus exércitos de esqueletos vivos.

Belzoc, príncipe bárbaro da Pérsia e comandante de Lúcifer, liderava vinte mil legiões do inferno em carros negros de guerra, puxados pelos formidáveis cavalos infernais de asas escuras.

Lúcifer seguia, ameaçador e altivo, em seu monstruoso carro negro de combate, as rodas de prata dotadas de lâminas serrilhadas. A chama escarlata da bandeira infernal tremulava com orgulho.

Os sinistros Reis Xamãs se apresentaram; atrás deles, marchava a vasta companhia dos Tamborileiros Xamãs encapuzados.

– Exércitos do inferno, eu os saúdo! – gritou Lúcifer. O lento e ameaçador estrondo dos tambores de guerra era ouvido sob sua voz. – Matem o rei usurpador antes que Ele seja selado!

Um rugido terrível, de enregelar o sangue, emanou dos exércitos do inferno quando os líderes do mundo das trevas passaram a rumar para os céus do Egito.



Uma a uma, fendas finas começaram a aparecer nos grandes ídolos do Egito do vasto templo. O tremor foi crescendo com um alarido intenso, e, também uma a uma, as imponentes imagens douradas caíram no chão. Os sacerdotes do templo correram para salvar as próprias vidas, e os ídolos continuaram a tombar até não restar mais nenhum.

Maria abaixou a cabeça e olhou para o bebê adormecido. Estremeceu. Milhares de abutres silenciosos e de aparência sinistra haviam descido na direção deles na última hora, rodeando a caravana e lançando sombras sinistras sobre o deserto.

Aretas mostrou sua preocupação.

– Temos de nos apressar – falou. – Há perigo no vento. – Bateu as rédeas e galopou até a frente da caravana, estranhamente perturbado.



Rafael, esplêndido na armadura cerimonial de combate, passou para a linha de frente dos exércitos do Primeiro Céu em seu carro de guerra de platina, puxado por vinte cavalos alados. Impunha-se alto e imperial o valente general dos exércitos de Jeová na montanha do norte do Primeiro Céu.

À esquerda ia Gabriel em seu traje cerimonial de guerra, seguido pela vasta companhia de reveladores, seus hábeis e ágeis arqueiros em reluzentes armaduras de prata. Os grandes arcos de bronze chegavam ao chão, atrás das cabeças, prontos para atirar.

Acima deles, voava um milhão de batedores reveladores, ocupando a extensão do

céu em largura e comprimento – imensas águias guerreiras de asas brancas do Primeiro Céu, com bicos e garras de ouro, e asas que se estendiam por mais de trinta metros. Os príncipes arcanjos lideravam os batalhões de Miguel. Juhdiel, o Ousado, liderava mil legiões. Uriel, o Destemido, ia à frente em seu enorme carro de prata, liderando quatrocentas legiões com os melhores espadachins do Primeiro Céu, seguido por uma multidão de príncipes guerreiros. Jether e seus vinte e três compatriotas reais, os monarcas angelicais, montavam seus cavalos brancos reais e seguiam em semicírculo, as lanças levantadas.

Gabriel tirou a Espada do Estado da bainha incrustada de joias e a ergueu acima da cabeça.

– Lutamos por Jeová; que a verdade e a justiça possam prevalecer! – gritou. – Protegemos o rei menino!

O ensurdecido alarido dos exércitos do Primeiro Céu ecoou pelos quatro cantos. Jether encaminhou-se para onde Rafael e Gabriel inspecionavam os exércitos celestes. Apertou o braço de Rafael.

– Meus espões me informaram que Lúcifer mandou Belzoc, príncipe da Pérsia, para matar Miguel antes que ele chegue ao bebê. – Jether baixou os olhos. – O depravado campeão do inferno se vingaria de uma antiga querela.

– Miguel derrotou Belzoc uma vez, por causa do hebreu Daniel – declarou Rafael. – Com a força de Jeová, ele vai derrotá-lo novamente.

Jether franziu o cenho.

– Um golpe certo da Espada da Justiça, e Belzoc será banido para o abismo, tendo de aguardar o Julgamento. As eras que você passou como principal comandante de Lúcifer vão ajudá-lo contra as estratégias malignas dele.

Rafael falou em tom duro e ameaçador:

– Depois que Belzoc for morto, a vantagem de Miguel estará na velocidade... Lúcifer não vai estar longe. E ambos são adversários equivalentes.

– Você está com seus guerreiros mais velozes?

Rafael assentiu.

– Minhas legiões mais rápidas me acompanham. – Ele baixou a viseira de ouro. – Que venha o reino do Messias!

Seus vinte cavalos alados e o carro de guerra saíram com estrondo pelo céu lilás, seguidos por cem mil carros de guerra de suas legiões.

Jether os observava, estranhamente abalado. Virou-se para Gabriel e pôs a mão em seu ombro.

– Está preparado para Nakan e suas feitiçarias de necromante?

Gabriel fez um gesto apontando o amuleto pendurado em seu pescoço.

– Bem preparado, meu reverenciado Jether, e ainda com nossas flechas mergulhadas no unguento sagrado da Sexta Cúspide do labirinto.

– O destino da raça dos homens está no resultado dessa missão... – Jether olhou Gabriel nos olhos, em silêncio. Trocaram um aperto de mãos, e Jether o abraçou. – Que Jeová o acompanhe, nobre Gabriel. Valha-se de todas as vantagens contra Lúcifer. Diga a Miguel para me trazer o menino em segurança. Estarei aguardando. – Jether pôs a mão no ombro de Gabriel. – Vou além dos tesouros do granizo, meu caro, até o berço dos universos, recuperar a Sétima Pedra. Aguardo-o em Alexandria.



– Vossa Majestade, Vossa Majestade! – Ayeshe galopou até Aretas, que ia na frente da caravana, o cavalo relinchando aterrorizado. Agarrou o braço do rei com seus dedos bronzeados e ossudos. – O barulho, senhor; ele assusta os camelos!

Aretas assentiu; os servos reais trocaram olhares inquietos.

– Fique no meu lugar, Ayeshe.

Aretas agitou as rédeas do seu cavalo e galopou até o final da caravana. Virou o cavalo árabe e inspecionou a vastidão do deserto. Ouvia o rumor do tropel de cavalos atrás dele, mas o deserto estava vazio. Plano. Uma ampla planície que se estendia ao infinito. E foi então que os fios de cabelo da sua nuca se eriçaram ao ver a areia do deserto, a uns cinco quilômetros dele, sendo erguida por patas e sombras de um grande exército a cavalo, aproximando-se da caravana.

A fila de cavalos e camelos passou a se deslocar mais depressa, e as montarias árabes relinchavam de temor.

Agora, um segundo tropel podia ser ouvido do lado oposto do deserto. Os cavalos brancos da caravana estavam visivelmente em pânico, e os condutores dos camelos se esforçavam para manter os animais sob controle. José e Ayeshe, arrepiados de medo, observavam a planície do deserto e duas ondas de areia convergindo para a caravana. Aretas galopou até o ponto em que José cavalgava com Maria e o bebê.

– Alguma magia estranha está em ação por aqui – gritou. – Cerquem o rei menino!

No mesmo instante, a guarda real de Aretas cercou Maria e o bebê adormecido.

– A toda velocidade – ordenou o rei. – Apressem-se! – Ele se aproximou de Maria e observou o bebê com atenção. Jesus dormia pacificamente.



Belzoc e suas hordas ferozes se aproximaram depressa, vindos do oeste, ganhando terreno sobre a caravana, que agora ia a galope. De súbito, um pequeno grupo com trajes brancos apareceu diante deles no horizonte oriental: Miguel e sua companhia solitária de guerreiros avançavam para a caravana, vindos do leste.

Miguel encontrava-se ereto e altivo em seu carro flamejante, puxado por vinte cavalos-serafins alados, voando a cinco quilômetros acima da árida planície do deserto e liderando cem guerreiros angelicais montados em cavalos brancos.

Belzoc puxou as rédeas com brutalidade, detendo as malignas montarias negras na planície do deserto e orientando o monstruoso carro de guerra preto do inferno para receber Miguel frente a frente. Defrontaram-se na areia ardente, a menos de um corpo de distância.

– Belzoc, príncipe da Pérsia – berrou Miguel –, prepare-se para a guerra!

Belzoc olhou com deleite para as areias vazias que se estendiam por quilômetros a fio atrás de Miguel, voltando-se em seguida para as centenas de milhares de legiões angelicais persas com suas armaduras negras atrás dele.

– Miguel, príncipe-chefe de Israel... seus exércitos chegaram com atraso! – Belzoc cuspiu, sorrindo ameaçadoramente para Miguel, e depois girou com fúria a espada negra de um metro e oitenta no ar. – Prepare-se para morrer!

De imediato, as hordas selvagens gritaram, sedentas de sangue, e cavalgaram na direção dos guerreiros angelicais de Miguel. Milhares de hordas selvagens das trevas lançaram uma saraivada de golpes sobre os soldados do Primeiro Céu, que lutavam com ferocidade, espada contra espada.

Os carros de Miguel e de Belzoc trovejavam sobre a areia rumo à caravana, as rodas flamejantes soltando faíscas umas contra as outras enquanto corriam lado a lado.

– Seu manejo da espada ficou brando, Miguel, desde nosso último confronto pelo hebreu Daniel – gritou Belzoc, provocando-o. Ele afastou as tranças imundas do rosto. Cobertas de poeira, caíam abaixo das coxas musculosas.

– Você nunca me perdoou por ter derrotado você na frente dos seus exércitos, Belzoc! – berrou Miguel.

Faíscas e rebites voavam das rodas dos carros dos príncipes, os cavalos próximos do esgotamento, enquanto a violenta batalha era travada ao redor deles.

– Dessa vez você vai pagar com a vida, príncipe-chefe da Casa Real de Jeová. Vou exhibir sua cabeça nos portões do Hades. – Belzoc cuspiu no chão e limpou a boca com o braço sujo.

– Em nome do ocaso das onze luas, você será banido para a prisão do Tártaro! – berrou Miguel, sem tirar os olhos de Belzoc. Ele acompanhou o olhar do inimigo, que observava Maria e o bebê adormecido a distância.

Miguel ficou imóvel, todos os sentidos em alerta, o olhar fixo em Belzoc. Este moveu-se subitamente e, com sua imensa força, saltou do próprio carro para o de Miguel, manejando a espada no ar rumo ao pescoço do príncipe angelical. Miguel evitou habilmente o golpe e investiu com a espada contra o peito de Belzoc, pegando-o desprevenido e derrubando-o, sem fôlego, no piso do carro. Enfurecido, o

príncipe demoníaco atacou Miguel com selvageria. Belzoc desferiu um golpe, e Miguel contra-atacou. Belzoc se levantou, olhando-o de soslaio. O clamor das espadas ecoava pelo deserto, e o carro seguia em frente com fúria.

– Vou dar a carne tenra de Christos aos cães selvagens que vivem nestas montanhas... – riu-se Belzoc com desdém. Então, enfiou a espada na coxa de Miguel e puxou-a com violência, enquanto centenas de dentes curvos rasgavam-lhe a carne.

O príncipe angelical caiu de joelhos no piso do carro em completa agonia.

– Minha última invenção. Corta até os ossos – riu-se Belzoc com lascívia. – Vou despedaçar Christos, membro a membro. – O suor escorria do rosto de Miguel. Irritado, ele tentou ficar em pé, mas caiu novamente, tomado por uma dor lancinante.

Belzoc empurrou-o para o chão e se levantou ao lado dele, em triunfo.

– Hoje, Miguel, é você quem vai para o abismo!

O príncipe das trevas fez menção de erguer a espada sobre o pescoço de Miguel, mas depois virou a cabeça para acompanhar o olhar do oponente até os carros de guerra de Rafael, que voavam acima deles e agora se faziam visíveis no horizonte. Nesse instante, Miguel agarrou as tranças negras de Belzoc, que pendiam ao lado de suas coxas, e enrolou-as com pressão férrea, puxando selvagemente a cabeça do inimigo para o chão do carro. Com sua extrema força, passou a espada pelo pescoço de Belzoc e o atravessou com precisão, decepando a cabeça do corpo. O sangue escuro e grosso jorrou de duas fontes.

– Até o dia do grande Julgamento! – Miguel chutou o corpo para fora do carro. A cabeça de Belzoc desapareceu. Depois, seu corpo a acompanhou, sumindo rumo ao abismo.

– Que venha o reino do Messias – berrou Miguel, saudando com austeridade Rafael, que o sobrevoava.



Jether dirigiu-se à cúspide das ordenações do céu e dos tesouros do granizo, as ondas brancas luminosas e ardentes do sétimo oceano de sabedoria explodindo sob ele, na extremidade do berço dos universos, enquanto o manto branco flutuava ao sabor da tempestade, a longa barba e os cabelos brancos esvoaçantes sob as intensas chuvas de granizo. Seu rosto ardia em êxtase. A mão venosa segurava uma safira azul incandescente do tamanho de um ovo de pata. Em seu epicentro, tremulava uma intensa chama carmim – a Sétima Pedra de Fogo.

Jether revistou o manto e encontrou o amuleto de prata. Abriu a caixa, colocou a Pedra de Fogo dentro dele e travou o fecho, pendurando-o ao pescoço na corrente de prata. Montado em seu cavalo de asas brancas, cavalgou através dos colossais relâmpagos de granizo rumo a Alexandria.

Miguel manobrou o enorme carro de guerra para acompanhar a caravana que conduzia o rei menino e ia desaparecendo no deserto, mas depois voltou-se para o oeste. Cavalgando na direção dele, com seus cavalos alados sem cabeça, vinham as legiões dos sinistros Reis Feiticeiros Necromantes do Oriente, acompanhadas por grandes exércitos de esqueletos vivos. Eram os mais sujos, depravados e temidos dentre os exércitos de Lúcifer, com seus feitiços vis e poderosos. Ele sabia muito bem disso. E estava no caminho deles.

Vislumbrou Gabriel à esquerda com o canto do olho, voando pelo céu em sua direção com cem legiões de arqueiros. O único meio de destruir o poder de um Rei Necromante era uma flecha de prata mergulhada no unguento sagrado do incensório do altar branco, localizado na Sexta Cúspide do labirinto, visando o coração. Miguel também sabia disso.

– Vamos comê-lo vivo, príncipe Miguel! – gritou Nakan, iníquo Rei Feiticeiro do Oriente, quando seu cavalo sem cabeça emparelhou com o carro de guerra de Miguel. Este sentiu uma dor aguda e agarrou o próprio pulso. Uma minúscula flecha de prata havia penetrado em sua pele. Olhou para ela, aterrorizado: veneno necromante. – Primeiro, vou arrancar a pele do seu tronco – silvou Nakan, a voz corrompida e gorgolejante reverberando estranhamente na cabeça de Miguel enquanto a magia demoníaca começava a fazer efeito. O príncipe-chefe tentou, com gestos desajeitados, arrancar a ponta da flecha envenenada. – Depois, vou bebericar seu sangue azul, espesso e pastoso, em meu cálice.

Nakan exibiu um cálice dourado na mão esquerda. O suor escorria das têmporas de Miguel para as faces, enquanto as pálpebras ficavam pesadas... pesadas demais. Nakan sorriu, lenta e malignamente.

– Depois que suas pálpebras se fecharem, meu belo Miguel – prosseguiu, silvando –, você terá apenas cinco segundos antes de rumar para o abismo.

De súbito, ouviu-se uma batida seca. Nakan olhou incrédulo para o próprio peito; um segundo depois, sua cabeça se transformou em vapor verde diante dos olhos de Miguel. Outras mil flechas encontraram seu alvo nos integrantes horrorizados da legião necromante.

Gabriel voou como um relâmpago na direção do carro, o olhar fixo em Miguel, que enfraquecia rapidamente, agora caído no piso do carro de guerra.

As grandes asas de serafim bateram com força atrás de Gabriel, que se ergueu pelo céu e pousou diretamente no carro de Miguel. Ele ergueu a cabeça do irmão no momento em que as pálpebras dele se fecharam.

Gabriel segurou a pequena ponta da flecha que estava no pulso de Miguel e a

arrancou de sua carne, forçando as pálpebras do irmão a se manterem abertas com a outra mão. No mesmo instante, o efeito da magia demoníaca de Nakan começou a desaparecer dos membros de Miguel. Gabriel respirou, aliviado, afastando com suavidade os grossos e suados cabelos loiros das têmporas do príncipe angelical. Recuperando-se, Miguel sorriu sem muito vigor e saudou o irmão, ainda deitado no piso do carro.

– Sua barba está bem-feita! – comentou, olhando depois com gravidade para um ponto atrás de Gabriel. Este se virou para acompanhar o olhar de Miguel.

Rakkon, Jatir e Obadiah, liderados por um exultante Xacheriel em seu cavalo alado branco, lançavam centenas de bolas de canhão de ferro na direção de Hera e suas Bruxas Demoníacas voadoras. Logo abaixo dos aprendizes, um grupo de lobisomens demoníacos, com baba escorrendo da boca, corria rumo a Xacheriel, que gesticulava de modo dramático. Xacheriel, piedosamente alheio ao perigo iminente, repreendia Jatir pelos cálculos incorretos das coordenadas. Gabriel fez um gesto para Miguel e voou com estrondo pelo céu, dirigindo-se ao ancião. Miguel se pôs de pé e tomou as rédeas dos seus cavalos. Olhou para trás e observou a vasta Horda Sombria, liderada por Dagon, voando no horizonte em direção aos batalhões de Rafael e Uriel. Com agilidade, soltou o principal cavalo do seu carro e montou-o com um salto, galopando pelo deserto rumo à caravana que se afastava.

Foi então que o sangue de Miguel enregelou, pois sentiu um mal-estar terrível, uma presença malévola. Virou-se.

Atrás dele, a apenas três corpos de distância, galopando em seu monstruoso cavalo alado, a espada erguida, bem como as seis asas negras de serafim estendidas, vinha em disparada o próprio rei do inferno: Lúcifer... e acompanhado pelos treze Reis Feiticeiros do Ocidente.

ALEXANDRIA

A caravana atravessou as planícies ardentes do deserto, e os antigos muros de granito do Mosteiro dos Arcanjos foram se tornando visíveis no horizonte distante. Os muros tinham trinta e cinco metros de altura e três de espessura, escavados na enorme montanha atrás da fortaleza do mosteiro.

Maria olhou para a formidável construção de pedra e, depois, com ar intrigado, virou-se para Aretas, que lhe deu um sorriso gentil.

– O Mosteiro dos Arcanjos – falou. – Ele estará seguro lá.



Miguel e Lúcifer cavalgavam em pelo os respectivos cavalos, pescoço a pescoço, através do deserto. Acima deles, voavam os treze Reis Feiticeiros do Ocidente, montados no monstruoso Leviatã de asas escuras, todos se dirigindo ao Mosteiro dos Arcanjos.

– Ainda hei de mandá-lo para o abismo, meu irmão Miguel. – Lúcifer enfiou uma adaga com fúria na coxa machucada de Miguel, abrindo o ferimento. Miguel agarrou a perna em agonia, enfurecido, o sangue jorrando sobre a palma da mão e escorrendo pela coxa. – Mas vim em busca de um prêmio maior que você, meu irmão. Vim pelo

troféu supremo... – cuspiu Lúcifer.

Miguel agarrou sua baioneta com a mão livre.

– Seu troféu supremo o aguarda, meu irmão... – Miguel enfiou brutalmente a baioneta no ombro direito de Lúcifer. – No Lago de Fogo! – gritou o príncipe angelical.

A baioneta acertou no alvo, rasgando com selvageria a carne de Lúcifer. Este soltou um grito de agonia e, olhando para Miguel com um olhar venenoso, ergueu a adaga com a mão esquerda. Com um último e desesperado golpe, rasgou brutalmente a perna de Miguel da coxa ao joelho, jogando-o com violência sobre as areias do deserto.

Um sorriso sádico de triunfo se espalhou pelo rosto de Lúcifer enquanto sobrevoava o irmão ferido, juntando-se aos Reis Feiticeiros. Miguel se ajoelhou, o sangue escorrendo pela areia, mas conseguiu se levantar, agoniado, e montou novamente em seu cavalo. A distância, pôde ver a caravana se aproximando dos portões do mosteiro.



A caravana se reuniu do lado de fora dos formidáveis portões negros de ferro do Mosteiro dos Arcanjos. No alto da entrada, havia uma frase entalhada em caracteres árabes dourados. Os altos portões abriram-se devagar para revelar dez sacerdotes da antiga casta dos Arcanjos, trajados com batinas simples e que os aguardavam à entrada. A grande caravana começou a passar pelos altos portões de ferro.

Jether virou-se para observar o deserto.

Lúcifer e seu cavalo estavam em disparada pelas areias, aproximando-se de onde Jether estava. Acima dele, os treze temíveis Reis Feiticeiros do Ocidente voavam pelo céu, as longas capas pretas ondulantes, a pele de uma palidez esverdeada, semelhante a um pergaminho, e o nariz em gancho visível sob o capuz carmim, cada um montado em seu monstruoso Leviatã escamoso de asas escuras. Chamas vermelhas escaldantes irrompiam das enormes mandíbulas dos monstros, e as poderosas asas negras de serafim, com trama de rede, agitavam-se no ar em um frenesi.

Jether foi até Maria, cuja atenção estava toda voltada para o bebê aninhado em seus braços. Ele tirou o menino da mãe sem desgrudar os olhos de Lúcifer e dos Reis Feiticeiros que vinham pelo deserto. Puxou do pescoço o amuleto de prata, abriu o fecho e expôs a Sétima Pedra. Propositalmente, ergueu-a na direção do Leviatã que se aproximava.

Violentos raios vermelhos irradiaram da pedra rumo aos colossais monstros alados, atingindo os olhos amarelos flamejantes. O grupo de Leviatãs berrou em

uníssono, um grito agudo e fantasmagórico de gelar o sangue. Uma fumaça negra e quente saiu da narina deles, e, uma a uma, as criaturas caíram no chão como chumbo, lançando violentamente os Reis Feiticeiros sobre a areia do deserto.

– Nããã! – gritou Lúcifer, açoitando selvagememente seu cavalo com o chicote de nove pontas metálicas, tirando sangue dele. A montaria estendeu as asas negras e se elevou no céu sobre as grandes palmeiras da estrada do mosteiro, rumando diretamente para Jether.

Jether tinha a Pedra de Fogo nas mãos, sem que os olhos, duros como ferro, desgrudassem de Lúcifer. A Pedra de Fogo azul reluziu, e o fogo vermelho em seu centro brilhou intensamente através da safira.

– O selo! – berrou Lúcifer, fincando as esporas pontiagudas nos flancos do cavalo.

Jether fez uma estranha marca de cruz na testa do bebê com a Pedra de Fogo azul, e, no mesmo instante, um raio incandescente e brilhante formou-se entre a safira e a testa de Christos. O fogo da presença de Jeová. Aretas e os monges caíram prostrados.

Então, ergueram-se monstruosas chamas iridescentes com quilômetros de altura, envolvendo os muros do mosteiro e formando uma feroz tempestade de fogo que explodiu pelo céu, abrangendo os exércitos celestes e fazendo com que Lúcifer caísse de sua montaria alada e se lançasse sobre o chão do deserto. Miguel voou pelo céu em seu cavalo observando a cena, os ferimentos graves curados com rapidez pelo fogo ardente.

Lúcifer ficou arfando, sem fôlego, tremendo de terror, enquanto protegia os olhos da tórrida conflagração de luz, a pele queimando no inferno impiedoso e escaldante. Os gritos frenéticos dos reis guerreiros se misturavam aos berros enlouquecidos dos exércitos decaídos e arruinados de Lúcifer, ecoando pelo céu do Egito.

Com um tremor intenso, os portões se fecharam.



Miguel escrevia sobre uma antiga escrivaninha de madeira no quarto do mosteiro. Trajava uma túnica branca simples; a armadura dourada estava pendurada perto da janela da clausura. À direita, havia uma missiva aberta portando o selo negro de Perdição. Nela, Miguel escreveu: “Sim, Ele está em segurança. Fugiu para o Egito, escondido seguramente no colo dela. Cresce em estatura e gentileza, tanto com Jeová quanto com o homem”.

Olhou pela janela e viu o menino brincando no telhado do mosteiro, sob o olhar vigilante de Maria. Miguel molhou a pena no tinteiro. “Ele porta o selo. Você não pode tocá-Lo, Lúcifer; não enquanto Christos não Se puser em suas mãos...”



Do pórtico do Palácio Negro, Lúcifer observava a Terra a distância. Amassou a missiva de Miguel na mão.

– Não importa, Miguel. – Inspirou profundamente, o olhar venenoso reluzindo. – Vou esperar.



E, assim, Christos tornou-se membro da raça dos homens.

Selado pela Sétima Pedra, protegido da fúria descontrolada de Lúcifer e dos esquemas assassinos de Herodes, passou seus dias e suas noites abrigado sob o céu egípcio no Mosteiro dos Arcanjos, em Alexandria. E Miguel, eu e Jether, chefe dos Vinte e Quatro Anciões celestes, cuidamos Dele.

Do Grande Rei do Céu.

MOSTEIRO DOS ARCANJOS
DEPOIS DE 1 D.C.

O garoto estava sentado na cúpula do teto do mosteiro, iluminado pela lua e entalhando com atenção um pedaço de madeira. Os dedos ainda exibiam a maciez e a suavidade da primeira infância, mas Seus movimentos eram hábeis e seguros. Os longos cabelos escuros enrolavam-se em cachos ao redor do rosto terno. Os olhos dançavam, inconstantes como os matizes cambiantes do Mediterrâneo. Miguel e Gabriel estavam na outra extremidade do telhado, observando-O cantar suavemente para si mesmo.

– Está quase na hora – disse Miguel.

Gabriel assentiu, compenetrado.

– José está sentindo isso. Vou encontrá-lo ao nascer do sol.

– Aretas estará aqui de manhã.

Miguel viu Jesus caminhando da cúpula até a extremidade do teto do mosteiro, as belas feições banhadas pelo luar. Ele fechou os olhos e ergueu Seus braços para o céu noturno. Uma luz sobrenatural envolveu-O e Seu rosto brilhou como cobre polido.

Gabriel observou a cena, encantado.

– Está conversando com Jeová.

A seus pés, Miguel viu a plaina, o malho, a linha de medição, o giz e diversos

entalhes de madeira esparramados pelo telhado plano. Ele se ajoelhou e pegou os belos objetos entalhados um a um: um peixe, uma xícara... deteve-se diante de uma estranha cruz, olhando para Gabriel, tomado por uma emoção pouco comum.

– Eu a vi em minhas visões em eras passadas – falou Gabriel, baixando a cabeça –, e agora a tenho visto novamente, já faz várias noites.

– Eu também a tenho visto – sussurrou Miguel. – Depois do banimento de Lúcifer, aventurei-me pela Montanha Sagrada, até a Sétima Câmara. Foi lá que a vi. – Ele segurou a cruz com força. – Farão coisas terríveis com Ele. Não posso permitir que seja ferido!

Com muita suavidade, Gabriel tirou a cruz da sua mão; não permitiria que Miguel divagasse.

– A pena PRECISA ser cumprida – falou.

Miguel se virou, irritado, e viu Jesus observando-o com uma tristeza terrível no olhar. O menino fechou os olhos como se sentisse uma grande dor.

Não, meu feroz e nobre Miguel; largue essa espada. As palavras de Christos, ditas na Sétima Câmara eras antes, ecoaram estranhamente em seus ouvidos. Ainda sofrerei muito nas mãos da raça dos homens. Mas que uma coisa o console nas luas que se seguirão: são ferimentos do amor.

Miguel ficou olhando o menino; depois, trêmulo, agarrou de novo a cruz de madeira. Jesus esticou Sua mãozinha e a tirou da mão forte e musculosa do arcanjo. Miguel se pôs a chorar.



O rei Aretas caminhou pelo pátio do Mosteiro dos Arcanjos, seguido de perto pelos mordomos reais, por Jotapa e suas preceptoras. O rei pousou a mão sobre o ombro de José.

– Você tem comida e água para a viagem toda. Preciso cuidar de alguns assuntos prementes. – Fez um gesto na direção do mosteiro. – Ao pôr do sol, vou alcançá-los e acompanhá-los pessoalmente com minha guarda real até a fronteira da Judeia. Herodes morreu, mas seu filho, Arquelau, ainda representa perigo. Preparamos uma casa segura em Nazaré para vocês. O menino estará a salvo lá por algum tempo.

José apertou a mão de Aretas.

– Somos muito gratos, Vossa Majestade. À Casa Real de Aretas... – José interrompeu a frase, e Aretas acompanhou seu olhar até Jotapa e Jesus, que se observavam com extrema curiosidade.

Do centro da pequena caravana, Maria observava ambas as crianças com ternura. Jotapa fez uma reverência, e os cachos escuros e sedosos de seu cabelo caíram-lhe sobre o rosto. O jovem Jesus sorriu e, com os dedos desajeitados de um menino,

afastou os cabelos dela dos olhos. Divertido, Aretas observou quando Jotapa riu-se, envergonhada, e correu na direção do pai.

Ela se voltou para olhar Jesus, como se o provocasse ao se afastar, mas tropeçou no próprio vestido. Sua mão caiu sobre uma pedra afiada, que lhe furou a palma. Jotapa viu o sangue escorrer do ferimento profundo e passou a gritar histericamente. Aretas aproximou-se correndo e levou a menina instantaneamente ao peito, o sangue da palma da mão escorrendo por seu manto. Jesus se dirigiu a eles com uma expressão séria. Estendeu a mão e colocou-a suavemente sobre a palma da mão de Jotapa. No mesmo instante, o sangue secou. Aretas franziu o cenho. Jotapa ficou quieta de imediato, observando a palma da mão, antes ferida, cicatrizar, até que do corte restou apenas uma mínima linha.

Aretas examinou a mão, intrigado, enquanto Jotapa aninhava a cabeça em seu peito. O rei meneou a cabeça, tornou a observar a mão da filha e, alisando seus cabelos, deu-lhe um beijo vigoroso em cada face e a entregou a uma babá. No mesmo instante, a jovem princesa começou a gritar, dessa vez num ataque de nervos, batendo com os punhos no peito da serva. Jesus a observou, divertindo-se com a cena.

Aretas permaneceu encarando a filha com seriedade enquanto a babá a levava, ainda aos berros, pelas portas do mosteiro; depois, foi até Jesus e se ajoelhou sobre uma das pernas, pegando a mão do menino.

– Obrigado – murmurou. – Jesus ficou em silêncio. Solene. – Agora você vai ficar em segurança. – Aretas fitou com ternura os olhos do menino.

Jesus assentiu, Seu olhar firme sobre Aretas. Ele revirou as dobras de Sua túnica e tirou a cruz de madeira perfeitamente entalhada. Colocou-a com os dedos rechonchudos entre os dedos fortes e bronzeados de Aretas, e depois apontou para ele.

– Rei Aretas... – em seguida, apontou para Si mesmo – ... amigo de Jesus.

Aretas apertou o garoto de três anos contra o peito, os olhos fechados por um breve instante, tomado por uma emoção pouco comum. Depois, ergueu Jesus e colocou-O na frente de Maria sobre o cavalo branco real. Fez um gesto para Ayeshe.

– Vamos! – comandou Ayeshe, e a caravana, em harmonia, pôs-se em marcha pelos portões do mosteiro.

Jether aproximou-se lentamente de Aretas. Pôs a mão com gentileza em seu ombro.

– Que os deuses O protejam – murmurou Aretas. Ele apertou com força a pequena cruz de madeira. Ficaram em silêncio, observando a caravana que começava a atravessar o vasto deserto egípcio.

Jether voltou-se para os sacerdotes do pátio.

– Selem os portões do mosteiro! – gritou. – Até a época do Seu grande retorno.



E, assim, o rei menino chegou a Nazaré, onde Sua infância se passou em uma das centenas de casas de pedra branca e teto achatado que reluziam ao sol, aninhadas nas ruas estreitas e empoeiradas da pequena cidade oriental.

As manhãs eram passadas na companhia de Seu pai; Ele era o ajudante de José, cada vez mais hábil em Sua vocação como artesão no ofício de carpinteiro, aprendendo com diligência como construir casas, arados e cangas, trabalhando com pedra e madeira. De vez em quando, animado pela excitação, Ele acompanhava José e Seus primos mais velhos em caminhadas pelas ruas empoeiradas, para se juntar aos grupos de trabalho na fervilhante metrópole urbana de Séforis, o novo e ambicioso projeto de construções de Herodes Antipas.

Mas boa parte da infância foi ocupada com as tardes ensolaradas, simples e deslumbrantes da Galileia, tomadas pelo riso alegre e pueril com Seu pequeno grupo de amigos, que corria pelos campos cor de esmeralda, repletos de flores selvagens, laranjeiras e romãzeiras.

E Suas noites eram passadas no telhado da pequena casa de pedra ou perambulando pelas colinas prateadas da Galileia à luz das estrelas do Oriente, em comunhão com Seu Pai, Jeová.

E assim o menino sagrado cresceu, ficando cada vez mais forte de espírito, maior em sabedoria e estatura, e sob as graças de Deus e do homem.

Preparava Seu coração...

Preparava Sua mente...

Preparava Sua alma...

... preparava-se para o confronto no deserto com Seu adversário: o príncipe dos condenados.

MEGÍDDO

4 D. C.

Aproximava-se o crepúsculo. Jesus, com seus oito anos, parou para recuperar o fôlego, observando as colinas da Galileia ao norte e o majestoso Monte Hermon com seu cume nevado. Em seguida, desviou o olhar para o oeste, onde se erguia o magnífico Monte Carmel, todo púrpura, além do qual se via a orla de areia prateada do Grande Mar.

A leste, ficavam Tabor e as intermináveis caravanas exóticas da Arábia, da África e da Índia, percorrendo as fervilhantes rotas orientais das especiarias que uniam o Egito à Síria.

Mas foi a grande planície ao sul que chamou mais a atenção do menino.

Ele subiu pelas pedras, as encostas rochosas da cadeia de montanhas de Nazaré, Seus olhos tomados por um fervor ardente, alheios ao tapete de flores ricamente coloridas e às pedras afiadas sob os pés, Sua atenção fixa no monstruoso e magnífico vale que se espalhava diante Dele.

Por fim, deteve-se, recuperando o fôlego após chegar ao cume da encosta oriental, a brisa suave agitando seus cachos longos e escuros, os pés descalços mergulhados nas flores da montanha e no tomilho sob Ele. O olhar estava fixo.

Fixo sobre o grande campo de batalha de Israel... Esdraelon, o Vale de Jezreel. Armagedom.

A distância, do outro lado do vale fértil, encontravam-se duas figuras imperiais: Miguel e Gabriel.

– Ele está vendo o futuro – sussurrou Gabriel. – A guerra final...

– Armagedom.

Jesus contemplou as grandes planícies diante Dele, agora tomadas por uma imensa multidão, com todas as nações representadas no violento e sangrento panorama à frente: soldados chineses, árabes, europeus, norte-americanos, africanos, australianos, seus gritos de combate sedentos de sangue misturados a lamentações e à agonia dos moribundos. O Príncipe da Paz observou, pálido e calado, o Filho de Perdição e os grandes reis da Terra reunidos com seus exércitos, uma grande e terrível multidão com mais de duzentos milhões de soldados... esperando...

Enormes pedras de granizo caíam do céu sobre os militares aterrorizados. As colossais placas tectônicas da Terra se deslocavam, e as montanhas estremeciam com o colapso, sendo arrasadas – os Alpes, o Himalaia, os Andes, todos derretendo como cera. Mil torvelinhos, imensos, terríveis, erguiam-se ao sul, fundindo-se com os colossais e frenéticos furacões de grau cinco, que sopravam das costas leste e oeste da América do Norte. Monções açoitavam a todos, vindas do Extremo Oriente. Tsunamis irrompiam de mares em fúria, e agora a lua ficava cor de sangue no céu.

E então Ele viu o exército de duzentos milhões de soldados, a carne dos homens literalmente apodrecendo, os olhos dos soldados desintegrando-se nas órbitas, as línguas derretendo na boca e o Vale de Jezreel tornando-se uma cuba de vinho, o sangue erguendo-se até os bridões dos cavalos.

Jesus baixou a cabeça.

No mesmo instante, a horrível cena diante deles desapareceu, e Miguel e Gabriel sumiram.

Jesus segurou a cabeça entre as mãos, a respiração entrecortada, depois levantou-a e contemplou novamente as planícies férteis, cor de esmeralda, do vale, agora tranquilas.

– Mas nos últimos tempos fará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, a Galileia dos gentios – sussurrou. – O povo que andava em trevas viu uma grande luz...

Ele olhou para o céu azul sem nuvens, para os bandos de pelicanos com sutis linhas rosadas e as cegonhas de bico amarelo que voavam sobre ele, batendo asas na direção do Lago da Galileia.

Um estranho aroma de olíbano preencheu o ar. Jesus se virou.

Ali, a alguns passos Dele, no cume oriental, estava Lúcifer, estudando o menino de oito anos... seu adversário.

– Por que está no meu planeta, Nazareno? – Sua voz era suave, mas os olhos azuis e ardentes emanavam aversão. Aproximou-se de Jesus. – O que Você deseja?

– A voz dele era baixa, hipnótica. Lúcifer passou a andar em círculos ao redor do menino. – Quando o selo da Sétima Pedra for levantado, vai conhecer minha vingança. – Um leve sorriso se esboçou em seus lábios. – Você vai sofrer muito, Nazareno, longe Dele.

Dito isso, ele partiu.

Nada se movia, exceto a suave brisa da montanha que agitava os cachos de Jesus, vestígios do aroma de olíbano ainda pairando no ar.

A REUNIÃO VINTE E DOIS ANOS DEPOIS

Jether estava no alto da Torre dos Ventos, o retiro dos Anciões de maior confiança de Jeová, que formavam o Supremo Conselho do Céu. Os trajes cerimoniais fúcsia esvoaçavam sob a tempestade angelical azul. A cabeça coroada estava abaixada, e os lábios moviam-se fervorosamente em súplicas.

Miguel e Gabriel caminharam pelos jardins exuberantes em sua direção, seguidos de perto por Obadiah, Tirzah e outros sete aprendizes, que levavam pilhas de volumes e os ordenavam sobre a grande mesa redonda dourada, cercada por doze tronos de jacinto.

– Seu pedido de acesso foi concedido? – Gabriel apoiou a espada nas ameias.

Jether assentiu.

– Os códigos do Julgamento Branco exigem a presença de Lúcifer, para que ele acompanhe a leitura dos fundamentos relativos a Jesus de Nazaré. Jeová permitiu a entrada de Lúcifer no Primeiro Céu para esta reunião. A lei eterna não pode ser revogada.

Jether encaminhou-se à mesa dourada, onde os zéfiros angelicais da sabedoria e da revelação sopravam em eternos ciclones, e sentou-se pesadamente em um dos tronos de jacinto. No mesmo instante, os zéfiros se acalmaram, tornando-se uma leve brisa.

– As condições impostas pelos códigos do Julgamento Branco afetam o tempo que Christos passará na Terra. Elas devem ser testemunhadas por todas as partes angelicais, por nós mesmos e também por nossos compatriotas decaídos...

Jether parou no meio da frase, e de súbito seu olhar se concentrou num grão de prata voando sobre o arco-íris que rodeava majestosamente os Mares de Zamar.

Gabriel foi até as ameias e observou o céu sobre as areias peroladas.

– É o carro dele.

Jether assentiu com gravidade, sem jamais desviar o olhar do grão de prata.

Miguel franziu a testa.

– É claro que ele não terá acesso a todo o planeta do Primeiro Céu, não é?

Jether meneou a cabeça.

– Não. Ficará confinado à Torre dos Ventos durante sua permanência, mas mesmo assim precisamos preparar nossa mente... – virou-se e fixou o olhar em Miguel e Gabriel – ... e nossa alma. Aqui, ele está em solo sagrado, portanto vai aparecer na sua forma anterior. Lembrem-se: ele não sofrerá efeitos maléficos pela presença de Jeová, uma vez que foi convocado por Ele próprio ao cumprimento da lei eterna.

Jether fitou os dois irmãos com seriedade antes de prosseguir:

– Hoje, ele estará tão encantador quanto nos tempos em que foi príncipe regente, seu trono abaixo apenas do de Jeová. A alma dele também parecerá ter recobrado a beleza original. Mas não se esqueçam, meus príncipes, de que é apenas uma máscara, não mais que uma fachada de curta duração. Seus feitiços são profundos.

O rumor, antes distante, foi aumentando à medida que o magnífico carro de Lúcifer ficou visível através da aurora e do arco-íris, voando pelos feixes de raios, puxado por oito dos seus melhores cavalos alados, as crinas brancas reluzentes entremeadas com platina.

O carro pousou nos belos gramados do alto da Torre dos Ventos, as grandes rodas de platina marcando a grama bem tratada e abrindo sulcos profundos e rudimentares na turfa. No mesmo instante, a grama tornou a crescer, cobrindo as marcas.

Lúcifer saiu do carro. Ajoelhou-se perto de uma das enormes rodas com os olhos iluminados pelo encanto, e acariciou as exuberantes folhas novas de grama com os dedos longos. Meneou a cabeça, fascinado, aparentemente hipnotizado pelas folhas que brotavam e se desenvolviam.

Miguel postou-se diante de Lúcifer, os braços cruzados, observando-o com atenção.

– O céu! – declarou o irmão decaído. – Não há decomposição... não há decadência... – Levantou-se, exibindo seus dois metros e setenta. – Não há morte! – Virou-se e ofertou a Miguel toda a intensidade do seu olhar. – Nossa, Miguel, que maravilhas tenho perdido no meu próprio e atrofiado planeta. – Deu-lhe, então, um dos seus velhos e magníficos sorrisos.

Miguel o estudou, indo contra seu melhor juízo. No último encontro, as feições de Lúcifer estavam retorcidas e desfiguradas, mas hoje, tal como no passado, ele estava magnânimo em sua beleza: a testa ampla e o nariz nobre e reto, os olhos azuis espaçados e impressionantes, a boca passional e carnuda. Estava tão esplêndido quanto antes do banimento. Imperial. Uma presença contundente. Miguel desviou os olhos do olhar do irmão. Sabia muito bem que Lúcifer lia sua alma.

– Veja só, Miguel, tudo está como era antes! – Lúcifer sorriu, um sorriso suave e indulgente. – Nada mudou.

– *Tudo* mudou, Lúcifer – replicou Miguel.

Lúcifer jogou a cabeça para trás e riu alto. A risada ecoou pelos jardins enquanto ele se aproximava de Miguel.

– Não, Miguel, *nada* mudou, pois você ainda é solene. – Envolveu Miguel num caloroso abraço, beijando-o nas duas faces. Miguel se manteve frio e deu um passo para trás. – E Gabriel... – Lúcifer estudou o irmão mais novo e depois se dirigiu às fontes de safira, as águas escorrendo como mercúrio azul reluzente. Pegou um cálice para recolher o elixir. – Ah – sorveu um delicado gole. – Amora silvestre e groselha-branca! – Virou-se para Gabriel e sorriu magnificamente, como nos velhos tempos. – Ainda sente vergonha de mim?

Gabriel afastou os olhos do olhar magnético de Lúcifer.

– Você conhece meus pensamentos, Lúcifer. Eles não mudam, não importa o disfarce que tenha escolhido para hoje. Sua beleza exterior não chega até sua alma.

Lúcifer deu de ombros, irônico.

– Ah, todo esse tempo que você passa com Miguel deixou-o solene demais também. – Arrancou uma fruta prateada da grande árvore copada, adornada por milhares de flores brancas e delicadas, e a aproximou da boca, saboreando-a. – Morango e caqui. – Fechou os olhos, enlevado. – Com um toque de coalho!

Lúcifer inalou os revigorantes aromas de mirra e pluméria, que podiam ser sentidos na brisa acima da sua cabeça.

– Jether, o Justo... – murmurou. Por uma fração de segundo, seu olhar endureceu. – Meu antigo mentor, que me ensinou tudo que sei sobre Jeová e Seus mistérios... – Jether vislumbrou o veneno que se ocultava por trás do sorriso encantador, mas esse veneno foi fugaz, sumindo com rapidez. – Trouxe um velho amigo, para que vocês possam refletir juntos sobre as eras passadas. – Lúcifer fez um gesto na direção de um albatroz branco que estava empoleirado em seu carro. – Seu amigo do peito, alguém que costumava ocupar esses mesmos tronos.

O albatroz se transformou numa figura alta, magra e de cabelos brancos, que caminhou até onde estavam. Jether deu um passo para trás, consternado. Ali estava Charsoc, alto e nobre, no esplendor que exibia em seu estado anterior como antigo monarca imperial. Agora, os cabelos estavam tão brancos quanto os do próprio

Jether; a barba branca varria o chão, e os olhos, antes cegos, exibiam o mesmo tom pálido de cinza-azulado que os de Jether... e dotados de visão.

Miguel segurou o braço de Jether para lhe dar forças.

– Você não tem lugar aqui conosco. – Jether interpôs-se entre Charsoc e a mesa dourada. – Perdeu o direito a um espaço nesta mesa em mundos que há muito desapareceram. – Os olhos ardiam com indignação.

Lúcifer segurou o ombro de Jether; este se desvencilhou.

– Mas, meu venerado Jether, ele deverá estar nesta mesa. – Os dedos de Lúcifer apertaram o ombro de Jether. – Vai ser minha testemunha. É o pré-requisito da lei eterna. Hoje descobrirei por que Christos invadiu meu planeta!

Jether, o rosto petrificado, ocupou seu trono; Miguel sentou-se no trono à direita, e Gabriel ocupou o da esquerda. Lúcifer sentou-se no trono diante de Jether, com Charsoc à sua direita. Lamaliel adentrou o jardim, seguido por Matusalém e Zebulon, Issachar, Maheel e Josafá.

Todos ocuparam seus lugares à mesa, bem como um arfante Xacheriel, ainda com as galochas violeta de laboratório, que se aproximava às pressas. Ele se sentou pesadamente no único trono restante, ao lado de Charsoc. Na frente dele, havia uma coroa solitária. Jether assentiu e fez um gesto na direção da cabeça de Xacheriel. Este franziu o cenho, descontente, depois tirou a touca de proteção e a substituiu pela coroa de jacinto. Dobrou a touca ao meio e, com muito cuidado, colocou-a à sua frente.

Charsoc olhou com desdém para a touca e abriu devagar uma enorme bolsa carmim de pano com alças de madrepérola.

– Trouxe seu bordado? – Xacheriel olhou para Charsoc com toda a profundidade de seu olhar mais lúgubre sob as sobrancelhas cerradas. – Ou vai devolver a Sexta Pedra que furtou de nós? – alfinetou.

Jether meneou a cabeça gravemente para Xacheriel.

Charsoc sorriu languidamente e tirou um pequeno frasco de ouro que pôs sobre a mesa. Abriu a tampa, mergulhou os dedos compridos no líquido transparente e depois passou-os com agilidade pelos cabelos e pela barba, inalando extasiado.

Xacheriel resfolegou, observando Charsoc.

– Mandrágora... – murmurou, irritado, enquanto esfregava os olhos, subitamente avermelhados e úmidos. Espirrou com um ruído ensurdecedor em seu lenço, debruçou-se e fechou com força o frasco de Charsoc.

– Temos de tratar de questões prementes. – O tom de voz de Jether foi enérgico. – É um desperdício de tempo ficar cuidando dos cabelos, Charsoc.

Charsoc dirigiu o olhar para Xacheriel, estudando lenta e acintosamente o grande ancião. O olhar foi do avental de Xacheriel, com manchas de coalho, para a barba, com pedaços de mirtilo, atingindo os cabelos prateados e desgrenhados,

embaraçados e ressecados, visíveis sob a coroa.

– Não acho. – O olhar ainda esquadrinhava Xacheriel de forma lenta, intencional e condescendente, enquanto pegava um par de luvas brancas de pele de cabra e o vestia, os dedos agora entrelaçados.

Xacheriel balbuciou palavras incompreensíveis, enfurecido.

– Compatriotas... compatriotas. – Jether levantou as mãos. – Contenham-se, *por favor*. – Levantou-se, pigarreando. – Dou-lhes as boas-vindas, príncipe-chefe Miguel, comandante dos exércitos do Primeiro Céu; príncipe-chefe Gabriel, senhor e principal juiz dos reveladores angelicais. Lúcifer, governante da raça dos homens, da Terra e das regiões inferiores, rei de Perdição. Charsoc, principal mago e apóstolo dos decaídos. Meus estimados Anciões do Supremo Conselho de Jeová.

Lúcifer se levantou.

– Primeiro, preciso que me garantam... – Caminhou devagar ao redor da mesa, parando diretamente atrás de Gabriel. – Minha ação está no tribunal da lei eterna, não está, Gabriel? – Apoiou a mão pesadamente sobre o ombro do príncipe-chefe angelical.

Gabriel suspirou.

– Sua ação contra a raça dos homens foi recebida e protocolada no tribunal do céu. A raça dos homens foi devidamente julgada.

Miguel olhou com desconfiança para Lúcifer.

– Você sabe muito bem disso, Lúcifer.

Jether abriu um volume.

– Vou repetir o que ficou registrado em uma das nossas reuniões anteriores. – Tomou um dos volumes da lei eterna, e os dedos ágeis folhearam as páginas. – Foi feita uma queixa contra a humanidade no tribunal do céu por Lúcifer, governante soberano da raça dos homens. O supramencionado Lúcifer submeteu a raça dos homens a julgamento. Em função disso, os registros dos arquivos de Perdição foram meticulosamente analisados e confrontados com os registros da raça dos homens contidos nos códices do Primeiro Céu. Cada geração de *Homo sapiens*, desde o tempo do Éden, foi investigada. Ficou provado, acima de qualquer dúvida razoável, que a raça dos homens, de forma persistente e sem arrependimento, cometeu deserção e transgrediu a lei eterna. Jeová não pode julgar Lúcifer e sua hoste angelical decaída sem submeter a raça dos homens ao mesmo julgamento. As transgressões de ambos são idênticas. Tanto Lúcifer quanto a raça dos homens receberam livre-arbítrio. Tanto Lúcifer quanto a raça dos homens cometeram transgressões contra Jeová e a lei eterna como ato da própria vontade. A ação foi julgada.

Lúcifer assentiu.

– Excelente, Jether. Seus registros são meticulosos. – Ele levantou as mãos,

exultante. – As almas de todos os homens serão minhas, e estarão comigo no inferno, no túmulo e no Tártaro. E, quando chegar a hora do meu julgamento, vão arder comigo no Lago de Fogo!

– Sim. – Miguel lançou um olhar irritado para Lúcifer. – A raça dos homens vai compartilhar seu destino.

– Não há remissão – mencionou Charsoc enfaticamente.

Jether franziu os lábios.

– Já passamos por isto diversas vezes.

Lúcifer levantou a mão.

– Precisamos ter certeza.

– Não há remissão – Gabriel respondeu com suavidade. – Só alguém com sangue não corrompido pode cumprir a pena. – Gabriel abriu um outro livro. – Condições para que a raça dos homens cumpra a pena imposta em julgamento, segundo os fundamentos da lei eterna: a vida da alma da raça dos homens está no sangue, pertinente aos constituintes da matéria. Portanto, sem o derramamento de sangue não corrompido, não há remissão da sentença para a raça dos homens.

– Sangue não corrompido... – murmurou Lúcifer.

– Fundamento 7728891977 do Código da Lei Eterna. – Jether passou a palma da mão sobre um segundo volume, e um raio azulado formou um arco entre sua mão e as páginas do códice. A voz modulada narrou: – Se alguém sem mácula da raça dos homens estiver disposto a derramar seu sangue vital em nome dessa raça, tornando-se um substituto no julgamento, a dita raça dos homens, suas gerações passadas, presentes e futuras, ficarão livres do julgamento eterno pela morte dessa pessoa. Uma alma não corrompida pode ser trocada pelas almas da raça dos homens. Esta é a lei eterna e obrigatória.

– Entretenha-me. Leia a definição de *não corrompido*, meu irmão. – Lúcifer estudou a face de Gabriel com atenção enquanto este lia.

– Definição de *não corrompido* no que diz respeito à raça dos homens, segundo estabelece a lei eterna – declarou Gabriel. – O sangue do substituto deve ser puro e sem a mácula da mutação da queda do homem.

– Ah, o sangue do Nazareno. – O olhar de Lúcifer foi de Miguel para Gabriel, e dele para Jether, detendo-se neste último. – Jeová não está pensando em usar o Nazareno como substituto, está, Jether?

A mesa toda ficou em silêncio.

Lúcifer desviou o olhar para Gabriel, voltando depois a encarar Jether.

– Estudei intimamente a concepção do Nazareno. Jeová não pode banir meus generais angelicais para o Tártaro por saírem de sua primeira morada e coabitarem com a raça dos homens, e depois querer desrespeitar a própria lei eterna fertilizando o óvulo de Christos. – Lúcifer voltou a encarar Jether. – Não está correto assim,

Jether?

O ancião olhou fixamente para a frente e ficou um bom tempo calado. Por fim, respondeu com suavidade:

– O que você diz é verdade. Jeová não pode infringir a própria lei eterna.

Charsoc esboçou um sorriso triunfante para Xacheriel, que ainda espirrava, olhando o outro com irritação.

Lúcifer sorriu lenta e malignamente.

– Portanto, o óvulo *teve* de ser fertilizado pela semente da raça dos homens... pelo pai, José, para ser concebido e se desenvolver. O sangue do Nazareno foi corrompido devido ao dano causado pelo pecado, que lhe é inerente. Sendo assim, Ele não se enquadra nas condições. – Seu olhar se fixou com avidez no grande códice de lápis-lazúli encadernado em ouro, as páginas emanando um intenso fogo azul. – Esqueçam a hereditariedade! – Lúcifer levantou os braços para o céu. – Esperei longa e impacientemente para descobrir o motivo de Sua *intrusão* no meu planeta!

– E agora sua espera chega ao fim. – Jether se levantou. – O objetivo no planeta Terra é simplesmente este: proclamar o reino do Primeiro Céu para a raça dos homens.

Lúcifer olhou para Jether espantado, atônito.

– É isso?

Jether sustentou o olhar de Lúcifer com firmeza. O decaído passou os dedos pelos cachos longos e sedosos, maravilhado.

– É isso – repetiu Jether em um tom de voz seco.

Lúcifer inspecionou a mesa, examinando o rosto dos irmãos. Inquieto.

– Ele trocou a divindade, a imortalidade, o reino divino... por mesas de madeira e serrotes em um casebre empoeirado?

Jether continuou a olhá-lo fixamente, em silêncio.

– Temos grande influência sobre a raça dos homens, senhor – falou Charsoc, removendo lentamente as luvas brancas e macias de pele de cabra, dedo a dedo, de modo metódico. – Não vão dar atenção a um carpinteiro de Nazaré... – Lançou as luvas sobre a mesa com desdém.

Os olhos de Lúcifer se estreitaram.

– Você teve visão estreita antes, Charsoc, e isso nos arruinou. – Levantou-se. – Não me convenço com tanta facilidade. – Passou a contornar a mesa. – Não vão prestar atenção a um carpinteiro... a menos – virou-se para Jether –, *a menos* que o carpinteiro não seja um carpinteiro, e sim um feiticeiro, um *fazedor de milagres*! – Inclinou-se sobre Jether até que os rostos ficassem a poucos centímetros de distância. – Ele não tem o direito de usar Seus poderes sobrenaturais no meu planeta – sussurrou. – É um *invasor*.

– Seu *status* mudará se Ele passar pelo teste.

– Teste? *Qual* teste? – resmungou Lúcifer. – Ah, agora será revelada a estratégia ardilosa de Jeová.

– O teste de obediência a Jeová, que você fez com os primeiros intendentess da raça dos homens, ou seja, Adão e Eva. A lei eterna não pode ser infringida. – Jether se acomodou, recostando-se no trono. – O Nazareno completará trinta anos daqui a não muitas luas. No dia em que o selo for suspenso, Ele se defrontará com você, tal como Eva fez no jardim do Éden, em mundos há muito desaparecidos. É por isso que estamos aqui.

– Um segundo Éden – Charsoc murmurou encantado. – É útil para nós, mestre.

Lúcifer aproximou-se das ameias. Os longos cabelos negros esvoaçaram com violência sobre seu rosto, e a capa de arminho voou sob a furiosa tempestade à beira da torre.

– Um segundo Éden.

Ele olhou para um ponto distante, rumo às planícies orientais do Éden e aos jardins suspensos, onde as duas maciças árvores da vida se erguiam com seus frutos reluzentes e dourados sob os raios, envolvidas quase por completo por névoas brancas espiralantes.

– Que fortuito. – Seu olhar se dirigiu ao norte das duas árvores, onde a colossal porta dourada, incrustada de rubis, encontrava-se embutida nas paredes de jacinto da torre. – Mas fortuito para quem? – Olhou fixamente para a porta de rubi com expressão sombria. – O que o carpinteiro ganha se passar pelo meu teste? – sussurrou, de costas para Jether.

– Ele garante o direito de proclamar o reino do Primeiro Céu no seu planeta, e não será mais um invasor.

– E quanto aos poderes Dele?

– Se Ele passar pelo teste, terá garantido o acesso aos poderes sobrenaturais do Primeiro Céu. Mas fará uso dos poderes como membro da raça dos homens.

– Ah! Tal como eu havia presumido, Ele os seduzirá com Seus encantamentos – falou Lúcifer, afastando-se das ameias. – E se Ele fracassar?

– Sofrerá o mesmo destino que Adão. Vai se tornar seu súdito, mais um membro da raça dos homens sob seu controle. – Jether apontou o cetro de Lúcifer jogado sobre a mesa. – *Você será o rei Dele.*

Lúcifer observou Miguel com um fervor perverso no olhar.

– Fico satisfeito por ter comparecido a essa nossa conversa, Miguel. Não me desapontei, nem um pouco. – Virou-se para Jether e perguntou: – E *quando* se dará esse nosso concurso?

– Quando o Nazareno completar trinta anos de idade, segundo conta a raça dos homens. Em apenas algumas luas, o selo da Sétima Pedra será suspenso. Ele vai se

defrontar com você como alguém da raça dos homens – respondeu Jether.

Lúcifer assentiu, revelando um sorriso peculiar nos lábios.

– E quais seriam os termos dos direitos de residência do Nazareno – indagou Lúcifer, os olhos estreitados – no meu território, a Terra? – Ele se encaminhou para a mesa e se sentou de novo no trono.

– Estão registrados nos Julgamentos Brancos – esclareceu Jether, abrindo o código. – Christos será conhecido no seguinte documento de residência como Jesus de Nazaré, o Nazareno, membro da raça dos homens. Com trinta anos, segundo predeterminado pela raça dos homens, a proteção de Jeová, o selo da Sétima Pedra, será suspenso. Jesus de Nazaré está obrigado, portanto, pela lei eterna a enfrentar o desafio supremo de obediência, tal como fez o primeiro intendente do planeta Terra, Adão, como membro dessa raça. O teste deve ser realizado exatamente como aquele feito para os supramencionados Adão e Eva: um teste de obediência. A Jeová ou a você, como soberano da raça dos homens.

Jether fez um gesto de cabeça para Gabriel.

– Como governante da raça dos homens, você poderá apresentar a Ele três tentações diferentes, criadas por você – esclareceu Gabriel. – Se ele resistir às tentações, garantirá o direito de proclamar o reino do Primeiro Céu entre os membros da raça dos homens.

Lúcifer se reclinou, estudando Gabriel e desfrutando a situação.

– Se ele fracassar em algum dos testes, segundo a lei eterna – prosseguiu Gabriel –, Ele se tornará seu súdito e abrirá mão do direito Dele de proclamar o reino do Primeiro Céu entre os membros da raça dos homens. Se Ele fracassar...

– *Se o Nazareno fracassar...* – Lúcifer ecoou as palavras de Gabriel, brincando distraído com seu cetro – ... vai passar o resto de Sua vida na obscuridade em Nazaré, fabricando mesas para as mulheres velhas e gordas desses mercados empoeirados.

Miguel viu Lúcifer sorrindo com desdém.

– O concurso será entre os dois contendores – prosseguiu Gabriel discretamente, ignorando de modo deliberado o comentário de Lúcifer. – Segundo a lei eterna, o tentador deve ser o mesmo que causou a ruína do homem na primeira vez. – Gabriel fechou o livro. – Lúcifer se defrontou com Adão e Eva; Lúcifer vai se defrontar com o homem, Jesus. O concurso terá lugar na terra de origem de Jesus de Nazaré. Os únicos presentes serão os dois contendores. Christos, em Sua presente forma como membro da raça dos homens, ou Jesus de Nazaré, e Lúcifer, atual governante da já mencionada raça.

– Portanto, se o Nazareno ceder a apenas *um* dos meus comandos, Ele será meu! – rosnou Lúcifer. De repente, levantou-se, mostrando-se entediado com os procedimentos. – Tenho exigências! Ele deve se abster de ingerir alimentos que o

sustentem. Durante quarenta dias antes do concurso.

Jether assentiu.

– Suas exigências serão devidamente registradas junto à lei eterna.

Lúcifer se encaminhou para seu carro, as belas feições começando a se desfazer.

– Aguardo ansiosamente esse concurso. – Chicoteou os cavalos. – O Nazareno vai se arrepender do dia em que nasceu no meu planeta! – gritou, ascendendo depois ao céu reluzente do Primeiro Céu, a caminho de Perdição.

Jether se levantou e alisou as próprias vestes. Sua expressão era de seriedade.

– A reunião está encerrada. Vamos nos preparar. Vou ficar um pouco mais para fechar os livros.

26 D. C.

Aretas, ainda nobre e majestoso, os cabelos negros ganhando tons de cinza, estava com sessenta e oito anos. “Aretas, o que ama seu povo” era o apelido carinhoso que os súditos haviam lhe dado. Ele contemplou a vastidão do deserto árabe, bem além dos pavilhões formais e dos jardins ornamentais do palácio. Depois, abriu as janelas do pórtico e inalou os intensos aromas de especiarias nabateias. Os nabateus eram comerciantes excepcionalmente hábeis e mantinham um comércio florescente com China, Índia, Extremo Oriente, Egito, Síria, Grécia e Roma. Agora, Petra mantinha negócios lucrativos com os portos marítimos, principalmente envolvendo olíbano, mirra e especiarias, bem como com o Egito no comércio de betume do Mar Morto e de seda com a China. De sua origem como cidade-fortaleza, Petra tornara-se um rico ponto comercial entre as culturas árabe, assíria, egípcia, grega e romana, controlando não apenas as rotas para o leste, que iam de Petra a Gaza pelo Negev, mas também para o norte, pela Estrada do Rei, até os arredores de Damasco.

Nos trinta anos anteriores, Aretas fora o monarca supremo da Arábia, e seu povo atingira o apogeu do desenvolvimento econômico e cultural. Ele havia construído novas cidades e melhorara a condição das antigas, construindo sistemas de irrigação e expandindo a base agrícola.

E, para diversão de Aretas, o *status* atingido pelas mulheres nabateias fora motivo

para mexericos nos mercados árabes nos dez anos anteriores. Elas não só podiam herdar propriedades, como podiam comprá-las e vendê-las sozinhas. Jotapa ficaria orgulhosa, bem como sua graciosa mãe, falecida havia muito, sua amada rainha que morrera no parto. Sorriu, bastante satisfeito. Tinha governado seu nobre povo com devoção. Com poder e justiça.

Alisou o traje. Naquele crepúsculo, suas roupas eram simples: uma túnica de seda lilás cobria-lhe o corpo, e não a rica seda de intenso tom púrpura dos trajes monárquicos mais protocolares. Estava determinado. Naquela noite, deixaria sua posição de Aretas, o rei, e por uma noite seria simplesmente Aretas, o homem.

A família real e os empregados da corte já estavam a caminho do Golfo de Aqaba, levando as tendas de acampamento do festival de verão, e naquele exato momento o cavaleiro selava seu cavalo favorito, Aswad. Cavalgaria como fazia quando era jovem – tão jovem que seu rosto era liso, sem pelos. Cavalgaria pelos caminhos do deserto que percorrera com o pai décadas antes, sobre as areias brancas que iam até o Golfo de Aqaba com suas águas cristalinas, emolduradas por palmeiras.

Desfrutaria a sensação das águas cálidas lambendo-lhe a pele enquanto a permanente brisa norte do Deserto de Negev o abanaria.

Ouviru-se uma batida suave à porta do quarto, e Malichus, seu copeiro, entrou para lhe entregar um pergaminho.

Aretas sorriu. Uma missiva de Jotapa!

– Obrigado, Malichus. Informe Yohanna de que estou pronto.

Malichus curvou-se em reverência, saiu e fechou a porta do aposento.

Aretas abriu a missiva e estudou seu conteúdo, imaginando o riso espontâneo e franco de Jotapa e sua voz suave.

... Meu marido, embora seja um homem difícil – como todos os reis, certamente! –, trata-me com graça. Sim, está tudo bem aqui na Judeia – exceto, naturalmente, por sua ausência, querido papa. Mas, quando estou sozinha, minha alma é reconfortada pelos jardins dos príncipes; eles me aproximam de você e da Arábia...

Como você, ouço muitas histórias do Hebreu aqui em Tiberias, papa. Correm rumores entre as paredes do palácio de que Seus pés estão percorrendo estas praias. Vou perguntar discretamente sobre o paradeiro do Hebreu.

Aretas dobrou a carta com cuidado. Olhou para a bela cruz entalhada em madeira que estava sobre sua mesa. Quanto tempo fazia desde que vira o rei menino pela última vez? Sua mente voltou à exaustiva viagem do mosteiro de Alexandria para a Judeia. Havia cavalgado durante dias pelo deserto, acompanhando a criança e seus pais até a fronteira da Judeia. Lembrava-se claramente da insistência do menino de três anos para que ele ficasse com a cruz – de como Ele a pusera com seus dedos

pequenos e rechonchudos na palma de sua mão, fechando os dedos fortes e bronzeados de Aretas em torno dela. E, de fato, ela confortara Aretas. Houve ocasiões em que sentira que ela possuía um estranho poder. Meneou a cabeça.

Mais de vinte e sete anos haviam se passado, e ele nunca mais vira o rei menino. Mas, de vez em quando, seus espiões o procuravam com histórias alucinantes e não confirmadas dos eloquentes e francos solilóquios do Hebreu, bem como dos ferozes e corajosos confrontos com os judeus, a quem os hebreus chamavam de fariseus. Aretas riu ao pensar nesses mimados exploradores religiosos dos plebeus, com suas mãos macias e brancas como lírios. Sentiu-se reconfortado. O Hebreu era criterioso. Em sua próxima missiva, Aretas pediria a Jotapa que ficasse de olho no seu compatriota rei – mais que isso, seu amigo.

Aretas riu alto. Um rei árabe e *o Hebreu*. Acariciou a cruz e a devolveu à mesa com suavidade.

Depois, levou as mãos à cabeça e libertou os cabelos longos e enrolados das fitas que o prendiam. Escolhendo uma lança da sua coleção, colocou-a sobre o ombro e se dirigiu para as portas do pórtico. Aswad o esperava com paciência, amarrado no Jardim dos Reis. O peito do cavalo era amplo, as costas curtas, mas fortes, e os ombros arqueados – fonte da sua imensa força. A nobre cabeça estava empinada. Aretas afagou com ternura a sedosa crina negra.

– Aswad – murmurou. O cavalo esfregou o nariz nele com afeto, os olhos negros, límpidos e gentis, enquanto Yohanna, o cavaleiro real, desamarrava as rédeas.

Aretas hesitou. Deu um passo para trás, o olhar pousando nos aposentos orientais do palácio real com seus telhados dourados. Uma lanterna solitária ardia e uma silhueta estava à janela. Aretas fez um gesto de reconhecimento. Durante um breve instante, os ombros se arquearam e um cansaço terrível turvou seu semblante.

– Malichus – falou, subitamente parecendo mais velho do que seus quase setenta anos –, diga a Zahi que ele estará em minhas preces e no meu coração enquanto eu estiver longe.

Em seguida, montou em Aswad, inclinou-se e cochichou em seu ouvido. No mesmo instante, o magnífico garanhão negro pôs-se em marcha, os cascos vigorosos e negros levantando areia enquanto corriam como o vento por lagoas, parques reais de caça e areias brancas do deserto rumo ao Mar Vermelho.



Jether fechou o último volume, pousou a pena na mesa e esfregou os olhos, fatigado. Levantou-se e se encaminhou para a fonte em cascata.

– Então, o concurso se aproxima.

Jether ficou paralisado ao ouvir o som da voz característica e elegante. Charsoc

alisou as vestes volumosas de feiticeiro, em tafetá carmim, e ajustou seu lenço de pescoço em seda lilás com os pálidos dedos cobertos de joias. Contemplou as fontes que cercavam os exuberantes jardins.

– Você confia demais em si mesmo, Jether, meu compatriota. – Ele estendeu um cálice para colher o elixir e o bebericou delicadamente. – Amora silvestre, meu extrato favorito, uma das maravilhas do Primeiro Céu!

– Você abusa de nossa hospitalidade.

– E *você* subestima a névoa com a qual essa raça dos homens tem de conviver naquele pequeno planeta enlameado: a Terra. Ela entorpece seus sentidos, Jether; fragiliza sua alma.

Sorveu o restante do elixir com um único gesto elegante.

– Fragiliza a alma Dele, do Nazareno... Trinta anos, Jether – sussurrou, rodeando Jether. – Trinta anos encapsulado na matéria, nascido de uma mulher. – A voz era muito suave. Convincente. – Nascido da lama e da poeira que nubla a razão; que nubla a visão Dele também. A cada pôr do sol, Jether, a lembrança de Jeová esmaece mais um pouco na mente do Nazareno, até se tornar apenas um registro distante.

– Ele vai passar no teste – Jether retrucou em voz baixa. Caminhou ao lado de Charsoc, tal como haviam feito em todos os crepúsculos, durante milhares de eras; tal como costumavam caminhar – dois bons amigos entretidos numa conversa íntima pelos mesmos gramados impecáveis.

– O Nazareno se esqueceu de Jeová. Agora, Sua alma vai buscar fama e reconhecimento, além de tudo aquilo que existe no estéril solo da alma dos homens. – Os olhos de Charsoc reluziram. – Não se engane, Jether. Não se trata de um passeio. Lúcifer está bem preparado. Se Ele obedecer a um só dos comandos, a alma Dele será nossa.

Jether permaneceu com o olhar fixo sobre as ameias que davam para o Mar de Zamar.

– Não subestimamos Lúcifer – falou com suavidade, de costas para Charsoc. – Conhecemos muito bem a luta dele por Sua alma.

Charsoc revirou as vestes para pegar uma missiva com o lacre do selo de Perdição.

– As exigências do meu mestre. Um detalhe extra que ele gostaria de acrescentar às condições da prova.

Jether o encarou. Com sobriedade. Esperando.

– Ele quer escolher o lugar do concurso com o Nazareno.

Charsoc entregou a missiva a Jether. Este a pegou e a guardou no manto.

– Vou entregá-la a Jeová.

Charsoc tinha o rosto voltado para o céu, um estranho êxtase em suas feições. Os

olhos estavam bem abertos, embebendo-se do amplo panorama lilás e escarlate que ele tanto amava. Os longos cabelos brancos estavam soltos, ao sabor da tempestade. Por um breve momento, Jether o observou. Estava quase como era antes.

Devagar, Charsoc se virou.

– Você me dá pena, Jether.

– Sei que sente falta do nosso mundo – contrapôs Jether com suavidade.

– Não lamente por mim. – Charsoc encarou, firme e longamente, os pálidos e cansados olhos azuis de Jether. – Vendi minha alma há muitas eras.

Uma longa serpente se enlaçou nas pernas de Charsoc. Ele se abaixou e a pegou, ela se tornou uma bengala de prata com a cabeça de uma serpente. Quando ergueu a cabeça, Jether viu os olhos opacos e sem expressão: novamente cegos.

– Nem eu mesmo sei do que sou capaz.

E então, tal como no passado, ele desapareceu em meio às névoas ondulantes e esbranquiçadas.

★ ★ ★

2021
AQABA · JORDÂNIA
- JASON -

O evento transcorria de maneira brilhante, melhor até do que Julia St. Cartier tinha imaginado. A decoração contemporânea a céu aberto idealizada por sua empresa londrina de eventos, Lola, fora uma ideia fenomenal. Os cozinheiros haviam se superado, a conexão via satélite ao vivo com a VOX Communications mantivera-se sem falha alguma, e todo jornalista internacional digno de seu salário estava atrás da porta ao lado, na sala de imprensa lotada, desde o pôr do sol. Ela decidira se conceder o luxo breve, mas desesperadamente necessário, de alguns instantes para retocar a maquiagem, e seguiu caminhando pela área protegida pelo toldo, conferindo a quantidade de garrafas de champanhe de que iria precisar. Avistou o enorme heliponto onde a princesa da Jordânia tinha pousado antes. Outros convidados ilustres chegavam em rápida sucessão. De repente, seu coração se transformou em gelo. Lá estava ele, descendo os degraus do helicóptero. Jamais confundiria *aquele* jeito de andar e o rosto severo – era Jason De Vere.

Seu coração acelerou. Ele jamais comparecia a esses eventos! Aliás, *detestava-os* – reclamava dias a fio depois de ser arrastado para um deles. Devia haver alguma nova fusão ou outra oportunidade espetacular semelhante para que tivesse comparecido, embora fosse um grande momento para seu irmão. Ela o observou abraçar Adrian, e ambos começaram a conversar no mesmo instante.

Continuou a caminhar em direção à sala da produção, a mente subitamente turva. Era a primeira vez que via Jason tão de perto, pessoalmente, desde que haviam se divorciado, treze meses antes. Talvez o leopardo houvesse mudado suas pintas; quem sabe o afastamento tivesse dado a ele uma nova visão da vida.

Empurrou a porta da sala e olhou vagamente para o reflexo no grande espelho dourado. Sentia-se cansada naquela noite – velha. Tão velha quanto era... Quarenta anos.

– Controle-se, garota! – murmurou em voz alta.

Por que se importaria? Ela e Jason haviam terminado. Ele tinha sua nova vida; ela, a dela. Trêmula, abriu o fecho do estojo de maquiagem e retocou o delineador e as sobrancelhas, acrescentando um toque de brilho incolor e de base. Tudo para vencer a idade. Sorriu. Ficou se perguntando se os cremes e cosméticos caros funcionavam de fato. Fechou o estojo e agitou a juba loira. *Muito bem, vamos para a toca do leão.*

Voltou para o toldo, esgueirando-se pela pista de dança e pela multidão crescente, os olhos concentrados no chão. Subitamente, um par de grandes sapatos pretos bloqueou seu caminho.

Com o coração na mão, ergueu a cabeça lentamente. Jason De Vere estava diante dela, o copo de uísque já pela metade, o rosto corado. Provavelmente, já havia bebido dois desde que chegara, pensou cinicamente. Ele a fitava com insistência.

– Jason... que surpresa. – Ficou olhando para ele sem esboçar nenhuma expressão.

– Julia. – Ele continuou a encará-la. Em silêncio.

Julia esfregou o pescoço.

– Preciso ir. Estou numa correria...

Jason olhou ao redor.

– Está na correria para cuidar do evento. Parabéns. Uma pena que os advogados não soubessem disso antes de você me tomar metade dos bens – retrucou ele com sarcasmo.

Julia o encarou, fervilhando de raiva. Os olhos castanho-escuros relampejaram. Só Jason conseguia deixá-la furiosa *daquele* jeito. *De modo instantâneo.* Ela se afastou.

Jason a agarrou pelo braço, porém. Com força. Seus dedos a apertaram.

– Desculpe... desculpe, está bem? Foi um dia difícil.

Julia se desvencilhou da mão dele. Estava irritada.

– O meu foi pior ainda! – retrucou.

– *Claro* – disse Jason, provocador. – Suas necessidades *sempre* foram o fator prioritário.

– Nem ouse. – A voz de Julia estava trêmula de raiva. – *Nem ouse*, Jason

Ambrose De Vere... – Os olhos dela piscavam perigosamente. – *Dezoito anos...* Passei dezoito anos da minha vida subordinando toda a minha existência às suas necessidades.

– *Minhas* necessidades! – Jason engoliu o resto do uísque. – Você passava mais tempo no seu cabeleireiro nova-iorquino caríssimo do que em casa... – Olhou-a fixamente. – Ou na ca...

Conteve-se. Não era hora de correr o risco de ser esquartejado a sangue-frio, na frente de mil convidados de Adrian. Ela o arrastou pelo braço até a cozinha.

– *Precisa* fazer esse drama todo? – silvou Julia.

Jason colocou o copo de uísque na bandeja de um garçom que passava por eles e ergueu as mãos, submisso.

– Está bem, está bem. Certo, fui um marido egoísta e rude. Foi culpa *minha*. Vamos tentar de novo. Desculpe. Aceita minhas desculpas?

Julia o encarou, ainda mais irritada.

– Sabe, Ju, fui um péssimo marido. Segui seu conselho, fui fazer terapia. Disseram que eu tinha raiva e mágoa profundas. Certo? – Ele ergueu as duas mãos novamente.

– Você... você fez terapia mesmo? – Julia olhou espantada para ele. Atônita.

Ele assentiu.

– Isso é notável. – Seus olhos se estreitaram. – Quantas sessões você fez?

Jason ajeitou o nó da gravata.

– Uma – ele respondeu timidamente.

Julia revirou os olhos, frustrada. Jason desviou o olhar para a festa que se desenrolava.

– Sério, fiquei muito impressionado com a Lulu.

Julia fixou o olhar nele.

– É Lola – alfinetou.

– Lola... isso, muito impressionado. Está tudo ótimo. Ótimo mesmo, Ju. – Ele ficou corado. Esfregou o colarinho, parecendo um colegial envergonhado. – Lola... – murmurou. – Homenagem à sua mãe? Fico realmente contente por você.

O olhar de Julia se suavizou. Ele estava sendo sincero; ela o conhecia suficientemente bem. Ele estava mesmo feliz por ela.

– E o que o traz aqui? – A expressão dela se amenizou um pouco. – Você detesta essas coisas.

– Adrian. É a grande noite dele. Ele ficou arrasado pela morte da Melissa.

Os olhos de Julia ficaram marejados.

– Foi trágico... e o bebê...

– Achei que o irmão mais velho deveria estar aqui para apoiá-lo. Mas não posso ficar muito tempo.

– Que humanitário da sua parte – murmurou ela com sarcasmo, enquanto ele a acompanhava da cozinha para o toldo. Jason conduziu-a com gentileza pelo braço, guiando-a pela multidão.

– Julia, sinto falta da Lily. Gostaria de vê-la mais.

O maxilar dela endureceu.

– Jason, este não é o momento nem o lugar.

– Bem, você sempre disse que eu era péssimo para escolher os momentos. Pelo menos, algumas coisas nunca mudam.

Ela suspirou e se virou para ele.

– Jason, nossa filha está paraplégica... numa cadeira de rodas. Não dá para passar semanas na sua cobertura em Nova York enquanto você fica trabalhando. Entenda uma coisa: você nunca estava em casa quando *tinha* uma família; o que mudou agora?

– Então, deixe-a vir quando minha mãe estiver em Nova York. Deixe-a ficar com mamãe com mais frequência, assim posso pelo menos vê-la.

Julia assentiu. Era um pedido razoável. Ela adorava Lilian de Vere. *E* confiava nela.

– Vou pensar nisso.

Ele assentiu.

– Preciso ir. – Ela se afastou, dirigindo-se ao palco.

– Julia... – chamou ele.

Julia se virou. Jason a fitava fixamente, incapaz de dizer o que se passava em seu coração. Ela esperou um pouco, depois se virou e partiu.

– Droga! – Jason se dirigiu ao bar. – Uísque; me dê logo um duplo.

Julia o observou discretamente do outro lado do toldo, vendo quando as recepcionistas o rodearam instantaneamente, levando-o com destreza pela pista de dança lotada até um grupo de investidores bilionários da VOX.

Viu quando ele parou para cumprimentar um segundo grupo – ministros chineses de Pequim. Ela sabia interpretar seus pensamentos só com o olhar – ele sempre se entediava com as cerimônias e começava a falar de trivialidades.

Jason havia envelhecido. Com quarenta e quatro anos, os cabelos, antes negros, estavam quase prateados. Parecia um pouco abatido, mas ainda tinha uma beleza rústica, o rosto bronzeado já vincado por diversas rugas. E também tinha perdido peso. Ficara bem mais magro, pensou Julia. Estava triste. Inquieto. Pôde sentir isso. Suspirou. Houve momentos em que fora difícil viver sem ele, mas era bem mais difícil *conviver* com a força motriz incessante que era Jason De Vere.

Localizou Adrian, dirigindo-se à sala de imprensa.

Naquela noite, ele estava abatido. As mortes recentes de Melissa e do bebê haviam sido um duro golpe para ele. Parecia mais magro, mas não sem o habitual

charme. Era cinco anos mais moço que Jason. Alto e elegante. Culto, educado. Com um senso de humor fabuloso. Era realmente engraçado. Além de amável. Ao contrário do irmão Jason, que tinha poucos amigos, milhares de inimigos e era rude como uma marreta.

A mão bronzeada e de unhas bem cuidadas pousou suavemente sobre a dela. Ela se virou.

– Adrian!

Ele sorriu com seu meio sorriso de canto de boca.

– Como está, mana? Você nos deixou orgulhosos hoje. – Beijou-a com afeto nas duas faces. – Os predadores estão esperando. – Fez um gesto na direção da sala de imprensa.

Julia sorriu.

– Você está bem? – Ela endireitou a gravata dele, tal como fizera tantas vezes antes, quando ele saía do colégio interno em Gordonstoun e ia passar algum tempo em casa, com apenas quinze anos.

Ele fez que sim.

– Vou tocando – respondeu com suavidade.

Julia estudou o homem diante dela. Apenas dois anos mais novo, e de um adolescente desengonçado, mas brilhante, amadurecera e se tornara um homem muito atraente. Casara-se cedo, logo após a universidade, com uma moça de uma família de políticos ingleses. Melissa Vane-Templar era bonita, elegante e brilhante, e havia acabado de passar no exame para exercer a advocacia. Seu pai, o visconde Miles Vane-Templar, líder da Câmara dos Lordes, fora um pai para Adrian. Melissa morrera quatro meses antes, dando à luz seu primeiro filho, Gabriel Lance, natimorto. Logo após o funeral, Adrian se dedicara com fúria a seu trabalho e, quase sozinho, fora responsável pela criação do mais impressionante e ambicioso processo de paz na história do Ocidente. O acordo final deveria ser assinado no mês seguinte em Damasco. E Lola era a única empresa coordenadora dos eventos.

Adrian beijou novamente as faces de Julia.

– Obrigado, mana. Vou precisar de companhia.

Ela se virou e percebeu que Jason os olhava do bar, do outro lado do salão. *Imagine só, pensou, ele está com ciúme.* Riu discretamente, saboreando o desconforto do ex-marido e dando o braço acintosamente para Adrian.

Jason bateu o copo no balcão do bar e se encaminhou para fora, para o heliponto.

Julia deteve-se à porta da sala de imprensa, observando o grande helicóptero negro com o monograma dos De Vere na lateral decolar para o céu de Aqaba, levando Jason De Vere para Amã, certamente para embarcar em seu Gulfstream.

Soltou um suspiro.

TRAIÇÃO - 27 D. C.

Jotapa entoava para si mesma as antigas canções de ninar árabes que tanto amava quando Aretas as cantarolava para ela na infância. Caminhava a passos leves, em seu esvoaçante vestido de seda branca, pelos imponentes corredores de mármore, passando pelas magníficas obras de arte do rei da Judeia e pelas pitorescas roseiras do suntuoso jardim que levava aos pavilhões reais. Continuou pelos jardins com palmeiras exóticas até chegar a outro, ornamental e reservado, com sua fonte murmurante. Colocou um cálice de prata sob a água fresca e límpida que caía e sorveu um gole longo, profundo. Virou-se para contemplar a extasiante vista do lago, absorvendo a fascinante beleza do território circunvizinho da Galileia. Naquele dia, o lago tinha um tom de azul profundo, e sua superfície era lisa como vidro.

Seus reluzentes cabelos negros, adornados com centenas de pérolas de água-doce, pequenas e delicadas, caíam abaixo da cintura estreita. Os olhos grandes, azuis como o Mediterrâneo, dançavam em seu rosto de feições primorosas. Os dedos esguios e cor de oliva estavam cobertos por diamantes e pérolas – presentes de Herodes Antipas, seu marido havia dezessete anos, tetrarca da Galileia e de Perea. A princesa árabe era uma figura deslumbrante.

Jotapa se deteve ao lado de uma formosa palmeira. Ouvindo vozes sussurrantes, notou o belo e elegante marido abaixo dela, próximo do pórtico do palácio,

conversando com seu principal conselheiro, Caspius. Jotapa ficou radiante e estava prestes a anunciar sua presença.

– Chegou uma missiva nesta madrugada de Roma, Vossa Excelência... de Herodias.

Jotapa estacou. Podia ouvir a voz clara e polida de Herodes sem nenhum esforço.

– Herodias jurou que não vai se casar comigo enquanto Jotapa não for repudiada. Ela exige isso. Nosso caso não é mais segredo; os mexeriqueiros de Jerusalém criaram confusão.

– Herodias aceitou sua proposta de casamento, senhor, e redigiu um contrato para se mudar para sua casa por ocasião do próximo retorno de Roma. Contudo, está no contrato de ambos, no seu e no da princesa Herodias, a condição de que você deve renunciar à filha de Aretas; de que ela deve... – fez-se um longo silêncio – ... ser descartada.

O sangue de Jotapa se enregelou. Ela permaneceu escondida atrás das folhagens da palmeira, mal ousando respirar.

Herodes Antipas ia de um lado para o outro, o rosto abatido.

– Eu teria me livrado dela anos atrás, não fosse por seu pai, aquele confuso e beligerante Aretas!

– Então, repudie-a *imediatamente*, mestre.

– Se eu me divorciar dela, seu dedicado pai irá declarar guerra contra mim com sua horda de árabes sanguinolentos!

Os olhos malignos de Caspius se estreitaram quando pôs a mão pesadamente sobre o braço do mestre, coberto por pulseiras.

– Mas, mestre...

Jotapa se inclinou, esforçando-se para escutá-lo, mal acreditando nos próprios ouvidos.

– Há outros meios...

Fez-se um longo silêncio mais uma vez.

– Não pode haver repercussão alguma, Caspius. Se houver qualquer indício de vilania, os árabes vão nos estraçalhar sem misericórdia.

Grandes soluços silenciosos agitaram o corpo delgado de Jotapa. Ela segurou a cabeça entre as mãos, consternada, os cachos negros e reluzentes balançando, enquanto lágrimas escorriam pelos dedos finos e anelados.

– Meus médicos egípcios são muito hábeis na arte dos venenos... Não haverá evidências.

– E eu enfim poderei me casar com Herodias. – Jotapa observou com atenção o sorriso calculista de Herodes. – Apresse-se, Caspius. Não temos tempo a perder. Vou partir para Roma ao amanhecer e volto em vinte dias. Quando retornar, vou convidar a princesa para vir aos meus aposentos, e iremos jantar.

– Será feito, Vossa Excelência. Em seu retorno.



Jotapa correu, tropeçando e caindo pelo caminho inferior que conduzia a seus aposentos palacianos de teto dourado. Lágrimas escorriam pelas maçãs do rosto altas e elegantes, enquanto ela escrevia em siríaco, a mão trêmula. Ayeshe, o velho e fiel mordomo árabe do pai, presenteado a ela quando se casara, observou-a com lágrimas nos próprios olhos. Jotapa dobrou a carta apressadamente, os dedos desgovernados.

– Ayeshe, procure meu pai. – Ela respirou fundo entre soluços. – Diga-lhe que Herodes quer minha vida. Ele precisa me salvar. Vou dizer ao rei que estou doente e pedirei permissão para convalescer em Macherus enquanto ele estiver em Roma. – Ela colocou a carta nas mãos do velho. – Saleem vai organizar todos os preparativos necessários para a viagem. Os generais do meu pai devem me encontrar lá e me acompanhar diretamente a Petra.

Jotapa empurrou Ayeshe pelos fundos do aposento e viu, trêmula, quando ele montou num cavalo árabe branco.

– Cavalgue como o vento, Ayeshe – sussurrou, enquanto o garanhão disparava pelos portões do palácio. – Oh, papa! – soluçou.



Um jovem alto e de aparência descuidada, com longos cabelos revoltos, estava em pé na beira do rio. Usava um traje rústico de pele de camelo amarrado por uma cinta de couro; os membros tinham sido bronzeados até ganharem a cor de nozes, graças ao implacável sol da Judeia. A multidão que rodeava o rio Jordão escutava fascinada cada uma de suas palavras entusiásticas. Sua voz demonstrava uma convicção profunda, e os olhos cor de esmeralda ardiam com fervor no belo rosto anguloso.

– Eu sou a voz do que clama no deserto: *Endireitai o caminho do Senhor*.

Voltou à sua tarefa de batizar a interminável procissão de homens, mulheres e crianças, quando um enorme carro, puxado por seis cavalos brancos decorados com ornamentos de ouro, virou-se e parou a determinado ponto próximo do rio. Era o carro real de Herodes Antipas. O Batista olhou brevemente para ele e ficou em silêncio. Abaixou a cabeça, em prece. Depois, segurou o ombro de um de seus discípulos.

– Ari, cuide das pessoas. Tenho de entregar uma mensagem.

Com o maxilar cerrado em um gesto de determinação, abriu caminho pela

multidão ansiosa e ruidosa, até ficar a apenas um braço de distância do carro real, que havia começado a contornar o rio lentamente.

– Pare! Pare, eu ordeno!

Os soldados de Herodes agarraram o Batista e o lançaram com violência ao chão, e o carro deteve-se bruscamente. Devagar, a cortina se abriu, e um rosto coberto por um véu ficou olhando para o homem deitado no chão. Um dedo com uma longa unha pintada apontou diretamente para ele. Um burburinho se ergueu da multidão. O Batista desgrudou a boca ensanguentada do chão.

– Tragam a criatura aqui – ordenou Herodias.

Os soldados o arrastaram até ela. Ele se debateu com violência, os olhos brilhando de raiva.

– Humm... muito bonito.

João fitou Herodias de forma ousada, e ela tirou o véu, revelando as feições que começavam a mostrar sinais de idade, mas que ainda eram sensuais. Os lábios carmim faziam um beicinho provocador.

– E destemido. – Ela o observou fascinada. – Você é um homem de Deus, segundo diz a ralé. Que desperdício de paixão...

Um guarda curvou-se profundamente diante do carro.

– Ele disse que tem uma mensagem, Vossa Alteza.

– Você tem uma mensagem? – Ela passou o dedo sobre os lábios. – Para mim? Aproximem o Batista para que possa me transmitir sua mensagem.

Os guardas arrastaram João para o carro. Herodias estendeu a mão macia e branca, repleta de anéis, e acariciou lenta e sensualmente o rosto de João. Ele a encarou.

– Tenho uma mensagem do Deus altíssimo. Você é uma adúltera incestuosa. Está sob julgamento.

Herodias empalideceu e começou a tremer em descontrole, os membros moles como água. Um segundo depois, os olhos arderam de fúria.

– Você é um tolo! – gritou. – Insulta a futura rainha! Herodes Antipas ficará sabendo disto.

João a olhou fixamente, com coragem e em paz.

– Você vai pagar por isso com a vida! – ela silvou. – *Quando* eu for rainha, vou prendê-lo e lançá-lo às masmorras de Macherus! – Ela tomou o chicote do condutor e estalou-o com violência sobre o cavalo mais próximo. – Vou silenciá-lo, Batista! – berrou, enquanto o carro se afastava.



As sete pálidas luas lilases da aurora brilhavam no horizonte do Primeiro Céu

enquanto Miguel e Gabriel cavalgavam em pelo pelas ondas de espuma prateada rumo ao Palácio dos Arcanjos. Corriam pescoço a pescoço, reduzindo a velocidade ao avistarem Jether a distância. Miguel fez com que o cavalo diminuísse o ritmo do galope, quase parando. Gabriel seguiu-o até alcançarem o ponto em que Jether se encontrava, a expressão séria. Apearam.

– Chegou a hora, meus príncipes – anunciou Jether suavemente. Ele estendeu um pergaminho com o selo de Perdição para que Miguel o pegasse e estudasse seu conteúdo. – O Supremo Conselho recebeu um pedido adicional de Lúcifer há quarenta luas – Jether prosseguiu em voz baixa. – Jeová determinou o momento, mas Lúcifer, em sua capacidade de governante soberano da raça dos homens, exigiu o direito de escolher o lugar de seu concurso com o Nazareno. Seu pedido foi aceito por Jeová. Ele estipulou, pelas cortes reais, que o local do concurso só será divulgado a seus irmãos de sangue. E a apenas um de vocês. Esse irmão deve pisar em seus domínios antes que se ponham as doze luas de Perdição.

Os olhos de Miguel faiscaram com uma fúria sinistra.

– Que nova loucura é esta?

Jether passou a missiva para Gabriel.

– Precisam decidir entre vocês. Como era, naturalmente, a intenção dele. – Jether baixou a voz. – Sabemos muito bem disso.

– Eu vou – declarou Gabriel com suavidade. – O que ele quer é enfurecer você, Miguel. E fazê-lo intencionalmente.

Miguel levantou o queixo.

– É; ele poderia *me* enfurecer – olhou para Gabriel, as emoções estranhamente carregadas –, mas sua sedução ainda poderia exercer algum poder sobre *você*...

Jether pôs a mão sobre o braço de Miguel em um gesto gentil. Este abaixou a cabeça, arrependendo-se de imediato.

– Perdoe-me, Gabriel – disse em voz baixa. – Os feitiços dele chegam até aqui.

Jether suspirou.

– Ele não tem poder aqui. Há muito que a alma de vocês foi libertada do poder dele. Tenham fé um no outro. – Jether encarou os dois irmãos com firmeza. – Tenham fé em Jeová. – Tomou a missiva das mãos de Gabriel e a colocou na bolsa que pendia de sua cintura. – Seu acompanhante está pronto no portão ocidental. Lúcifer aguarda um de vocês em seu palácio de verão, sobre as planícies da Babilônia da raça dos homens. Tomem decisões sábias. E rápidas. As luas de Perdição começaram a se pôr enquanto falamos.



Aretas percorreu os quatro cantos de sua ornamentada tenda festiva com a missiva

de Jotapa amassada na mão. Parou, alisou a página e tornou a ler a carta pela terceira vez. Os olhos negros reluziram de ira.

Ayeshe se ajoelhou diante dele, trêmulo. Aretas virou-se para seu principal general.

– Saleem, arranque os generais da cama. Preparem a guarda real. Cavalguem a noite toda se for preciso; nosso inimigo é o tempo. Não ouse voltar sem minha filha.

O rei ergueu a mão para Saleem e depois encaminhou-se para a entrada da tenda, a fim de mirar as areias brancas e a lua cheia que iluminava as águas azuis do Golfo de Aqaba. Virou-se para seu chefe de estado, silencioso na penumbra.

– Rompa todas as relações de amizade com meu genro. – Sua voz era discreta. Perigosamente suave. – Vamos criar um pretexto para o conflito, lidando com as fronteiras na terra de Gabala, assim que Jotapa estiver em segurança e for adequado para nossos propósitos. Causaremos uma derrota severa e ruínosa sobre Antipas. A honra de Jotapa deve ser vingada a todo custo. – Os olhos negros cintilaram de revolta. – Nunca um príncipe tão fraco e miserável desgraçou tanto o trono de um país aflito... Mahmoud, recolha imediatamente as tendas. Desperte os servos reais. Voltaremos ao amanhecer para Petra. – Pôs a mão com gentileza sobre a cabeça branca de Ayeshe. – Agiu bem, meu devotado servo.

Aretas se virou e atravessou o pátio até uma grande pedra escavada, uma *beytel*, que havia atrás da tenda. Sobre o altar, estava a pequena cruz de madeira entalhada de Alexandria. Ele a tomou e a segurou com força contra o peito, erguendo os olhos para o céu.

– Ajude-me, Hebreu.

AS CONDIÇÕES DO ACORDO

Lúcifer abriu as portas colossais do seu recém-construído palácio de verão e caminhou até os terraços orientais. Observou satisfeito o carro solitário que voava pelas nuvens, a escolta já voltando para o céu intermediário, trovejando rumo ao monstruoso edifício de alabastro concluído havia pouco.

O próprio Lúcifer fora o grande arquiteto do palácio e de seus exóticos jardins suspensos, quilômetros acima das escaldantes planícies da Babilônia no Segundo Céu. Galhos de murta, salgueiro e junípero caíam sobre as paredes dos terraços superiores, e milhares de amendoeiras, tamareiras, ébanos e cornalheiras floresciam ao longo dos terraços inferiores. Ervas-mouras, romãzeiras, pessegueiros, pereiras, marmeleiros, figueiras e vinhas se entrelaçavam ao longo de cem terraços e arcos, apoiados por centenas de colossais colunas de alabastro. Flores de cores vivas e de todos os matizes pendiam das muralhas. Na parte inferior, no santuário interior do palácio, encontravam-se mais de mil câmaras abobadadas e criptas subterrâneas douradas, abrigando sua vasta biblioteca de iniquidades – os registros de todas as linhagens genealógicas da raça dos homens.

Ergueu o rosto para o céu e moveu a palma da mão pelo panorama. No mesmo instante, apareceram as planícies de Perdição. Lúcifer viu as doze pálidas luas magenta mergulhando com rapidez atrás do desolador e ardente horizonte do inferno.

– As luas estão se pondo; chegou bem na hora, meu irmão – murmurou ele. – Marduk, destranque as portas do palácio; vou dar as boas-vindas ao meu irmão.



As rodas de platina do carro real sulcaram a grama verde dos jardins suspensos. No mesmo instante, seis assistentes de Lúcifer se apresentaram e se curvaram profundamente quando a porta do carro se abriu.

Lúcifer postara-se diante da enorme entrada em arcos do palácio. Observou com satisfação a figura alta e musculosa que saiu do carro e caminhou pelo gramado. Os cabelos dourados e sedosos de Miguel caíam-lhe bem abaixo dos ombros largos, sobre a capa de veludo esmeralda. Ele trajava o manto branco cerimonial de seu batalhão, com detalhes em ouro. O rosto forte e cinzelado tinha uma expressão firme, os olhos verdes insondáveis. Lúcifer sorriu de prazer.

– Ah, Miguel... – Aproximou-se do irmão e lhe deu um beijo caloroso em cada face. – Sabia que você viria.

Miguel o encarou com frieza.

– Não desperdice seus joguinhos mentais comigo, Lúcifer.

– Claro, meu irmão, você nunca foi muito mental, como Gabriel. – O irmão decaído sorriu de novo, indulgente. – Mas não importa. – Ele agarrou Miguel com firmeza pelo ombro e o conduziu pelos corredores ventosos. – Tem uma coisa que eu quero que você veja...

Caminharam juntos pelos corredores do palácio, sob os magníficos tetos com afrescos de Lúcifer, e desceram até as mil câmaras douradas e abobadadas. Por fim, pararam diante de portas douradas enormes, muito bem guardadas. Doze guardas luciferianos curvaram-se profundamente em reverência e, em seguida, destrancaram as portas.

Lúcifer entrou na câmara, seguido de perto por Miguel. Lá, diante deles, acorrentada a um colossal altar de alabastro, havia uma caixa entalhada com querubins dourados – a Arca da Raça dos Homens.

– A arca... – murmurou Miguel, maravilhado.

– Ah... – Os olhos de Lúcifer brilharam de excitação. – Como eu conheço esse meu irmão. Fazia tempo que Miguel queria contemplar aquilo que não é mais dele.

– Aquilo que foi *furtado*... acho que essa seria uma palavra mais adequada.

Lúcifer deu de ombros.

– Miguel, *Miguel*... que injustiça. A arca não foi furtada; foi *apropriada*. Eu não a tomei; ela foi posta nas minhas mãos pelos próprios guardiões dela.

– Seus métodos não me interessam. Você a furtou. Você governa como rei da raça dos homens com manipulações, com seus ardis maléficos.

Lúcifer pegou a chave de ouro e abriu lentamente a caixa. Doze códices ocupavam a arca, grandes livros de ouro cujas capas eram adornadas com jacintos, diamantes, safiras, crisólitos e muitas outras pedras preciosas.

– Os títulos de propriedade da Terra e de seu sistema solar, do Segundo Céu sobre a Terra – anunciou Lúcifer –, outorgados por Jeová à raça dos homens. – Virou-se. – E outorgados pela raça dos homens a *mim*. Eu sou o príncipe regente deste mundo. Esta é a aliança de Jeová, conforme obriga a lei eterna... a deserção de Adão, meu maior triunfo. – Virou-se novamente. – Até agora.

Ele deixou a câmara e percorreu os corredores inferiores, dirigindo-se ao passadiço de safira dos terraços inferiores. Miguel o seguiu pelos majestosos pavilhões com cedros e grandes carvalhos, até um pórtico cercado por magníficas cascatas murmurantes. O aroma de olíbano permeava os pavilhões.

Sob o pórtico, havia uma mesa suntuosamente decorada e posta com requinte para três pessoas. Balberith tirou a capa de Lúcifer, depois a de Miguel, colocando-as sobre um aparador atrás deles. O príncipe decaído reclinou-se numa cadeira de marfim ricamente decorada e fez um gesto para que Miguel fizesse o mesmo numa segunda cadeira.

– Bem... – Lúcifer sorriu languidamente. – O Nazareno atingiu a idade de trinta anos, segundo a contagem da raça dos homens. A proteção de Jeová foi suspensa. – Estendeu o cálice para o mordomo, que imediatamente o preencheu com um elixir encorpado de ouro e morango. – Beba, meu irmão – ofereceu a Miguel. – Você tem uma viagem longa... – fez uma pausa – ... até sua casa.

Miguel estendeu o próprio cálice para o mordomo, que o encheu.

– Você está bem? – perguntou Lúcifer. O irmão angelical assentiu. – Gabriel está bem? – Os olhos de Miguel se estreitaram. Ele assentiu lentamente.

– Está preocupado com nossa saúde? – perguntou Miguel, com um raro brilho de maldade no olhar.

Lúcifer o estudou, descontraído.

– Sinto falta do seu humor cáustico. – Pegou uma iguaria macia e açucarada, cor-de-rosa, e colocou-a na boca. – Tenho sentido muito sua falta, Miguel. – Ele dirigiu o intenso olhar cor de safira para o irmão.

Miguel baixou o olhar. Estivera longe da presença de Lúcifer durante eras, mas de súbito começara a sentir a sedução familiar envolvê-lo. O perigo de Lúcifer, analisou Miguel, estava na própria intensidade. Suas divagações foram interrompidas quando uma figura alta e musculosa se sentou na cadeira à sua direita, os cabelos tão loiros quanto os de Miguel, a estatura igualmente imperial.

– Vossa Majestade, apresento-lhe Astaroth, grão-duque de Perdição – declarou Balberith.

Miguel olhou espantado para Astaroth, a alma de repente inundada por mil

emoções inesperadas de mundos havia muito desaparecidos. Astaroth pôs o capacete sobre a mesa. Baixou a cabeça em deferência.

– Príncipe-chefe Miguel da Casa Real... bem-vindo a Perdição.

Lúcifer olhou para ambos com atenção.

– Que comovente! – Um leve sorriso estampou-se em seus lábios. – Dois velhos companheiros de armas. – Estudou a face de Miguel. – Há quanto tempo são amigos, meu irmão?

– A amizade foi rompida – Miguel respondeu com frieza. – Astaroth escolheu a cama dele.

O grão-duque olhou para Miguel durante um bom tempo. Enigmático.

– E me deitei nela.

Balberith e seus auxiliares da corte colocaram grandes pratos de prata com carne de javali e de veado diante deles. Miguel aproximou-se de Astaroth. Lúcifer o observou com o canto do olho.

– Não se arrepende, Astaroth? – falou em tom mais grave. – Você, Gabriel e eu éramos, cada um, um príncipe da Casa Real. Quando acorda à noite, não sente vergonha de sua traição; de tudo o que foi e poderia ter sido?

Uma vulnerabilidade fugaz passou pelas feições de Astaroth. Ele fitou Miguel profundamente, depois o olhar se desviou para Lúcifer, indo por fim contemplar as cascatas. Miguel olhou para o irmão, irritado.

– Tenho a impressão de que você é o dono da língua de Astaroth.

– Ela está sob controle férreo. Governo pela força. Pela coerção. Não faço prisioneiros.

– Contudo, cada um dos que estão aqui são cativos. – A voz de Miguel era suave, mas ameaçadora.

Lúcifer se virou.

– Cansei-me desta conversa com meu irmão. – Seu tom emanava um veneno suave.

– E eu me cansei das distrações do meu irmão – respondeu Miguel, irascível. – Onde será o concurso, Lúcifer?

– Meu tolo e obstinado príncipe angelical... Você está se tornando desinteressante. – Lúcifer reclinou-se na cadeira e sorveu um gole de sua bebida. – Ah... Pergunte-me onde *será* o segundo Éden? Qual maravilha antiga do meu planeta Terra, qual edifício magnífico será nosso palco? – Lúcifer arrancou o pernil de um javali com a mão e fincou os dentes nele vorazmente. – Miguel, será que me encontro com o Nazareno no Mausoléu de Halicarnasso ou no Farol de Alexandria?

Lúcifer ergueu os braços dramaticamente.

– Será na Esfinge de Gaza, ou na Estátua de Zeus em Olímpia, feita de mármore e de ouro laminado? – continuou. – Passei muitas luas para encontrar um lugar

adequado para o Nazareno.

– Não tenho tempo para suas indulgências – retrucou Miguel, fitando o irmão tanto com firmeza quanto com impaciência.

– Marduk! – Lúcifer pegou com indolência uma caixa de prata, brincando com ela em seus dedos anelados. – O humor de Miguel se tornou azedo. – Ele passou a caixa para Marduk. – Leia em voz alta o conteúdo para esse meu irmão rabugento. É o local que eu, Lúcifer, selecionei para nosso concurso.

Marduk abriu a caixa e tirou um rolo. Abriu-o.

– O concurso acontecerá, meu senhor, no lugar chamado Monte Quarnel.

– Monte Quarnel? – exclamou Miguel, arrancando o texto das mãos de Marduk. – O Monte Quarnel fica no *deserto*!

Lúcifer estudou o rosto de Miguel com uma expressão inescrutável.

– Um deserto... – Lúcifer sorriu para ele de forma tentadora. – Como fui *descuidado*... Dois reinos competindo pela raça dos homens num lugar deserto; um lugar que o deixa tão obcecado. – Deu outra boa mordida no pernil de javali e mastigou a carne durante um bom tempo. – É fortuito, Miguel. – Aproximou a cabeça da do irmão angelical, prosseguindo em voz baixa: – O Nazareno será torrado no deserto, tendo jejuado durante quarenta dias, praticamente desmaiando de fome... Será uma grande vantagem para mim.

Miguel fez um aceno de cabeça para Astaroth.

– Já consegui o que queria. Devo partir. – Levantou-se e agarrou a capa, irritado, a mão sobre a espada. – Estarei lá para testemunhar sua derrota, Lúcifer.

O irmão decaído levantou-se, os braços abertos.

– Engano seu, meu irmão! – replicou Lúcifer, enquanto Balberith colocava a capa em seus ombros. – Não percebe? – silvou. – Se o Nazareno obedecer a um dos meus comandos, a *um* que seja, Miguel, ele será meu súdito; terá de se render a mim. Como Adão fez antes Dele. Deverá fazer a minha vontade. A patética missão de redenção de Jeová foi malsucedida.

Lúcifer curvou-se sarcasticamente para Miguel.

– O selo foi suspenso – disse ele. Miguel o observou andar pelos corredores, a capa índigo flutuando atrás dele. – O Nazareno é meu! – gritou Lúcifer.

Um leve aroma de olíbano ficou no ar após sua saída.



Miguel abriu as portas dos aposentos de Gabriel, ao sul. Gabriel virou-se lentamente do balcão.

– Voltou em segurança, meu irmão. Fico contente. – As feições gentis demonstravam perturbação. – Tenho sido atormentado por pesadelos, Miguel; vi a

verdadeira intenção dele. – Gabriel aproximou-se do irmão. – Ele vai colocar o reino dele a Seus pés: a arca, os títulos de propriedade, os livros de julgamento, o livro das iniquidades, pois cabe a ele dá-los a quem desejar.

Miguel assentiu. Tirou o cinturão da espada e colocou-o debilmente sobre um trono de jacinto.

– Ele escolheu o Nazareno para isso. Caminhemos.

Gabriel e Miguel andaram juntos pelo vasto piso de diamante dos aposentos de Gabriel, sob o teto alto, até chegarem à porta em arco do retiro particular que levava ao palácio de vidro, suspenso sobre a extremidade do Mar de Cristal. Os pisos da casa de vidro eram de um gramado exuberante, cobertos por dedaleiras e lupinos de todas as cores do arco-íris. Grandes lagoas fluíam em cascatas que caíam por quilômetros até o mar. Gabriel caminhou sobre as flores que brotavam sob seus pés e mergulhou nas profundas lagoas prateadas. Depois, voltou à superfície.

– Christos nasceu da lama e da poeira. – Afastou algumas mechas de cabelo dos olhos. – Envolvido por um corpo material. Ele vai enfrentar Lúcifer e seus ardis maléficos como membro da raça dos homens. Se fracassar uma única vez...

Miguel manteve o olhar fixo em um ponto a leste, onde a reluzente porta de rubi brilhava a distância.

– ... o plano de Jeová para libertar a raça dos homens da tirania de Lúcifer estará perdido – completou.

Gabriel assentiu, o olhar desviando-se para a caixa de prata ainda na mão esquerda de Miguel.

– Onde será o concurso, Miguel? – sussurrou Gabriel. – Em um segundo Éden?

Miguel desviou o olhar da porta de rubi para as vastas pradarias cobertas de juncos dourados das planícies orientais do Éden. Os irmãos contemplaram a sublime majestade do horizonte, com seu arco-íris ondulante, em silêncio.

– Não, é longe de qualquer Éden, Gabriel. – Miguel baixou a cabeça, revelando um terrível sofrimento nas feições marcantes. – O concurso será realizado no Monte Quarnel, ao norte de Jericó. Ele vai enfrentar Lúcifer no deserto, cercado por feras selvagens.

⊙ VALE DA TENTACÃO - 27 D. C.

Jesus inspecionou a grande extensão de deserto estéril e rochoso, com Suas fortes feições imperiais duras como pedra. Os cabelos compridos, levados pela feroz tempestade de areia do deserto, eram açoitados pelo vento e batiam nos ombros nus, queimados pelo sol. Ele tropeçou no terreno áspero e rochoso, desmaiando de fome e exaustão. Ao longe, uma segunda figura caminhava em Sua direção. Lúcifer se deteve a dez metros de distância, os cabelos negros esvoaçantes ao vento, majestoso, nobre. Quase podiam ter sido irmãos, embora Lúcifer tivesse um metro a mais de altura, seis asas espalhadas às costas e uma capa vermelha flutuando atrás dele. Um serafim sombrio.

A distância, Astaroth, Dagon e Moloch estavam em silêncio, no alto das montanhas, e atrás deles milhares de membros da hoste decaída aguardavam, ameaçadores, cobertos por sombras, nos monstruosos carros negros de guerra.

Jesus olhou resolutamente para Lúcifer. Este analisou o olhar cristalino do Nazareno.

– Então, é a isto que chegamos... – Lúcifer soltou um riso alucinado. – O grande Jeová... Christos, governante soberano do universo, preso à matéria. Jesus de *Nazaré*...

Jesus ficou em silêncio.

– O selo da Sétima Pedra foi suspenso. Está desprotegido, Christos. – Lúcifer caminhou em sua direção ameaçadoramente. – Agora, você não tem mais nenhum dos seus antigos poderes; vai precisar passar pelo teste, como um *deles*. É a condição dos códices.

Jesus continuou encarando-o. Em silêncio.

Lúcifer praticamente cuspiu as palavras seguintes:

– Imaginar que eu chegaria a ver este dia: Jeová, o Criador Todo-Poderoso, negando Sua divindade e assumindo a forma inferior deles. Inferior aos anjos. Isso me *insulta* – confessou. Os olhos dele se estreitaram. – Mas talvez Você não seja *Ele*. Exijo provas... – Virou-se. – Se Você é o Filho de Deus, prove. Jejuou e está desmaiando de fome. Então, transforme estas pedras em pão.

Jesus ficou completamente imóvel enquanto Lúcifer se aproximava. Este se agachou e pegou uma pedra; ela se transformou em um pão recém-assado... ainda fumegante.

Jesus baixou a cabeça. Estava sem comer havia quase quarenta dias, e Seu corpo faminto começava a se rebelar com violência.

Lúcifer pegou o pão e o comeu, regozijando-se com o tormento do Nazareno.

– Sacie Sua fome. – Estendeu-lhe o pão fresco. – A matéria exige sustento para existir. – Sorriu. – Ao contrário da essência angelical.

Lúcifer estudou Jesus com os olhos estreitados, enquanto comia mais um pedaço de pão. Com grande satisfação.

Jesus baixou a cabeça. Sua voz estava fraca:

– Foi escrito por Meu Pai: *Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus*.

Lúcifer analisou-O durante um bom tempo, depois moveu a mão pelo céu. Imediatamente, ele e Jesus estavam em pé na elevada torre espiral do templo de Jerusalém. Lúcifer observou Jesus com atenção, aproximando-se Dele.

– Trinta anos longe da Sua presença, longe do próprio elixir da vida... Você está sofrendo, Christos; sinto isso – sussurrou.

Uma dor terrível atravessou o semblante de Jesus.

– Recorde novamente seus dias de glória! – Lúcifer ajoelhou-se sobre uma das pernas e baixou a cabeça. – Olha, ó Deus, escudo nosso, e contempla o rosto de Teus príncipes-chefes, pois um dia em Tuas cortes... – um sorriso lento e cruel se espalhou em seu rosto quando ele ergueu os braços para o céu – ... é melhor do que mil em qualquer outro lugar.

Jesus não disse nada enquanto observava imagens e mais imagens de Lúcifer e seus arcanjos curvando-se diante do Seu trono. Um soluço de agonia subiu pela garganta do Nazareno, porém, e Ele se virou para Lúcifer, repentinamente vulnerável.

Lúcifer estava pronto.

– Sofro como Você sofre, Christos, todas as manhãs. – Estendeu sua mão, ainda usando o anel com o timbre da Casa Real de Jeová. Jesus ficou espantado ao reconhecer o selo real, e um anseio intenso e penetrante percorreu Seu ser. – Lúcifer sorriu. – *Sei* como é estar amargurado, Christos, afastado da presença Dele.



Jether caminhou lentamente para longe da entrada do Santo dos Santos, a cabeça abaixada em silenciosa súplica.

– Lúcifer está revisitando o Éden como tentador – Gabriel disse, desviando o olhar para um ponto distante.

– Isto não é o Éden – murmurou Jether, o rosto pálido. – Agora ele será tentado sob todas as condições prementes da queda. – Dirigiu-se à extremidade dos jardins suspensos, olhando para a Terra, e ergueu a mão. No mesmo instante, o Monte Quarnel pôde ser visto.

Miguel observou, horrorizado, Lúcifer e Jesus de Nazaré.

– Está lançando todo o arsenal perverso do inferno contra Ele – falou Miguel. – Lúcifer planejou tudo meticulosamente.

– Aguardemos. – Jether colocou a mão com firmeza no braço de Miguel, a cabeça abaixada. – Tenha fé.



O tentador prosseguia.

– O filho de um carpinteiro de Nazaré não pode anunciar um reino, *a menos* que O proclamem seu rei... Eles não compreendem Sua divindade, Christos – sussurrou. – Mesmo em Nazaré, o carpinteiro é um profeta sem honra.

Christos baixou a cabeça.

– Você – continuou Lúcifer –, o Grande Rei do Primeiro Céu, tornou-Se inferior aos anjos, Christos... em nome de quê? Da raça dos homens? Você lhes concedeu o livre-arbítrio, e eles *me* escolheram! Eles não *ligam* para o fato de Você ter nascido como um deles. O sacrifício do grande Christos se foi, completamente despercebido pela raça dos homens. – Um sorriso maligno brincou na boca de Lúcifer enquanto ele acariciava seu anel. – Que visões de desespero, que desolações têm ocupado Sua alma nestes quarenta dias e noites, Christos? Visões de uma missão que não chegou ao fim? De uma missão fracassada? A raça dos homens procura sinais, Christos. Eles procuram maravilhas. Desça, caindo do céu, em meio aos sacerdotes, Christos... Prove a eles Sua divindade... Salte pelos céus – silvou.

Lúcifer deslizou a mão pelo horizonte e, no mesmo instante, uma cena se

desenrolou diante deles. Jesus assistiu, transfixado, imagens nas quais Ele saltava da espiral e era aclamado com gritos. Viu quando os fariseus e saduceus O saudaram como rei. Observou, quase hipnotizado, os principais sacerdotes caindo diante Dele em reverência, enquanto Ele caminhava pelo pátio do templo.

As palavras persuasivas de Lúcifer interromperam Seu devaneio.

– Jeová vai encarregar os anjos Dele de tomarem conta de Você, de mantê-Lo – sussurrou. – Miguel vai salvá-Lo... e depois vão saudá-Lo como seu verdadeiro Messias... Tome um atalho, Nazareno... Mostre Seu poder... Salte pelos céus...

Lúcifer se aproximou de Jesus. Observaram juntos, em silêncio, as portas maciças do templo se abrindo e as trombetas dos sacerdotes rompendo o melancólico silêncio da alvorada.

Jesus olhou para cima, pálido e trêmulo.

– Não tentareis o Senhor vosso Deus.

Lúcifer empalideceu. Apertou a pesada capa de veludo contra si, furioso, e passou a mão sobre o céu. No mesmo instante, ele e Jesus estavam em pé no cume de uma grande montanha, sob o fulgor do sol, de onde tinham uma visão geral do planeta todo.

Na mesma hora, o horizonte mudou, e os sons de milhões de vozes de coros celestes, de pandeiros, flautas e violinos – sons maravilhosos, além da compreensão humana ou angelical – excitaram Seus sentidos.

– O esplendor do Éden, os elementos fascinantes da Terra em toda a sua glória – murmurou sedutoramente Lúcifer. – Observe a beleza, a majestade...

Lúcifer passou a andar ao redor de Jesus. Este olhava, estranhamente cativado, para mil imagens de cores nítidas.

– Nações que se erguem e caem, reis e reinos... – sussurrou Lúcifer.

Jesus observou centenas de milhões de soldados – chineses, norte-americanos, ingleses, japoneses, árabes e russos, com as bandeiras exibindo o selo real de Jeová – em marcha.

– É por isso que Você está aqui, Christos. Para proclamar o reino de Jeová. Você não precisa passar por teste algum, pois na verdade vou lhe dar de presente todas as nações deste planeta, agora. *Tudo* que me foi entregue nos documentos de propriedade da Arca da Aliança da Raça dos Homens. – Um estranho e lento sorriso se espalhou pelas feições de Lúcifer. Ele se curvou diante de Jesus. – Eu *Lhe dou* o meu reino.

A um aceno de Lúcifer, Asmodeus e seis anjos decaídos aproximaram-se deles levando a Arca da Aliança da Raça dos Homens sobre os ombros. Depositaram a grande arca de ouro diante dos pés de Jesus. Lentamente, Lúcifer abriu a tampa. Dentro, estavam os doze códices de ouro reluzente, os documentos de propriedade da terra e dos sistemas solares. Lúcifer declarou:

– Concedo a Você o domínio sobre a raça dos homens. E... – fez um gesto abrangendo os milhões de membros decaídos da Hoste das Sombras nos carros de guerra que aguardavam no horizonte – ... dou-lhe também os exércitos dos decaídos, que já foram Seus, para que fiquem sob o Seu comando.



Jether meneou a cabeça, uma expressão de seriedade estampada no rosto.

– A que ponto o portador de luz caiu. Está oferecendo sua hoste decaída, que antes serviu a Christos, para que sejam Seus vassalos.

Miguel franziu o cenho.

– Os títulos de propriedade... Que estratégia artilosa é essa?

– Ele ofereceu o reino da raça dos homens em troca da própria alma – murmurou Gabriel.

– Sabíamos que seria assim – acrescentou Jether. – A mesma estratégia que ele usou para tentar Eva, e depois Adão. Se Jesus, cansado do concurso, sucumbir às seduições, Ele ficará de joelhos ante Lúcifer, tal como Adão fez com tanta facilidade no primeiro Éden. Então, se tornará seu súdito e abrirá mão do direito de proclamar o reino do Primeiro Céu.

– É a regra da lei eterna – completou Gabriel. – Lúcifer sabe muito bem disso.

Viram quando Jesus cerrou os olhos.

– Ele está desmaiando de fome – murmurou Miguel.

– Está cansado do concurso – sussurrou Jether. Cobriu a cabeça com o capuz, as mãos trêmulas, e baixou a cabeça. Suplicava pela alma de Jesus de Nazaré.



– Abra mão do concurso, Christos. – Lúcifer se aproximou; sua voz era suave, sedutora, convincente. – Eles não merecem o amor de Jeová. São renegados, traiçoeiros... só amam a si mesmos.

Os olhos de Lúcifer arderam de fúria, e ele prosseguiu:

– Os homens me servem de bom grado; gostam das minhas recompensas. São pervertidos; a transgressão deles contra nosso Pai é imperdoável. Por que Você deveria proclamar Seu reino se os ouvidos deles estão tapados e os olhos deles, fechados; quando estão entregues apenas à luxúria e à gratificação? Eu Lhe darei toda essa autoridade sobre a raça dos homens porque a tenho; ela me foi entregue e posso ofertá-la a quem eu quiser. – Os olhos de Lúcifer brilharam de excitação. – *Quero dá-la a Você, Christos...* – aproximou tanto seu rosto do Dele, que sua face roçou a de Jesus – ... *se Você me venerar.*

A cabeça de Jesus permaneceu abaixada; a face de Lúcifer se contorceu, transformando-se em uma máscara cruel de aversão.

– Agora curve-se, Nazareno – rosnou –, como me obrigou a fazer na prisão, quando Você me humilhou diante do meu reino... *Venere-me...*

Muito lentamente, Jesus levantou a cabeça.

– Está escrito que você deve venerar o Senhor seu Deus, e apenas a Ele deve servir. – Sua voz era suave como a brisa, mas também afiada como uma lâmina. – Antes de se rebelar, você Me venerava como serafim. – Seus olhos claros e intensos fixaram-se diretamente no sombrio olhar de safira de Lúcifer.

As palavras de Jesus soaram inequívocas e límpidas pelo céu do Monte Quarnel, alcançando o Primeiro Céu.

– Afasta-se... de Mim... Satã.

Lúcifer protegeu os olhos da luz cegante que emanou da forma de Jesus. O Nazareno ergueu o braço. No mesmo instante, Lúcifer foi lançado com violência sobre a superfície do deserto, o corpo tremendo descontroladamente de aversão e terror.



– Jeová! – gritou Jether aliviado. Uma lágrima escorreu solitária pela face encanecida.

Gabriel fechou os olhos em reverência.

– O reino do Primeiro Céu desce sobre a raça dos homens!

Uma grande rajada de vento tomou o horizonte oriental quando as enormes águias brancas de Jeová voaram sobre as íngremes bases de ônix e sob as nuvens, rumando para o Monte Quarnel.

Miguel se levantou.

– Apressemos-nos por nosso rei! – gritou.



Moloch ficou atônito, paralisado diante da escaldante luz que irrompia do alto do deserto sobre a hoste decaída. Dagon caiu de joelhos, pesados como chumbo, tentando recobrar o fôlego.

– Recuar! – berrou, agarrando a garganta, enquanto centenas dos cavalos negros de Lúcifer dispararam, derrubando os carros de guerra e correndo pelo deserto.

– Recuar! – gritou Moloch. – O Nazareno criou o caos contra nós!

O alarido se fez em meio à confusa horda decaída, e milhares de monstruosos carros de guerra alçaram voo para o ardente céu da alvorada sobre o Monte Quarnel.

Só Astaroth ficou ali em silêncio, os grandes punhos segurando as rédeas dos enormes cavalos de guerra de Lúcifer, que puxavam seu carro.

Os cavalos estavam calmos, mas todo o corpo de Astaroth tremia, de seu abrigo no carro, ao observar a cena, o olhar fixo na figura imperial a distância, toda de branco. Viu, transfixado, quando Christos ergueu as mãos para o céu em enlevo.

A luminosidade feroz foi se suavizando lentamente, e Astaroth saiu da proteção do carro de guerra de Lúcifer para as planícies abertas, observando o céu. A companhia de Miguel, com dez mil vezes dez mil legiões angelicais, desceu sobre o vasto terreno deserto do Monte Quarnel, os chofares angelicais soprando ao norte, ao sul, a leste e a oeste do horizonte, liderados pelo carro dourado do príncipe-chefe. Astaroth observou quando Miguel aterrissou, alto e imperial em sua armadura dourada. Tirou o capacete, libertando os longos cabelos loiros das tranças, e caminhou em direção à forma branca e ardente, ajoelhando-se diante dela.

Astaroth virou a cabeça quando mil emoções inesperadas invadiram sua alma. Depois, ergueu os olhos até uma forma monstruosa que voava diretamente para ele através do deserto, as seis asas escuras de serafim estendidas, os cabelos negros espalhando-se sobre a capa escarlate que esvoaçava loucamente ao vento do deserto, os olhos ardendo com um maligno fogo carmim. Seu mestre Lúcifer.



Baixei meus olhos para desviar do ódio malévolo de seu olhar naquele dia – o dia da dolorosa derrota nas mãos do Nazareno.

– Terei minha vingança, Gabriel! – disse ele ao envolver sua forma imperial com a capa escarlate.

Depois, desapareceu com Astaroth em seu carro de guerra, subindo pelos relâmpagos e seguindo a ameaçadora e iníqua horda de decaídos.

Voltava para o palácio de verão, nas planícies babilônicas da raça dos homens... para conspirar novamente contra o Nazareno.

Nick estacionou fora do hotel Movenpick Nabatean Castle, a dez minutos da entrada de Petra. Entregou as chaves do conversível alugado ao recepcionista e depois virou-se para as montanhas, absorvendo a espetacular vista sobre o Vale da Grande Fenda. Passou os dedos frágeis pelos longos cabelos desgrehados, com elegantes mechas mais escuras.

– Encontrem-me outra maravilha assim tão bem conservada no Oriente Médio – murmurou com seu sotaque nitidamente londrino. – Ergue-se a cidade vermelha...

– ... tão antiga quanto metade do tempo – disse a familiar e melodiosa voz árabe com sotaque inglês, completando com suavidade a citação.

Nick se virou, as feições exibindo uma serenidade incomum.

– O poeta e viajante vitoriano Dean Burgon; eis sua contribuição para esta maravilha que é Petra – prosseguiu a princesa. Ela estudou Nick com atenção. Ele parecia estar mais debilitado que da última vez em que o vira, um mês antes. Mas ainda assim atraente... atraente demais.

Quatro anos antes, aos vinte e quatro, Nick De Vere fora a alma da sociedade ocidental, símbolo sexual do ano nas melhores revistas de fofocas do Ocidente – o rico e belo *playboy* cuja principal ocupação era dissipar a primeira parte do seu imenso fundo fiduciário em uma série de clubes particulares exclusivos que iam de Londres e Monte Carlo a Roma, sete noites por semana. Seus movimentos eram acompanhados e registrados nas primeiras páginas de jornais como *News of the World* e *The Sun*, para a apreensão do pai e desespero da mãe – e para o horror do irmão mais velho. Por fim, seu pai, James De Vere, congelara o fundo fiduciário de Nick na noite que antecederia sua morte, causada por um ataque cardíaco fulminante. E agora Nick tinha aids. Noitadas demais – sexo, heroína, a adrenalina da caça. Nick De Vere estava morrendo.

– Você veio? – Nick parecia surpreso.

Ele se aproximou da princesa e do grupo de guarda-costas bem barbeados no saguão do hotel, onde ela era saudada pelo gerente. Os agentes do serviço secreto jordaniano já estavam espalhados e posicionados pelo local.

A princesa Jotapa entrava no elevador com o gerente. Lançou a Nick um olhar firme ao dizer:

– Temos uma paixão similar por artefatos antigos. Você disse que havia descoberto uma antiguidade... algo que eu consideraria imensamente interessante.

Nick assentiu.

– Vossa Majestade... – interrompeu o gerente, curvando-se.

Nick observou furioso as portas do elevador se fechando diante dele.

Correu pelas escadas, chegando sem fôlego justamente quando a princesa saía do elevador e se dirigia ao terraço. Haviam se encontrado apenas uma outra vez desde a reunião em Alexandria, após uma festa em Amã, durante a rápida passagem de Adrian pelo Oriente Médio.

– Você tem bom gosto arquitetônico, Nicholas. – A princesa arqueou as sobrancelhas. Parecia impressionada. – Este hotel foi projetado pelo renomado arquiteto jordaniano Rasem Badran, ganhador do Prêmio Agha Khan de Arquitetura Islâmica.

O gerente conduziu Jotapa a uma mesa particular na extremidade do terraço e puxou a cadeira para ela. Nick os acompanhou, franzindo o cenho para os dois guarda-costas do serviço secreto que se mantinham em pé, os fones de ouvido a postos, perto da princesa. Ele puxou uma cadeira para si e se sentou pesadamente, chamando o garçom enquanto Jotapa estudava o cardápio.

– Sorvete de pistache Movenpick... – Jotapa sorriu para o garçom.

– Chá de menta – pediu Nick.

O garçom saiu rapidamente, e Jotapa dirigiu sua atenção para Nick.

– Imaginei que nos encontraríamos num *resort*.

– O bar Al Nadeem tem o mais espetacular crepúsculo da Jordânia. – Nick a fitou com intensidade. Um leve rubor subiu pelo pescoço de Jotapa, atingindo as orelhas. Ela baixou os olhos.

– Saiid, Mahmoud... – Ela fez um gesto para que os seguranças se afastassem. Ambos baixaram a cabeça em sinal de respeito e foram para o outro lado do terraço.

Nick apontou os guardas com um gesto de cabeça.

– Como consegue viver neste aquário?

Jotapa suspirou.

– Cresci cercada por guarda-costas; faz parte da minha vida. – Ela sorriu gentilmente para Nick. – Não me aborreço com isso, Nick – falou, sem expressar nenhuma emoção em especial. – Recebi muitos privilégios como princesa da Jordânia, e como princesa aceito o fardo que também me é dado. É meu dever servir a meu povo.

– Mas você não gostaria, apenas por uma vez, de poder jogar tudo ao vento? De ser livre? – Ele a olhou espantado.

– Não, Nick De Vere, jamais pensei nisso. Essa é a diferença entre nós. Você jogou tudo, fortuna, privilégios, ao vento para ser livre... – Ela hesitou. – Mas eu já sou livre, Nick. – Jotapa reclinou-se na cadeira, estudando-o. Intrigada.

Ele tirou um objeto embrulhado em um pano bege.

– Para você – disse despretensiosamente, colocando-o sobre a mesa. – Sem você, não teria tido acesso ao material encontrado na Jordânia.

– Você compreende, é claro, que seu acesso sem precedentes não foi apenas um

favor real, mas a recompensa por sacrificar uma divulgação mundial. – Jotapa sorriu, sem tirar os olhos do pano. – E para manter sua boca selada.

Nick ficou em silêncio por um instante, lembrando-se da névoa branca que surgira quando os dois enormes códices encadernados em ouro haviam ficado visíveis no compartimento superior da caixa. Lembrou-se do seu encantamento ao ver pela primeira vez a escrita angelical pulsante – ele podia quase saborear o momento em que passara um dos dedos ao longo do título, e as letras árabes reluzentes se transformaram imediatamente para o inglês.

Nick deslizou o pano pela mesa, até chegar a Jotapa.

– É pelo amplo favor real. Tome. – Ela o encarou. – Abra-o.

Ela desembrulhou o pano com cuidado. Os olhos brilharam de curiosidade. Sobre a mesa, diante dela, havia um maço de rolos de papiro.

– Sua homônima – Nick falou em voz baixa. – O rei Aretas, o Quarto, de Petra. São os diários reais privados de sua filha, Jotapa, desenterrados em nossa escavação em Petra.

Ela o encarou. Estupefata.

– E onde você...?

– Em nossas escavações no Templo do Leão Alado.

Nick afastou a cadeira e se levantou, o chá intacto.

Jotapa buscou a mão dele. Sentiu-se vulnerável de repente.

– Você...? – Hesitou. – A cruz – murmurou. – A lenda...

Nick afastou a franja dos olhos.

– Ela não... – Jotapa engasgou com as palavras.

– Ela não me curou, Jotapa – Nick murmurou, dirigindo-se para a porta.

Ela baixou a cabeça e assentiu, aceitando o fato. Ele se afastou alguns passos, depois se virou.

– Mas não toquei na cruz, princesa. Não consegui. Portanto, a lenda ainda é válida.

E, sem mais palavras, Nick De Vere partiu.

FUGA – 27 D. C.

Os generais de Aretas corriam a grande velocidade nos cavalos árabes reais, ladeados pela feroz guarda real. A uma distância não muito grande deles, a guarda real de Herodes Antipas cavalgava em perseguição, mascarados da visão alheia pelas intensas tempestades de areia que sopravam no deserto, enquanto o grupo de árabes fugia de Macherus através das vastas planícies áridas do caminho até Petra.

Jotapa estava agarrada à cintura do general mais confiável de Aretas, o bravo e nobre Saleem, os cabelos reluzentes que iam até a cintura esvoaçando loucamente atrás dela enquanto cavalgavam. Os olhos encontravam-se arregalados de medo.

À frente, ao longe, mal podendo ser visto em meio às escaldantes tempestades de areia, uma figura alta e solitária caminhava pela areia, Seu manto de linho branco soprando com fúria ao sabor do vento do deserto. Ele estava bem no caminho dos árabes. Sem se mexer. Ergueu a mão. Um por um, os cavalos árabes foram parando em plena terra árida e inóspita, recusando-se a se mover, recuando e relinchando, aterrorizados.

O estrangeiro se aproximou dos cavalos. Atônita, Jotapa observou-o, erguer Suas mãos e fazer com habilidade os sinais secretos, bem como os assovios que, estava certa, apenas os treinadores reais do pai conheciam. No mesmo instante, os cavalos se acalmaram, acariciando as mãos do estrangeiro.

Saleem esporou a montaria, mas ela se recusou a prosseguir. Jotapa virou-se para o estrangeiro, numa apreensão misturada a raiva.

– Um tolo e seus encantamentos! – gritou Saleem. – Tirem-no do nosso caminho. Usem os chicotes!

Jesus permaneceu calmamente no mesmo lugar. Os olhos de Jotapa encontraram os Dele. O olhar dela revelava sua irritação. Ele, no entanto, sorriu.

Impaciente, ela apeou. Saleem pegou o chicote e, com raiva, aproximou-se de Jesus. Jotapa, revelando-se subitamente impetuosa, segurou o braço de Saleem. Meneou a cabeça altivamente, olhando para Jesus de forma autoritária.

– Não, Saleem, eu vou lidar com isto, com este estrangeiro *arrogante*.

Saleem se apoiou em um dos joelhos.

– Sim, princesa.

Jotapa se aprumou em sua altura imperial, puxou o capuz negro da capa sobre a cabeça e, forçando o corpo contra a furiosa tempestade de areia, marchou com imensa dificuldade em direção a Jesus. Ele a observou com atenção, controlando Sua reação divertida diante da impertinência dela.

– Como *ousa*? – A princesa se postou diante Dele, os olhos piscando com arrogância sob o capuz. – Tem ideia do caminho de quem Você bloqueou?

Jesus baixou a cabeça.

– Olhe para mim, estrangeiro! – Jotapa colocou o chicote sob o queixo de Jesus. – Está tratando com a princesa da Arábia!

Com grande esforço, Jotapa forçou o rosto Dele a se levantar para olhá-lo.

Jesus ergueu a cabeça, os cabelos escuros açoitando as maçãs do rosto proeminentes. O rosto irradiava tamanho brilho, que Saleem e seus generais puseram os braços na frente dos olhos.

Jotapa olhou para Ele com apreensão. Devia ter mais ou menos sua idade.

Os cachos negros e sedosos cobriram seu rosto sob o capuz. Jesus estendeu a mão e afastou com gentileza uma mecha dos olhos dela. Jotapa O fitou, estupefata, e sua mente recuou a uma lembrança distante – um momento no tempo, mais de trinta anos antes, quando o jovem rei e a princesa haviam se conhecido. Ele virou a mão esquerda dela; Jotapa avistou a pequena cicatriz que mal se via na palma.

O chicote escorregou da sua mão e caiu no chão. Ela O fitou em silêncio, atônita.

– Certa vez, seu pai, Aretas, protegeu Minha casa – falou ele com suavidade, tomando a mão delicada na Sua. – Diga a ele, Jotapa, por Mim, que seu amigo hebreu não se esqueceu. Meu Pai jamais deixará de proteger sua casa. Meu reino está por vir.

Jotapa olhou para Jesus como se estivesse estranhamente hipnotizada.

Saleem, recuperado, dirigiu-se para onde estava Jotapa, a espada erguida.

– Princesa! – gritou, apontando para a guarda real de Antipas, agora bem visível

no horizonte, correndo com alarido na direção deles. – Eles vão nos trucidar. – Olhou sombriamente para Jesus. – Sem piedade!

Jesus sorriu.

– Não precisa forçar seus cavalos, fiel servo da Arábia. – A voz Dele soava calma. – Os homens de Antipas recuaram. Cavalguem em paz.

O experiente Saleem olhou por sobre o ombro e ficou aturdido, os olhos arregalados. As areias do deserto estavam vazias, em silêncio. Os ventos furiosos haviam se acalmado, tornando-se uma brisa suave. Saleem franziu a testa, desconcertado. Estranhas lágrimas brotaram dos seus olhos. Ele se curvou diante de Jesus e o saudou, depois virou-se para os generais, brandindo no alto sua espada.

– Os deuses protegeram a filha do rei. Vamos cavalgar para a Arábia! – gritou.

Quando se virou, Jotapa ainda estava imóvel, olhando transfixada para a vastidão do deserto. A imperial figura de branco tinha desaparecido.



Charsoc ia de um lado para o outro do pórtico dos exóticos jardins suspensos do recém-construído palácio de verão de Lúcifer, ouvindo o débil trovejar que ecoava pela tarde carmim, o som dos decaídos nos monstruosos carros de guerra, voltando do Monte Quarnel na Palestina. O trovejar foi crescendo à medida que legiões de carros de guerra pousavam nos exuberantes e extensos jardins do palácio.

A guarda negra de elite de Lúcifer ficou em posição de sentido, petrificada ao ver seu mestre descer do carro com irritação, a capa enrolada com firmeza ao seu redor, chicote em punho, o semblante tão estrondoso quanto um trovão. As botas de aço batiam ferozmente no piso de safira enquanto ele caminhava sob galhos de salgueiro e junípero pelos majestosos pavilhões de cedro e de grandes carvalhos, chutando os arbustos de margaridas no caminho. Logo atrás dele iam Astaroth e a guarda de elite.

Irrompeu pelas salas douradas e abobadadas, dirigindo-se aos terraços orientais, onde jogou a capa escarlata sobre o chão de mármore. Largou-se no trono de prata, à cabeceira da imensa mesa com toalha de cetim branco e posta meticulosamente para um grande banquete que celebraria a vitória certa contra o Nazareno. Seis imensos candelabros dourados, cada um com cem velas negras, iluminavam o terraço. O olíbano queimava e fazia muita fumaça.

Lúcifer ficou sentado em silêncio e depois estendeu a mão. Ninguém fez menção de se mexer. Balberith, no entanto, ergueu uma jarra de prata com um elixir de frutas exóticas e, com as mãos trêmulas, despejou o licor no cálice adornado de joias de seu mestre. Oitenta cortesãos encontravam-se espalhados pelo terraço, aguardando com interesse. Lúcifer continuava sentado e tão imóvel quanto uma pedra. Momentos se passaram. Então, lenta e propositalmente, Lúcifer virou o cálice para

baixo. Observou o elixir carmim caindo, manchando a toalha de cetim, a expressão insondável. E, com um único safanão, arrancou a toalha da mesa, e os finos cálices de cristal, bem como os pratos de prata, espatifaram-se em pedaços no chão de lápis-lazúli.

Tirando o manto, mergulhou nas águas de bela cor azul-escura da imensa piscina que fluía ao lado dos magníficos balcões de safira do terraço.

Os poderosos membros de Lúcifer cortavam a água com tamanha fúria que fizeram até o colossal Astaroth tremer em descontrole. Charsoc caminhou pelo jardim e foi até a beira da piscina.

– E o Nazareno? – Charsoc arqueou as sobrancelhas para Astaroth.

– Ele não sucumbiu. O Nazareno venceu o concurso. – Astaroth ficou olhando para Charsoc, lívido.

– Fracassamos – sussurrou Charsoc, apavorado.

Lúcifer saiu da piscina, e Balberith correu para lhe entregar uma toalha branca de cetim. O decaído arrancou-a das mãos de Balberith, jogou-a sobre os ombros e calçou lentamente os chinelos de prata que haviam sido postos diante dele. Encaminhou-se para a extremidade dos jardins suspensos. Em silêncio. Nem um músculo do seu rosto se movia. Controlava a ira com disciplina férrea.

– Vamos para Perdição ao amanhecer, com a Arca da Raça dos Homens – murmurou Lúcifer. Depois, voltou-se para Charsoc. – Sejam prudentes. – Tirou uma romã dourada de uma árvore alta, com milhares de flores brancas, e deu nela uma grande mordida. – Convoque os Conselhos Sombrios do inferno para irem ao Palácio Negro. Chame-os no Segundo Céu e sob a Terra. – A voz de Lúcifer era muito suave. Perigosamente suave. Um sorriso flutuou em seus lábios. – Que danos pode *causar* um carpinteiro de Nazaré? – disse, dando de ombros. Levou a romã aos lábios e se virou para contemplar a vasta planície da Babilônia, a expressão como a de uma esfinge.

A romã caiu de sua mão e rolou pela grama.

– Que danos... não é mesmo? – E esmagou ferozmente com os pés a fruta comida pela metade.

ZAHİ

Jotapa cavalgava como uma rajada de vento em sua égua cinzenta, toda animada, sentindo o fluxo de adrenalina enquanto corria pelos pavilhões e pelo anfiteatro do palácio, deixando bem para trás os magníficos jardins ornamentais árabes e os parques reais de caça. Estava de volta à sua amada Arábia.

Avançou pelos vastos gramados do palácio, sob as elegantes alas de palmeiras antigas, passando pelas plantações reais de pistacheiros, cajuzeiros e oliveiras selvagens nas ardentes areias brancas. Reduziu a velocidade do cavalo ao chegar às tendas negras onde viviam os parentes de Aretas, membros da realeza. Seis jovens príncipes nabateus, dispostos a treinar cavalos reais, fizeram gestos frenéticos quando sua égua passou correndo e gritaram para ela, as vozes crescendo em excitadas e confusas saudações em aramaico na sua passagem a galope.

Enfim, Jotapa alcançou a entrada dos suntuosos Estábulos Reais, com sua bela ornamentação dourada. Apeou. Aretas não percebera sua chegada, entretido na companhia de seu cavalo árabe favorito. Ele sussurrava palavras carinhosas e lhe dava comida com a própria mão.

– Papa! – Ela correu até Aretas e se jogou nos braços dele. O rei a beijou nas duas faces e apertou-a com força contra o peito. Fitou-a, os olhos úmidos, profundamente emocionado.

– Estou muito grato por você estar bem, minha filha – sussurrou, enxugando com o dorso da mão uma lágrima errante no rosto. – No crepúsculo anterior, fui até um lugar elevado e fiz um sacrifício em agradecimento aos deuses... – fez uma pequena pausa – e ao Hebreu.

Jotapa assentiu com a cabeça. Desvencilhou-se com delicadeza dos braços de Aretas, recuou um pouco e estudou o rei nabateu.

Ele parecia mais velho, bem mais velho do que na época em que ela deixara Petra, ainda jovem, para se casar. Seus cabelos estavam grisalhos e o belo rosto, coberto de rugas, mas ela gostava disso. Ele aparentava ser o soberano sábio e poderoso que se tornara, dedicando a vida ao bem-estar de seu povo. Caminharam de braços dados e saíram dos estábulos, segurando as mãos com grande afeição, e dirigiram-se à área das enormes tendas, Aretas levando o grande cavalo árabe pelo cabresto.

– Lembra-se da lenda que lhe contei quando você aprendeu a andar a cavalo?

– Eu tinha só quatro anos; andava com a mamãe.

Aretas assentiu; seus olhos ficaram úmidos de repente.

– *E o anjo Gabriel tirou um punhado do vento sul e com ele formou um cavalo: “Eu te crio, ó Árabe”, sussurrou. “A teu topete, associo a vitória em batalhas. Em teu dorso, ponho um rico espólio, e um tesouro em tuas virilhas. Eu te estabeleço como uma das glórias da terra...”*

Jotapa continuou em voz baixa:

– *“Eu te dou o voo sem asas...”*

– Veja sua forma – murmurou Aretas. – Já viu tal simetria, Jotapa? Tamanha beleza? Nossos cavalos são os melhores do mundo: criados para a resistência. – Os olhos de Aretas brilharam. – Têm agilidade... e velocidade!

Aretas se deteve quando passaram por uma das tendas negras. Um dos jovens príncipes, um garoto de doze anos e de pele morena, chicoteava uma potranca, que resfolegava e relinchava.

Aretas franziu a testa, irritado, e agarrou o braço do menino com força.

– Você entorpece os sentidos dela se abusa do chicote. – O rei árabe jogou o chicote na areia, e então percebeu marcas de esporas na égua. Sua expressão ficou sinistra, feroz. – Esporas! Você está maltratando os cavalos reais!

– Ela estava empinando, Vossa Majestade. – O menino deitou-se no chão, trêmulo, o rosto na areia. – Ela deu um coice em Mahmoud. – Apontou para um garotinho de quatro anos também deitado na areia, tremendo, e tornou a enterrar o rosto na areia.

– Sua voz educa o cavalo, que se habitua à gentileza e ao apego, assim os sentidos dele não ficam entorpecidos pelos maus-tratos. Quando ele sente o toque da sua mão, a aproximação das suas pernas, dispara para a frente como o vento. Se o cavaleiro cai na corrida, o cavalo para na mesma hora, até ele tornar a montar. Assim são os cavalos árabes reais de Aretas, rei da Arábia.

Ele se dirigiu ao garotinho que soluçava, deitado na poeira.

– Acalme-se, Mahmoud – sussurrou, examinando a perna machucada. Depois, aninhando a criança nos braços, aproximou-o do peito, foi até a égua e colocou o garoto em seu dorso. A égua encarou o rei com confiança. – Você a reconhece, Mahmoud; é Felah. Ela ficava na sua tenda; você usava o pescoço dela como travesseiro quando era bebê. Agora, converse com ela, Mahmoud, como lhe ensinei.

O garoto cochichou no ouvido da égua. No mesmo instante, ela se acalmou e passou a trotar lentamente e com firmeza em torno das tendas. De modo suave. Perfeitamente calma. Jotapa observou com atenção os gestos hábeis feitos por Aretas.

– Papa... – ela disse, hesitante –, o Hebreu usou seus sinais secretos com nossos cavalos.

– Impossível! – Aretas se virou. – Nossos cavalos são treinados para responder apenas ao sinal do rei e da guarda real; são sinais dos antigos reis nabateus. Conhecidos apenas por mim... e por meus generais.

– Eu vi com meus próprios olhos, papai. Também conheço esses sinais, pois os aprendi quando era pequena. Ele conversou com nossos cavalos, tal como você fez. Com os sinais secretos de um rei nabateu.

Tendo visto que Mahmoud e a égua estavam bem, Aretas foi andando pelas plantações de pistacheiros e oliveiras selvagens, até chegar a uma pérgula reservada. Bateu palmas e quatro servos se apresentaram. Um deles colocou cálices de ouro e prata na mesa.

– Diga-me, Jotapa, que tipo de homem é o Hebreu?

– Circulam histórias de todo tipo em Tibérias, papa. Ouvi dizer que Ele diz a Seus seguidores que o amor é mais forte do que a espada.

Aretas franziu a testa.

– Receio que Ele não seja um guerreiro.

Jotapa olhou provocativa para ele.

– Ora, papai, Ele deteve sozinho as forças de Herodes Antipas. E Ele lhe mandou uma mensagem, papa. Disse que uma vez você protegeu a Casa Real Dele, e que a Casa de Aretas nunca deixará de contar com Sua proteção. – Ela lhe lançou um olhar curioso.

Aretas assentiu, estranhamente comovido.

– Mas ele falou sobre Roma, Jotapa? Quando Ele planeja acabar com a ocupação romana?

– Ele disse que eu deveria lhe dizer que Seu reino está por vir.

Aretas franziu o cenho.

– O Hebreu fala por enigmas... mas Ele está falando de Roma, tenho *certeza* disso! – Estendeu a mão para o servo, que tornou a encher de vinho o seu cálice. –

Então, Ele vai derrubar o tirano Antipas e vai Se estabelecer como o rei dos judeus. Vou aguardar essa guerra e depois unir os exércitos da Arábia aos exércitos Dele. O rei dos judeus e o rei da Arábia serão uma força terrível juntos; expulsaremos os romanos! – Dito isso, Aretas se levantou.

– Papa... – Jotapa olhou para as janelas veladas da ala leste do palácio.

Aretas acompanhou o olhar da filha, e seu semblante foi se fechando.

– Que mal aflige Zahi, meu amado irmão, seu filho querido e príncipe coroado? Seus aposentos estão fechados, as janelas veladas. Procuro a companhia dele, mas Duza diz que ele está repousando.

Aretas suspirou.

– Você precisa ser forte, Jotapa. – Ele caminhou pela plantação com ar grave. – Filha... procurei poupá-la desta angústia. Não consegui lhe escrever sobre o mal que o acometeu.

Jotapa empalideceu intuitivamente. Continuou a encarar o pai, trêmula, aguardando as palavras.

– Seu irmão mais novo tem uma doença fatal, minha filha. Ele tem lepra.

★ ★ ★

2021

LONDRES
- JULIA -

Nick De Vere bateu a porta do táxi preto, encaminhando-se para a entrada da Harrods. Passou por quatro policiais londrinos portando metralhadoras. Cinco veículos da polícia estavam parados no alto da New Oxford Street. Agora, essa era uma cena bem comum em Londres. Nos últimos cinco anos, houvera um aumento no número de ataques terroristas nas Ilhas Britânicas e na Europa. Depois da bomba suja detonada na Trafalgar Square, o antigo centro de Londres fora demolido e abandonado. Os procedimentos de segurança tinham passado por uma revolução na Grã-Bretanha. Mas, no mês anterior, quatro grandes bombas haviam sido detonadas na New Oxford Street, em lojas que estavam abertas e durante os horários mais movimentados. Duas mil pessoas tinham morrido. Fora um massacre. A polícia da nova Londres não ousava correr riscos, e os britânicos, normalmente pessoas adaptáveis, ficavam cada vez mais cansados.

Nick olhou para o relógio – estava atrasado. Dois guardas de segurança à entrada da Harrods jogaram sua mochila na esteira de um sofisticado centro de triagem, depois o puseram no sistema de identificação de íris que Adrian, em seu mandato como primeiro-ministro britânico, lutara arduamente para instalar em todos os locais públicos das Ilhas Britânicas. Agora, ele se tornara algo comum. Nick não conseguia sequer fazer compras no armazém local, em Sainsbury, sem a “íris” –

como o sistema era chamado carinhosamente.

Tomou o elevador e foi para o terceiro andar.

Julia o esperava no Punch Café, tal como imaginara que ela estaria. Era uma réplica exata do café original do início dos anos 2000. Nick se lembrava bem dele. Ela e Jason costumavam levá-lo lá para almoçar quando ele era mais moço, ao virem dos Estados Unidos nas frequentes viagens de negócios.

Lá estava ela, sentada a uma mesa de canto, perto dos quadros. Nick sorriu. Ela falava no celular. Como sempre.

A idade fora generosa com Julia. Ela sempre fora bonita, mas agora estava fascinante. *Muito fascinante*, pensou Nick. *Foi uma tolice Jason ter concordado com a separação.*

Ele se inclinou e deu um beijo no rosto recém-maquiado. Ela exalava um aroma de Chanel – não o No 5, pensou. De jasmim... Colocou os óculos escuros no bolso da jaqueta de couro desbotado, sentou-se numa cadeira e a estudou. Julia envelhecera bem. Com graça. Completaria quarenta e um anos em novembro, mas poderia dizer que tinha trinta. Os cabelos loiros platinados, na altura dos ombros, tinham luzes meticulosamente feitas. O belo rosto encontrava-se perfeitamente maquiado. Os grandes olhos cor de avelã sorriram para ele sob a franja enquanto ela continuava a conversar no telefone. Ela usava jeans desbotados e botas, um cinto preto simples com fivela prateada e uma camiseta branca de mangas curtas com algum logo de marca em preto. Julia sempre com um logo de marca, pensou carinhosamente. Jason era louco; ela fora a única coisa que funcionara na vida pessoal dele – além de Lily, naturalmente.

Julia pousou com afeto a mão de ossos finos, bronzado artificial e unhas acrílicas pintadas sobre a dele.

Nick sorriu. Ela ainda o surpreendia.

Tudo – absolutamente tudo – em Julia St. Cartier era fabricado e planejado. Exceto a própria Julia. Desde as unhas às luzes nos cabelos e ao bronzado, ela era inteiramente artificial, mas talvez fosse o único ser humano que conhecia que sempre se mantivera profunda, total e alucinadamente fiel a si mesmo. Sua completa falta de pretensão era desconcertante.

– Nick... – Ela sorriu abertamente. – Faz muito tempo.

Nick assentiu, tomando a mão dela.

– Como vai Lily?

Os olhos dela refletiram a profunda preocupação de Nick.

– Vai bem; bem mesmo, Nick. Ela é uma sobrevivente, como o pai. Usa aquela cadeira de rodas como se fosse uma extensão do próprio corpo... Ela adora a escola. Está tudo bem.

Nick lembrou-se do acidente. Quanto tempo fazia? Fora depois de uma daquelas

grandes festas da família De Vere. Lily, com sete anos, estava exausta, e Nick se oferecera para levá-la mais cedo para casa. Uma enorme carreta tinha derrapado inesperadamente na frente deles. Não haviam tido chance alguma. Nick, embora abalado, sofrera apenas arranhões e ferimentos leves, mas Lily ficara paralisada da cintura para baixo. Aleijada – aleijada pelo resto da vida. Ele bebera apenas uma cerveja – bem abaixo do limite legal. Julia nunca precisara ser convencida de que o acidente acontecera como uma fatalidade, fora do controle dele. Mas, quanto a Jason... bem, a questão foi diferente. O irmão jamais voltou a falar com ele desde aquele dia.

– Nick... Nick? – chamou Julia com suavidade. Nick se assustou, despertando repentinamente do mergulho no passado. A garçonete aguardava com paciência. Julia sorriu. – Quero este sanduíche de pão integral com caudas de lagostim e uma taça de champanhe seco.

Nick meneou a cabeça.

– Estou sem fome; quero só um bule de Earl Grey.

Julia franziu o cenho.

– Estive com Adrian na semana passada – ela falou, quando a garçonete se afastou.

Nick assentiu.

– Ele me contou. Você organizou aquele grande evento na Jordânia? Adrian disse que foi fenomenal.

Julia fez que sim com um gesto de cabeça.

– A organização foi um pesadelo, mas foi uma ótima publicidade para a Lola.

Nick sorriu. Depois do divórcio, Julia decidira que não voltaria ao cargo anterior como editora-chefe da Cosmopolitan New York, embora lhe tivessem feito uma oferta exorbitante. Em vez disso, viajara para a Inglaterra e fundara uma pequena, mas exclusiva, empresa de eventos e relações públicas, que funcionava em sua nova casa em Chelsea. Dera à firma o nome de Lola em homenagem à amada mãe, uma artista, a falecida Lola St. Cartier Deschanel. A empresa tinha atingido níveis com os quais ela nunca sonhara, com clientes como a seleção inglesa de futebol, a Chanel e o recém-indicado presidente da Europa, Adrian de Vere.

– Jason compareceu – falou, a voz suave. – Foi a primeira vez que o vi desde o divórcio... em Aqaba.

– E como *vai* meu irmão mais velho? – perguntou Nick, o olhar inexpressivo.

Julia sorriu.

– Ocupado; de que outro jeito Jason estaria? Atrás das mais recentes fusões, realizando negócios, bebendo com o presidente...

– O presidente dos Estados Unidos? – Nick arqueou as sobrancelhas.

Julia assentiu.

Ele está trabalhando com Pequim. É alguma fusão grande entre a VOX Media e o governo chinês. Muito complicada... envolve a Casa Branca. Tio Lawrence me mantém atualizada; de vez em quando, eles se veem nas visitas a Nova York. E você? Tem tido notícias dele? – A garçonete voltou com o chá e o champanhe.

Nick deu de ombros.

– Por que teria, Ju? Ele cortou relações comigo depois do acidente. Não... nem uma palavra. Mas Adrian me mantém informado. Agradeço a Deus por Adrian existir.

Julia estudou Nick.

– Sei que ele tem sido bom para você. – Ela serviu o chá Earl Grey de Nick numa xícara.

– Obrigado, mana. – Nick se inclinou na cadeira. – Mais do que bom, Julia. Ele me mandou para as melhores clínicas, pagou todo o meu tratamento. É ele quem me mantém vivo.

Julia baixou o tom de voz.

– Que tragédia, não? Melissa... ela era tão jovem e bonita. E ainda o bebê...

Nick meneou a cabeça.

– Adrian não merecia isso.

Julia baixou o olhar.

– A medicação está funcionando – ela comentou. – Você parece mais forte.

Ele esboçou um sorriso irônico.

– Você sempre foi uma péssima mentirosa, Julia. Os tratamentos deixaram de funcionar; estou numa roleta-russa. – Deu de ombros. – Estou na mão dos deuses. – Tomou um gole de chá. – Não que *haja* deuses de fato.

Julia mordeu um dos lábios.

– Tio Lawrence está muito orgulhoso de você – ela disse em voz baixa. – Quando Lily e eu nos encontramos com ele na Grécia, ele mencionou que você tinha feito uma descoberta incrível em Petra, que fora guardada em sigilo durante anos pelo governo jordaniano. Não podemos divulgar essa descoberta para a imprensa? Você ganharia muitos pontos... – Ela meneou a cabeça. – Sabe, Nick, seu rosto foi estampado nos tabloides com todos os detalhes assustadores da sua vida pessoal: a cocaína, a aids. Poderíamos ganhar muito com isso, virar o jogo diante da imprensa marrom de Londres e dos *paparazzi*, moço. Mostrá-lo como o arqueólogo sério que você é.

Nick a fitou com uma expressão de sofrimento.

– Ah, não posso, Ju; dei minha palavra.

Ela franziu a testa.

– Recebi dinheiro. O preço do silêncio.

– Do governo jordaniano?

Ele assentiu.

– Era muita coisa, Ju. – Sorriu com timidez. – Com o meu fundo fiduciário congelado, tive de aceitar. Meu Deus... papai detestava meu relacionamento com Klaus.

– E aquela princesa jordaniana bonitinha... a arqueóloga? – Ela lhe lançou um sorriso gentil.

Nick corou.

– É... – Os olhos dele se suavizaram. – Ela é especial. – Subitamente, mudou de assunto. – Dylan Weaver vai me encontrar no Terminal Quatro... – Julia franziu a testa. – O cérebro – completou Nick.

– Seu antigo colega de quarto na faculdade? – Memórias distantes voltaram. Nick cercado por lindas e adoráveis garotas americanas nas férias de verão em Cape Cod e o menino de óculos, pálido e gorducho, seu melhor amigo no Gordonstoun College da Escócia, que chegava com Nick, *laptop* a tiracolo, e devorava tudo que havia na casa. Nick e Dylan eram inseparáveis.

– Ele ainda detesta o megalomaniaco do Jason. – Nick sorriu.

– Mas ele tinha uma queda por você! – riu-se Julia.

– É que localizei para ele o único fornecedor de peixe e fritas inglesas e de pasta de ervilhas em toda a Costa Leste dos Estados Unidos. – Nick sorriu novamente. – Hoje, ele é chefe de segurança de TI da Microsoft na Europa.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Impressionante! – Sorveu um longo gole de champanhe. – Vai se encontrar com tio Lawrence amanhã?

– Em Alexandria, no mosteiro. Como ele está?

– Está bem, muito bem para quem tem quase oitenta e seis anos. Está com sua mãe em Bali, agora, localizando alguma monstruosidade antiga para o Museu Britânico. Ele vai acompanhá-la até Nova York e depois voará para se encontrar com você no Egito. – Julia olhou para o relógio. – Seu avião sai em quatro horas. Eu o levo até Heathrow. Tenho um jantar de negócios em Hampton Court; não é muito fora do meu caminho.

Nick engoliu o resto do chá.

– Obrigado, mana.

Ele estava ansioso para reencontrar aquele velho durão que era tio-avô de Julia: um antigo sacerdote jesuíta que se tornara agente da CIA, que se tornara especialista em antiguidades – um enigma, eis o que era Lawrence St. Cartier.

KERF KENNA - 27 D.C.

Caía a tarde, e as tochas flamejantes da festa de casamento iluminavam a principal rua de Kerf Kenna. Maria, agora com quarenta e poucos anos, mais velha, mas ainda bonita, encontrava-se com as mulheres mais idosas na porta da casa da noiva, o rosto radiante. Ela olhou para a rua, esperando vislumbrar Jesus. Lá estava Ele, uma figura alta e magra no centro da multidão, aplaudindo com entusiasmo o casal de noivos, tomado pela alegria das festividades, Seu rosto tomado pelo riso.

O belo e jovem profeta de Nazaré.

Maria passou a guirlanda que estava em sua mão para uma das mulheres idosas que se encontravam ao seu lado, pegou um jarro de azeite e uma cesta de nozes, e correu pelo caminho em direção ao filho. No mesmo instante, foi atacada por uma multidão de crianças excitadas, todas estendendo as mãos. Afastou os cabelos do rosto. Mergulhando a mão na cesta, lançou nozes e balas para o ar. As crianças gritaram, encantadas. Então, uma delas percebeu a presença de Jesus. O garoto de cinco anos soltou um grito rouco de alegria e correu a toda velocidade até ele, a horda de crianças berrando em seu encalço. Os pequeninos puxavam Seu manto, as mãozinhas sujas revistando as dobras de tecido e arrancando punhados de doces. Um garotinho de dois anos, de cachos negros revoltos, impedido pela multidão de crianças mais velhas de se aproximar de Jesus, começou a chorar com vigor. Jesus

se agachou e piscou para ele, dando-lhe discretamente um bolo de aparência pegajosa.

O pequeno arrancou com sofreguidão o invólucro e enfiou o bolo na boca, o rosto lambuzado com a substância escura e grudenta. Depois, Jesus colocou-o sobre Seus ombros, o manto ainda sendo atacado por outros jovens ansiosos.

Maria observou o filho, e de súbito seus pensamentos a levaram para a época em que Jesus era exatamente como aquele garotinho, correndo até ela, alegre e exuberante, procurando nas dobras de suas vestes bolos como aqueles que as crianças ganhavam naquela noite.

Como os anos tinham voado, ponderou.

E o menino tornara-se homem. Com a maturidade, Suas feições ficaram fortes e refinadas. Os olhos eram lagoas profundas e cristalinas, com tons que oscilavam conforme Seu humor, tal como acontecia quando era jovem. Às vezes, como naquela noite, ela ainda percebia o humor e as travessuras de Sua juventude. Maria sorriu. O filho sempre fora forte – mesmo quando pequeno – e voluntarioso, beirando a teimosia, quando achava que tinha razão. E corajoso. Protegia com firmeza quem fosse mais fraco que Ele. Era compassivo. Como os anos haviam voado... Maria contemplou o filho. Acabara de completar trinta anos. Os cabelos fartos, castanho-escuros, tinham mechas mais claras, queimadas pelo sol, além da tendência à rebeldia, mas agora caíam-Lhe sobre os ombros largos como uma juba reluzente. Ele ainda tinha sardas, que nunca haviam desaparecido... e *aquele* sorriso.

Meneou a cabeça. Aquele sorriso que havia partido mil corações desde seus quatro anos. Qualquer ambiente tornava-se eletrizante sempre que Jesus entrava nele, mesmo quando bebê. As moças sempre o achavam irresistível. As tias solteiras faziam bolos e teciam roupinhas e xales para Ele. As crianças O adoravam. Seus amigos de infância eram ardorosamente dedicados a Ele, e tio e primos sempre haviam protegido com ferocidade aquela criança graciosa e nobre.

Sua expressão se suavizou ao se lembrar de como Jesus costumava brindar Seus jovens amigos com as histórias da terra da grande porta de rubi. Havia um entardecer em particular que se destacava em sua memória, pouco depois do sexto aniversário de Jesus.

Catorze dos jovens amigos e vizinhos estavam reunidos no prado atrás da pequena casa de pedra, trajando túnicas de cores vivas, vermelhas e azuis, todos sentados com as pernas cruzadas num círculo. Jesus estava no centro, sobre um barril de madeira de José. O rosto de Jesus brilhou com uma luminosidade quase sobrenatural quando Ele falou de uma terra encantada de palácios de cristal e de portais que culminavam em sete cúspides. De labirintos e jardins suspensos, onde se erguiam duas árvores prateadas, onde romãs azuis e prateadas cresciam e onde as flores voltavam a brotar logo depois de serem colhidas.

O grupo de meninos e meninas de Nazaré prestava atenção em cada sílaba, e todos ficaram hipnotizados pela terra de contos de fadas cujas ruas eram de ouro translúcido, onde as praias se estendiam por quilômetros de areias peroladas e um altíssimo palácio de cristal fora feito com um imenso diamante – a casa do Grande Rei.

José, cansado de um árduo dia de trabalho manual, chegou e se sentou em silêncio, junto com o rabino idoso e seus alunos adolescentes da sinagoga local. Maria também deixou o tear e se sentou discretamente sob os galhos das grandes e frondosas figueiras para escutar. Ela tinha notado que a tensão e o cansaço da vida pareciam literalmente desaparecer dos olhos e rostos de homens e mulheres quando Jesus falava dos conselhos celestiais e de monarcas angelicais muito idosos, os governadores do céu, com cabelos brancos parecidos com cascatas de seda pura caindo ao chão, e de coroas de ouro sobre suas cabeças. E quando mencionava um deles, cujo nome era Jether, o Justo, que reinava sobre vinte e quatro deles. Jesus fechou os olhos ao falar dos príncipes-chefes do céu, os arcanjos. O imperial Miguel, comandante dos exércitos do céu, e o nobre Gabriel, o revelador.

Era de tirar o fôlego quando contava sobre o mundo que havia atrás da porta de rubi. Um mundo no qual não se derramavam lágrimas, onde não existia tristeza. Um mundo onde não havia morte, só amor e paz, e sempre o riso.

Então, Jesus parou e Seus olhos ficaram embaçados. Maria ainda podia ouvir os sussurros reverenciais Dele descrevendo a grande porta de rubi, radiante de luz, encravada nas paredes de jacinto da torre – a entrada para a Sala do Trono.

E os olhos do velho rabino se iluminaram, encantados, quando ele tocou a mão do menino com sua mão enrugada, saboreando cada palavra.

– Fale-nos novamente do Grande Rei do Universo.

E lágrimas brotaram nos olhos de José, e um silêncio reverente caiu sobre as crianças risonhas, a ponto de só se ouvir o murmúrio dos pombos.

– Seus cabelos e sua cabeça... – sussurrou Jesus.

– ... são brancos como a neve – as crianças murmuraram.

– Seus olhos brilham...

– ... como chamas de fogo vivo – gritaram as crianças em animado uníssono.

– Fale-nos de Sua grande e terna compaixão – pediu o velho rabino.

E Maria ainda conseguia vislumbrar a angústia intensa no rosto de Jesus quando Ele ergueu os olhos para o céu, um olhar repleto de adoração.

– Abba é tão bonito... – sussurrou com ardor, contemplando o horizonte azul e sem nuvens.

Com essa recordação, Maria respirou fundo. Quando ele estava com uns quatro anos, ela O ouvira soluçando à noite e correra até Ele. O filho a abraçara, lágrimas quentes escorrendo-Lhe pela face. Ela ergueu o rosto em forma de coração em

direção ao seu.

– Mamãe! Mamãe! – gritou, mal conseguindo falar, de tanto que soluçava. – Quero a porta de rubi... quero meu Abba! – A angústia de uma criança apartada do amado pai ficara gravada na alma dela.

Ela nunca tornou a ouvi-Lo soluçar daquela maneira, mas, de vez em quando, ao longo dos anos, enquanto Ele crescia, bem depois da meia-noite, ela encontrava Sua cama vazia, e sabia que Ele estaria caminhando pelas exuberantes colinas da Galileia sob o vasto céu de estrelas reluzentes... conversando com Seu amado “Abba”.

Ela guardara todas essas coisas no fundo do coração e ainda ponderava sobre elas. Despertou de seu devaneio pelo alarido que se fez quando a jovem noiva se aproximou da casa do noivo. Um jovem de aparência nervosa foi empurrado pela pequena rua empoeirada por uma multidão clamorosa de amigos adolescentes. Aproximou-se da jovem noiva e a pegou pela mão. Jesus e a multidão gritaram loucamente quando o noivo a conduziu até sua casa, abrindo caminho em meio ao grupo excitado.

A sala de jantar estava bem iluminada por candelabros e lâmpadas. Mesas enormes rangiam sob o peso das suntuosas provisões para o banquete de sete dias. Frangos, saladas e frutas de cores vivas estavam em pilhas sobre as mesas. Uma pequena orquestra tocava suas liras para as centenas de convidados, que estavam em pé ou sentados sobre sofás e almofadas. Crianças e jovens rodopiavam e dançavam com energia inesgotável no centro do salão.

Com rapidez, Jesus foi cercado pelas crianças, que agarraram Suas mãos, fazendo-O se aproximar do local da dança. Não demorou para que Ele e as crianças dançassem com exuberância, fora do compasso da música, cantando e entoando melodias em voz alta, desafinados. Maria observava da cozinha, meneando a cabeça com alegria.

A orquestra parou de tocar, e Jesus enxugou a testa. Virou-se para Pedro e João, recostados nos sofás. Solto um suspiro de alívio e se dirigiu a um sofá, onde se sentou, exausto. Pedro Lhe deu um copo de água e depois arrancou uma coxa de frango, pondo-se a mastigar com alarido. Jesus o observou, as sobrancelhas franzidas. Estava incomodado. Pedro sorriu timidamente.

– Descanse um pouco, Jesus. Primeiro as multidões, agora as crianças... sempre as crianças.

Jesus tirou as sandálias, fechou os olhos, enlevado, e recostou a cabeça no sofá.

Maria pousou com suavidade uma das mãos em Seu ombro.

– Acabou o vinho deles.

Jesus continuou com os olhos fechados, mas pegou afetuosamente a mão calejada da mãe. Manteve-se em silêncio por um longo tempo.

– Minha querida senhora, e o que esse assunto tem a ver comigo? – Sorriu.

Maria continuou em pé, paciente. Esperando. Sorriu e O olhou.

Por fim, Jesus abriu os olhos e se sentou. Fitou-a profundamente. Com ternura.

– Meu tempo ainda não chegou, mãe.

Ela percebeu o velho ar brincalhão em Seu olhar e o seguiu até os seis enormes jarros de pedra que estavam ali perto, em geral usados para banhos cerimoniais, cada um capaz de armazenar cerca de cento e vinte litros de água. De súbito, Ele esboçou um sorriso esfuziante.

Maria segurou Seu rosto entre as mãos e beijou Sua testa. Depois, agarrou o despenseiro pelo braço.

– O que meu filho mandar que faça, faça!

Acomodado num canto do salão, as feições marcantes abrigadas das lanternas piscantes, um estrangeiro educado do sul observou com atenção quando Jesus instruiu os servos a encherem os jarros até a boca.

O nome desse homem era Judas Iscariotes.



Herodias recostou-se no trono dourado. O mordomo passou-lhe uma bandeja de uvas enquanto quatro jovens servas esfregavam óleos em sua pele branca como leite. Ela olhou com languidez para Herodes.

– Vamos passar o inverno em Macherus, Herodes, meu pombo. Estou mais entediada do que posso suportar. – Tirou um punhado de uvas da bandeja. – E Salomé estará lá; poderíamos praticar esportes com o Batista.

Herodes estava sentado, imerso em pensamentos, a mente a centenas de quilômetros dali. Ela se aproximou e agarrou seu braço coberto de pulseiras.

– Pare de pensar em se vingar daquela vadia árabe!

Herodes franziu a testa.

– Deixe o Batista, minha pomba. Desde que ele foi preso, meu sono tem sido perturbado por sonhos estranhos e desconcertantes. Encontre outra arena desportiva... eu lhe imploro!

Herodias levantou-se bruscamente. Ordenou com rispidez que as servas saíssem e olhou furiosa para Herodes.

– Ele é vil e insubordinado. Comete traição com suas acusações contra nós. Ele nos amaldiçoou. A ralé da Judeia – sibilou ela – rende-se toda a seus feitiços! Esse é um péssimo sinal para nós.

Herodes caminhou até o balcão do palácio, contemplando os jardins dos príncipes, perto do lago. Herodias aproximou-se.

– Sua oratória é convincente – murmurou, imerso em reflexões.

– Você é *fraco*, Antipas. – Herodias se afastou dele com aspereza. – Não conseguiu sequer se livrar daquela vadia árabe que tomou como esposa – vociferou. – Ela correu para o papai e agora você tem o bando sanguinário de Aretas louco pelo nosso sangue. – Ficou andando pelo balcão como uma pantera. – Por que não pode ser como seu pai, forte, decidido? Ele teria mandado servir a cabeça desse Batista no primeiro dia em que começou a destilar seu veneno! – declarou.

Herodes pôs as mãos sobre a cabeça e depois se levantou.

– Prepare a caravana, Caspius! Vamos passar o inverno em Macherus!



Lúcifer estava sentado atrás da mesa de madrepérola ricamente ornamentada, rodeado pela grande biblioteca particular de antiguidades angelicais, a expressão revelando rara tranquilidade. Tinha retornado a Perdição fazia poucas luas e fora inesperadamente reconfortado pelo ambiente familiar do seu Palácio Negro. O incessante e onipresente ambiente melancólico de Perdição era coerente com sua alma e humor depois da derrota nas mãos do Nazareno. Ali poderia esquecer sua humilhação e se rodear de antiguidades. De música. De seus inúmeros interesses intelectuais. *Longe das grosserias e dos choramingos da raça dos homens*, ponderou.

As tranças negras reluziam, caindo sedosas sobre o manto de seda laranja-cádmio, abaixo dos ombros. Os dedos longos e finos estavam desnudos, exceto por um único anel de sinete de ouro, entalhado com o timbre da Casa Real de Jeová. Uma lembrança proposital – um lembrete da presença do Nazareno no *seu* planeta.

Sorriu para a magnífica pantera negra, ainda filhote, que estava deitada, ronronando, a cabeça apoiada em suas sandálias adornadas por joias. A mais recente aquisição para aplacar a honra ferida. Outro lembrete, dessa vez de Ébano, sua pantera de eras passadas no Primeiro Céu. Pegou um doce macio e gelatinoso à base de açafrão e colocou-o na boca, tornando depois a escrever em seu diário, as belas letras itálicas preenchendo as páginas de linho.

Charsoc estava em pé à entrada de ônix em arco. Um abutre-xamã encontrava-se apoiado em seu ombro esquerdo, com olhos vermelhos reluzentes. Charsoc se inclinou profundamente.

– Houve um incidente, Vossa Majestade. Diz respeito ao Nazareno.

Lúcifer continuou a escrever com a mão esquerda, estendendo a direita para Balberith, que pegou uma jarra de prata contendo elixires exóticos de frutas silvestres e despejou o licor, enchendo o cálice de seu mestre. Mesmo assim, Lúcifer não desviou o olhar.

– De que tipo de incidente está falando, Charsoc? – murmurou.

– Parece, Vossa Majestade, que houve um caso de transubstanciação.

– Fale claramente, eu lhe ordeno. – Sorveu um gole do licor, as sombras obscurecendo seu semblante.

– O Nazareno. Ele está usando Seus poderes para mudanças moleculares... ou seja, transformou água em vinho.

Lúcifer deu de ombros.

– Brincadeira de criança – murmurou. Mergulhou a pena na tinta púrpura e continuou a escrever.

– Os termos do *status* Dele foram alterados pelo fato de ter passado pelas tentações, senhor. Ele passou pelo teste como membro da raça dos homens, assegurando assim o direito divino de usar Seus poderes sobrenaturais do Primeiro Céu – falou Charsoc.

– Então, o carpinteiro está se esbaldando. – Lúcifer fez um gesto de desprezo com a mão.

– Precisamos ter cautela, Vossa Excelência. Ele está chamando atenção. Na maioria dos casos, da ralé, mas também daqueles de posição superior, com influência: nossos escravos sombrios na raça dos homens.

Lentamente, Lúcifer levantou a cabeça.

– Você não *abandona* esse assunto, não é mesmo, Charsoc? – Suspirou e soltou a pena, olhando sombriamente para Charsoc, que ficou em silêncio perto da janela, as mãos para trás. – Balberith – Lúcifer fechou o livro encadernado em couro macio –, retomo o meu diário na próxima lua.

Balberith se curvou e tirou o diário da mesa. Lúcifer afastou os pés da pantera e se levantou da cadeira. Caminhou até as altas portas em arco da biblioteca, em profunda contemplação, observando milhares de golfinhos com caudas fendidas, os escribas de Lúcifer, que percorriam as planícies de lava de Perdição rumo às criptas subterrâneas do Palácio Negro, seguidos por aprendizes demoníacos voadores com oito asas e malignos olhos vermelhos.

– Somos prudentes. Vamos nos preparar. – A pantera caminhava ao lado dele com seu pesado colar de ouro cravejado com rubis. Lúcifer se agachou e afagou sua reluzente cabeça negra. – A assembleia vai começar. Prepare meus trajes cerimoniais, Balberith. Vou me recolher cedo. Conspiraremos ao nascer do sol.

27 D. C.

Jotapa percorreu os lustrosos pisos de mármore negro dos corredores do palácio, atravessando a ala leste, rumo aos aposentos do príncipe coroado. Abriu as portas da enorme biblioteca. Centenas de prateleiras estavam ocupadas com rolos da China, da Índia, da Pérsia e de outras terras distantes.

Prosseguiu até as imensas portas douradas do dormitório do príncipe coroado. Dois membros da guarda real a detiveram. A parte de baixo do rosto deles encontrava-se coberta por uma fina gaze.

– Duza! – ela gritou. Era um amigo de infância de Zahi e um de seus próprios companheiros de infância.

Ele meneou a cabeça em um gesto gentil.

Jotapa agarrou-o pelo pulso com tanta força que as unhas se enterraram na pele dele. Suave, mas firmemente, ele afastou a mão dela. Depois, fitou-a com seriedade.

- Tem *certeza* de que é esta sua escolha?

– Ele é meu irmão. Minha mãe morreu no parto ao lhe dar à luz. Ele é o príncipe coroado da Arábia. É meu amigo de infância, minha alegria, Zahi, o terno. – Os olhos de Jotapa reluziram. – Tenho certeza de que é esta minha escolha.

Duza abaixou a cabeça.

– Ele o aguarda, princesa. Sabia que você viria. – Duza abriu caminho e

gesticulou para que o segundo guarda fizesse o mesmo. Eles abriram as portas.

Jotapa caminhou pelo vasto cômodo, e as grandes portas se fecharam atrás dela com um ruído abafado.

No interior do quarto, perto da janela mais distante, erguia-se uma figura alta e frágil.

– Jotapa, minha princesa... – falou ele, a voz suave, refinada, polida. – Amada irmã mais velha, protetora e amiga.

Ele permaneceu imóvel à janela, ainda de costas para ela.

– Zahi! – Jotapa correu para ele.

No mesmo instante, ele se virou.

– Não, Jotapa! – gritou com voz forte. – *Você não pode* me tocar!

Jotapa se deteve na metade do caminho, olhando horrorizada para o irmão. O rosto dele encontrava-se completamente envolvido por uma musselina fina como gaze, bem como suas mãos. Só os olhos eram visíveis, com furos para o nariz e a boca. Ele estava frágil, a respiração entrecortada.

Jotapa estendeu as mãos, implorando. Zahi a fitou com firmeza e depois começou a tirar a musselina de uma das mãos. Jotapa ficou olhando enquanto o pano caía no chão, depois recuou, chocada, e ficou de joelhos, a mente girando em um turbilhão de repulsa e espanto.

As mãos de Zahi estavam desfiguradas a ponto de não se poder reconhecê-las. Os dedos longos e finos, que antes escreviam belas letras siríacas e aramaicas em rolos na biblioteca, estavam recobertos por nódulos e parcialmente apodrecidos. Onde antes havia um polegar, restava apenas um toco sangrento.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Jotapa. Ela olhou para Zahi com sofreguidão, vendo que a gaze que cobria seu rosto ficara úmida com suas próprias lágrimas quentes.

Trocaram um olhar longo e intenso; depois, Zahi tirou a musselina. Os lábios e ouvidos estavam deformados e inchados, três vezes maiores do que o tamanho natural; cílios e sobrancelhas haviam sumido do rosto, deixando os olhos esbugalhados. Ela baixou o olhar para não contemplar as deformações hediondas.

Ouviu-se uma batida suave e Duza entrou, seguido do mais destacado médico real de Aretas e de um estrangeiro de pele escura. Jotapa percebeu no mesmo instante, pela imensa altura do turbante e pelo comprimento das mangas, que deveria ser um médico ou mago babilônio de grande importância.

O médico de Aretas curvou-se profundamente diante dela.

– Nós a saudamos, princesa. Abu Mansur, grande sacerdote e médico preferido do califa da Pérsia, que atravessou os grandes desertos e as grandes águas para ser nosso hóspede. Ele trouxe entre seus unguentos os remédios do magnífico médico indiano Sushruta para tratamento da lepra: óleo de chaulmoogra.

Jotapa ficou em silêncio, depois aproximou-se de Zahi, apertou-o contra ela e o beijou na cabeça. Saiu do aposento, seguida por Duza. Lá fora, virou-se para ele, as mãos plantadas na cintura fina, a cabeça erguida.

– Quando foi a última vez que meu pai visitou meu irmão? – Duza a fitou, mas não respondeu. – Quando, Duza? Você precisa me dizer.

Duza olhou para o chão.

– Eu lhe ordeno. Diga, Duza.

– Você me ordena como princesa ou como amiga?

Jotapa suspirou.

– Como amiga – respondeu com suavidade. – Como sua amiga, para um amigo do meu irmão.

Duza assentiu. Houve um longo silêncio.

– Ele não entra nesses aposentos há quase cinco anos, Vossa Majestade.

Jotapa recuou, horrorizada.

– Que sacrilégio! – gritou.

Dessa vez, Duza agarrou seu braço com tanta força que ela franziu a testa. Ele não a largou.

– Não compreende? Ele é seu filho homem, o precioso fruto de suas entranhas. É a agonia que o impede de vir aqui. Ele veio todas as alvoradas e todos os crepúsculos durante quatro anos, até seu coração se partir, e ele não conseguir mais suportar a dor.

– *Não posso* aceitar isso! – berrou Jotapa.

– Aceite, Jotapa! – A voz de Duza era bastante severa; ele ainda não a soltara. – Seu pai gasta a fortuna real vasculhando o Oriente para trazer os médicos e magos mais proeminentes. Gasta uma soma opulenta e seu vasto tesouro real com esses sacerdotes, médicos, farmacêuticos e conjuradores; todos curadores de renome, como o que você viu hoje. Ele não deixa nada ao acaso na esperança... – Duza engasgou.

Jotapa o encarou.

– Não há esperança, Duza! – gritou. – O destino dele está selado. Esses trapaceiros, magos, parasitas que tirariam o sangue do meu pai com suas poções... – Ela interrompeu a frase no meio ao ver Duza empalidecer visivelmente e se apoiar em um dos joelhos.

Jotapa se virou. Zahi estava à entrada, uma tristeza terrível no olhar.

Duza lançou um olhar intenso para Jotapa. Furioso.

Zahi, no entanto, fitou Jotapa com compaixão.

– Minha irmã amada – sussurrou –, enquanto tivermos alento, haverá esperança...

Jotapa se ajoelhou, pegando a mão do irmão, as lágrimas dela respingando nas bandagens recentes.

– Os textos do grande mago babilônio Daniel falam de um Deus desconhecido... – sussurrou Zahi, olhando para um ponto além dela, rumo ao céu brilhante do crepúsculo, um estranho êxtase no olhar. – Um dia, Ele vai me encontrar.

GADARENO

Jesus desembarcou em Gadareno, seguindo para a margem estreita. O horizonte mal era visível, obscurecido pela estranha névoa que descera subitamente sobre a Galileia, resquício de tempestades de areia da Arábia, a distância. Observou os penhascos rudes que se erguiam acima Dele, depois se agachou e pôs as mãos em concha no lago, banhando o rosto com água fria e refrescante. Afastou os longos cabelos escuros da testa, exausto, a atividade febril do dia anterior começando a se fazer sentir.

O jovem estrangeiro que estava no casamento em Canaã caminhou até Ele pela areia, com um grande maço de papiros na mão.

– Documentos, papiros – resmungou Pedro. – Sempre alguma coisa para escrever ou assinar... Sabe por que ele não foi na noite passada, Mestre? Estava contando dinheiro novamente. Só tem vinte e três anos e age como se fosse uma avó.

Tomé o fitou.

– Ele é capaz e prudente, e tem o dom da administração; coisa que você não tem.

– *Alguém* tem de cuidar do dinheiro, Pedro – disse Jesus. – Ele largou a escola e seus bens no sul para servir à nossa causa. Sejam generosos.

Judas ignorou Pedro.

– Os acordos, Mestre. Os coletores de impostos me assolam; ficam olhando para

nossa bolsa com cobiça. Aproximam-se os prazos; precisamos cuidar disso.

Jesus ergueu a mão, cansado.

– Deixe tudo para amanhã, Judas... Os documentos podem esperar.

Sem desejar disfarçar muito, Judas suspirou, exasperado.

Jesus pôs a mão gentilmente em seu braço e, no mesmo instante, a expressão de Judas se suavizou.

– Perdoe-me, Jesus, é que... – fitou-O profunda e respeitosamente.

– É que estamos sempre tão ocupados. – Jesus terminou a frase com um tom de voz singelo, olhando para o rosto jovem e corado.

Judas assentiu.

– Você está sempre com pouco tempo. As multidões exigem toda a Sua atenção, por isso eu aproveito toda oportunidade que se apresenta. É importante que Você, que a organização não tenha qualquer senão em tudo o que fazemos; que os fariseus e saduceus não encontrem deficiência nenhuma em nossos registros.

Jesus assentiu.

– Precisamos respeitar as regras. – Um leve sorriso surgiu em Seus lábios. Ele olhou para Judas compassivamente, como se fitasse uma criança sem muita compreensão das coisas.

Judas franziu o cenho.

– Sabe que eu daria a vida pela causa. Estou totalmente comprometido... – apertou o ombro de Jesus – ... com Você, Mestre.

Jesus o fitou por um longo momento.

– Sim, Judas, sei disso. Dou-lhe Minha palavra. Amanhã pela manhã, antes de irmos para o outro lado da Galileia.

Judas apertou a mão de Jesus em gratidão.

– Obrigado...

Jesus ergueu a mão para silenciá-lo, como se estivesse ouvindo algo. Devagar, Ele se virou. Em pé, ao lado dos túmulos toscos, perto dos penhascos, completamente nu, via-se um homem desconcertado, olhando diretamente para Ele. Estava sujo, sangrando, com secreções purulentas saindo de centenas de cortes e ferimentos no peito e nas coxas. Num dos pulsos e nos dois pés viam-se algemas de ferro, as correntes ainda presas aos membros e se arrastando pela areia. Ele tinha espuma na boca e rosnava.

Jesus ergueu a cabeça lentamente, impondo sobre o homem toda a força do Seu olhar.

Um rosnado terrível e incompreensível escapou da figura nua, e ele caiu aos pés de Jesus, mortalmente aterrorizado.

O nazareno deu um passo à frente.

– O que Você tem a ver comigo, Jesus? – gritou, segurando a cabeça entre as

mãos, como se sofresse intensamente. – Filho do Deus altíssimo! – berrou, ensandecido, arrastando-se pelas rochas ásperas até os penhascos, batendo a cabeça imunda nos rochedos duros e cinzentos.

Judas observou a cena, pálido. Pedro e João também olhavam fascinados.

– Eu lhe imploro! – gritou. – Não me atormente!

Jesus estendeu a mão sobre a cabeça do homem, e Judas viu, hipnotizado, quando surgiram mil demônios, parecendo-se com vapores malignos, dotados de garras.

– Qual é o seu nome? – Jesus ordenou saber.

O alucinado abriu os lábios:

– Legião – grunhiram mil vozes sinistras, decadentes e depravadas em uníssono.

Judas quase caiu sobre Pedro e Tomé quando todos correram pela areia, abrigando-se atrás de uma grande rocha, enquanto observavam Jesus e a criatura demoníaca, tomados pelo horror.

– Saiam dele!

Os gritos mudaram de tom e se tornaram um silvo agudo de terror. O homem alucinado agarrou a cabeça, gritando, enquanto milhares de figuras sombrias, dissolutas e retorcidas se materializaram de sua respiração.

– Revele-se! – exigiu Jesus.

As figuras fantasmagóricas e retorcidas se transformaram, uma a uma, em seres angelicais decaídos – uma monstruosa horda de Lúcifer. Quase seis mil deles. Os cabelos emaranhados, cor de palha, caíam sobre os rostos, os olhos vermelhos tomados pelo terror, mas postados com firmeza sobre o Nazareno. A legião decaída aguardava. Jesus se levantou, a roupa de linho esvoaçando ao vento. Ergueu o braço.

– O Abismo não... Christos, nós imploramos! – gemeram as vozes.

O líder da horda monstruosa, todo envolto em correias de couro, deu um passo à frente.

– Sou Daemuk – falou com voz rouca –, general da Centésima Segunda Legião. Meu mestre é Focalar, arquiduque do inferno. – Ele caiu sobre um dos joelhos diante de Jesus, a cabeça abaixada. – Eu imploro, Christos: não nos envie, os decaídos, para o Abismo antes da hora.

Jesus se aproximou. Daemuk agarrou a cabeça, agonizado.

– Vocês invadiram Meu reino. Aviltaram a raça dos homens – respondeu Jesus com voz implacável.

Daemuk fez um gesto para uma vara de porcos se alimentando na montanha.

– Que soframos nós, os decaídos, a pena de habitar os porcos, Christos.

– Vão! – ordenou Ele, a voz mais lúgubre que o trovão.

De seu abrigo na rocha, Judas observou, intrigado e trêmulo, a horda de decaídos sumir e, imediatamente, a vara de porcos correr para a beira do penhasco, afogando-

se nas águas profundas lá embaixo.

Jesus afastou os cachos escuros de Seus olhos e ficou observando o Mar da Galileia.

– A tirania de Satã aproxima-se do fim. Está chegando a hora do Primeiro Julgamento.



Do alto do céu e de sob a terra eles voaram – os poderes ameaçadores do mal e do terror – até as criptas dos Senhores das Profundezas, sob o Palácio Negro de Lúcifer, nas desoladoras e ardentes vastidões de lava à beira do inferno.

Os Conselhos Sinistros do inferno estavam reunidos.

Charsoc se levantou e se dirigiu à grande assembleia.

– Meu mestre, Lúcifer, Satã coroado, único rei verdadeiro do mundo, dá as boas-vindas à presença de todos.

Dagon e a guarda de elite de Lúcifer puxaram uma grande cortina magenta, revelando o príncipe decaído, todo glorioso, sentado no Trono de Satã na Grande Câmara dos Senhores das Profundezas. Ele trajava as roupas brancas cerimoniais com bordas de arminho. Sua coroa de diamantes repousava sobre os cabelos negros. Segurava seu cetro com a mão direita, o grande anel de Satã, cor de ameixa, no dedo anular.

– Estamos aqui com uma única meta – declarou, inspecionando devagar a grande assembleia com milhares de governantes sombrios do mundo inteiro –, abreviar os dias do Nazareno.

Um grande e terrível rugido irrompeu na Grande Câmara quando os grandes generais satânicos do inferno puseram-se em pé, seguidos por mil membros dos Conselhos Sinistros com seus capuzes, além dos Reis Necromantes.

Lúcifer levantou a mão. No mesmo instante, fez-se silêncio. Todos se curvaram no mesmo instante e se sentaram.

Marduk falou primeiro.

– Em nome do nosso Imperador, Satã, chamo o poderoso filósofo e rei da região ocidental do inferno, ancião-chefe dos Senhores das Profundezas, Gaap.

Uma figura corcunda e de capuz coxeou até a frente da assembleia. Devagar, afastou o capuz. O rosto desfigurado estava coberto de buracos, como pústulas, as mãos finas de acadêmico cobertas por marcas avermelhadas de nascença. Ele ergueu o olhar para Lúcifer, revelando íris descoloridas. Suas sobrancelhas e cílios estavam ausentes.

– Juro minha obediência, ó grande mestre, Satã – falou. – Meus arquivistas estudaram os códices, e ficou evidente que, tendo passado pelo concurso do Monte

Quarnel... – Gaap aproximou a cabeça da de Lúcifer – ... a cada dia que Ele permanece no planeta Terra, Vossa Excelência, torna-se uma ameaça maior ao seu papel como imperador... e ao *nosso* reinado sobre os assuntos dos homens. – Um sorriso maligno passou por seus lábios finos e pálidos. – Precisamos abreviar Sua permanência.

As grandes portas da câmara se abriram. O grão-duque Focalar surgiu à entrada, temível arquiduque do inferno e o melhor general de Lúcifer, um demônio feroz com o rosto de um anjo e as asas de um grifo. Caminhou pelo corredor da Grande Câmara e se curvou diante de Lúcifer, abaixando-se para beijar o grande anel de Satã.

– Estou voltando da Terra, meu imperador. – Focalar olhou fixamente para ele sob as espessas sobrancelhas. – Seu reino sofreu uma pilhagem. – Lúcifer franziu o cenho. Focalar foi de um lado para o outro, a mão sobre a espada. – Fui convocado quando já era tarde demais. Toda uma legião banida... ameaçada de ir para o Abismo por um membro da raça dos homens!

– Para o *Abismo*? – questionou Charsoc. – Ninguém, na raça dos homens, tem o poder de banir os decaídos para o Abismo... – Ele se deteve ao perceber a expressão de seu mestre.

– Exceto o Nazareno! – vociferou Lúcifer.

– O Nazareno cedeu, senhor – grunhiu Focalar. – Os espíritos incorpóreos entraram numa vara de porcos. Eles se afogaram.

– E quantos foram perdidos? – Mal se ouvia a voz de Lúcifer.

Focalar hesitou, depois ficou olhando para o chão.

– Toda uma legião, ó venerável, hábil em corromper a raça dos homens.

Lúcifer se levantou e caminhou até as grandes janelas, contemplando as planícies de lava.

– E depois? – murmurou. – Ele vai mobilizar grandes exércitos contra mim, planejar minha aniquilação... Ele invadiu meu reino. Onde isso vai parar? – Virou-se, estudando os membros dos conselhos, depois fez um gesto para uma figura de capuz e roupas pálidas, sentado e encurvado, à esquerda de Charsoc.

– Sua Excelência chama Nisroc, o antigo, mantenedor do inferno e da morte – proclamou Marduk.

Nisroc se levantou e se curvou profundamente em reverência.

– Transmita a seu imperador, Nisroc, os aspectos da lei eterna.

Nisroc falou sob o capuz acetinado, a voz macia como seda.

– Os aspectos e regras que estão em vigor relativamente à raça dos homens e pertinentes à lei eterna impedem aqueles que são espíritos decaídos de tirar diretamente a vida de um membro da raça dos homens, Vossa Excelência.

Lúcifer assentiu.

– Disso estou ciente, Nisroc, o Prudente.

O velho necromante fez um gesto com a cabeça.

– Nós, os decaídos, somos governados pela lei eterna. Só um membro da raça dos homens pode extinguir a vida de um membro da raça dos homens.

Nisroc curvou-se em reverência e se sentou. Charsoc aproximou sua cabeça da de Lúcifer.

– Precisamos encontrar alguém da raça dos homens que faça o nosso trabalho. Alguém que obedeça à nossa voz, à voz dos decaídos.

Zilith, governador dos acadêmicos demoníacos, levantou-se.

– Vossa Majestade, com relação às suas instruções, meus acadêmicos demoníacos têm examinado os hábitos do Nazareno e daqueles que O cercam. Os poderosos religiosos de Jerusalém buscam o poder, e Ele ameaça a autoridade deles. As massas os têm abandonado e seguem a convincente oratória do Nazareno.

Zilith coíou a barba mefistofélica.

– Ele tem poucos amigos em posições importantes.

– E muitos inimigos, Vossa Majestade. – Darsoc, dos Magos Cinzentos, levantou-se. – Aquele que lidera e que chamam de Caifás é fraco e ambicioso – sibilou. – Meus magos vão procurá-lo.

Lúcifer ia de um lado para o outro.

– Precisamos atacar onde ele é mais vulnerável...

– Vossa Excelência – Dracul, líder dos iníquos Reis Feiticeiros do Ocidente, levantou-se e se curvou em reverência –, descobrimos um discípulo disposto e fervoroso naquele a quem dão o nome de Judas. Um dos doze. Ele é fútil e politicamente ambicioso. – Os olhos de Dracul, tal como os de um gato, brilharam com malícia sob o capuz negro. – E tem propensão para o ouro...

– Cada dia de vida do Nazareno é uma ameaça ao meu reino. – Lúcifer ergueu o cetro bem alto. – Libere seus magos do mal. Ocupe os sonhos de Iscariotes com perturbações. Realce todas as fraquezas dele. Agite aqueles que estão próximos a Caifás. Vamos abreviar o tempo Dele!

SUBTERFÚGIO

Jotapa estava sentada diante da penteadeira nos aposentos reais. Sua serva, Ghaliya, penteava os longos fios com os dedos, que se moviam ágeis como pássaros.

– Ghaliya... – Jotapa fez uma pausa e depois baixou a voz. – Você recebeu mais alguma carta do seu primo?

Ghaliya assentiu. Foi até a porta, fechou-a discretamente e tirou uma missiva dobrada do avental. Jotapa franziu o cenho, curiosa. Ghaliya pôs-se a ler com os olhos brilhantes.

– São notícias *Dele*!

Jotapa pegou a carta, ansiosa. Agarrou a mão de Ghaliya enquanto devorava o conteúdo da missiva.

– Dizem que ele é um rei – murmurou. – Um rei dos judeus. Você *precisa* me dizer, Ghaliya. Conte-me tudo. Preciso saber!

Ghaliya entremeava orquídeas e gardênias frescas nos cabelos de Jotapa enquanto falava.

– As histórias que circulam são... – Ghaliya levou a mão à boca.

Jotapa assentiu com impaciência.

– Sim, sim, continue!

Ghaliya baixou a voz.

– Dizem que olhos cegos enxergam – sussurrou –, que os coxos andam... – Jotapa cobriu a boca, extasiada. – E que até os mortos se levantam!

– Ele não é deste mundo. Tem uma magia estranha e poderosa, e eu sabia que seria assim! – Hesitou antes de prosseguir. – E aquele homem santo, corajoso... ainda fica repreendendo meu marido?

– Ele condena o casamento do seu marido com Herodias, diz que é ilegítimo. Um pecado contra você e contra Deus. Depois do casamento, Herodes mandou prendê-lo. Ele está na cadeia em Macherus.

– Preso! – Jotapa arregalou os olhos, horrorizada. – Esse Batista, ele também é seguidor de Jesus?

Ghaliya assentiu. Ela baixou a voz e aproximou-se do ouvido de Jotapa.

– Ouvi dizer, na cozinha do palácio, que nosso Jesus de Nazaré chamou seu marido, Herodes Antipas... – Ghaliya riu. Jotapa arqueou as sobrancelhas. – ... de *raposa*!

– O Hebreu é um homem de discernimento! – Jotapa riu alto. Sua expressão ficou distante um pouco depois. – Será que Ele percebeu que Herodes é meu marido? – Ela se virou e ficou com a cabeça junto da de Ghaliya. – E os seguidores? – Hesitou por um instante. – Esses que usam o sinal?

– Estão por *toda a parte*, em todos os escalões; até o mordomo da casa de Herodes Antipas, no palácio real, é seguidor Dele.

– Aquele sombrio do Chuza? – Jotapa meneou a cabeça, incrédula.

Ghaliya assentiu com veemência.

– Sua esposa, Joana... ela viaja para todos os lugares com Jesus e cuida Dele com os próprios recursos.

– Chuza é zeloso com sua bolsa; jamais permitiria isso!

– Ele se transformou, princesa – respondeu Ghaliya. – Agora, é o mais tolerante dos maridos... – Deteve-se no meio da frase e curvou a cabeça.

Jotapa olhou intrigada para ela.

– Vamos, Ghaliya, continue. – Ela segurou sua mão. – Estamos em segurança.

Ghaliya enxugou o canto dos olhos com o avental.

– ... desde que o Hebreu curou o filho dele – completou ela com um sussurro.

Jotapa meneou a cabeça, espantada.

– Ele curou o filho deles – falou devagar, ficando em pé. Deslizou pelo piso de mármore e foi pelas portas do balcão até o pórtico ornamentado, observando por um bom tempo a ala oeste, em contemplação profunda. Lentamente, virou-se para Ghaliya, que estava perto dali. – Se o Hebreu conseguiu curar o filho de Joana – olhou para Ghaliya com um brilho inspirado no olhar, depois baixou o tom de voz –, ele pode curar Zahi!

Ghaliya olhou espantada para ela.

– Mas... Vossa Majestade...

Ela virou a palma de sua mão para Ghaliya, apontando para a tênue cicatriz.

– Temos de levá-lo até Ele. Vamos a Jerusalém!

Ghalya se assustou.

– Mas, Vossa Majestade, seu ex-marido, Herodes Antipas, se ele a descobrir...

Jotapa aplacou os protestos de Ghaliya com um gesto de mão.

– Herodes fica em Macherus e em Tibérias, na Galileia. Jerusalém está longe de seus pensamentos, disto tenho certeza. – Seu rosto corou de excitação. Ela voltou para os aposentos, a fisionomia reluzente de euforia. – Vamos levar Zahi até Ele, Ghaliya. Ele será curado, sei disso!

Ghaliya olhou boquiaberta para Jotapa.

– Chame Ayeshe; diga-lhe que faça os preparativos. Duza vai nos ajudar com um subterfúgio. Meu pai não visita Zahi em seus aposentos; nem vai perceber sua ausência. Vou dizer ao rei que vou tratar dos seus interesses no comércio de incensos e especiarias em Jerusalém. Estou encarregada de boa parte dos negócios da casa; é uma justificativa crível. Diga a seu primo que iremos correndo para Jerusalém, e que alerte Joana de nossa chegada. É a festa da Páscoa judaica; não seremos reconhecidas na multidão. Vamos a Jerusalém; encontraremos o Hebreu.

⊙ VÉU

— Os Videntes de Plantas de Diabolos viram um portento — observou Marduk. — Um véu. — Ele passou a missiva para Charsoc, que a segurou cautelosamente com a mão enluvada, abrindo-a com cuidado. Uma leve névoa escura de cicuta se esgueirou para fora. Charsoc estudou a página.

— Fale-me desse véu.

— É um véu da raça dos homens dos hebreus — respondeu Marduk. — Fica pendurado em Jerusalém, no lugar que eles chamam de Santíssimo. No templo deles.

— E qual é o propósito do véu? — O tom de voz de Charsoc foi ríspido.

— Como é de conhecimento comum para os decaídos, desde o triunfo supremo do nosso imperador no leste do Éden, foi cortado o acesso direto da raça dos homens à presença de Jeová.

Charsoc gesticulou com impaciência para Marduk.

— Devido a seu estado decaído, o mais leve contato direto com o poder e a luz que emanam de Jeová mata instantaneamente os membros da raça dos homens. O véu que fica no lugar Santíssimo atua como proteção nas raras ocasiões em que Jeová decide visitar seu sumo sacerdote. O véu serve como lembrete de que as iniquidades da raça dos homens tornaram-nos indignos da presença de Jeová.

— Logo — Charsoc manuseou a missiva, imerso em contemplação —, o véu age

como uma divisória entre a raça dos homens e a presença de Jeová. Ele não tem feitiços próprios.

– Não tem feitiços.

Charsoc dobrou a missiva.

– Mande nossos batedores para investigá-lo. Vou informar nosso imperador.



Herodes Antipas estava recostado em uma montanha macia de almofadas de cetim vermelhas e cinza, observando, semi-intoxicado, a jovem etíope com trajes sumários que servilmente pegava uvas e as colocava em sua língua. Uma segunda jovem, cuja pele era pálida como leite, fatiava uma romã e colocava os pedaços sensualmente sobre o tórax dele. Sua coroa adornada com pedras preciosas estava torta sobre a cabeça, e os cabelos encontravam-se em desalinho. O sumo das frutas escorria de sua boca para os caros guardanapos bordados postos sobre seu peito.

Seu olhar dirigiu-se para as centenas de elegantes e rotundos senadores romanos e nobres galileus sentados diante de mesas exuberantes, nutridos pelas melhores aves e carnes e por iguarias de todas as províncias da Galileia. Observou, satisfeito, os melhores generais com cálices de excelentes vinhos, e cem servos que ladeavam o grande salão e atendiam aos caprichos de cada convidado.

Várias dançarinas voluptuosas, trazidas de todos os cantos do império romano, rodopiavam pelo amplo piso do salão. Herodes observava Herodias, sentada como uma gata egípcia, ereta e arrogante.

– Seu aniversário – ronronou ela – é uma ocasião que será lembrada por todos. Deve ser o espetáculo da Galileia, da Palestina... de Roma.

– Administradores, ricos proprietários de terras, líderes cívicos e os comandantes dos meus exércitos... Bem, Herodias, você se excedeu, minha pomba.

Herodes aproximou as delicadas e pequenas unhas de Herodias de seus lábios corados e as beijou.

– Ah, meu Antipas, o melhor está por vir.

Subitamente, o salão ficou em silêncio e as lanternas perderam a luminosidade. A música mudou das batidas incessantes e pulsantes para uma melodia mais lenta e sensual. Então, de um nicho saiu uma forma esguia e leve, a pele pálida como alabastro brilhando através de sete véus cor-de-rosa que envolviam sua silhueta sensual – era tão leve, e os olhos de Herodes fixaram-se nela, que serpenteava ao ritmo da música.

Os cabelos negros na altura da cintura espalhavam-se sobre suas costas nuas ao som da música, e as mãos se moviam sobre seu corpo, removendo uma a uma as camadas de tecido leve, até ficar vestida apenas com o sétimo véu. Ela acariciou

sensualmente o abdômen arredondado e levantou o último véu rosto acima, revelando maçãs do rosto proeminentes e sensuais lábios carmim.

Herodes pôs as mãos sobre o rosto.

– Basta! Basta! – gritou, batendo palmas lentamente e com força, até todo o grande salão ficar em pé, aplaudindo.

– Mais! Mais! – gritaram.

Herodes fez um gesto para que ela se sentasse ao seu lado. Herodias observou, alerta, e assentiu para Salomé.

Salomé sentou-se ao lado do padraсто, sobre as almofadas de cetim, bebendo de seu cálice e saboreando suas iguarias, sussurrando provocações diabólicas em seu ouvido.

De repente, Herodes se levantou, zozzo, num estupor de semiembriaguez. Bateu palmas e, no mesmo instante, a música cessou. Então, fez um gesto para que Salomé se levantasse no dossel e se aproximou dela, trôpego.

– Peça-me o que desejar, e eu lhe darei. Juro-o nesta noite, pelos deuses! O que me pedir, minha enteada, eu lhe darei, até a metade do meu reino.

Um sorriso frio estampou-se no rosto de Herodias. Ela e Salomé saíram do salão de banquetes e foram por um corredor particular até seus ricos aposentos.

Salomé se sentou sobre a luxuosa cama de Herodias, envolvendo-se triunfante nos perfumados lençóis de seda púrpura.

Herodias analisou a beleza evanescente no espelho de mão e virou-se para examinar as belas feições joviais de Salomé.

– O que devo pedir, mamãe? – perguntou Salomé em meio a risinhos. – Até metade do reino dele!

– Aquele velho tolo e confuso – disparou Herodias.

Salomé empalideceu. Sabia que era bom evitar os violentos acessos de raiva da mãe. Sentou-se na cama em súbito silêncio.

Herodias se manifestou.

– Vamos calar para sempre o Batista e suas vis acusações. Ele não vai mais virar seu padraсто e seus súditos da Judeia contra mim, sua legítima esposa – sibilou. – Precisamos preservar nosso lugar na corte; não podemos tolerar interferências daquele peçonhento. Ele precisa ser silenciado. Seu futuro depende da morte dele. Agora, volte para Herodes e peça a cabeça de João Batista!

Salomé engoliu em seco. Depois, um leve sorriso perverso se esboçou em seus lábios. Ela correu de volta para o grande salão e ficou diante de Herodes, modesta e de aparência meiga.

Herodes riu alto.

– Já escolheu? O que vai ser, meu doce? Até metade do meu reino... Será que algum pai já foi tão generoso?

Salomé fez uma reverência.

– Oh, Herodes, grande e justo, além de leal à sua promessa – começou, a voz suave mas límpida –, desejo que me dê a cabeça de João Batista sobre uma bandeja de prata.

Herodes empalideceu. Afastou-se de Salomé horrorizado, repugnado. Depois, virou-se para observar o grande salão, olhando primeiro para os senadores, depois para os comerciantes, até seu olhar se deter sobre os generais.

– Não posso, Salomé. Qualquer coisa... qualquer coisa, menos a cabeça do Batista. Meus tesouros, minhas joias, Salomé... até meus palácios, eu lhe peço...

Salomé olhou para além de Herodes, onde, à entrada do grande salão, a distância, postara-se Herodias, uma figura esguia, coberta pela penumbra.

Herodes acompanhou o olhar dela.

– Ele é um homem justo – murmurou. – Não merece morrer.

Herodias deslizou pelo salão e se aproximou dele, sussurrando em seu ouvido:

– Você fez uma promessa, ó grande Herodes, e a promessa deve ser cumprida.

Herodes cerrou os punhos, saindo do torpor da embriaguez, embora a mente rodopiasse.

– O Batista não fez nada que possa merecer a morte. Não posso.

Chuza, seu mordomo doméstico, tentou desesperadamente chamar a atenção de Joana, que rezava em voz baixa.

– Você é *fraco*, Antipas. – O sussurro imperioso de Herodias pareceu reverberar em todos os recônditos do grande salão.

Ele se assustou.

Ela agarrou seu braço coberto de pulseiras, e o temperamento violento e descontrolado foi se revelando.

– Ele virou a rale contra nós. Eles nos odeiam, me desprezam... Cospem no meu carro nas ruas quando passo. Eu, esposa do tetrarca da Judeia! É o veneno dele; sua língua é como a de uma víbora. – Herodes continuava imóvel como uma pedra. – E seus convidados? – silvou. – *O* que *eles* vão dizer quando saírem do palácio de Herodes? Que ele era um homem fraco demais, incapaz de cumprir uma promessa?

Os braços de Herodes penderam como pesos de chumbo ao longo do corpo. Sentou-se, a mão tremendo tanto que mal conseguia segurar o copo de vinho.

– Malchus – ordenou, a voz fraca e trêmula –, leve um guarda até a cela do Batista em Macherus e o execute.

– E traga-nos a cabeça dele numa bandeja! – berrou Herodias.



Lúcifer estava no teto da ala oriental, que abrigava os aviários reais de Perdição,

diante de centenas de colossais gaiolas douradas, alimentando os batedores sarcófagos e carneiros com pedaços de fígado de caça recém-abatida, retirados de uma grande urna de prata.

Charsoc curvou-se diante dele.

– Solicito uma audiência, meu senhor.

Lúcifer lavou as mãos cobertas de sangue numa vasilha que Balberith lhe estendeu, depois secou-as meticulosamente num guardanapo bordado que lhe foi entregue por um servo. Jogou o guardanapo no chão e encaminhou-se para onde Charsoc estava.

– Os Videntes de Plantas de Diabolos viram um portento, Vossa Majestade. – Charsoc curvou-se novamente. – Um portento que, dizem, está relacionado com o Nazareno. Um véu.

Lúcifer se deteve.

– O véu que fica no templo dos hebreus – prosseguiu Charsoc.

– *Esse véu...* – a expressão de Lúcifer tornou-se sinistra – está pendurado no Santo dos Santos. – Arrancou a missiva da mão de Charsoc. – O único lugar deste planeta onde Jeová pode *entrar* e visitar a raça dos homens. – Analisou a missiva. – Os Videntes de Plantas predisseram que ele é prejudicial para meu reino. – Lúcifer franziu o cenho. – Eles o viram rasgado.

– Seria uma tarefa árdua rasgá-lo, meu Senhor – respondeu Charsoc. – Meus batedores informaram que é um pano de aparência muito desajeitada. Tem quarenta cúbitos de comprimento e vinte de largura, com a espessura de um cúbito, e é a junção de setenta e dois pedaços quadrados. É preciso a força de trezentos sacerdotes, no mínimo, para manipulá-lo. Dizem, na raça dos homens, que touros amarrados às suas pontas não conseguiriam rasgá-lo.

– No entanto, meus instintos aguçados me dizem que o que os Videntes de Plantas viram está correto: que ele é importante para Jeová e o Supremo Conselho nos assuntos da raça dos homens. Mas rasgá-lo... por que ele seria rasgado? – Lúcifer caminhou pensativo de um lado para o outro na elevação oriental. – Ele os *protege...* – murmurou. – Sem ele, a raça dos homens morre por causa da radiação da presença de Jeová. – Virou-se para Charsoc. – Instrua os Murmuradores das Trevas a ficarem atentos a esse véu. Diga a Marduk que deve me informar imediatamente sobre qualquer acontecimento incomum.

Charsoc se curvou em reverência.

– Sua palavra é uma ordem, Vossa Excelência. Vou instruir os Murmuradores das Trevas agora mesmo.

Lúcifer caminhou até a extremidade dos pavilhões superiores, observando as desoladoras vastidões de lava ardente que se estendiam até onde a vista alcançava. Olhou para a missiva ainda em sua mão e levantou a cabeça em direção ao pálido

horizonte âmbar. Sentia-se estranhamente perturbado.

⊙ HEBREU

Estavam em silêncio nos degraus do templo em Jerusalém. Zahi, o rosto envolvido em panos, encontrava-se num carro fechado, sem ser visto por ninguém. Ghaliya estava sentada do lado oposto, fazendo o papel de esposa de um rico comerciante, e Jotapa vinha disfarçada com os véus de uma serva, à sua direita, ao lado de Ayeshe.

– O templo de Zorobabel – sussurrou Jotapa. – Zahi, veja como Herodes gastou uma grande importância em sua ornamentação. – Ela parou no meio da frase ao ouvir uma manifestação ruidosa no pátio externo do templo.

Ouviram gritos exaltados e o som de mesas se espatifando no chão do templo.

Uma voz familiar revelou a fúria de um trovão:

– Covil de ladrões! Como *ousam* transformar a casa do Meu Pai numa casa de vendas, num bazar? Com essa tagarelice incessante; lucrando com os pobres...!

Vendedores de pombos e cambistas se espalharam como gansos pelo Pátio dos Gentios, passando pelo carro onde estava Jotapa. Cordeiros e reses para sacrifícios correram pelo pátio do templo ao som de mesas sendo quebradas... e, depois, o silêncio.

Centenas de transeuntes se reuniram à entrada do pátio externo. Esperando. Jotapa observou fascinada, por trás do véu, uma figura alta, magra e de aparência feroz caminhar debilmente pelas portas e pelo pátio do templo, com um falso chicote feito

de cordas firmemente seguro em Sua mão. Sem querer, engoliu em seco. Sim, era Ele... mas como? Parecia muito mais jovem do que em suas lembranças do encontro no deserto. Ele não teria mais que trinta anos.

Estudou o homem nos degraus do templo. Depois franziu o cenho, perplexa. Hoje, não havia sinal do humor ou da compaixão que vira no deserto. Suas belas feições estavam fechadas, o maxilar forte e firme. Suspirou profundamente e baixou o olhar. A princípio, tinha achado o Hebreu atraente... perigosamente atraente. Mas Jotapa possuía o dom pragmático da astúcia de Aretas – não era tola e percebera instantaneamente que Ele não estava disponível. E, com o encontro no deserto, notara que Sua única e imensa paixão, assim como acontecera com os monges de outrora, era o Seu Deus. Não havia uma mulher na vida do Hebreu. Disso possuía razoável certeza. Analisou-O com curiosidade. Os olhos escuros brilhavam como raios quando Ele enxugou as lágrimas com o dorso da mão – lágrimas de raiva, com certeza. Sorriu debilmente... lágrimas de paixão.

Por que ele ficara tão irritado?

Virou-se para Zahi, intrigada. Zahi fez um gesto na direção do templo.

– O templo dos hebreus sempre foi um grande tesouro nacional – ele explicou discretamente, a voz um pouco abafada pela gaze fina. – Os cofres contêm imensos depósitos de riqueza pessoal. Os depósitos nunca ficam parados, Jotapa. São emprestados a altos juro pelos cambistas. Sei, por conta de nossas fontes, que os arquivos em Jerusalém revelam débitos inconcebíveis dos pobres para os ricos. Não é um cenário bonito. As autoridades judaicas são detestadas por gente comum. O Hebreu sabe o que faz. – Zahi fez uma pausa. – E é corajoso.

Jotapa observou, perplexa, um garotinho que não teria mais que quatro anos e que, ao ver Jesus, de imediato desvencilhou-se da mãe, correu pela calçada até Ele e quase O derrubou com sua excitação. O menino se agarrou às pernas de Jesus e enterrou a cabeça em Seu manto. Jotapa viu, fascinada, a fúria terrível dissolver-se das feições de Jesus. Ele atraiu o menino para Si e pôs a mão gentilmente sobre a cabeça dele, Seus olhos contemplando algum lugar a distância. O chicote se soltou de Sua mão e caiu sobre a calçada. Afagou a cabeça do menino, afastou os cabelos longos e escuros dos olhos e observou o pátio. Ainda irritado. Depois, soltou um profundo suspiro.

Jotapa viu um jovem de aparência sombria e marcante logo atrás Dele, tremendo com uma raiva mal disfarçada.

– Mestre... – O jovem agarrou o ombro de Jesus com força. Com muita força.

Jesus virou-se para encará-lo, e, no mesmo instante, Judas afrouxou a pressão. Pálido.

– Mestre – implorou –, as autoridades... trabalhei tanto. Estavam prestes a aceitar Você... a aceitar a causa. Você Se retirou para a Galileia quando poderia ter sido

coroado rei, e pensam que Você fugiu... Você Se recusa a Se mostrar abertamente e depois desafia em público os fariseus. Tudo isso vai acabar mal, Mestre.

Judas se afastou para assimilar a cena das mesas viradas e das mercadorias quebradas. Levou as mãos à cabeça.

– Nunca mais vamos poder pisar no templo... Estamos *arruinados*. Alguns dizem até que Você é um *demônio*! – Ergueu as mãos, profundamente frustrado. – Sei que Você é o Messias, acredito na causa. – Fez um gesto na direção de Pedro e dos outros discípulos. – Até mais do que estes homens, com suas incessantes reclamações sobre trivialidades. Eu morreria pela causa. Eu morreria por *Você*, Jesus. E Você poderia consertar tudo. Aceite o desafio deles e mostre um sinal dos céus – pediu.

– O medo do homem é um ardil para nossa causa. – Jesus se voltou para ele. Com ar de reprovação. – E um ardil para você, Judas Iscariotes – acrescentou em voz baixa.

Judas O encarou como se houvesse literalmente sido chicoteado no rosto. Lágrimas quentes escorreram-lhe dos olhos. Ele recuou. Por um breve momento, Jotapa achou que teria visto certa vulnerabilidade em Jesus, mas, com a mesma velocidade com que ela aparecera, um terrível cansaço tomou seu lugar, como se Ele suportasse o peso do mundo inteiro.

Depois, Jesus acolheu a criança em Seus braços, passou por Judas e entregou com gentileza a criança a um homem grande e corado.

– Vamos para Cafarnaum, Pedro – falou discretamente. Em seguida, caminhou pelo pátio rumo à rua.

– Vamos, princesa – sussurrou Ghaliya, nervosa. Mas Jotapa estava imóvel. Meneou a cabeça com o olhar fixo em Jesus.

– Não, vamos ficar! – declarou. – Sabemos por que estamos aqui.

Assim que Jesus deixou os degraus do templo, grupos de homens, mulheres e crianças o cercaram, agarrando Seus trajes, Seus pés, Suas mãos, a ponto de os discípulos mal conseguirem se aproximar Dele na multidão.

Jesus estudou os rostos próximos a Ele, os olhos tomados por compaixão. Jotapa viu uma idosa se agarrando com desespero às dobras de Seu manto, tropeçando e caindo, empurrada pela multidão. A mulher ficou caída, com lágrimas escorrendo pelo rosto, na poeira da rua. Suas lágrimas se transformaram em soluços fortes e convulsivos; depois, o espanto surgiu em seu semblante, e ela começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como se houvesse perdido a razão.

A multidão continuou a procurar Jesus, pressionando-O de todos os lados, até Ele levantar a mão.

– Quem foi... quem foi que Me tocou? – Os olhos vasculharam a multidão ruidosa que o pressionava.

Homens e mulheres menearam a cabeça com vigor, mas Jesus abriu caminho em meio a todos até ficar em pé ao lado da velha senhora, que ainda estava deitada no chão. A mulher olhou trêmula para Ele.

– Você tocou em Mim?

Ela assentiu.

– Sofro de um sangramento há doze anos, Mestre. – Ela pegou nas mãos Dele. – Gastei todo o meu dinheiro, as economias da minha vida, em médicos, e, mesmo assim, só piorei, até...

– Até a virtude da cura sair de Mim.

– Agora, na multidão, tentei tocá-Lo, Mestre, mas as pessoas... Estava muito fraca, mas me agarrei a uma dobra de Suas vestes. Depois, fui levada pela multidão. Mas... o sangramento parou. – Ela O contemplou em adoração. – Estou sã!

Um sorriso brilhante surgiu no rosto de Jesus. Sua expressão se suavizou, e Ele se ajoelhou até o rosto ficar alinhado diretamente com o da idosa. Com ternura, tomou o rosto dela entre as mãos.

Jotapa virou-se para Zahi. Seu rosto estava próximo à janela, absorvendo toda a cena. Ela viu um raio fugaz de esperança nos olhos que durante tantos anos não haviam tido nenhuma. Saiu do carro e correu para se aproximar da multidão.

– Velha mãe, sua fé a curou – murmurou Jesus com gentileza, apertando a idosa contra o peito. Lágrimas escorreram pelo rosto enrugado, e Ele beijou ternamente o alto da cabeça grisalha. – Vá em paz.

A idosa agarrou Suas mãos, cobrindo-as de beijos, o rosto transformado. Por um breve instante, ela resplandeceu de beleza.

É isso, pensou Jotapa, observando-O com encanto. *Ele nos torna belos – velhos e jovens, homem e mulher, menino e menina.* Era quase como bruxaria, refletiu, embora de bruxaria não houvesse nada.

E, então, Jesus se virou. Olhou diretamente para ela. Jotapa teve certeza disso.

A testa dela se franziu. Não podia ser. Estava tão bem disfarçada como serva de uma nobre que não haveria como ninguém reconhecê-la. Virou-se para ver se tinha alguém atrás dela, depois voltou-se de novo para Ele.

Jesus caminhava em sua direção. A testa dela se franziu novamente. Virou-se para Ghaliya, depois mais uma vez para a figura alta e magra que se aproximava com rapidez. Ele continuava com o olhar fixo nela. Não restava a menor dúvida.

– Minhas saudações à Casa de Aretas, filha do rei da Arábia.

Ele pareceu curioso. Na verdade, Jotapa teve certeza de que percebeu um quê de travessura em Seu olhar. Os olhos dela piscaram algumas vezes em perturbação.

– E quanto ao seu temperamento? – questionou, com covinhas profundas aparecendo nas faces bronzeadas. – Tem estado mais controlado?

Imediatamente, os olhos de Jotapa se estreitaram, e ela se revelou em toda a sua

estatura imperial.

– Está se dirigindo à princesa da Arábia. – As narinas se dilataram em indignação.

Os olhos de Jesus piscaram, revelando humor. Ela O encarou com espanto. Como a reconheceria?

– Meu temperamento, posso Lhe garantir, está exatamente no mesmo estado em que o Seu estava hoje, só que Você tinha um chicote, e eu não tenho nenhum.

Jesus jogou a cabeça para trás e riu alto, divertindo-se. Jotapa sentiu-se irritada, e seu temperamento inconstante estava prestes a se revelar quando, ao encará-Lo, percebeu nitidamente que Ele não se divertia com seu desconforto – divertia-se com *ela*. Apesar de todos os seus defeitos – e eram muitos –, o Hebreu *gostava dela*, Jotapa, a temperamental, forte e altiva princesa da Arábia.

E deu-se conta também de que, para cada um que tocava em Seu manto, Ele era o mesmo. Jesus encontrava um tesouro em cada alma – vasculhava os pecados e as amarguras de cada um, até encontrar a pérola de grande valor. No caso dela, era sua força. E então as lágrimas brotaram com liberdade nos olhos dela. O Nazareno curvou levemente a cabeça, indo em sua direção, mas passou por ela, o semblante sério, quase severo. Jotapa virou-se, o coração acelerado. Instintivamente, sabia que Ele encaminhava-se diretamente para o carro do outro lado da rua, o carro onde estava Zahi.

Agarrou a saia com as mãos, correndo atrás de Jesus, mas, antes que pudesse alcançá-Lo, Ele já tinha aberto a porta do carro. Estendeu a mão a Zahi, que a pegou, descendo do carro e pisando na rua empoeirada diante de toda a multidão. Um arquejo de espanto emanou do grupo que rodeava Jesus ao verem Zahi e suas mãos e rosto cobertos por uma gaze fina. Uma mulher robusta e de rosto corado agarrou o filho e se afastou rapidamente, seguida em rápida sucessão por dezenas de homens e mulheres da multidão. Jotapa tentou se aproximar mais, mas Duza a deteve com delicadeza.

Jesus olhou bem no fundo dos olhos de Zahi durante um longo momento e depois sussurrou algo que Jotapa não conseguiu ouvir.

Zahi caiu aos pés de Jesus.

– Quem você diz que Eu sou?

– Você é o Deus desconhecido – sussurrou Zahi em veneração –, aquele sobre quem o grande mago Daniel profetizou.

Jotapa olhou atônita para Duza.

– Ele estudou os textos do grande mago Daniel nos últimos oito anos com fervor, dia e noite, em sua biblioteca – revelou Duza em voz baixa. – Nas noites em que não conseguia dormir, ficava estudando. Pesquisava e pesquisava o significado da vinda do grande Messias.

Jesus sorriu gentilmente. Um sorriso terno, íntimo. Com cuidado, Ele tirou a

musselina que cobria o rosto de Zahi. A multidão, agora observando a cena a uma distância segura, ficou horrorizada com as feições desfiguradas. Então, Jesus tirou os panos das mãos, revelando os tocos e a pele que se desfazia.

– Vá em paz – falou. – Sua fé o curou.

E a multidão soltou um grito de espanto, seguido por um longo e respeitoso silêncio. Diante dos olhos de todos, as feições de Zahi começaram a se refazer. Jotapa observou, incrédula, a pele distendida e solta do rosto do irmão tornar-se lisa e saudável. Olhou para as mãos de Zahi. Os nódulos haviam desaparecido; os dedos tinham ficado longos e retos. Viu quando o toco que antes fora o polegar de Zahi se curou e tornou a crescer. Piscou. Não podia ser! Sim, ela acreditava que o irmão podia ser curado, mas por certo não esperava que os dedos voltassem a ficar perfeitos!

Virou-se para Duza, que observava a cena espantado, em silêncio, tal como a multidão. Todos ficaram estupefatos diante do milagre franco que ocorrera diante deles. Judas estava atônito, a felicidade estampada no semblante. Esse era o *Messias*.

Jesus abraçou Zahi longamente.

Zahi caiu de joelhos, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Obrigado... obrigado – murmurou em adoração, olhando através das lágrimas para o dorso das mãos, depois virando-as, maravilhado.

Então, Jesus pôs Sua mão sob o queixo de Zahi e levantou o rosto dele em direção ao Seu. Sorriu com ternura enquanto fitava Zahi profundamente.

– Zahi, príncipe coroado da Arábia, siga-me.

Zahi se levantou, e Jotapa viu quando ele se virou para olhá-la, e a Duza também. Este se esforçou para conter os soluços curtos e fortes que lhe brotavam do fundo da alma. Zahi abriu um sorriso para Jotapa – um sorriso brilhante, banhado pelo sol.

E, em um instante, ele e Jesus sumiram.

ESCOLHAS SINISTRAS

Charsoc voou pelas perigosas criptas subterrâneas clandestinas dos condenados, com sua capa de mago das trevas esvoaçando, montado nos zéfiros subterrâneos. A batida pulsante e soporífera dos tambores-xamãs e as grandiosas e assustadoras árias dos corais necromantes filtravam-se das criptas mais baixas, aumentando de intensidade à medida que se aproximava de duas gigantescas portas pretas adornadas com serafins e górgonas ricamente entalhados em ouro: a entrada para o santuário interior das criptas inferiores das trevas, o portal para as Catacumbas de Ichabod.

Ergueu o cajado de prata com uma serpente viva na ponta. No mesmo instante, as imensas portas pretas se abriram, revelando os escaldantes túneis subterrâneos das regiões inferiores – a morada dos aprendizes das trevas.

O ar estava espesso, tomado pelo zumbido fantasmagórico de encantamentos demoníacos, cânticos, voduns, bruxarias e feitiços que centenas dos aprendizes das trevas de Charsoc, deformados e jovens, aplicavam a terríveis poções e venenos, recitando as artes das trevas e sua magia. Charsoc envolveu-se com firmeza em sua capa de mago das trevas. Voou pelos túneis lúgubres, passando pela Biblioteca Inferior de Iniquidades, com suas prateleiras de madrepérola carregadas de milhões de livros de prata e de antigos códices de capa preta. O ameaçador ritmo dos

tambores-xamãs foi aumentando conforme descia pelas criptas das trevas, a morada de Huldah e de seus macabros Reis Xamãs. O teto das criptas era decorado por ameaçadoras pinturas realistas com tons de ameixa e magenta-escuro, que mal se podiam ver sob a luz escassa. Foi voando para baixo... sempre para baixo, pelas estreitas alas externas dos xamãs, que alojavam um milhão de colossais gaiolas de ferro e seus sinistros batedores abutres-xamãs, que gritavam aterrorizados e silvavam venenosamente à sua passagem.

Enfim, chegou a uma porta de ouro batido, com um grande rubi bruto à guisa de maçaneta. Charsoc pôs os dedos cobertos de anéis na joia reluzente. No mesmo instante, desapareceu das criptas das trevas e surgiu nas Catacumbas de Ichabod.



Aretas ia de um lado para o outro da Sala do Trono, absolutamente furioso.

Jotapa estava trêmula do outro lado da câmara. Duza, Ghaliya e Ayeshe encontravam-se ajoelhados diante do trono, a cabeça abaixada.

– Você levou Zahi, seu irmão moribundo... – cada sílaba saía com vigor de sua boca – ... meu único filho homem, príncipe coroado da Arábia, até Jerusalém para ver o Hebreu? – Olhou para Jotapa. Incrédulo. – *Sem* a minha permissão. E agora... AGORA vem me dizer que ele desapareceu, que vaporizou-se nas ruas de Jerusalém? – Seu semblante estava mais sombrio do que uma rajada de trovão.

Jotapa engoliu em seco, nervosa.

– Pai... ele foi curado; o Hebreu o *curou*.

Aretas aprumou-se e mostrou sua estatura imperial.

– E aumenta o malfeito com esse insulto... – Os olhos escuros piscavam de fúria. – Ousa me dizer, dizer ao próprio pai, que Zahi não tem mais lepra, que... que o Hebreu apenas o curou milagrosamente? – Aretas olhou para Jotapa, depois para Ayeshe, com seus olhos claros, e depois para Duza, trêmulo.

– É verdade, Vossa reverenciada Majestade – murmurou Ayeshe, ainda de joelhos no chão. – O Hebreu curou Zahi. Ele está bem.

Aretas dirigiu-se até o *beytel* e, com seu cetro, lançou a cruz ao chão, enfurecido.

– O Hebreu...

Ghaliya e Duza grudaram o rosto no chão.

Por fim, Jotapa se manifestou.

– Deixe-os ir, pai. A culpa foi minha. Eu ordenei... eu os forcei a nos levarem. Eles não tiveram escolha.

Os olhos de Aretas relampejaram de raiva.

– Não tiveram *escolha*? Ayeshe! – Virou-se com rapidez para o idoso servo nabateu. – Você, que me serviu desde o berço; você, que é tão teimoso quanto dez

mil fêmeas de camelo das montanhas, que desobedecem a seus senhores... você *não* teve escolha? – Fez um gesto para que Ayeshe se levantasse.

O velho e musculoso nabateu se ergueu e olhou diretamente para Aretas, o olhar límpido e sincero.

– Escolhi este caminho, meu senhor. Foi, de fato, a vontade do velho Ayeshe acompanhar a princesa.

Aretas ergueu as mãos para o ar.

– Estou aborrecido por não me temer, Ayeshe! – disse, enfurecido. – Este é um dia terrível para um rei da Arábia.

– Eu não o temo – respondeu Ayeshe em voz baixa. – Mas eu o amo, meu rei que agora envelhece. – O velho abaixou a cabeça.

Aretas grunhiu, irritado.

– Nunca pensei que viveria para ver o dia em que seria mais importante para meus servos me amarem do que me temerem! – Lançou um olhar zangado para Ayeshe.

– Eu estava lá, senhor, quando...

Aretas fez um gesto para que ele se calasse. Sua expressão se suavizou.

– Sim, sim, meu velho guardião, você já contou várias vezes os eventos do menino Hebreu; eu estava cego e passei a enxergar. – Aretas revirou os olhos, frustrado. – E você, Duza, amigo fiel do meu filho querido, minha filha também lhe deu ordens? Você também sucumbiu à vontade de uma mulher?

Duza levantou a cabeça.

– Vossa Majestade, a dor que a doença infligiu ao príncipe foi maior do que se podia suportar, tanto para ele quanto para sua alma, senhor. – Duza tornou a apoiar a testa no mármore.

Aretas ergueu os braços para o céu em um gesto de desespero.

– Então, seu motivo também surgiu do amor. – Aretas apoiou o copo com força na mesa. – Amor, amor... – murmurou. – E onde está o *respeito* devido a um rei da Arábia? – Olhou para Jotapa, as feições mais suaves. – Você disse que o Hebreu o tocou e que ele ficou são. Você tem *certeza* disso, Jotapa? Viu com os próprios olhos?

– E os olhos de todas estas testemunhas diante do senhor, meu pai – sussurrou Jotapa.

Lágrimas afloraram, abundantes, dos olhos de Aretas.

– Você... você viu isso, então... – gaguejou ele, os olhos tentando argumentar com a filha.

Lágrimas também escorriam pelo rosto de Jotapa.

– Sua pele foi curada, papai, e está tão limpa e lisa quanto a de um bebê recém-nascido. Seu filho, amado de sua alma, está saudável e livre, e leva a paz na alma.

Aretas ficou olhando, sem palavras, de Jotapa para Ayeshe, e deste para Duza. Profundamente comovido.

– Os dedos dele cresceram e estão fortes novamente, Vossa Majestade. – A voz de Duza era clara. – Correm rumores em Jerusalém de que ele escreve para o Hebreu, como Seu escriba.

Aretas caminhou até a grande janela e olhou para os campos de caça reais. Ficou observando durante um longo tempo os leões que cruzavam a exótica pradaria.

– Ele não está seguro lá. As histórias desses seguidores do Hebreu circulam até pela Arábia. O Hebreu tem inimigos poderosos: os fariseus, o Sinédrio... os romanos. Todos temem a autoridade e o poder Dele sobre as massas, e agora Zahi é um deles, um... – não conseguiu dizer a palavra. Afastou-se da janela. – Ele é um... seguidor do Hebreu. É isso mesmo?

– Sim, pai, Zahi tornou-se um seguidor.

– Isso será ruim para Zahi; posso sentir na alma. – Suspirou profundamente, abaixou-se e recolheu a cruz do chão. – Então, que seja. Eu, Aretas, governante soberano de Petra e da Arábia, concedo minha bênção ao príncipe coroado Zahi. Que seus caminhos sejam prósperos e que sua alma encontre a paz. – Virou-se para Duza. – Duza, seu rei assim lhe ordena: vá a Jerusalém. Procure meu filho abençoado e fique junto dele, dia e noite. Sirva a Zahi, fruto da minha carne, fruto de toda a Arábia. Este é seu dever solene.

E, após dizer essas palavras, colocou a cruz de volta no altar.



Charsoc estava sentado num trono de marfim nas Catacumbas de Ichabod. Vapores esverdeados saíam dos monstruosos caldeirões de feitiços com cicuta e caldos infernais, enquanto poções mortíferas com algas e erva-moura ferviam no elevado altar de granada em frente ao trono. Larvas de vários tipos se esgueiravam entre as mil velas negras de beladona que queimavam no altar, atrás das quais ficava o grande véu magenta que conduzia ao segundo Ímpio dos Ímpios de Perdição, governados pelos temíveis sumos sacerdotes dos decaídos – os Reis Feiticeiros do Ocidente.

– Entrem, sumos sacerdotes dos decaídos – gritou Charsoc.

O véu magenta tremulou, e os treze Reis Feiticeiros do Ocidente se materializaram em pé diante do altar, com seus três metros de altura e a pele de palidez esverdeada semelhante a um pergaminho com um brilho luminoso; o nariz em gancho, as costas encurvadas cobertas por longas capas pretas, os cabelos negros lisos caindo além da cintura e a cabeça coroada por um chapéu preto pontudo, envolvido por serpentes vivas.

– Jether e os Anciões de Jeová estão reunidos? – perguntou Charsoc.

Dracul, velho líder dos Reis Feiticeiros, curvou-se profundamente diante de Charsoc. Seus olhos cor de âmbar, pequenos e parecidos com os de um gato, reluziram no rosto comprido e ossudo.

– Os Murmuradores das Trevas nos disseram que estão reunidos neste momento em que conversamos, ó mestre, nos labirintos da Sétima Cúspide – disse com a voz rouquenha, enxofre esverdeado saindo dos pálidos lábios arroxeados.

– Neste dia, descobriremos os ardis deles – declarou Charsoc. – Os poderes de Jeová são formidáveis. Vamos precisar de nossa magia mais forte.

– A Sétima Câmara é impenetrável – silvou Ishtar. Dracul concordou.

– Até nossa magia combinada é inadequada para penetrar na Sétima Cúspide.

– Mas isto vai dar resultado! – Charsoc tirou um amuleto de prata do manto e retirou uma pedra de dentro dele. Os Reis Feiticeiros afastaram-se ao mesmo tempo, agarrando as têmporas em agonia. Charsoc guardou-a rapidamente no amuleto. – Esta Pedra de Fogo é da Sexta Câmara, minha antiga morada. – Baixou a voz. – A Sexta Pedra... sua chama está morrendo, quase já se extinguiu. Ela não consegue resistir aqui, no reino dos decaídos. Mas seu poder vai ficar maior quando nos aproximarmos dos labirintos. Vamos usá-la num único ataque final sobre o grupo deles.

– E quanto a Jether? – Dracul o olhou de soslaio.

– Os poderes de Jether estão diminuindo – sibilou Charsoc. – Sua magia vem se tornando mais fraca. – Levantou-se, segurando o cajado acima da cabeça. – Eu mesmo vou lidar com Jether.

GALILEIA

Jesus contemplou o Mar da Galileia, suas águas inconstantes de um azul profundo, reluzindo ao sol poente. Olhou para a menininha, que não teria mais do que três anos, sentada em Seu colo. Ela O abraçou com força pela cintura, a cabeça mergulhada em Seu peito, a ponto de apenas duas longas tranças de cabelos anelados ficarem visíveis, presas com fitas escarlate. Ao redor Dele, num semicírculo na areia branca, havia pelo menos dezessete crianças entre dois e quinze anos. Seis garotos, com cerca de doze anos de idade, encontravam-se sentados com as pernas cruzadas nas rochas à frente Dele, devorando com vontade pilhas de peixe assado, recém-tirados das redes, e enfiando punhados de tâmaras na boca, completamente absortos em seu banquete. Jesus os observava e se divertia com eles. Três dos mais velhos grelhavam sardinhas nas fogueiras.

A garotinha com fitas escarlate ergueu a cabeça, chupando o dedo. Olhou para Jesus com carinho e suspirou, depois tirou o dedo da boca.

– Jesus – balbuciou. – Porta de rubi... – E tornou a enterrar a cabeça no manto do Nazareno.

Fez-se um silêncio pouco natural. Até os gulosos devoradores pararam de comer peixes e limparam a boca engordurada na manga, esperando Jesus falar. Os olhos Dele tornaram-se distantes. Recordando.

– Longe da Galileia, bem além da lua – a voz ficou abafada –, fica o reino do Primeiro Céu.

Um dos garotos de doze anos franziu a testa.

– Por que não conseguimos vê-lo, Mestre? – Ele meneou os cachos escuros, que caíam sobre os olhos, velando o olhar brincalhão. Alguns dos seus amigos acompanharam-no no riso suave. Jesus suspirou, em genuíno sofrimento.

– Rúben, será que vou precisar lhe dar um curso de física? – Os garotos puseram-se a gargalhar, dessa vez à custa de Rúben, que ficou carrancudo. Jesus voltou-se para um jovem de quinze anos com cachos negros ainda mais encaracolados e um começo de barba escura, ocupado ao fritar peixes. – Estevão, ensine a lição para seu irmão.

Estevão olhou para Rúben por entre os cachos e falou:

– A queda do homem causou mudanças fundamentais em certas leis da física e da biologia. – Estevão largou os peixes e se aprumou orgulhoso na areia, fazendo gestos com um graveto. – A natureza do tempo *subjetivo* mudou desde a criação. O Primeiro Céu é governado por um conjunto diferente de leis físicas. Aqui na Galileia, estamos limitados a uma estrutura de tempo unidimensional, por isso não podemos atravessar paredes nem andar sobre a água.

Jesus assentiu em aprovação.

– Jesus anda na água – balbuciou Rebeca, tornando a esconder a cabeça nas roupas de Jesus. O Nazareno afagou com ternura sua cabecinha.

Estevão prosseguiu:

– Jesus, sendo do Primeiro Céu, desfruta de uma qualidade multidimensional do tempo. Jeová não está limitado nem pelo tempo, nem pelo espaço, pois Ele existia *antes* do universo, antes da criação do espaço, da matéria ou do tempo. Só porque você não pode ver outra dimensão com seus olhos não quer dizer que ela não esteja lá. Isso é pura ignorância. E a ignorância é *triste* – enfatizou Estevão com um ar de desdém, acenando na direção de Rúben. Este, irritado, franziu o cenho e saiu correndo como um raio, dando-lhe um soco no braço.

– Seu sabe-tudo! – murmurou.

– Garotos, garotos – disse Jesus, meneando a cabeça. – Não aprenderam *nada* dos princípios do Primeiro Céu? Ame o próximo como a si mesmo, *especialmente* seu irmão, Rúben. – Jesus fez uma cara feia para Rúben, mas Seus olhos piscaram.

Rúben exibiu um sorriso tímido.

– Muito bem, Jesus, vou aprender a lição.

– Conte a história, Jesus! – exclamou um animado garotinho de quatro anos. – Da grande guerra no céu.

– De novo, Judá? – suspirou o Mestre. – Há muito tempo, Judá, antes de existir este mundo que você conhece, e bilhões de anos antes de a Galileia ser criada,

houve um grande anjo, um dos três grandes príncipes do céu: o Portador da Luz.

As crianças mais jovens absorviam cada palavra de Jesus, enquanto as mais velhas, em pouco tempo, foram ficando mais interessadas no banquete de peixes e tâmaras.

– Era repleto de sabedoria, magnânimo em sua beleza. Mas o grande rei ansiava por companhia. Assim, ele decidiu criar uma nova raça, a raça dos homens, a partir do seu próprio DNA. Mas o Portador da Luz ficou com ciúme da ideia da raça dos homens e iniciou uma insurreição, uma guerra, contra o grande rei.

– Não gosto dele – disse uma vozinha esganiçada.

– Como ele se chamava? – perguntou uma segunda voz.

– Satanael – sussurrou Rúben para outro colega num tom abafado. – Ele era *mau*...

Os garotos de doze anos largaram o resto dos peixes na areia, agora cativados.

Jesus os observou com o canto dos olhos.

– Houve uma grande batalha? – perguntou um deles.

Jesus assentiu.

– Vi Satã cair como um raio – falou com suavidade.

Os meninos mais velhos O olharam com admiração.

– Ele e seu grupo renegado, um terço dos anjos, foram banidos. Ele veio imediatamente para tentar a raça dos homens, fazendo-os se afastar de Deus. E nisso ele foi bem-sucedido. Por esse motivo, os documentos que o grande rei havia confiado à raça dos homens passaram a pertencer a Lúcifer, que se tornou seu rei soberano.

– Oh, não! Ele é o rei do *mundo*! – gritou horrorizada uma garotinha de cinco anos com rosto corado. – Ele é o rei da Galileia?

As crianças menores se juntaram alarmadas, os olhos arregalados. Outra criança, um pouco mais velha, olhou zangada para elas.

– Vocês estão com Jesus, seus medrosos; Ele espanta os demônios. Lúcifer tem medo dele porque Ele é Filho do grande rei!

Duas das crianças menores mostraram a língua para a amiguinha de oito anos.

Jesus prosseguiu:

– O grande rei amava com paixão a raça dos homens. Ele não estava preparado para perdê-los por toda a eternidade. Assim, decidiu que devia sair do Primeiro Céu e nascer como membro dessa raça.

– Para pegar de volta os documentos de sua propriedade – declarou Judá.

Jesus arqueou as sobrancelhas.

– Excelente, Judá!

Judá levantou-se em toda a extensão de seu um metro de altura, as mãos nos quadris. Ele brandiu um graveto e agitou os cachos ruivos em desalinho.

– Quem vai lutar contra Satanael? – gritou.

Com um gesto gentil, Jesus depositou Rebeca na areia e Se levantou. Caminhou até a beira do Mar da Galileia, os cabelos queimados pelo sol esvoaçantes sobre o belo rosto nobre. Contemplou os últimos raios do sol poente que caíam sobre o lago, lançando suas misteriosas sombras cambiantes na água.

– Eu vou lutar contra Satanael, Judá. – Sua voz era muito suave. – Num lugar chamado Gólgota. A guerra entre o Primeiro Céu e o reino das trevas será travada. – Virou-se para as crianças, que O olhavam encantadas, e tornou a contemplar o horizonte, os olhos ardentes de fervor. – A guerra do Primeiro Julgamento.

MADRÁGORA

A intensidade dos encantamentos dos Reis Feiticeiros do Ocidente aumentou e suas asas escuras ficaram visíveis de repente. Num instante, Charsoc e toda a assembleia de Reis Feiticeiros desapareceram rodopiando em suas vassouras pelas catacumbas, acompanhados pelas harpias demoníacas de Dracul, até os limites inferiores dos corredores do tempo, onde uma matilha de ferozes devoradores de almas os aguardava. A escolta deles.

Charsoc fez um sinal, e ele e os Reis Feiticeiros subiram pelos corredores do tempo, os cabelos e os trajes negros esvoaçantes, desviando para a esquerda, depois para a direita, pelas sinuosas passagens do tempo, sob oceanos, por galáxias em espiral e nuvens interestelares, mergulhando em buracos negros imensos e depois subindo, girando à velocidade da luz por diversos sistemas estelares, até que, gradualmente, o primeiro perfil reluzente dos magníficos horizontes do Primeiro Céu se materializaram.

A assembleia flutuou diante das doze pálidas luas azuis que se levantavam no horizonte oriental, observando os matizes cambiantes do horizonte do Primeiro Céu enquanto o lilás se transformava em ametista e, depois, em índigo escuro.

Charsoc abriu o amuleto de prata que trazia pendurado no pescoço. A Pedra de Fogo estava fria e cinzenta, e mal piscava. Ele esperou até a pedra começar a reluzir

debilmente com um fogo alaranjado. Então, virou-se para falar com os Reis Feiticeiros.

– Sem proteção, os efeitos da presença de Jeová sobre os Feiticeiros serão, na melhor das hipóteses, a asfixia, e, na pior, a destruição, com nossas almas despencando aos berros rumo ao Abismo. O único antídoto, portanto, consiste em que cada um de vocês segure a pedra e aceite voluntariamente seu poder.

Dracul e os Reis Feiticeiros recuaram como se fossem um só.

– Ela ainda não tem força suficiente para destruí-los – Charsoc retirou a pedra do amuleto com a mão enluvada –, mas é forte o suficiente para nos imunizar contra o fogo que a tudo consome, por um tempo limitado. – Franziu a testa. – Mas devo adverti-los: quando ela se desgastar, não teremos defesa.

Tirou a luva e agarrou a pedra com seus dedos ossudos, triunfante.

– Além disso, ela vai nos deixar invisíveis. – Seu rosto se contorceu numa dor agonizante, e o corpo estremeceu com violência quando intensos raios alaranjados percorreram seus membros. Em seguida, os raios cessaram.

Ele lançou a pedra para Dracul, que a agarrou, soltando ao mesmo tempo um grito torturante. Os membros de Dracul tremeram descontroladamente. Com agilidade, os Reis Feiticeiros lançaram a pedra um para o outro, extraíndo um pouco do seu poder.

– Vamos aparecer sem termos sido convidados.

Assim que Charsoc apoiou o cajado na pedra, um fogo luminoso ardeu na boca da serpente; no mesmo instante, ele e os Reis Feiticeiros ficaram invisíveis.

O grupo perverso voou além das doze pálidas luas azuis e subiu pelo horizonte índigo rumo aos labirintos da Montanha Sagrada. Gradualmente, as sete cúspides dos labirintos ficaram visíveis em meio aos raios. Voaram sobre praias peroladas, além do Palácio dos Arcanjos, pela vastidão de ônix do Monte do Norte e sobre o imenso e elevado muro de jaspe. Passaram por névoas brancas rodopiantes e por trovões e raios azuis, em direção à colossal torre dourada do Palácio de Cristal, que culminava em sete cúspides, cercado por seus magníficos jardins que pareciam pender do infinito por alguma força invisível.

Detiveram-se do lado de fora da Sétima Cúspide, gigantesca e dourada, em estilo gótico. Charsoc desapareceu pelas paredes dos labirintos, seguido pelos Reis Feiticeiros, o caminho iluminado apenas pelas tochas de chamas eternas penduradas no alto das paredes das cavernas, alimentadas pelas brasas ardentes dos sete espíritos de Jeová. Foram subindo. Mais e mais.

Por fim, estavam diante da Sétima Câmara. Charsoc aguardou, sem ser visto pelos Vigilantes da Sétima Chama, que encontravam-se postados diante da entrada. Encostou o ouvido contra a parede da caverna, escutando com atenção, depois passou direto pelas paredes da Sétima Câmara, seguido pelos Reis Feiticeiros.

Jether estava bem no centro da câmara, cercado pelos sete Anciões do Supremo Conselho do Primeiro Céu, sentados em sete tronos de cornalina. Atrás de Jether, nas profundezas da caverna, soprou um vento tempestuoso, e do vento surgiu uma grande nuvem azul-escura. Charsoc se aproximou mais. Lá, pouco visível no centro das brasas de fogo, encontravam-se os enormes códices encadernados em ouro – os códices do Julgamento Branco. Olhou-os como que hipnotizado e, em seguida, levantou a cabeça para observar Jether e os Anciões. Fez um gesto para Dracul. Um a um, os Reis Feiticeiros cercaram os Anciões, que não sentiram a presença deles.

– Reverenciados Anciões – declarou Jether –, aproxima-se o dia do Primeiro Julgamento. Estamos aqui hoje para revelar...

Xacheriel espirrou com violência.

– Droga, raios! – Vasculhou os trajes volumosos à procura de um lenço. – Mil perdões, reverenciado Jether! – balbuciou, os olhos lacrimejantes. – Mandrágora... – murmurou.

Issachar franziu a testa.

– Reverenciados Anciões – prosseguiu Jether –, hoje falaremos dos fundamentos não revelados do código...

Xacheriel soltou outro espirro ensurdecador. Jether levantou as mãos, desesperado.

– Mandrágora – murmurou Xacheriel. – Sou alérgico a ela.

– Raiz de mandrágora... na Sétima Câmara? – duvidou Jether.

Xacheriel assentiu com um aceno vigoroso de cabeça.

– Como você *sabe* que é raiz de mandrágora? – indagou Issachar, olhando com estranheza para Xacheriel.

– Mandrágora é uma planta dos decaídos. Ela não cresce no Primeiro Céu – acrescentou Maheel com sua voz suave e soprada.

– Minhas excursões até a Zona Vermelha – murmurou Xacheriel. – Os Necromantes carnívoros usam-na em seus feitiços... – Sentou-se, olhando fixamente para Issachar, o lenço com bolinhas enfiado nas duas narinas. – Sei o que digo. – Os olhos e o nariz de Xacheriel estavam úmidos. – É *mandrágora*!

– Issachar está certo, meu velho amigo. – Jether colocou o braço gentilmente sobre o de Xacheriel. – É impossível sentir o cheiro de mandrágora aqui no Primeiro Céu.

Zebulon interrompeu suas súplicas e levantou a cabeça.

– Mas, reverenciado Xacheriel, eu também estou sentindo o odor pungente de erva-moura.

Jether franziu o cenho, os olhos de águia em alerta. Levantou a mão e levou um dedo aos lábios.

– Sejam os previdentes. Vamos passar para a língua antiga, a fala das antiguidades.

– Baixou a voz e prosseguiu numa estranha e ininteligível língua angelical antiga. Charsoc sorriu lentamente, pois compreendia bem aquele dialeto.

Jether baixou a cabeça.

– Talvez tenhamos intrusos que não se fazem notar – declarou com solenidade.

– Intrusos? – balbuciou Xacheriel, os olhos escorrendo.

Jether assentiu com um gesto de cabeça, intrigado.

– Não existe ninguém com o poder de invadir a Sétima Cúspide. Mas também sinto uma presença intrusiva e sinistra. – Levantou-se e ergueu o cajado. – Revele-se!

A câmara foi tomada pelo silêncio.

Xacheriel soltou outro de seus espirros explosivos. Jether caminhou em direção à grande nuvem azul que ardia do outro lado da câmara. Levantou um segundo cajado com um serafim dourado entalhado no alto da vara, o Cajado dos Ventos Brancos. E colocou-o no centro das chamas, onde o inferno azul-escuro ardia com mais intensidade.

Os cabelos e a barba de Jether esvoaçaram loucamente pela tempestade que se ergueu da nuvem azul. Ele levantou o cajado, a voz autoritária e lúgubre.

– Eu lhe ordeno, em nome de Jeová: revele-se! – Raios azul-escuros emanaram do corpo do cajado e se dirigiram para a esquerda da câmara.

O Supremo Conselho manteve-se em estado de observação. Todos estenderam os próprios cajados, olhando transfixados enquanto uma mão com anéis se materializou, os dedos ossudos agarrando com firmeza um objeto.

Jether se aproximou e, com rapidez, aplicou toda a intensidade do cajado ardente na mão. No mesmo instante, o resto do corpo de Charsoc se materializou diante deles.

– Ah, eu não disse? *Mandrágora!* – balbuciou Xacheriel, lançando um olhar enviesado para Issachar. – Charsoc *banha-se* nela! – exclamou, a expressão triunfante.

– Estou segurando a Sexta Pedra de Fogo – silvou Charsoc. Ouviu-se um arquejo de espanto entre os Anciões. – Da Sexta Câmara.

– Ladrão! – murmurou Xacheriel, a voz abafada.

– Só os puros podem segurar a pedra – sussurrou Lamaliel.

– Eu *sou* puro – sibilou Charsoc. – Puro mal... puro bem... ambos são puros.

– O puro tornou-se corrupto. – Jether aproximou-se dele com expressão de fúria.

– Então, arranque-a de mim, Jether, o Justo. Do mesmo modo que pretendo arrancar os códices de fogo de você. – Charsoc levantou seu cetro com rapidez. De imediato, Jether foi erguido e ficou flutuando a meio metro do chão. Charsoc abaixou o cetro. O Ancião foi lançado violentamente à superfície da caverna, sem poder respirar direito.

No mesmo instante, os treze Reis Feiticeiros se materializaram diante dos Anciões, as feições esverdeadas retorcidas, os cabelos esvoaçantes. Xacheriel esmagou seu cajado nas costas de Charsoc, e Issachar empurrou-o contra as paredes da caverna. As longas mãos pálidas de Dracul agarraram agilmente Xacheriel e Issachar pela garganta, e Ishtar e Loki tomaram os cajados dos Anciões.

Jether pôs-se em pé.

– Damos-lhes as boas-vindas, Reis Feiticeiros do Ocidente! – gritou, estranhamente exaltado. – Dracul, faz um bom tempo desde a última vez que cruzou o meu caminho.

Dracul respondeu com ironia:

– É uma situação que tem um certo... *je ne sais quoi*. – Deu de ombros. – Meu antigo tutor. Tenho uma dívida imensa com você por conta de suas instruções. Elas têm me servido bem no trabalho para meu mestre, Satã.

Jether viu com o canto dos olhos quando Charsoc se dirigiu ao Códice de Fogo que se encontrava sobre a mesa. Dracul se aproximou e ergueu sua vassoura; no mesmo instante, ela se transformou numa serpente viva e sibilante.

– Aparentemente, você afundou até o ponto mais baixo da depravação desde sua deserção – comentou Jether. – Voltarei momentaneamente às suas táticas de jardim de infância, Dracul. – Jether ergueu a mão de modo imperceptível. A serpente se transformou num gato preto que ronronava. – Àquela parte perdida do seu traje, suponho.

A serpente de Dracul transformou-se de novo em um cajado.

– Antes que este dia acabe, Jether – sibilou –, você e seus compatriotas serão nossos cativos por trás do véu magenta do Ímpio dos Ímpios.

A expressão de Jether tornou-se séria. Ele ergueu o Cajado dos Ventos Brancos.

– Acho que não, Dracul.

Dracul foi lançado instantânea e violentamente contra a parede da caverna e caiu no chão, esforçando-se para respirar. Olhou com desprezo para Jether enquanto se levantava com a ajuda das mãos longas e esverdeadas, o olhar repleto de malícia.

Dracul e os Reis Feiticeiros, rapidamente recuperados, aproximavam-se de Jether – um bando feroz e maligno.

– Não, Dracul! – gritou Charsoc. – Temos peixes maiores para fritar do que velhos feiticeiros que há muito passaram de sua melhor forma. Neste dia, pretendo levar a meu mestre, Lúcifer, os segredos que o códice detém. – Charsoc fez Maheel se afastar e foi até a cabeceira da mesa. Ficou em pé ali, olhando para o Códice de Fogo. – Os segredos do Primeiro Julgamento.

Issachar fez menção de se aproximar de Charsoc.

– Deixe-o, Issachar! – gritou Jether, observando-o com o canto dos olhos. – O códice vai reconhecer seu leitor. Charsoc esqueceu-se com facilidade dos mistérios

sagrados da Santa Tradição.

Charsoc contemplou avidamente o códice e depois levantou a capa. Jether observou com atenção do outro lado da câmara. Ele virou a primeira página. Estava em branco. Charsoc estranhou. Virou uma segunda página, depois uma terceira. Em um frenesi, folheou mais páginas do códice. As páginas estavam vazias. Em branco.

Ele se virou para Jether com ódio declarado no olhar. Jether o encarou.

– Você foi declarado faltoso.

Charsoc continuou a folhear freneticamente as páginas, irritado. Todas em branco.

– Jeová sabia de sua intrusão – Jether falou em voz baixa – no mesmo segundo em que o pensamento foi concebido em sua mente sinistra e distorcida.

Charsoc jogou o códice no chão. Com uma expressão sombria, que revelava toda a sua fúria, dirigiu-se à nuvem azul flamejante.

– Só quem não foi corrompido pode tocar a chama! – gritou Jether.

Charsoc virou-se, triunfante, para Jether.

– Está perdendo o poder, Jether – retrucou Charsoc com desprezo –, e sua magia está ficando desgastada e fraca. A minha é forte.

Agarrando a Sexta Pedra de Fogo e erguendo-a sobre a cabeça, Charsoc adentrou as ardentes chamas azul-escuras.

Jether viu quando o rosto de Charsoc começou a brilhar como bronze polido, a pele translúcida e ardente. Em meio às brasas da fogueira estavam os seis enormes códices de lápis-lazúli e capa de ouro, as páginas ardendo com um fogo azul intenso. Grandes relâmpagos saíram do fogo quando duas criaturas flamejantes e vivas tornaram-se visíveis através das chamas: os poderosos querubins de Jeová. Cada criatura viva tinha quatro faces: um anjo, um boi, um leão e uma águia. Suas oito asas, enormes e douradas, encontravam-se estendidas e repletas de olhos. O primeiro querubim ergueu das brasas ardentes o códice de cima e estendeu a mão a Charsoc. Este estendeu a mão direita ao querubim, a esquerda ainda com a pedra, e arquejou. No instante seguinte, gritou.

Um grito de eriçar os cabelos e de enregelar o sangue. A pele da sua mão derretia como cera, e os ossos ficaram visíveis. Ele tentou desesperadamente se livrar da pressão que o querubim exercia na mão esquerda.

A Pedra de Fogo caiu... caiu... dentro do inferno ardente.

No mesmo instante, Charsoc desapareceu. Dracul e seus Reis Feiticeiros foram-se com ele, sumindo das sete cúspides.

LÁZARO

Jesus enxugou as lágrimas do rosto e caminhou pelo jardim. Passou pelas rosas e se aproximou da tumba de pedras onde o corpo de Lázaro, já ungido com mirto, aloe e especiarias, jazia deitado. Caminhou de um lado para o outro, o espírito profundamente perturbado, sentindo o cheiro do príncipe dos demônios – do autor da morte em pessoa. Alheio ao choro violento das pessoas enlutadas, procurou um grupo de parentes mais distante, com rostos pálidos e expressões receosas.

– Afastem a pedra! – ordenou.

Hesitantes, os homens do grupo se aproximaram e, sob a orientação de Jesus, tiraram a grande pedra cinzenta da frente da caverna entalhada em outra pedra. Então, como se fossem um só, os homens caíram de costas, gritando de terror.

O semblante de Jesus mantinha-se firme. Ele caminhou até a entrada. Ali, deteve-se, sentindo a grande e impenetrável parede de morte que se erguia à volta Dele como uma barricada fria e sombria. Os olhos se estreitaram. À Sua frente, estava Moloch, campeão de Lúcifer, príncipe dos assassinos, com seu batalhão fanático e depravado.

– O que você quer com nosso prêmio, Nazareno? – sibilaram os príncipes decaídos em um uníssono estridente.

Moloch exibiu todos os seus três metros e trinta de altura. Um príncipe angelical

decaído de grande estatura. Os cabelos negros emaranhados caíam sobre as feições desfiguradas, retorcidas.

– Meus escravos demoníacos me convocaram. O cheiro de estranhas feitiçarias é forte em alguém chamado Lázaro. Meu mestre, Satã, rei da morte e do inferno, encomendou este corpo – grunhiu, a voz uma estranha mistura de discórdias sinistras. – Agora, o Portador da Luz trará as trevas. Ele tem voz mais potente que Você neste planeta – silvou.

Jesus se aproximou dele.

– Você chegou tarde. Já acompanhamos esse sujeito, Lázaro, ao mundo inferior, para que se junte aos mortos-vivos – riu Moloch alucinadamente. Ele ergueu um cetro manchado e de aparência estranha, e os olhos tinham um brilho avermelhado e demoníaco. – Eu *também* entendo a lei eterna, pois fui treinado por Charsoc, o Sinistro. Você é um invasor aqui, Nazareno! – rosnou. – *Somos* os reis da Terra. Você não tem lugar conosco, Jesus de Nazaré... nem com nosso espólio!

Jesus olhou com firmeza para Moloch, o semblante sério.

– Você não tem nada a Me oferecer. – Um brilho estranho, ofuscante, saiu da forma de Jesus, assumindo o aspecto de uma centena de relâmpagos ardentes. – Guardião do inferno e da morte – gritou Jesus –, aquele que detém o poder e a palavra sobre seu reino está falando. Jeová! – berrou Ele.

O túmulo tremeu violentamente, iluminando os aterrorizados príncipes das trevas. Moloch caiu de joelhos, o braço protegendo os olhos das chamas ardentes.

– Você nos atormenta antes de nossa hora, Nazareno! – gritou Moloch.

Uma horda com centenas de criaturas negras com garras, semelhantes a morcegos, saiu voando da câmara de pedra escavada enquanto a caverna tremeu como se sofresse um terremoto.

– Lázaro! – gritou Jesus. – *Lázaro, venha para fora, para a terra da raça dos homens!*



Empertigado no seu carro dourado flamejante, Lúcifer inspecionava os imensos portões de ferro de Perdição. Dezoito das suas melhores panteras que respiravam fogo corriam ao lado do carro, o pelo negro reluzente, as jубas douradas penteadas em tranças entremeadas com diamantes, os pesados colares de ouro cravejados de esmeraldas. Marduk ia ao lado de Lúcifer, observando as filas de almas perdidas dos mortos, apáticas, pálidas em seus mantos cinzentos, surgindo continuamente em massas incessantes pelo inferno e pelo mundo inferior.

Uma mulher saiu da fila e caiu no chão, arranhando a terra quente sob suas mãos.

– Mentiram! – disse, olhando para Lúcifer, tremendo de medo em completo

descontrole. – Disseram-me que você era uma fábula, o conto de fadas do rei dos condenados!

Ela tentou se levantar, agarrando-se com desespero ao manto de Lúcifer. Dois membros da horda decaída de Dagon agarraram-na selvagememente e a lançaram ao chão, onde ficou chorando como uma demente.

Lúcifer levava seu chicote de nove caudas de pantera, e um sorriso lento e satisfeito se espalhou por seu rosto.

– Isto me alegra, Marduk – falou, estendendo a mão para o mordomo e recebendo dele um cálice de elixir negro, que escorreu como melado pela sua garganta. – Excede minhas maiores expectativas. Durante toda a vida deles na Terra, pensam que sou uma fábula, uma fantasia de sua imaginação. – Olhou para a mulher enlouquecida no chão, arrancando os cabelos e puxando a própria pele. – Perdem a cabeça quando chegam aqui e descobrem que sou mais real do que eles, em carne e sangue. É uma ótima diversão.

Deteve-se quando um grito horrível ecoou por trás dos grandes portões de ferro. Urros e rugidos irromperam dos príncipes demoníacos que guardavam a entrada, seguidos de gritos de agonia.

Lúcifer observou quando, a distância, uma luz brilhante ardeu pelos imensos portões de ferro de Perdição, envolvendo as almas agrilhoadas e envolvidas em mantos cinzentos que passavam pelos portões; depois, envolveu uma figura em especial. A alma num manto cinzento desapareceu de imediato, deixando o manto sobre o asfalto ardente.

Marduk estremeceu, levando a mão aos olhos, que arderam estranhamente com uma dor lancinante.

Lúcifer puxou as rédeas da montaria e conduziu o carro até o lugar onde o manto cinzento encontrava-se caído no chão.

– Tragam-me os guardas responsáveis! – rugiu.

Os grandes príncipes demoníacos foram se levantando lentamente, trêmulos.

– *Onde* está minha propriedade?

Os príncipes-sentinelas baixaram a cabeça ao mesmo tempo quando Lúcifer desceu do carro. Ajoelhou-se na superfície próxima ao manto cinzento, acariciando-o devagar entre os dedos. Chamas escaldantes envolveram-lhe a mão. Afastou-se, agarrando a palma da mão, agoniado. Um ódio terrível distorceu suas feições.

– Onde estão os portadores? – vociferou.

O solo na frente dos portões estremeceu. Moloch e seu batalhão de assassinos encontravam-se trêmulos diante dos portões. Lúcifer guiou as panteras para que ficassem de frente para Moloch. O príncipe de feições retorcidas agarrou o rosto desfigurado; sua língua estava queimada.

– O Nazareno; Ele deve ser temido... – choramingou Moloch. – O Nazareno sitiou

o meu reino – falou.

Lúcifer observou incrédulo o campeão do inferno caído no chão.

– Marduk! Convoque Darsoc e os Magos Cinzentos para as Criptas das Trevas neste crepúsculo. Vou remover qualquer traço do Nazareno do meu planeta. – Ele açoitou selvagememente seus cavalos alados com o chicote de nove caudas de pantera. – Atacaremos agora! – gritou.

2018
AEROPORTO JFK CIDADE DE NOVA YORK
- LILIAN -

Jason De Vere estava sentado no saguão particular de aviação executiva, franzindo o cenho para a sorridente e atenciosa atendente vietnamita que oferecia a ele uma bandeja de lanches pré-embalados. Ele detestava a comida dos aeroportos quase tanto quanto as refeições produzidas em massa servidas nos voos. Agradecia a Deus por ter o próprio jato Gulfstream.

Levantou-se, olhando com impaciência para seu Breitling. Onde estariam a mãe e Lawrence St. Cartier? Ia de um lado para o outro do saguão, a cara amarrada, alto e magro em seu terno de linho amarrotado, os cabelos grisalhos em um corte quase militar. Suspirou em voz alta e tornou a se sentar na desconfortável poltrona do saguão do aeroporto. Novamente com cara feia. Ninguém, exceto a mãe, conseguiria deixá-lo esperando duas horas num aeroporto. O fato de ele ser agora o principal acionista e CEO do conglomerado de mídia que crescia mais rápido no mundo era irrelevante para ela. Ele era seu filho mais velho, e a mãe insistira para que fosse encontrá-la pessoalmente naquele dia, na chegada de seu voo.

Sua expressão se suavizou. Sua mãe. Ela sempre o surpreendia. Desde a morte do pai, ela se tornara presidente do conselho da Fundação De Vere, responsável por vários bilhões de dólares anuais, mas mesmo assim era, sem dúvida, a pessoa mais equilibrada e realista que já conhecera.

Lilian De Vere era uma força indomável – e tinha de ser assim, para sobreviver à formidável carga herdada dos De Vere. Ele a amava. Jason corava ao pensar nisso. *Amor* – uma palavra forte, mas, quando pensava na mãe, era real. Ela o compreendia; sempre o compreendera. Desde que havia nascido, até a época em que brigara com o pai, quando quisera cursar a Escola de Cinema de Nova York, ela sempre entendera o espírito forte que precisava ficar em liberdade. E brigara por ele. Em todos os momentos. Ele jamais se esqueceria disso. Ela não era tola. Sabia ler o caráter de uma pessoa a cem passos de distância, mas mesmo assim era gentil. Um espírito doce.

Lilian ia ficar em Nova York durante a primavera, em seu apartamento na Torre Santiago Calatrava, na parte baixa de Manhattan – um apartamento que James De

Vere comprara para ela em 2017 por quarenta e cinco milhões de dólares. Beberia vinho e jantaria com todos os amigos do falecido marido – executivos mais velhos, solteirões e divorciados, todos multibilionários. Ela ainda era bonita e gostava dessa atenção, mas nunca mordida a isca – simplesmente não via motivo para isso. Amara intensamente James De Vere e se contentava com as lembranças. E tinha Lawrence.

Ela conhecera Lawrence St. Cartier quando era mais jovem, tão jovem que seus cabelos eram negros e a pele, jovial. E o amava. Lilian De Rothschild tinha conhecido James De Vere na mesma época, e ele a deixara nas nuvens. Ela então escolhera o rico e educado filho de uma das principais dinastias bancárias dos Estados Unidos, deixando de lado o tosco, pobre e jovem sacerdote. Lawrence não parecia ser do tipo que se casava, e continuaram como ótimos amigos.

Pouco depois do casamento de Lilian, Lawrence entrara para a ordem jesuíta; mais tarde, com trinta e poucos anos, abandonara o sacerdócio para ingressar na CIA. Lilian confiara sua vida – e sua alma – a ele. Tal como o cínico filho mais velho. Embora não fossem parentes de sangue, Lawrence e Jason tinham uma conexão que mesmo os amigos mais íntimos e queridos – e eram poucos – achavam espantosa. Só Lilian os compreendia, pois entendia ambos.

Jason os viu passando pelo portão de braços dados. Lilian, com seus setenta e tantos anos, era esguia e estava vestida com elegância, os cabelos prateados presos num coque discreto, o rosto com pouca maquiagem. Ao seu lado estava o magro inglês grisalho, vestido imaculadamente numa camisa bem passada, calças da Savile Row e um lenço de pescoço de seda cinza. Estava com oitenta e poucos anos, tinha um bigode prateado e levava sempre um cachimbo entre os dentes. Atrás deles, quase oculto em meio ao eclético estoque de malas de Lilian, ia o jovem Waseem, o assistente egípcio de Lawrence, de catorze anos.

– Jason! – Lilian o enlaçou pelo pescoço, sufocando-o. Ele corou, deu-lhe um beijo tímido e virou-se para Lawrence, que o cumprimentou com um aperto de mão vigoroso.

– Jason, meu jovem!

Lilian e Lawrence acompanharam Jason e seus guarda-costas pelo corredor reservado até o reluzente Bentley preto que aguardava na pista.

– Mamãe... – Jason tocou seu braço quando um dos quatro assistentes abriu a porta do Bentley para ela.

Lawrence St. Cartier inclinou-se e beijou Lilian no rosto. O Bentley saiu deslizando com um ronco suave.

Lawrence St. Cartier embrenhou-se pelo aeroporto, seguido de perto por Waseem com sua carga pesada, e dirigiu-se ao balcão da Egyptair para confirmar seu lugar no voo das seis e meia para Alexandria.

Nick De Vere estaria aguardando por ele no Mosteiro dos Arcanjos.

ABAIXO DOS ANJOS

Gabriel caminhava a passos firmes pela estreita pérgula perolada, coberta por romãzeiras repletas de frutos prateados, protegendo os olhos dos intensos feixes de luz carmim que vinham de um ponto distante. Passou pelo perfume intenso das flores do Jardim das Fragrâncias e pelo vale, até chegar a uma gruta discreta na extremidade dos Penhascos do Éden, cercada por oito oliveiras antigas.

Trêmulo, ele abriu o familiar portão de madeira e caminhou até o banco simples no centro da gruta, feito de oliveira, posto diante da colossal porta de rubi, que irradiava luz, embutida nas paredes de jacinto da torre. A entrada para a Sala do Trono de Jeová.

– Você viu a morte Dele.

Gabriel se virou. Jether estava à sua direita.

– Vi muitas coisas nestes últimos crepúsculos – revelou Gabriel, estremecendo. – Sonhos terríveis demais para se narrar.

Jether apoiou a mão gentilmente sobre o ombro dele.

– Mesmo assim, Ele precisa seguir Seu caminho. Não existe outro para a raça dos homens.

Ficaram sentados em silêncio e contemplaram por um longo tempo o arco-íris reluzente que se estendia como uma imensa abóbada sobre os horizontes do Primeiro

Céu.

– Mas por quê? – perguntou Gabriel, virando-se para Jether e mostrando, de súbito, uma expressão determinada. – A raça dos homens não Lhe dá atenção.

– Alguns se importam, Gabriel – respondeu Jether com suavidade. – Aqueles que não seguem Lúcifer e seus decaídos. O coração deles anseia por Ele, sem saber que é por Ele que anseiam. Ele os conhece: gerações passadas, presentes e futuras da raça dos homens que irão segui-Lo, que vão lutar por Sua causa. São os súditos Dele. Ele será o rei.

Jether caminhou até a extremidade dos precipícios, observando a impressionante distância entre a face do penhasco e a entrada para a Sala do Trono, onde as fontes da vida fluíam do trono de Jeová, vertendo ao longo de milhares de quilômetros, até as Águas do Éden, e depois se espalhando por norte, sul, leste e oeste, para banhar o Primeiro Céu. Não havia nenhuma ponte sobre a profunda fenda.

– Foi por isso que Christos se pôs, durante algum tempo, abaixo dos anjos.

Jether se virou.

– Você costuma vir muito – abriu um sorriso para Gabriel – ao jardim de Christos?

Gabriel assentiu.

– Sinto-me mais perto Dele aqui. Traz-me lembranças de épocas diferentes – falou Gabriel em tom suave –; épocas anteriores ao surgimento das sombras.

Jether suspirou.

– Não nos foi dada a capacidade de ver todas as coisas, como Jeová consegue. Ou como Christos, Gabriel. Mesmo como seres angelicais, mesmo como videntes, vemos apenas parte das coisas.

Gabriel fechou os olhos, escutando a encantadora melodia que vinha de milhares de pintarroxos cor de ametista pousados nos galhos dos Grandes Salgueiros do Jardim das Fragrâncias.

– Hoje vemos como que por um espelho, de modo confuso – murmurou Gabriel –, tal como a raça dos homens.

Jether assentiu.

– Nós, seres angelicais, temos isto em comum com a raça dos homens, é verdade. Caminhamos pela fé, Gabriel, confiando nas escolhas Dele. Seguros de Suas decisões. Um dia, veremos todas as coisas tal como Lhe são reveladas. Até lá, este é nosso teste. Confiar. Com devoção. Com dedicação. E executar Suas ordens inequivocamente. O mesmo teste em que Lúcifer fracassou.

– Lúcifer oferece muitas coisas à raça dos homens – ponderou Gabriel.

– Mas ele não tem para oferecer aquele que é o maior anseio do coração de todos os homens. – Jether virou-se para Gabriel. – A verdadeira sensação de pertencimento. De valorização. Ser realmente amado por aquilo que cada um é e

pelo que foi criado para ser. A sensação de ter nascido do coração de Jeová. Só ao voltar para o coração de Jeová é que a raça dos homens vai encontrar paz, a razão para existir. É isso que Lúcifer sabe e mais teme. Esse é o verdadeiro conhecimento que, se a raça dos homens descobrir, causará o desaparecimento do reino dele.

Gabriel levantou-se e se aproximou de Jether, que ainda estava na extremidade do penhasco.

– Ele vai sofrer muito nas mãos da raça dos homens.

Jether fixou o olhar na porta de rubi.

– É um mistério sagrado. Algo com o qual podemos nos maravilhar durante toda a eternidade. O Conselho vai se reunir na Torre dos Ventos. Venha, precisamos nos preparar.

JUDAS

Maria, irmã de Lázaro, encontrava-se sentada aos pés de Jesus, a cabeça no colo Dele, os cabelos cor de cobre soltos, úmidos e baços por ter tirado o excesso de perfume de Seus pés. Jesus afagava-lhe os cabelos com ternura, profundamente comovido pelo generoso gesto de devoção. Ela O olhou com adoração, as lágrimas frescas ainda tingindo o rosto claro e coberto de sardas, os dedos fortes e de unhas roídas apertando os Dele com força. Naquele momento, seu rosto simples quase se tornou belo.

A fragrância forte do óleo de nardo indiano ainda pairava no cômodo. O jarro de alabastro estava caído no chão, sem uma única gota do caro bálsamo, perto de Lázaro, que vivia, respirava, sendo tocado e agitado pelo fluxo constante de rumorosos amigos, vizinhos e curiosos que faziam fila na frente de sua casa para ver com os próprios olhos aquele milagre notável que havia ocorrido bem ali em Betânia – e para contemplar também o belo e jovem profeta de Nazaré.

Judas continuava a ir de um lado para o outro atrás de Jesus e de Lázaro. Naquela noite, sua fúria chegara ao limite. Normalmente, orgulhava-se de ser a perfeição em termos de correção política, mas mesmo seu temperamento cuidadosamente controlado tinha limites.

Agarrou a bolsa com firmeza em suas mãos.

Jesus desviou o olhar de Maria e pôs-se a estudar Judas, fixando-se longamente nas mãos que agarravam com tamanha firmeza a bolsa. Este ficara corado das orelhas até o pescoço, a vermelhidão chegando a tingir seu peito. Jesus o encarou com uma expressão dura, o que não era comum Nele.

– Deixe-a, Judas. – Suas palavras foram lentas e medidas. – Por que se incomoda tanto? – Agarrou o braço de Judas. – Ela fez uma coisa muito bonita.

Foi então que Judas não conseguiu mais controlar sua frustração.

– Este óleo poderia ter sido vendido por trezentos denários para darmos aos pobres! – exclamou.

Jesus baixou o olhar e encontrou o de Maria.

– Os pobres estão sempre conosco, Judas – respondeu Ele com suavidade. – Sempre que quiser, você pode fazer o bem a eles; mas nem sempre terá a Mim. – Pôs a mão sobre a cabeça de Maria num gesto protetor. – Maria fez o que podia. Ela chegou mais cedo para ungir Meu corpo para o enterro. E, sempre que a boa-nova do reino de Jeová for pregada pelo mundo, isto que ela fez nesta noite será contado em sua memória.

Com os olhos negros ardendo intensamente, Judas fixou o olhar em Jesus, que o encarava com uma expressão de seriedade. Ficou um minuto em silêncio absoluto, chutou o frasco vazio com raiva e passou por Lázaro, fechando com força a porta atrás de si.



Zahi estava deitado na esteira do quarto de hóspedes da casa de Joana, ouvindo os sons que vinham dos aposentos superiores. Duas horas antes, Judas entrara correndo na casa, furioso, subira as escadas e fechara a porta. Zahi não tinha percebido sua presença até então. Judas fechara a porta do quarto e a trancara cuidadosamente. Zahi ouvira seus passos na escada; depois, escutara a porta da rua da casa de Joana sendo fechada. Pela janela, vislumbrara Judas andando rapidamente pela rua estreita. Os cabelos, recém-lavados, estavam brilhantes, e o rosto limpo. Ele agarrava a bolsa comunitária e uma sacola maior junto de si. Sem dúvida, estava a caminho de outra das suas viagens frequentes para Jerusalém.

Zahi meditou de novo sobre os eventos da noite. Judas ficara indignado, mortalmente ofendido. Zahi ainda podia ouvir suas palavras agressivas: *Era um ano inteiro de salário!*, ele havia gritado. *Podia ser dado aos pobres!*

A família de Judas tinha se sacrificado e poupado a vida toda apenas para lhe proporcionar educação. Para ele, aquele fora um ato de sacrilégio irrestrito. Para Jesus, fora um ato de devoção exuberante. Para Judas, um ano de salário; para Jesus, que os presenteava com histórias das ruas de ouro e das portas de rubi do

Primeiro Céu, uma gota no oceano.

Zahi refletiu. Para a Casa de Aretas, não era nem o custo de um dos rubis dos imensos cofres que ocupavam o tesouro do pai. O Hebreu pensava como um rei. Como ele compreendia bem o discernimento de Jesus com relação à riqueza! O dinheiro era apenas uma ferramenta. A ser usada, não venerada.

O que o Hebreu tinha dito? *Onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração.* Zahi pensava em muitos dos ensinamentos do Hebreu, que pareciam misteriosos e indefiníveis, mas ali estava ele, totalmente curado da lepra. Desde que começara a caminhar com o Hebreu, vira olhos cegos que se abriam e passavam a enxergar e paráliticos que voltavam a caminhar. Zahi caminhara com guerreiros e com reis do Oriente desde a infância, mas nunca, jamais, caminhara ao lado de um rei como aquele.

Encontrava-se num dilema. Havia muitos meses, vinha se sentindo incomodado com o manuseio da bolsa da tesouraria por parte de Judas, e assumira por conta própria a responsabilidade de fazer a própria auditoria na contabilidade da bolsa comunitária quando Judas estivesse fora. Ele gastara duas noites inteiras, do crepúsculo até a aurora, mas suas descobertas haviam confirmado suas apreensões mais profundas. Faltava dinheiro. De maneira consistente. Os valores nunca eram grandes a ponto de chamar a atenção; com efeito, só alguém com treinamento em matemática chegaria a perceber o problema. Mas Aretas sempre fora severo com a educação de Zahi. Tanto ele quanto Jotapa tinham sido educados em todos os aspectos dos diversos rituais comerciais do palácio desde a época em que haviam aprendido a ler e a escrever. As manhãs de Zahi eram passadas com letras e números intermináveis na auditoria das finanças reais, sob o olhar meticuloso de Mahmoud, e não havia margem para erro. Quando Zahi completou doze anos, passara da revisão das contas reais locais de Aretas para a auditoria das grandes pilhas de registros que chegavam todas as manhãs das rotas comerciais nabateias. Para satisfação de Aretas, as letras vermelhas de Zahi tornaram-se o pesadelo dos ousados comerciantes chineses, persas e indianos que realizavam negócios com o palácio. Toda venda inflada de especiarias, incensos ou sedas era percebida e sublinhada com olhos de águia pelo garoto, que registrava meticulosamente cada quantidade faltante, até identificar o autor da fraude. Aretas se regozijava em saber que o jovem príncipe herdeiro conseguira deter, sozinho, alguns dos mais astutos comerciantes do Hemisfério Oriental.

Zahi agitava-se de um lado para o outro, inquieto. Tinha conferido e tornado a conferir suas descobertas escrupulosamente. Não havia dúvida. Estavam sempre faltando pequenas somas na bolsa. E Judas vinha se tornando mais confiante, pois, nos últimos três meses, tinham sumido somas bem maiores. Até a semana anterior.

Judas devia ter começado a suspeitar de alguma coisa, pois agora a papelada do

tesouro ficava sempre escondida com ele, que agarrava a bolsa comunitária mesmo quando ia dormir. Zahi se perguntou se Jesus sabia dos pequenos furtos que aconteciam bem debaixo do Seu nariz. Naquela mesma noite, viu Jesus observando Judas e a bolsa comunitária com mais atenção que o normal. Talvez Jesus tivesse feito a própria investigação. E onde Judas teria ido naquela noite? Zahi tinha de revelar suas descobertas para Jesus.

E, enquanto pensava nessas coisas todas, enfim adormeceu, um sono profundo e sem sonhos.

☉ TROFÉU

Miguel encontrava-se nas areias peroladas do Primeiro Céu, observando as luas pálidas se pondo atrás dos recifes cor de cobre de Zamar. Um suave e cálido zéfiro levantou seus cachos claros; então, os aromas de pluméria e mirra das estufas preencheram-lhe as narinas.

Ficou olhando além das altas estufas de cristal do Palácio dos Arcanjos, para a ala oeste do palácio de Lúcifer, agora abandonada, e para o imenso balcão de pérola onde o irmão mais velho se deleitara tantas vezes observando-o, e a Gabriel, enquanto corriam com o alarido do tropel pela parte rasa em seus cavalos brancos.

De repente, um vento gelado começou a soprar. Mil pintarroxos cor de ametista saíram voando para longe do Jardim das Fragrâncias. Miguel franziu a testa, intrigado. Observou-os bater as asas furiosamente, sobrevoando o Mar de Cristal. Envolveu o corpo com sua capa, sentindo-se estranhamente desconfortável.

De súbito, uma fragrância de olíbano permeou as areias.

– Lúcifer. – Miguel se virou. Sério. Mas não havia ninguém ali. – Pare com suas feitiçarias...

Passou-se um momento; então, Lúcifer surgiu diante dele, a cabeça coberta por um grande capuz cinza, as feições retorcidas ocultas.

Olhou para além de Miguel, para o balcão.

– Irmãos... – sussurrou, uma grande dor perpassando sua face com rapidez – ... pela eternidade. – Ficaram em silêncio por alguns instantes.

– Esses dias se foram há muito tempo, Lúcifer. – Miguel o encarou com um brilho fervoroso no olhar. – Por vontade própria, você garantiu seu desaparecimento.

Lúcifer retirou devagar o capuz, revelando as feições marcadas e retorcidas.

Miguel respirou fundo e baixou a cabeça, abalado.

– As marcas do pecado – murmurou Lúcifer com um sorriso cínico. – Ele deixa marcas.

– Você só aparece em seu estado decaído quando não está protegido pela lei eterna. Portanto, presumo que veio sem ser chamado – observou Miguel em tom ríspido.

– Isso mesmo – murmurou Lúcifer. – Estou aqui sem ser convidado... – Agachou-se e passou os dedos pelas areias peroladas, fechando os olhos em êxtase. – As sensações do Primeiro Céu... – Dirigiu o olhar para um ponto ao longe, até o translúcido Palácio de Cristal e a colossal porta incrustada de rubis, cercada pelo arco-íris reluzente. Protegeu os olhos dos intensos raios cor de rubi. – Doce agonia – sussurrou.

– Você estava no Éden, o jardim de Deus; todas as pedras preciosas o adornavam.

Lúcifer se virou em direção à voz familiar. Lá, ao lado das estufas, o rosto semiencoberto pelas fragrantes plumérias brancas, estava Jether. A expressão de Lúcifer endureceu.

– Você esteve na Montanha Sagrada de Deus. – Jether foi descendo pelos degraus dourados, aproximando-se dele. – Caminhou entre as Pedras de Fogo. Você era impecável desde o dia em que foi criado – Jether se deteve exatamente na frente de Lúcifer –, até ser declarado faltoso.

Ambos ficaram se olhando sobre as areias peroladas.

– Jether, meu velho mentor. Minha condição física é um pequeno preço a pagar por meu maior triunfo. – Os dois sustentaram o olhar um do outro em silêncio.

– Então, você vai matá-Lo – Jether falou, a voz gentil.

– Você é um bom vidente – replicou Lúcifer.

Miguel e Jether ficaram diante dele, o rosto de ambos repleto de seriedade.

– Sim, o assassinato Dele é iminente na raça dos homens. – Um pequeno sorriso maligno visitou os lábios de Lúcifer. – Quando Ele exalar Seu último alento, meus escribas das trevas vão atestar a morte do Nazareno nos tribunais de Perdição. – Afastou-se dos seres angelicais caminhando pelas areias. – Então, vamos acompanhá-Lo ao inferno. – Lúcifer ergueu os braços para o céu lilás, que mudava de cor. – O Nazareno, meu prêmio eterno.

Miguel e Jether observaram-no em silêncio.

– O pupilo supera o mentor – cuspiu Lúcifer. Voltou-se para Jether com uma

expressão indisfarçável de desprezo. – Você perdeu, velho. – E, dito isso, desapareceu.

Miguel e Jether olharam para a espuma do mar lilás celestial.

– Ele brinca mesmo em nossas mãos – disse Miguel.

– Em pouco tempo, ficará preso na própria rede emaranhada – respondeu Jether, o olhar penetrante e vigilante. – Aproxima-se o dia do Primeiro Julgamento. Agora, é apenas questão de tempo.



Encarregado pelos Magos Cinzentos de Darsoc, Judas Iscariotes estava na sala do conselho do palácio do sumo sacerdote Caifás, diante dos principais sacerdotes de Jerusalém, e vendeu a alma por trinta peças de prata.

Daquele momento em diante, passou a procurar uma oportunidade conveniente para trair Jesus de Nazaré.

GETSÊMANI

Os ventos fortes do vale do Cedron sopraram pelos antigos olivais do Getsêmani. Jesus se ajoelhou sob uma das copadas oliveiras retorcidas, o rosto pendendo sobre o peito. Gotas pesadas de sangue, misturadas a suor, escorriam de Sua testa e por Seu rosto, caindo na grama úmida sob Ele.

Então, inexplicavelmente, um aroma raro de nardo e pluméria permeou o olival – o perfume do Jardim das Fragrâncias do Primeiro Céu. Uma luz suave e difusa passou a reluzir na frente de onde Jesus estava deitado, imóvel. Devagar, Suas pálpebras tremularam em um vago reconhecimento, enquanto os aromas exuberantes permearam Seus sentidos. Com esforço intenso, moveu a cabeça na direção do suave e curativo brilho balsâmico, abrindo os olhos injetados. Uma figura alta e encoberta pela penumbra foi ficando gradualmente visível.

De frente para Ele, olhando-o com rara ternura, via-se uma forma imperial, o rosto coberto por uma capa branca luminosa. Atrás da figura, num semicírculo, estava todo o Conselho dos Vinte e Quatro reis celestiais, trajando os extraordinários mantos brancos cerimoniais do Primeiro Céu. Havia uma pequena coroa de ouro sobre cada cabeça branca. Jesus reconheceu Lamaliel, depois Matusalém e Xacheriel, Seus leais Anciões celestes, intendentess dos mistérios sagrados de Jeová.

Lentamente, Jether removeu o capuz, ajoelhando-se ao lado de Jesus na grama.

– Volte ao mundo além da porta de rubi – sussurrou, com uma voz de ternura infinita –, antes de ser enclausurado na poeira e no barro da raça dos homens, Christos.

– Estou preso neste lodo e neste barro, Jether – respondeu Jesus, a voz trêmula. – Não consigo ouvi-Lo...

Jether olhou para Ele durante um longo momento, a expressão tomada pela ternura e pelo amor. Das dobras de seu manto, tirou um pequeno frasco de prata e despejou o elixir espesso e transparente sobre a cabeça de Jesus. Ele escorreu sobre Sua testa e Seu manto.

No mesmo instante, Jesus foi levado dos antigos olivais de Jerusalém. Voou pelo céu e pelos sistemas solares, e ainda além, passando por planetas e galáxias, e continuou a subir, passando por muros dourados e pelas sete cúspides, até vislumbrar os Vinte e Quatro reis Anciões, ajoelhados num semicírculo atrás das magníficas flores do Jardim das Fragrâncias, as cabeças coroadas abaixadas, as bocas movendo-se silenciosamente em súplicas.

Jesus arfou, vendo ao redor as oito oliveiras de Seu jardim, embebendo-se da glória tangível do Primeiro Céu. Diante Dele, pela ampla caverna, feixes de luz irradiavam da imensa porta dourada de rubis encravada nas paredes de jacinto da torre. Ele caiu de joelhos, o rosto voltado para a intensa luz carmim, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Pai... – chorou.

Devagar, a colossal porta de rubi se abriu. Jesus lançou-Se prostrado ao chão quando um grande trovão se ouviu e o arco-íris em torno da Montanha Sagrada fragmentou-se em intensos raios lilases e azuis, que pareceram iluminar todos os universos da galáxia. E então, através do trovão e do alarido, em meio aos raios, ressoou uma voz – uma voz que abalou o próprio céu e o universo atrás de si.

Jesus se levantou, os braços estendidos, os olhos fechados em êxtase, quando a voz ecoou pelas fibras de Seu ser e chegou a Seu cerne como mil águas fluindo com suavidade – um som infinitamente mais belo do que a imaginação já teve a capacidade de conceber: graciosa, nobre, valente. A voz do Seu Pai. Intensa e desejosa, repleta de graça e delicadamente terna... Jeová.

– Filho amado... – Jesus ergueu o rosto na direção da luz gentil, brilhante, absorvente, o rosto enlevado na presença do Pai amado. – Não me esqueci de Você.

Jesus soluçou, extasiado, quando a voz de Jeová permeou os poros de Seu ser.

– Seu sacrifício eterno é pela raça dos homens. – Os feixes carmim foram ficando mais intensos. Jesus respirou fundo. Pelos feixes de luz, à entrada da porta de rubi, na extremidade do grande abismo, erguia-se uma forma de estatura imensa, vestida num invólucro de luz cegante, os braços estendidos para Jesus. – Para que eles também possam Me conhecer.

E então, através da luz, no lugar onde estaria o semblante da forma, o que pareciam ser dois imensos orbes negros e brilhantes tornaram-se visíveis, olhando através do brilho. Olhando... olhando... olhando com intensa adoração e saudade para Jesus. Caiu uma lágrima dos olhos de Jeová, deslizando... deslizando... em direção a Jesus.

Lentamente, a porta de rubi foi esmaecendo da visão de Jesus, os relâmpagos foram se tornando mais fracos e as brisas cálidas e suaves do Primeiro Céu se transformaram nos ventos frios do vale do Cedron.

Para que eles também possam Me conhecer... As palavras ecoaram suavemente na alma de Jesus. Ele fechou os olhos.

– Que seja feita a Sua vontade – murmurou.

Levantou-se da areia sem muita firmeza e começou a olhar ao redor, na escuridão.

Apenas Pedro, Tiago e João ainda estavam deitados, perto dos troncos retorcidos das oliveiras, dormindo, com a cabeça na grama úmida.

O silêncio foi abalado por sons de passos fortes, acompanhados por vozes abafadas que vinham em sua direção, a escuridão quebrada pelo lume de lanternas e tochas oscilando sobre varas. Pedro se levantou com a expressão dura, olhando para o local de onde vinha a luminosidade. João e Tiago se agitaram, inquietos.

Judas aproximou-se deles segurando uma lanterna diante do rosto recém-banhado, a vestimenta limpa e passada, com seus companheiros mais para trás, na semiescuridão.

– Salve, Mestre! – chamou, caminhando diretamente até Jesus.

Mas a atenção de Jesus foi atraída pela silhueta de uma figura alta e encapuzada que estava em pé às sombras, alguns passos atrás do ombro direito de Judas.

Lúcifer encontrava-se altivo e triunfante. Olhou com firmeza para Jesus com um sorriso iníquo no rosto.

Jesus desviou os olhos de Lúcifer, enquanto Judas se inclinava e beijava-o amavelmente, primeiro na face direita, depois na esquerda. Jesus o fitou com intensidade.

– Judas, com um beijo você trai o Filho do homem?

Judas levou a mão direita ao rosto. Em seus dedos, havia um estranho líquido carmim. Ele se abalou. Ficou pálido. Trêmulo.

Jesus levantou os olhos e enfrentou os de Lúcifer.

– Lembre-se, Lúcifer – sua voz era suave como uma brisa, mas afiada –, de seu beijo em Meu rosto, há muitas luas no Primeiro Céu, quando caminhamos juntos em Meu jardim. – Lúcifer olhou chocado para a mancha carmim que escurecia em sua mão, as feições contorcidas em agonia pela intensa sensação de ardência na palma da mão direita. – Quando diversos mundos há muito tiverem surgido e desaparecido – declarou Jesus, a voz mal se fazendo ouvir –, o Cordeiro será morto.

Lúcifer encarou Jesus com firmeza, o rosto distorcido com inquietação e desdém.

– Vou afastar Você de Jeová. Você vai compartilhar o meu destino: uma eternidade longe Dele. As câmaras do inferno O aguardam, Nazareno. – Dito isso, ele envolveu o corpo com sua capa. E desapareceu.

Um grupo de oficiais e funcionários do palácio do sumo sacerdote chegou atabalhoadamente ao local. Eram seguidos de perto por um destacamento romano, armado com espadas e estacas. Logo atrás, vinha uma multidão ruidosa e desordenada de voluntários e curiosos.

Jesus suspirou.

– A quem buscam?

– Jesus, o Nazareno! – respondeu um deles.

– Sou eu – respondeu Jesus em voz baixa.

Um alarido rouco irrompeu dos oficiais e da ralé descontrolada, e um bando de homens de aparência rude avançou em Sua direção, as estacas erguidas. Sacerdotes estavam atrás deles.

Jesus ergueu a mão e, no mesmo instante, um estranho poder caiu sobre o grupo que avançava. Eles recuaram, assustados.

– A quem buscam? – reiterou Jesus pacientemente, como se lidasse com crianças com deficiência. – Já declarei que sou Jesus de Nazaré – continuou. – Se é a Mim que buscam, deixem ir estes.

O comandante do destacamento romano agarrou Jesus com força pelos ombros. No mesmo instante, Pedro rugiu e puxou a espada que portava, ferindo Malchus, servo do sumo sacerdote, cortando sua orelha. O grupo todo passou a gritar, e, na confusão que se seguiu, o capitão romano soltou Jesus.

– Pedro – falou Jesus, pondo a mão sobre o braço do seguidor com firmeza –, permita que Me levem – prosseguiu discretamente, colocando Sua mão sobre a orelha de Malchus.

Malchus recuou, aterrorizado, e se afastou ainda mais de Jesus, espantado, ao sentir que a orelha fora curada.

Pedro baixou a espada, lançando um olhar alucinado e confuso a Jesus, e saiu correndo por entre as árvores. Tiago ficou em pé, trêmulo, plantado no chão, depois apanhou as vestes e saiu correndo atrás de Pedro, seguido de imediato por João.

Jesus ficou sozinho.

– E, quanto a vocês – dirigiu um olhar firme para os principais sacerdotes, que O olhavam como que petrificados, os olhos tomados pelo ódio –, por que vieram Me prender como insurgente ensandecido e sanguinário, brandindo espadas e paus? Ensinei em seus templos e sinagogas todos os dias, na frente de vocês. Poderiam ter Me prendido em...

Um soldado romano robusto lançou Jesus selvagememente ao chão. Ele assentiu, e

seis homens do destacamento agarraram-No com brutalidade.

Zahi estava trêmulo, indo de um lado para o outro em meio à multidão beligerante. Seus trajes de linho haviam sido jogados às pressas sobre ele depois que Joana o despertara, esbaforida, de seu sono. Mantivera-se atrás de uma árvore, trêmulo, vendo a multidão prender Jesus e empurrá-Lo sem piedade pela ravina rumo a Jerusalém, a leste. Um jovem torpe o viu e saiu correndo em sua direção.

Zahi fugiu, aterrorizado. O Hebreu corria sério perigo; precisava de aliados. Mandaria Fariq, o mensageiro real, imediatamente ao acampamento primaveril de Aretas; seu pai já havia protegido o Hebreu uma vez, quando ainda era um bebê.

Zahi apelaria para Aretas.

A TESTEMUNHA

O rei Aretas e a Casa Real estavam acampados na cidade nabateia de Mampsis, na região central do Negev. Ele e outros reis e califas compatriotas da Pérsia, de Edessa e da Arábia mantinham uma reunião real de cúpula naquela primavera, com a bênção de Roma, para satisfação de Aretas e a fúria de Herodes Antipas.

Jotapa afastou Ayeshe do caminho e entrou na tenda festiva de Aretas. Estava sem fôlego, em desalinho, os cabelos negros escapando das tranças.

- Papa! Papa!

Aretas ergueu os olhos da mesa ricamente entalhada, cansado após estudar diversos documentos reais.

– Fariq, seu mensageiro real. Ele está jantando com Ghaliya na tenda da cozinha, exausto. Notícias de Jerusalém? – perguntou Jotapa.

Aretas assentiu. Com ar grave.

– Zahi? – Jotapa estremeceu.

Aretas meneou a cabeça.

– O Hebreu – respondeu em voz baixa, soltando a pena. – Os conselheiros se reuniram em Jerusalém. – Jotapa puxou uma cadeira estofada de veludo para perto dele e segurou as mãos enrugadas entre as suas. Aretas prosseguiu: – Vão condená-Lo à morte.

Jotapa olhou horrorizada para o pai.

O rei respirou fundo e se levantou. Caminhou de um lado para o outro e parou perto da entrada da tenda.

– Fariq galopou nestas últimas horas com as missivas reais. Seu cavalo está se recuperando nos nossos estábulos. Prenderam o Hebreu; isso é certo. Não queria alarmá-la enquanto não houvesse uma confirmação.

Jotapa olhou espantada para ele, trêmula.

– São *rumores*, propagados pelos inimigos do Hebreu: aqueles saduceus de papadas flácidas! – exclamou.

Aretas meneou a cabeça, entristecido.

– Não são rumores, Jotapa – disse o rei em um fio de voz. – Zahi estava lá. Ele viu tudo pessoalmente.

– Zahi... – balbuciou. Pálida. – Ele estava lá... quando prenderam o Hebreu?

Aretas estendeu uma missiva a Jotapa, escrita com a meticulosa caligrafia itálica de Zahi. Ela a abriu e leu as primeiras linhas, devorando cada palavra. Depois de um momento, Aretas a retirou com gentileza de suas mãos.

– Ele disse que prenderam o Hebreu como se Ele fosse um vadio alucinado... – Jotapa olhou transtornada para o pai. – Um rebelde...

Aretas dobrou a missiva e colocou-a numa bolsa de couro.

– Foi no vale do Cedron. Zahi testemunhou o fato. Ele fugiu e pediu que eu interviesse junto a Roma e às autoridades judaicas em nome do Hebreu.

– Mas Zahi se *enganou*, papai!

– Estou decidido. – Aretas foi andando por um caminho ladeado por alas de tamareiras. – O Hebreu foi enviado como prisioneiro ao saduceu Annas após a meia-noite, e depois levaram-No ao salão de seu genro, Caifás. Houve uma conversa privada. Ao amanhecer, Ele foi levado até aquela opulenta monstruosidade arquitetônica, o Pretório. Mas Pilatos lavou as mãos quanto ao assunto.

Jotapa correu para ficar ao lado de Aretas.

– O Hebreu não precisa da sua intervenção – gritou, quase sem fôlego.

– Jotapa, não percebe a gravidade da situação? Seu irmão e o Hebreu correm sério perigo. – Aretas se deteve. – Minha filha, não queria dizer isto, mas você me obrigou. – Suspirou. – Neste exato momento, o Hebreu está diante de Herodes Antipas.

Ao ouvir isso, Jotapa começou a tremer com violência, da cabeça aos pés.

– Mas Herodes tem aversão pelo Hebreu – sussurrou. – Tem certeza? – arquejou Jotapa, mal conseguindo falar devido à opressão gélida que envolveu seu coração. – Aretas assentiu. – O príncipe perverso que já foi meu marido vai matá-Lo a sangue-frio, assim como fez com o Batista.

– Não. – Aretas meneou a cabeça em um gesto decidido. – O covarde do Antipas

sofreu um grande revés político por ter executado o Batista. Ele será mais circunspecto com o Hebreu. Na verdade, pode até reverter a questão para Pilatos. Zahi ainda está livre, bem como os outros que eles chamam de discípulos Dele... Mas o Hebreu tem muitos inimigos poderosos, tanto no Sinédrio quanto em Roma. Você precisa ser forte, Jotapa. Yohanna está preparando os cavalos enquanto conversamos. Vou a Jerusalém com minha guarda real para conversar com Pilatos.

– Não, pai! – gritou ela. – O Hebreu não gostaria que você usasse sua influência.

– Eu jurei protegê-Lo! – rugiu Aretas. – E preciso proteger Zahi! – As mãos de Aretas tremiam com violência. – Meu filho... – Aretas respirou fundo, tentando manter o controle das próprias emoções. – Meu filho é um acadêmico, um estudioso dos textos. Ele não é um guerreiro. A ralé que acompanha o Hebreu não é páreo para os exércitos romanos. Vou enviar minha guarda real. – Deu as costas a Jotapa e se encaminhou para a tenda real. Então, deteve-se subitamente. Abatido. – *Preciso* enviar minha guarda real – sussurrou.

Jotapa olhou para Aretas com uma tristeza terrível estampada no rosto.

– Papa – choramingou ela –, você ainda não sabe quem Ele é, o Hebreu, aquele que você tanto amava?

Aretas meneou a cabeça, cansado, e continuou andando; virou-se na entrada da tenda.

– Jotapa, essa conversa sobre milagres e maravilhas, e olhos cegos que voltam a enxergar, minha filha... – Aretas a encarou, quase em súplica. Parecia subitamente mais velho, bem mais velho do que seus quase setenta anos. – Sou um homem pragmático, Jotapa. Estou confuso. Trinta anos é tempo demais para não ver e continuar a crer. Você me disse que meu filho, o filho de minhas entranhas, foi curado, mas eu não vi Zahi. Não sei se isso é um mito ou algo além disso, ou se o Hebreu é um homem ou algo além disso.

Aretas se sentou pesadamente numa cadeira de pedra e passou os dedos pelos cabelos grisalhos.

– Às vezes, Jotapa – murmurou –, minha imaginação me prega peças. – Virou-se para ela. – Mas sou um rei. Os reis da Arábia não ousam confiar na imaginação. – Ficou olhando para o Negev, além dos parques reais de caça, fitando o horizonte. – Não posso confiar nela...

– Pai – Jotapa pegou seu braço –, lembra-se do dia de que você tanto falou, quando eu era apenas uma menininha; do dia em que o Hebreu, ainda bebê, tocou sua mão e você perdeu a visão? – Aretas soltou um resmungo. – Você costumava dizer, papa, quando eu era criança, e me contava histórias na hora de dormir, de que perdeu a visão, mas ganhou sua alma interior.

Aretas respirou fundo.

– Ele vai ficar bem – declarou Jotapa. – Será um milagre, assim como a cura de

Zahi e de seu compatriota, o rei Abgar de Edessa; assim como todos os outros milagres que Ele realizou. – Os olhos dela brilharam de convicção. – Que isto seja um sinal para você, pai. – Ela fitou Aretas, o olhar sustentando sua argumentação.

– Você me cansa, Jotapa! – falou, olhando-a fixamente, embora com as feições graves já se amenizando. – Muito bem. – Levantou-se com certa dificuldade. – Que seja como você diz. Vamos deixar o Hebreu derrotar o Império Romano com Seus estranhos poderes – proclamou. – Direi a Zahi que vou ficar aqui no norte. Ele e Duza devem vir para cá imediatamente, para ficarem sob minha proteção.

Aretas dirigiu-se ao altar entalhado situado na parte de trás da tenda e tomou a pequena cruz de madeira.

– O Hebreu deve provar que é um rei digno. Eu, Aretas, rei da Arábia – levantou a cruz com a mão direita –, ponho à prova o rei dos hebreus!



Jotapa sentia-se inquieta montada em seu garanhão árabe negro. Ao lado dela, num segundo cavalo, estava Ayeshe. Ghaliya já havia acomodado provisões e água em quatro bolsas.

– Ayeshe – Jotapa baixou a voz –, você não deve ir! Meu pai vai mandar açoitá-lo por me acompanhar.

O velho serviçal abriu um sorriso amplo e desdentado.

– Cuidei do seu pai desde quando era um bebê. – Sua fisionomia tornou-se séria. – Ele não *ousaria* me mandar açoitá-lo. Estou com noventa anos. Estava ao lado dele quando o Nazareno curou sua alma. Ele se tornou um grande rei da Arábia, Aretas, o Justo, querido por seu povo, porque a alma dele estava limpa. – A voz do velho homem se suavizou. – Seu pai está aflito, princesa. Você vai por Zahi e pelo Hebreu; eu vou pela alma de um rei. Irei com você; é minha decisão.

Jotapa assentiu.

– Escolheu sabiamente, Ayeshe. Zahi nos espera em Jerusalém.

As mãos de Ghaliya estremeceram quando ela fez uma reverência para Jotapa. Esta tomou as mãos da serva nas suas; os olhos de Ghaliya estavam úmidos e lacrimejantes.

– Vá, minha princesa. Seja uma testemunha ocular. Volte para seu pai com as histórias dos exércitos vitoriosos do nosso Senhor. Ele vai acreditar, e toda a Arábia será salva.

– Irei com Zahi e com o Hebreu, Ghaliya. Trarei notícias; meu pai nunca mais vai duvidar!

Os dois cavalos partiram correndo noite adentro. Ghaliya enxugou os olhos, depois se virou. A distância, na frente da tenda real de reuniões, ardia uma lanterna,

e uma figura esgueirava-se na escuridão, observando os garanhões galopando para longe. A luz da lua iluminou seu rosto. Era o rei Aretas.

ΑΠΘΡΙΑ - 30 D.C.

As ruas empoeiradas e lotadas de Jerusalém estavam agitadas com a notícia da prisão do jovem e dinâmico profeta. Jesus de Nazaré, querido pelas massas, estava prestes a ser crucificado. Um tenebroso burburinho reverberara pela multidão naquela Páscoa judaica como um incêndio na mata. As mulheres, aventais sobre a cabeça, choravam abertamente nas ruas; multidões de homens fortes pegavam estacas e espadas, caminhando pelas ruas, lotadas devido à Páscoa, até o Pretório.

O dia ainda não tinha raiado. O agitado aglomerado de homens, mulheres e crianças que se reunira diante do salão de julgamento aumentava com rapidez. Algumas idosas tinham feito roupas para Jesus; jovens mães haviam acordado cedo e assado pães para Ele. Algumas, com bebês sendo amamentados junto ao seio, rezavam fervorosamente por Ele. Homens de meia-idade com abdômen proeminente, que viam Nele o ardor perdido da juventude, brandiam espadas e paus, prontos para defendê-Lo com a própria vida.

Mas a maior parte da multidão era formada por uma horda de jovens zelotes, que, longe da supervisão rígida dos saduceus e fariseus, aspiravam a ser como o jovem profeta de Nazaré. Ele era o herói deles. Estavam determinados: naquele dia, Roma teria de ir embora. Uma nova e poderosa revolução agitava-se nas ruas de Jerusalém – uma revolução que derrubaria Roma. Aquele era um momento especial; lutariam

por Jesus de Nazaré.

Acompanhando esses jovens, viam-se milhares de pessoas das províncias, que tinham ido a Jerusalém por causa da Páscoa, cada uma com sua história de como fora curada, tocada, transformada, libertada, brindando as multidões clamorosas com histórias de olhos cegos que haviam voltado a ver, membros paralisados tornando a se mover, pele doente renovada.

O incessante alarido dos jovens ergueu-se até o céu avermelhado da aurora em Jerusalém.

– Queremos Jesus! – gritavam. – Entreguem-nos Jesus!

De súbito, o céu resplandecente foi tomado por nuvens, e um vento gélido começou a soprar estranhamente pela multidão. Milhares de macabros carros pretos cercaram o salão de julgamento. Invisíveis para a raça dos homens. Cem membros da milícia satânica de Lúcifer ladearam a multidão, liderados por Folcador e suas legiões das trevas. O silêncio caiu sobre o povo quando o procurador romano, Pôncio Pilatos, em seus trajes luxuosos, saiu e se sentou numa cadeira entalhada e almofadada. Ele suspirou profundamente e depois fez um gesto para o soldado à direita.

Zahi observou, mal ousando respirar, quando Jesus tropeçou pela terceira vez naquela manhã, empurrado rudemente por trás por um soldado romano. Zahi empalideceu, chocado. Estava atônito, sem poder acreditar no que via. A multidão assistia à cena revoltada e horrorizada.

Jesus de Nazaré estava em silêncio sob as colossais alas de mármore branco do Pretório. Quietos. O peito e os membros eram uma massa contínua de feridas sangrentas, arroxeadas, em carne viva. O sangue escorria dos ferimentos e caía no chão de mármore, perto dos pés de Pilatos, calçados em sandálias de ouro. Suas feições, antes belas e bronzeadas, estavam desfeitas, feridas, desfiguradas, as maçãs do rosto altas denunciavam arranhões ensanguentados, e os olhos de Jesus, antes tão belos, estavam vermelhos e inchados, quase com o dobro do tamanho normal. O jovem profeta de Nazaré, vibrante e belo, encontrava-se quase irreconhecível.

Pilatos mandou que viesse à frente.

– Não vejo culpa Nele – declarou. O procurador acenou mais uma vez, e foi um rebelde carrancudo foi arrastado ao pódio para perto de Jesus. – É costume que se liberte um prisioneiro na Páscoa. – Hesitou, observando a multidão diante dele. – Assim, devo libertar para vocês este “rei dos judeus”, ou este assassino, Barrabás?

Huldah, suserano dos Reis Xamãs, fez um sinal para os tamborileiros xamãs que rodeavam a arena. No mesmo instante, juntos, os xamãs macabros levaram aos lábios chofares negros de chifre de carneiro e começaram a soprar. Uma ária grave, decadente e subliminar soou pela multidão, e, de imediato, uma estranha substância, semelhante a uma teia de aranha, envolveu os jovens zelotes, sendo que milhares de

demônios minúsculos, do tamanho de gafanhotos e semelhantes a morcegos, saíram voando dos chofares estridentes. Suas presas sanguinolentas penetraram no couro cabeludo dos jovens e lhes arranharam orelhas, nariz e olhos. Os jovens entraram em transe, alheios à presença incômoda dos demônios.

Centenas desses gafanhotos parecidos com morcegos pousaram nos cabelos de Zahi, e suas presas fincaram-se no couro cabeludo. Zahi estremeceu como se envolto por uma estranha bruma. Então, sua mente foi tomada por pensamentos estranhos e indesejados. *O Hebreu deve ter mentido. Ele era apenas um profeta aventureiro de Nazaré, um fracassado. Por que teria deixado tesouros, um palácio, um reino, para ser esse profeta malfadado de Nazaré?* Levou as mãos à cabeça. Sua mente estava entorpecida, como se houvesse sido drogado.

Contemplou a pele perfeitamente formada, macia e rosada das mãos. Aquilo não era fruto da sua imaginação. Meneou a cabeça, como se pudesse desalojar os pensamentos errantes. Desejou que os fortes e disciplinados exércitos da Arábia irrompessem pelas ruas de Jerusalém e levassem o Hebreu e Seus seguidores para o santuário de Petra. Aretas não O desapontaria. Iria esperar. Olhou ao redor, perplexo, e observou os jovens que, um minuto antes, faziam demonstrações furiosas contra Caifás e os líderes judeus, gritando pela libertação de Jesus. Uma a uma, as vozes apaixonadas e estridentes haviam silenciado, como se tomadas por um estranho estupor.

Um rumor terrível se ergueu de outro grupo numeroso de jovens reunidos perto do lugar onde os demônios tinham descido – um cântico beligerante e rouquenho.

– Este homem não... – começaram a silvar ironicamente. – Barrabás! Dê-nos Barrabás! Barrabás! Dê-nos Barrabás! Barrabás... Barrabás... Barrabás...

O cântico espalhou-se por centenas de transeuntes curiosos, reunidos em torno do Pretório na esperança de observar algum espetáculo medonho. Uma névoa estranha e ímpia preencheu a atmosfera, e, quando a multidão começou a respirar o ar tépido que a cercava, seus olhos ficaram esgazeados e os rostos, pálidos, acinzentados. Então, milhares de sinistros e corcundas devoradores de almas se espalharam como uma alcateia de lobos pela multidão, e, quando os demônios soltaram uma substância pegajosa como asfalto das presas, sussurrando encantamentos satânicos, teve início um novo e terrível cântico:

– CRUCIFIQUEM o Nazareno! – gritaram. – Crucifiquem o Nazareno! – As criaturas demoníacas enfiaram as garras ainda mais fundo no crânio das pessoas da multidão. – Crucifiquem-No... Crucifiquem-No... – o mantra macabro erguia-se pelo céu.

Com olhos vidrados, Jesus ficou olhando para um ponto ao longe, observando um monstruoso carro negro que descia com rapidez pelas nuvens escuras sobre Jerusalém.

Lúcifer levantou a viseira, os olhos fixos na face ensanguentada de Jesus. E sorriu em triunfo.

⊙ LUGAR DA CAVEIRA

O firmamento do Primeiro Céu encontrava-se estranhamente silencioso. Deserto. Nada se mexia, exceto no horizonte oriental, completamente tomado pelas águias guerreiras de penas brancas de Jeová, sobrevoando as profundas bases de ônix sob as nuvens altas.

Em súplica. Silenciosas. Esperando.

Os Vinte e Quatro Reis Anciões de Jeová estavam prostrados, os rostos colados ao chão no Jardim das Fragrâncias. Em súplica. Silenciosos. Esperando.

Jether, o Justo, estava ajoelhado diante da entrada da Sala do Trono, a cabeça grudada no piso de jacinto. Em súplica. Silencioso. Esperando.

Um vasto e tempestuoso torvelinho soprou da entrada da grande Sala do Trono forrada de rubis, e nesse torvelinho ardia uma grande e brilhante nuvem de fogo azul, entremeada por relâmpagos. Estrondos e trovões emanavam do seu centro. O Grande Trono Branco de luz incandescente desceu até o Santo dos Santos. Sentado no trono estava Aquele cujo brilho indizível de Seu ser ardia com a radiância cegante de milhões e milhões de sóis, como jaspe sardo em chamas – o Ancião dos Dias, Jeová.

Silencioso. Esperando. Por Seu único filho gerado. O Príncipe da Glória. Que seria crucificado pelas mãos do príncipe dos amaldiçoados.



Dez mil vezes dez mil das grandes companhias angelicais do céu estavam reunidas em formação nas vastas planícies de ônix do Monte da Congregação, numa região distante ao norte do Primeiro Céu, cada um com a cabeça erguida, mão direita sobre o peito, todos ajoelhados diante do comandante supremo.

– Meus nobres guerreiros angelicais – o tom de Miguel era intenso, mas controlado –, hoje vamos nos defrontar com a mais exigente missão das nossas crônicas angelicais. Aquilo que estão prestes a testemunhar vai pôr à prova a coragem de vocês até o limite. Vamos patrulhar a Praça da Caveira como observadores. Provocações, por mais brutais ou vis que sejam, não servirão de justificativa para nenhuma reação. – Miguel fez uma pausa. – Disciplina. Autocontrole. – Caminhou de um lado para o outro, o punho agarrado ao cabo da espada. – Precisão. Sem dúvida, a provocação de Lúcifer e de suas hordas, hoje, vai inflamar até o mais empedernido dos guerreiros angelicais. Valham-se de cada grama de seu treinamento rigoroso – Miguel pôs-se sobre um dos joelhos –, pois certamente vocês vão precisar disso – completou. Ergueu a cabeça e fez um gesto em direção a Gabriel, que estava longe, no alto do monte reluzente de ônix, com a Espada da Justiça levantada.

– Levantem-se, terríveis e temíveis guerreiros dos exércitos de Jeová! – declarou Gabriel.

Como se fossem um só, os integrantes das hostes do céu se levantaram, a seriedade tomando as fisionomias nobres e bronzeadas.

Miguel ergueu a Espada do Estado e saltou para o seu carro. Depois, bateu continência, abaixou a viseira de prata do capacete e partiu, seguido pelas temíveis legiões angelicais do Primeiro Céu em seus carros de guerra.

Até o Lugar da Caveira.

O Gólgota.



Miguel percorreu o firmamento estranhamente deserto do Primeiro Céu, os exércitos ribombando atrás dele. Sua alma estava tomada por um terrível pressentimento.

Com rapidez, deixou para trás os brilhantes horizontes índigo do Segundo e do Terceiro Céu, montado em raios escuros, enfim penetrando as incomuns sombras que desciam sem cessar sobre o Gólgota como um véu espesso e lúgubre, aproximando-se cada vez mais do Lugar da Caveira. Sua hoste angelical voava bem afastada pelos céus obscuros.

O abafado calor palestino subia pesadamente céu escuro acima. Em meio às sombras, o olhar de Miguel foi atraído para três figuras pregadas em três cruzes de madeira sobre o imenso rochedo nu. Uma figura frágil e solitária estava pregada na cruz central, Seus cabelos sujos de suor e sangue. Miguel viu a cena estarrecido, sem conseguir desviar o olhar.

A cabeça de Jesus estava abaixada, os cabelos emaranhados e ensanguentados caídos sobre o rosto ferido, o corpo coberto por ferimentos e chagas putrefatas, desfigurado além de qualquer reconhecimento, os olhos fixos à frente, apáticos e entorpecidos, sem enxergar. Os tendões estavam esmagados, e Suas veias, laceradas por cruéis pregos de ferro. Jesus de Nazaré.

Jesus ergueu lentamente a cabeça e, por um momento, Seus olhos ficaram límpidos. Através da nuvem de dor, um sorriso fugaz de reconhecimento brilhou em Seus lábios ressequidos.

– Miguel – murmurou, os olhos cravados na bandeira púrpura que voava bem alto, presa às estátuas de querubins e serafins de ouro puro que adornavam o carro de guerra de Miguel, a bandeira da Casa Real, brasonada com o selo de ouro de Jeová. De súbito, porém, os olhos de Jesus revelaram grande apreensão.

Miguel sabia que Ele tinha sentido a presença do mal na brisa abafada. Acompanhou o olhar nebuloso de Jesus. A distância, atrás dos guerreiros angelicais de Miguel, o campeão de Satã, Moloch, príncipe da morte, orgulhoso e terrível, corria pelas nuvens escuras sobre Jerusalém. Suas legiões de príncipes satânicos decaídos, os açougueiros do inferno, portavam a bandeira da morte de Perdição, que tremulava atrás deles enquanto se aproximavam da Praça da Caveira. Os grandes príncipes satânicos cavalgavam, seguidos pelos arcanjos decaídos de Astaroth, pelos tronos de Folcador e pelos Reis Xamãs, com seus longos e emaranhados cabelos negros esvoaçantes, os estreitos olhos amarelados, um muco esverdeado escorrendo das bocas de lábios finos e arroxeados.

Miguel ocultou o rosto dos olhos amáveis e inquietos de Jesus, e subiu acima das nuvens mais baixas, as hostes do céu logo perto dele, enquanto as hordas de Lúcifer começaram a descer sobre o Gólgota. As nuvens negras e ameaçadoras baixaram com rapidez, levando os reluzentes carros negros de guerra das hostes decaídas a se aproximarem das três cruzes de madeira. Os príncipes satânicos observaram, fascinados, a cena em seus carros. Em silêncio. Ameaçadores. Milhões de irados batalhões demoníacos do inferno alinharam-se atrás deles, ao longo do horizonte, uma hoste sombria e depravada de demônios e anjos decaídos, só aguardando que os despojos de guerra caíssem enfim em suas garras. Naquele dia, colheriam o maior troféu do inferno: o Nazareno.

Subitamente, houve uma grande agitação no céu. Os batalhões de carros das trevas se afastaram, criando um caminho nas nuvens para os colossais cavalos de

asas negras que puxavam o monstruoso carro de guerra de ferro negro, transportando o próprio rei das sombras. Trinta cavalos irromperam pelo céu, as imensas asas venosas batendo de modo cadenciado ao som das árias lúgubres dos corais necromantes dos condenados. Devagar, o carro de guerra foi descendo sobre relâmpagos, exatamente acima da Praça da Caveira, em frente à cruz de madeira ao centro.

Lúcifer se levantou do carro e desceu sobre um relâmpago. Ficou em pé, os braços cruzados, alto e orgulhoso, comandante imperial do exército do inferno, seu inescrutável olhar de safira cravado no rosto contorcido e sangrento do Nazareno, pregado à cruz de madeira abaixo dele. Lúcifer ergueu o braço para o céu.

– Pai onisciente – um soluço desconcertante, quase comovente, escapou dos seus lábios –, eu o teria poupado disto... – Inspeccionou a multidão dispersa que cercava a cruz abaixo dele. – Veja o que fizeram a Você, Nazareno... – seu sussurro abafado mal se fez ouvir – ... a raça dos homens, a obsessão de Jeová – vociferou.

Com imenso esforço, Jesus conseguiu levantar a cabeça do peito, e Seu olhar ficou lícido. Ele enfrentou o olhar de Lúcifer por um longo momento, Seu olhar nobre e intenso penetrando até a essência da alma do anjo decaído. Depois, a cabeça Dele pendeu sobre o peito.

Lúcifer virou-se para trás e avistou Miguel, atento e a distância, do lado oposto ao que estava.

– Como a situação virou agora, meu irmão – silvou.

Jesus se esforçou de novo para levantar a cabeça. Impotente, Miguel observou os olhos Dele sendo tomados pela insondável agonia causada pela separação de Seu pai. Estava sozinho. Vulnerável. Um lento e malicioso sorriso de triunfo se espalhou pelo rosto de Lúcifer.

– Como caíste do céu, ó Nazareno!

Miguel olhou para a frente, os dedos trêmulos, agarrados à Espada do Estado.

– Vou matar Seu único filho gerado, Miguel, para que eu possa ser novamente Seu único gerado – disse Lúcifer cinicamente.

– Você *nunca* será o filho gerado Dele, Lúcifer – sussurrou Miguel, a voz suave mas firme. – Você, que não se arrependeu – levantou o rosto para encarar Lúcifer, os olhos verdes ardendo de paixão –, está apartado de Jeová e de sua misericórdia pela eternidade.

– No dia de hoje, Miguel – sibilou Lúcifer –, o Nazareno será encarcerado nas prisões do inferno. – Ele olhou de novo para a figura agonizante na cruz, um fogo maligno reluzindo no olhar. – Vou voltar para Perdição! – Lúcifer chicoteou selvagememente os próprios cavalos. – Abrirei as Catacumbas de Ichabod! – gritou, depois saiu cavalcando sobre relâmpagos, desaparecendo no céu púrpura que escurecia cada vez mais.

GÓLGOTA

Jotapa moveu-se com agilidade pela multidão que se desfazia e que, cansada do espetáculo, voltava para casa. Estava exausta, esgotada, tendo forçado Ayeshe e os cavalos árabes ao limite de sua resistência para chegar a Jerusalém em tempo recorde. Mesmo assim, chegara tarde. Lágrimas escorreram por seu rosto e soluços agitaram seu corpo enquanto abria caminho em meio às pessoas. Ela e Ayeshe foram procurar Zahi na casa de Joana, mas descobriram que o julgamento fora célere. O Hebreu tinha sido crucificado.

A casa de Joana estava deserta. Zahi tinha sumido; talvez tivesse se escondido – não havia como saber. Tudo mostrava-se desastroso! Soluços intensos abalaram seu corpo delicado. A mente se agitava em um turbilhão. Por que impedira Aretas de viajar para conversar com Pilatos? Aretas, como rei da Arábia, tinha influência sobre os líderes hebreus e romanos. O Hebreu ainda estaria vivo. Ele poderia ter se refugiado na Arábia e pregado para as massas, que O teriam recebido como a um patrício.

Jotapa se aproximou. Chegou perto, muito perto das três cruzes. Ergueu o rosto para ver a cruz central e pôs a mão sobre a boca para silenciar um grito. O Hebreu estava irreconhecível, coberto de sangue, e não poderia ser identificado, exceto por Seus olhos – olhos límpidos, penetrantes, que agora encontravam-se enevoados pela

dor.

Ele agonizava por culpa dela... por sua concepção irrealista sobre Seu reino e Seu Pai – o rei que viria expulsar Roma dali e salvá-Lo. Aproximou-se mais. Sua pele dilacerada já atraía moscas. Aves de rapina O rondavam a pouca altura. Jotapa se arrepiou. Exausta, tomada por uma dor profunda, sentindo-se péssima, caiu de joelhos na lama, afastando os cachos rebeldes do rosto empoeirado com os dedos sujos cobertos de anéis, fraca demais para se levantar da terra.

Lentamente, porém, ergueu a cabeça. Um jovem alto, usando uma capa azul-celeste com capuz e vestes caras, destacava-se na multidão, o olhar sempre fixo na figura na cruz. Jotapa olhou para ele hipnotizada, sentindo-se estranhamente atraída.

Ele virou devagar o rosto imperial na direção dela. Suas belas feições eram impecáveis: maçãs do rosto perfeitamente esculpidas; cachos platinados longos e finos; semblante nobre. Os olhos cinzentos e gentis estavam avermelhados por ter chorado.

– Não lamente por Ele, minha filha – murmurou. – Você não poderia tê-Lo salvado. – Ele apoiou a mão delicadamente em seu ombro.

Ela franziu o cenho, intrigada, e um tremor cálido e suave percorreu seu corpo, revigorando-a. Um estranho conforto se instalou em Jotapa. Ela estava atônita. Tinha crescido rodeada por monarcas, e aparentemente o Hebreu tinha seguidores influentes. Esse homem não era um plebeu; seu porte era principesco. Era de linhagem real, disso tinha certeza.

O jovem lhe deu as costas e tornou a olhar para a cruz, os lábios movendo-se fervorosamente em súplica.

Jotapa desviou o olhar dele e se levantou, ainda um tanto trôpega, procurando Ayeshe em meio à multidão. A uma pequena distância da cruz de Jesus de Nazaré, estavam Sua mãe, Maria, e três de Seus discípulos. Sob Ele, cinco centuriões romanos bêbados e de rosto avermelhado jogavam dados. A alguns metros deles, seu velho e frágil servo nabateu olhava para a cruz, hipnotizado.

Jotapa percebeu a boca de Jesus se movendo, cada palavra uma agonia. Inclinou-se, esforçando-se para ouvir.

– Tenho... sede...

Um dos soldados se esforçou para se levantar, e um segundo lhe jogou uma esponja suja. Cambaleando, o primeiro tentou molhá-la na caneca de Posca, que Jotapa sabia ser um vinho barato e azedo dos legionários, mas a caneca caiu. O segundo agarrou a esponja e, com a mão imunda, umedeceu-a no vinho derramado.

Jotapa arquejou, e seu pesar não demorou a se tornar fúria.

– Ayeshe! – ordenou. – Traga-me a cesta de ervas medicinais; corra!

Ela se apressou em pegar um galho da trepadeira de hissopo que havia por perto e, depois, revirou a cesta, encontrando uma esponja medicinal. Mostrando-se em

toda a sua altivez imperial, abriu caminho pelos soldados bêbados, colhendo as últimas gotas de vinho na esponja. Virou-se para o centurião e lançou-lhe um sorriso provocador, estendendo o graveto de hissopo para ele.

– Ele tem sede. – Sorriu, suplicando: – Por favor... – Fez um gesto na direção de Jesus.

O centurião olhou para ela com o interesse de um homem semiembriagado.

– Você é irmã Dele? – perguntou, a língua se enrolando.

Jotapa assentiu com veemência.

– Sim... sim, sou irmã Dele. Por favor, ajude-O.

Reteve a respiração enquanto o soldado romano se esforçava para ficar em pé. Ele foi tropeçando até a cruz central, os companheiros rindo alto o tempo todo. Virou-se para olhar Jotapa, que assentiu ansiosamente, fazendo de novo um gesto que apontava Jesus. Ela conteve o desespero que a assolava para aplacar Sua sede atroz, ardente. Segurou o fôlego quando o centurião levou o graveto de hissopo até os lábios de Jesus. O Nazareno sorveu o vinho.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Jotapa.

– Obrigada! Obrigada! – soluçou, os olhos colados no rosto de Jesus.

Trovões se fizeram ouvir, nuvens escuras se abriram em fúria, e a chuva começou a cair.

Jesus abriu os olhos. Fixou-os diretamente em Jotapa, um sorriso muito leve tomando Seus lábios. Ela O contemplou, hipnotizada. Então, a cabeça Dele pendeu sobre o peito.

De algum modo, embora soubesse não ser possível, ela sentiu que Ele sabia de sua presença ali. Sabia que tinha tentado ajudá-Lo. Que Ele fora reconfortado.

– Vamos, princesa – gritou Ayeshe acima da tempestade, envolvendo-a num manto.

– Não posso deixá-Lo – retrucou Jotapa, plantada no chão.

O olhar de Ayeshe tornou-se sério.

– Daqui a pouco estará escuro demais para encontrarmos nosso caminho, princesa. – Ele agarrou seu braço. – Zahi é nosso – acrescentou. – O Hebreu não é deste mundo. Seu Deus vai cuidar Dele.

Dizendo isso, Ayeshe a atraiu para si enquanto desciam a colina, acompanhando a multidão ensopada e horrorizada que se afastava daquela cena terrível. Ela hesitou ao passarem pelo jovem que estava com as mãos erguidas em júbilo, olhando encantado para cima, alheio à chuva que caía sobre ele. Virou-se para a cruz, depois para Ayeshe.

– Precisamos encontrar Zahi!



Lúcifer desapareceu das Criptas das Trevas e se materializou nas Catacumbas de Ichabod, diante do grande altar de granada.

Passou com rapidez pelos monstruosos caldeirões dos feiticeiros contendo poções e bodelhas, afastou o grande véu magenta e viu-se no Ímpio dos Ímpios.

Os treze Reis Feiticeiros do Ocidente estavam ajoelhados no santuário interior. Trajavam as reluzentes vestes brancas dos sumos sacerdotes dos decaídos, entoando encantamentos, as mãos erguidas, mas a atenção de Lúcifer encontrava-se concentrada apenas nas três colossais e sombrias Catacumbas de Ichabod que ficavam atrás deles.

Dezoito ogros-xamãs disformes de três cabeças, da altura dos portões – mais de trinta metros –, guardavam as catacumbas. Cada portão delas era guarnecido com pontas e fechado com enormes correntes de ferro.

Dracul voltou o rosto esverdeado, luminoso e ossudo para Lúcifer.

– Estamos preparados para liberar as iniquidades da raça dos homens das catacumbas, Vossa Excelência. Os ogros-xamãs aguardam seu comando.

Lúcifer assentiu.

Os imensos ogros-xamãs soltaram um rugido ensurdecedor e arrancaram as correntes dos portões das catacumbas com sua força monstruosa. Os treze Reis Feiticeiros do Ocidente ergueram as mãos, as longas capas brancas esvoaçavam ao sabor dos tempestuosos ventos de Ichabod.

– Liberem as iniquidades da raça dos homens! – gritou Lúcifer.

Como se fossem um só, os ogros-xamãs usaram o peso contra o primeiro portão monumental. Ele se abriu devagar. No mesmo instante, um milhão de ciclones escuros e furiosos, bem como grotescos demônios com garras, surgiram ferozmente, ocupando o Ímpio dos Ímpios, lançando com violência os Reis Feiticeiros e os ogros ao chão.

Apenas Lúcifer ficou em pé em meio aos ferozes ciclones sombrios e rodopiantes, embriagando-se de iniquidades com grande animação. Então, os ciclones irromperam violentamente pelas Criptas das Trevas e passaram pela cúpula do Palácio Negro numa massa selvagem, lúgubre e ardente, rumando direto para o Lugar da Caveira.



Miguel caminhou pela nave da Sala do Trono, aproximando-se de Jether.

– Voltei do Gólgota. – Abaixou a cabeça. – Lúcifer abriu as Catacumbas de Ichabod.

– Começou. Ele está lançando toda a rebelião da raça dos homens sobre Christos – sussurrou Jether. – Passado, presente e futuro. – Abaixou a cabeça, as mãos trêmulas. Miguel pôs a mão em seu ombro.

– O triunfo de Lúcifer será breve. Ele é um brinquedo em nossas mãos. Em pouco tempo, tudo estará terminado.

– Tudo para que eles também possam conhecê-Lo – murmurou Jether.



Os ferozes ciclones ardentes rodopiaram sobre um golfo que crescia rapidamente acima do Gólgota. Os cabelos de Jesus esvoaçavam com violência, e cada partícula Dele mergulhava instantaneamente numa violenta chuva de luzes que passava como uma tempestade elétrica por Seu ser, levantando-O alguns centímetros da cruz e lançando-O com ferocidade de volta contra a madeira áspera. Levantou o rosto, horrorizado, e viu os ventos lúgubres e rodopiantes que rugiam sobre a cruz, visíveis apenas para Gabriel e as legiões do Primeiro Céu e dos decaídos.

Os ciclones se lançaram pelo golfo, sua energia feroz liberada sobre Jesus. Gerações e gerações de depravações da raça dos homens e dos demônios do inferno desceram sobre Ele – uma onda torpe de maldades sem fim. Milhões e milhões de blasfêmias, perversas e sinistras, da raça dos homens ecoaram pela Praça da Caveira.

– *Eloiiii!* – berrou Jesus, a voz abafada por profanações dissonantes e furiosas. – Pa... pa... iii... – Seu grito agonizante ecoou pelo céu escuro, e Seu corpo se agitou sob violentas convulsões.

Moloch e seus assassinos observavam dos respectivos carros, deliciando-se.



As Catacumbas de Ichabod ficaram em silêncio. Nada se mexia. Enfim, Lúcifer ergueu a cabeça. E levantou a mão.

– Liberem os males de Ichabod! – gritou.

No mesmo instante, os dezoito ogros-xamãs abriram o segundo portão colossal. O grito pavoroso e arrepiante de milhões e milhões de harpias irrompeu das catacumbas. Houve silêncio por um minuto, e, depois, uma horda infinita de harpias de sangue púrpura, cuspidando o vírus da aids e cânceres malignos, saiu da caverna que se abria.

Milhões de vampiros-parasitas de enfermidades, com corpo de enguia, asas escamosas e cabeça semelhante à de morcego contorciam-se em meio aos furiosos ventos cósmicos, expelindo pragas e lepras das bocas cinzentas, pálidas e ulceradas.

Um sorriso maligno se estampou nos lábios de Lúcifer quando partiram pela cúpula do Palácio Negro, as asas translúcidas agitando-se freneticamente pelo céu de Perdição, rumando diretamente para o Lugar da Caveira.



As harpias sanguinolentas e os vampiros-parasitas desceram sobre a cruz central como um violento manto furioso, presas e garras rasgando os membros de Jesus. Os lábios ulcerados grudaram em Seu peito, expelindo vírus até Sua pele se tornar uma massa infectada de feridas sangrentas e arroxeadas, um volume vivo de pele em decomposição. Nódulos leprosos cobriram Seus lábios e olhos, que incharam até três vezes o tamanho normal; tumores cancerosos se multiplicaram e se espalharam sobre Seu abdômen e peito, e uma película branca cobriu Seus olhos, até Jesus fixar os olhos no nada, completamente cego. Gabriel desviou o olhar das horríveis deformações de Jesus.



No Primeiro Céu, Xacheriel observava Jesus, horrorizado.

– Todas as pragas e doenças que Lúcifer conjurou nas criptas abafadas de Perdição estão sendo lançadas sobre Christos...

– Ele está suportando o impacto total das moléstias malévolas de Lúcifer, calculadas de antemão para destruir a raça dos homens.



– *Eloi... Eloi...* (Pai... Pai...)

Os gritos de Jesus, de enregelar o sangue, reverberaram em meio às águias reveladoras reunidas no horizonte oriental pelas companhias angelicais colocadas em formação nas vastas planícies de ônix do monte da congregação e chegaram aos Anciões de Jeová, prostrados no Jardim das Fragrâncias.

– *Eloi...*

Jether estava ajoelhado, o rosto voltado para o trono, perto da entrada de rubi. O grito pavoroso ecoou pelos corredores desertos da Torre dos Ventos, pelas sete câmaras dos labirintos das sete espiras, pelo vasto e tempestuoso redemoinho que soprava da entrada de rubi da grande Sala do Trono, até a grande e ardente nuvem de fogo e de relâmpagos, ecoando diante do Grande Trono Branco de luz incandescente que tinha descido até o Santo dos Santos, chegando mesmo Àquele cujo indizível brilho de Seu ser irradiava com o fulgor cegante de milhões e milhões de sóis: o

Ancião dos Dias.

Seus gritos de agonia ressoaram pelas paredes da Sala do Trono.

Jether levantou a cabeça do piso de jacinto, os olhos avermelhados pelo choro, e ficou em pé.

– Jesus de Nazaré chega da terra dos homens suportando as trevas de Perdição, suportando as iniquidades da raça dos homens.

E então, o ser sentado no trono branco falou. Sua voz ressoou pela luz branca incandescente, pelos labirintos e pela entrada do Santo dos Santos... repleta de tristeza. Tomada pela compaixão.

– Abram as portas – disse Jeová.

Miguel virou-se para seus generais e, trêmulo, levantou a espada.

– Que comecem os julgamentos de Jeová! – gritou.



Cinquenta membros do batalhão de Miguel empurraram a colossal porta de rubi que se erguia por centenas de metros. A cinco quilômetros dali, na nave da Sala do Trono e diante do altar, soprou um intenso e tempestuoso torvelinho azul-escuro com trovões e raios, e do torvelinho saiu uma grande nuvem ardente.

De seu epicentro, um grande e terrível rumor ocupou a câmara da Sala do Trono. Estrondos ensurdecedores de trovão ressoaram das paredes da câmara, como se os próprios átomos pulsassem. Raios azuis, lançados com fogo branco ardente, brilhantes como os discos de mil sóis, irradiavam do magnífico trono, que agora era vagamente visível pelo clarão que saía a mais de cinco quilômetros pela grande nave. Sete tochas ardentes queimavam diante do trono como sete colunas flamejantes de fogo branco, e no meio de cada tocha ardiam as brasas do espírito de Jeová.

Jether caminhou lentamente para dentro da nuvem ardente do torvelinho.

– Eis o cordeiro de Deus, morto pelas iniquidades da raça dos homens, que aguarda os julgamentos de Jeová.

Tendo dito isso, caiu de joelhos.



Sob o capuz do manto azul, Gabriel observou a figura ferida e dilacerada na cruz central. Os olhos de Jesus estavam opacos, os cabelos ensanguentados e revoltos. Uma estranha escuridão descia sobre a cidade, envolvendo a Praça da Caveira. Gabriel viu, atônito, o céu azul-escuro e revoltado abrindo-se diretamente sobre o monte árido. Ferozes relâmpagos azuis estalavam sobre o golfo aberto.

– Os julgamentos de Jeová – Jesus murmurou, horrorizado. Ergueu receoso o rosto para os rodopiantes torvelinhos violeta do Julgamento do Primeiro Céu, que giravam sobre ele.

Os torvelinhos estalaram pelo golfo, e seu poder feroz atirou Jesus com violência contra a madeira farpada da cruz quando o primeiro relâmpago azul atingiu Seu corpo.



– Christos está sofrendo os julgamentos de Jeová pelas iniquidades da raça dos homens – sussurrou Maheel, paralisado.



Gabriel observou horrorizado quando um segundo relâmpago e uma rajada de vento atingiram o corpo de Jesus, depois um terceiro, Suas costas arqueadas para a frente e para trás contra a madeira tosca numa dor excruciante, o suor escorrendo de Seus poros. Um som aterrorizante irrompeu do tormento de milhões e milhões de almas condenadas, almas que tinham rejeitado Jeová, os gritos das prisões do inferno. Berros alucinados e uivos arrepiantes ressoaram no céu do Gólgota. O grito enregelante de milhares e milhares de gerações futuras, destinadas ao Lago de Fogo, ecoou através da Praça da Caveira.



– Ele tomou o lugar de assassinos, pedófilos, adúlteros, tudo o que representa as ações sombrias da raça dos homens... – Jether meneou a cabeça, espantado. – Para que aqueles da raça dos homens que aceitarem Seu sacrifício possam ficar livres.



Moloch acariciou seu chicote de nove pontas, e a mente voltou a seu encontro com o Nazareno por conta de Lázaro, tomado por um estranho desconforto. Então, quando outro ciclone se abateu sobre a cruz, vindo do céu escuro, Jesus começou a gritar. Um grito assustador, torturante, excruciante. Um lento sorriso maléfico de compreensão se estampou nas feições do açougueiro de Perdição.

– Ele está separado de Jeová. Açougueiros de Perdição, preparem o carro do Nazareno! – rugiu. – Ele é nosso!

– *Eloi... Eloi...* (Pai... Pai...) – o grito agonizante e horripilante de Jesus ecoou

pelo céu da Palestina. Moloch e seus açougueiros riram-se demoniacamente quando um quarto e um quinto torvelinho de julgamento irromperam do trono. Jesus gritou de agonia quando os torvelinhos atingiram Suas têmporas com ferocidade intensa.

Gabriel abriu caminho pelos ventos furiosos até chegar à base da cruz, o rosto a poucos centímetros dos pés lacerados de Jesus.

– *Eloi...* (Pai...) – Jesus gritou freneticamente, agoniado. – *Eloi... lama sabachthani?* (Por que Me abandonaste?)

– Estamos aqui, Christos... – sussurrou Gabriel, sua mão agarrando a madeira da cruz. Todo o seu corpo tremia em descontrole. – Ele não O abandonou...

Os olhos de Jesus se abriram momentaneamente. Uma única lágrima escorreu por seu rosto.

– É para que eles também possam conhecê-Lo... – disse Gabriel, e então apoiou a cabeça nos pés de Jesus, soluçando com força, os longos cachos claros misturando-se ao sangue Dele.

Mas, tão inesperadamente quanto tinham começado os torvelinhos, a Praça da Caveira ficou em silêncio.



As portas de rubi se fecharam com um estrondo.



Jether levantou-se e se apressou até a passagem secreta rumo à Torre dos Ventos.

– Devo ir correndo ao Gólgota.

⊙ VÉU

Jether moveu-se agilmente pela multidão que se dispersava e foi até o monte, observando a figura na cruz central sob seu capuz, o olhar firme. A chuva caía sobre seu rosto, e os ventos furiosos quase lhe afastavam a capa dos ombros. Mas sua atenção se manteve concentrada na figura da cruz diante dele enquanto uma escuridão estranha e terrível descia como uma mortalha sobre a cidade de Jerusalém.

– Meu Deus, tenha piedade! – uma mulher estupefata gritou atrás dele antes de correr para se reunir aos últimos transeuntes que deixavam a colina, tentando inutilmente escapar da escuridão.

Em meio às sombras que caíam e na frente da cruz, Jether conseguiu identificar vagamente as formas da virgem Maria e suas fiéis consoladoras.

Além de mais alguém.

A figura alta se vestia de forma peculiar. Estava envolta por uma grande capa xadrez em tons de esmeralda, de um veludo excepcionalmente fino, as feições escondidas por um chapéu de camurça cor de ervilha com abas largas – um chapéu cujo estilo nunca fora visto no mundo dos homens. Havia algo em seus modos, em seu porte, que Jether considerou inquietante.

Um raio estalou, e dessa vez reverberou com tanta intensidade sobre a Praça da

Caveira que Jether imaginou que todo o morro iria se partir ao meio. Outro raio iluminou as feições agudas e esqueléticas da forma encapuzada. Jether viu quem era no mesmo instante.

Era Charsoc, o grande mago, o feiticeiro sombrio de Lúcifer, observando com olhos pálidos e cegos através de seu espírito maligno e deformado, tal como apenas um ser angelical decaído poderia fazer. Levantou devagar o chapéu para Jether, num reconhecimento rápido, e continuou a observar fixa e incessantemente o Nazareno pregado à cruz.

Jether apertou mais a capa contra o corpo e, reunindo todas as suas forças, foi avançando passo a passo contra o vento feroz, até ficar a apenas um passo de distância de Charsoc.

– Será que seu coração carniceiro não pode deixá-Lo sozinho até Seu último alento?

Charsoc sorriu debilmente.

– Ah! – disse, sem que os olhos abandonassem Jesus nem por um segundo. – Seu discernimento é preciso, como sempre, reverenciado Jether. Sempre aguardamos as sobras de carnificina com ansiedade. Mas hoje eu sou, como poderia dizer... o controlador do processo. Minha responsabilidade é determinar o segundo em que Seu último alento em nossos domínios se extinguirá. Vou reportar de imediato minhas constatações nos tribunais de Perdição; então, Ele será legalmente nossa propriedade. Nosso príncipe da carnificina aguarda no carro dele. – Charsoc fez um gesto na direção de onde estava o sádico e ameaçador Moloch, o rosto bexiguento erguido, com um riso irônico. – O açougueiro de Perdição. Este é um momento que me trará grande satisfação.

Ele fez um gesto na direção das órbitas oculares vazias e esbranquiçadas.

– Talvez sua memória não tenha mais o registro disso, mas eu tenho que agradecer ao Nazareno por minha eterna falta de visão. E, depois de nosso *encontro* na Sétima Câmara, não espere ingenuamente que minha misericórdia vá ser maior do que minha vontade de vingança, Jether. – Ele acariciou os dedos finos e deformados. – Sou sensível a críticas.

Jether baixou o olhar.

– E quais serão seus procedimentos? – perguntou, a voz perigosamente baixa.

– No instante em que o Nazareno respirar pela última vez neste planeta, Moloch e seus açougueiros têm ordens para prendê-Lo. Ele morre neste planeta, com sangue corrompido, como membro da raça dos homens. Portanto, teremos jurisdição sobre o Seu corpo. Ele é nosso. E nosso imperador, Lúcifer, é o rei soberano Dele. O Nazareno será uma ótima moeda de negociação com Jeová, sem dúvida. Mas não creio, Jether, nem por um momento, que Ele vá ser devolvido ao Primeiro Céu na mesma condição impecável com que o deixou... A tortura de hoje é apenas uma

pálida sombra daquilo que O aguarda nas prisões dos níveis inferiores de Perdição...

Durante todo esse tempo, os olhos de Charsoc não desgrudaram da figura de Jesus.

– Já há uma comoção nas celas dos condenados, aguardando a chegada Dele. Jesus será exibido nos portões, mas primeiro Moloch deve açoita-Lo no altar negro com fios farpados e torturá-Lo com cães do inferno, até Ele renunciar a Jeová.

Jether retrucou:

– Ao que parece, você quase superou seu mestre na extensão de sua decadência.

Charsoc sorriu lentamente.

– O Nazareno está ficando mais fraco – observou em tom seco. – As forças vitais da raça dos homens se esvaem com rapidez Dele.

Jether viu as veias laceradas de Jesus, as feridas abertas causadas pelas agressões mais recentes e que já gangrenavam, o corpo ferido e alquebrado, tão ensanguentado que mal podia ser reconhecido.

Então, em meio à grande dor, Jesus ergueu a cabeça. Charsoc acompanhou Seu olhar, percebendo que Ele olhava direta e deliberadamente para Jether. Por um breve instante, Charsoc pôde jurar que um triunfo estranho e jubiloso havia iluminado os olhos baços e ensanguentados. Depois, a voz que silenciara as águas, que acalmara tempestades furiosas, que mandara príncipes satânicos se calarem, que devolvera a visão aos cegos e que abalara as entranhas da morte, pronunciou-se pela última vez:

– *Tetelestai!* (Acabou!) – gritou Jesus, eufórico. – *Tetelestai! Tetelestai!* – gritou até a voz ficar rouca. Gritou até o resto de Sua força vital se esvair, em total exaustão. Gritou até expelir Seu último alento de agonia.

Jether observou a cena, trêmulo.

– Sua alma trocada pelas almas da raça dos homens – sussurrou Jether, as lágrimas misturando-se com a chuva quente sobre as faces, o rosto levantado para o céu, intrigado. Perplexo. Então, a cabeça de Jesus pendeu sobre o peito.



O pesado e reluzente véu branco do Primeiro Céu estava pendurado diante do trono branco incandescente atrás da porta de rubi, na Sala do Trono do Primeiro Céu. Milhões de anjos encontravam-se prostrados, imóveis diante do trono.

Duas grandes mãos resplandecentes de luz agarraram o véu. Com um só movimento, rasgaram-no de alto a baixo.

– *Para que eles também possam Me conhecer!* – gritou Jeová.



Ao mesmo tempo, irrompeu das entranhas da terra uma grande cacofonia dos condenados – uma balbúrdia infernal de triunfo ergueu-se das regiões inferiores quando o chofar satânico soou.

E então, de súbito, em todos os quadrantes e quase ao mesmo tempo, instalou-se um silêncio estranho, inexplicável. A gritaria infernal foi diminuindo até não restar som algum em todo o pesado e abafado céu da Palestina.

Um rugido subliminar começou a se ouvir, abalando as árvores e as três cruzes sobre a colina.

O solo sob Charsoc estremeceu, e ele foi lançado violentamente ao chão, as rochas deslizando sob seus pés enquanto se agarrava aos rochedos ao redor. Mas, mesmo depois que Charsoc buscou refúgio seguro nos rochedos, eles se estilhaçaram sobre ele. O mago caiu com o rosto na terra, o solo tremendo com força sob ele.

Jether observava a cena sobressaltado, o solo firme sob ele aparentemente sem ser afetado pelo furioso cataclismo.

– Esse homem era verdadeiramente o Filho de Deus! – gritou um centurião romano, aterrorizado, procurando abrigo seguro.

Charsoc ficou em pé, levitando pelo ar, a barba e os cabelos negros esvoaçando violentamente sob os ventos furiosos, até ficar ao lado de Moloch no carro. Ele segurou o estranho chapéu de abas largas.

– Chamem os escribas das trevas! – gritou, os olhos iluminados por um entusiasmo fervilhante. – Confirmamos a morte do Nazareno nos tribunais de Perdição.

– Os Vigilantes Sombrios estão prontos para entregar as informações ao Supremo Conselho do Primeiro Céu, segundo dispõe a lei eterna – grunhiu Moloch.

Charsoc bateu palmas em triunfo.

– Moloch, meu príncipe perverso! – Fez um gesto na direção do corpo flácido e sem vida pendurado na cruz. – Transportem o espólio do nosso mestre para seus assassinos, para a procissão triunfal. – Charsoc virou-se deliberadamente para Jether. – Nosso mestre nos aguarda. – Sorriu o sorriso dos condenados. – Acompanhem o Nazareno até o inferno!



Os bárbaros vândalos satânicos de Moloch arrancaram o espírito de Jesus de Nazaré do corpo ferido e alquebrado que estava na cruz. No mesmo instante, ele assumiu a forma do corpo que habitara antes, embora feito de uma substância diferente, mais etérea. Não fosse por isso, seriam idênticos.

A hoste decaída de Moloch prendeu os punhos e os tornozelos de Jesus com

pesados grilhões de ferro, que cortaram cruelmente Sua pele torturada.

– Você esgotou suas feitiçarias, Nazareno! – comentou Moloch, irônico. – Tampem a boca Dele! – ordenou.

Os açougueiros amarraram a boca de Jesus com um pano sujo embebido na letal erva-moura, arrastando-O brutalmente pelos ombros e prendendo-O sob forte pressão.

Moloch ergueu o chicote. No mesmo instante, foram puxados violentamente para baixo, como se por uma feroz força centrífuga. Para baixo... para baixo, milhares de quilômetros para baixo, rumo ao núcleo fundido da Terra, desceu o grupo dos condenados.

Passaram por bocas de vulcões ardentes e mares fervilhantes de lava derretida, até emergirem no estranho e incandescente mundo violento dos continentes flutuantes e montanhas de cabeça para baixo, que queimam a mais de seis mil graus centígrados: a fornalha dos arredores do inferno.



Miguel voltou-se para as legiões angelicais. Pálido.

– Gabriel vai nos encontrar nas planícies de Perdição. Christos comandará a Arca da Raça dos Homens. Vamos nos preparar para o ataque.

OS PORTÕES DO INFERNO

Os maciços portões de ferro elevavam-se a mais de trezentos metros pela tristeza lúgubre e nevoenta do céu ardente do inferno.

Seiscentos serafins demoníacos, os olhos amarelados e a aparência de górgona, aninhavam-se no alto das imensas torres do portão de ferro negro do perímetro do inferno, com suas gigantescas e escamosas garras de bronze riscando as torres e chamas vermelhas saindo de suas narinas e orelhas. As asas escuras batiam como imensos foles enquanto patrulhavam o céu do inferno, atijando as ardentes chamas azuis do Círculo de Fogo. As sentinelas do inferno.

O grande abismo circular de chamas azuis ardia a quilômetros de altura, estendendo-se desde a base dos portões e envolvendo as selvagens e escaldantes planícies de piche negro de Perdição.

Lúcifer, magnificamente vestido em seu traje cerimonial, reclinava-se sobre seu trono de diamante negro, levado nos ombros de doze príncipes satânicos. Os cabelos negros reluzentes, intrincadamente adornados com joias flamejantes, caíam sobre seus ombros e a roupa de cetim brilhante. Sobre a cabeça, apoiava-se a coroa de Estado de ouro puro, incrustada com crisólitos e rubis negros. Uma capa branca reluzente, com gola de arminho, estava posta sobre seus ombros, e as sandálias eram de ouro recém-fundido. Ele segurava o cetro do inferno com a mão esquerda.

O rei do inferno. Seguido por milhares dos seus ameaçadores príncipes-guerreiros satânicos, que por sua vez eram conduzidos pela fantasmagórica companhia dos Reis Xamãs encapuzados, os tamborileiros macabros do inferno. A legião dos Necromantes, magos dos mortos, marchava perto dos portões, seus grandes exércitos de esqueletos e zumbis ocupando as planícies.

Charsoc caminhava abaixo de Lúcifer, perto da procissão, tendo trocado o chapéu e a capa por seus trajes prediletos, em listas vermelhas e alaranjadas, de mago-chefe. O chapéu de feiticeiro era pontudo, a ponta e a aba de platina. Os sapatos escarlate eram longos, estreitos e com a ponta curva na altura dos dedos, com fivelas de diamante que mudavam de cor a cada novo cântico das trevas. Charsoc segurava no alto seu bastão retorcido de mago. Serpentes vivas saíam, ondulantes, das dobras dos seus trajes e caíam no piche ardente sob ele.

À frente de Lúcifer e Charsoc, adiantando-se à parada maligna, ia o irônico e presunçoso Moloch e sua horda de açougueiros demoníacos, ao ritmo dos pulsantes tambores de guerra do inferno.

Jesus, amarrado e algemado, trajando apenas o ensanguentado pedaço de pano nos quadris com o qual fora crucificado, estava no alto dos ombros maciços e oleosos de dez dos mais depravados assassinos de Moloch. Marchavam bem na frente de Lúcifer.

O Nazareno – troféu do inferno.

À medida que os exércitos demoníacos aproximavam-se dos portões, os céus foram ficando escuros com milhares de *banshees* que soltavam gritos agudos. Voavam sobre a parada, com vespas sibilantes saindo dos crânios sem pele, as asas batendo com fúria enquanto o ensandecido exército infernal continuava sua marcha ao ritmo lento dos pulsantes tambores de guerra do inferno.

O Anel de Fogo ardia ferozmente. Centenas de monstruosos serafins saíam dos seus ninhos e passavam pelos portões, as narinas flamejantes, sentindo o cheiro do intruso. Com suas garras serrilhadas expostas, voavam ameaçadoramente sobre o algemado Jesus.

Um grande tremor se aproximou quando um grupo de ogros-xamãs se aglomerou na entrada, depois espiou pelas grades de ferro, seus olhos amarelos e estreitos brilhando na semiescuridão.

– Somos os guardiães dos portões do inferno e do túmulo – grunhiu uma voz.

– Aguardamos você e seu troféu, ó Satã, rei do inferno – rosnou Ruber, líder dos ogros-xamãs, pelas barras de ferro, com um sorriso irônico para Jesus. Os tambores de guerra pararam e fez-se um profundo silêncio, quebrado apenas pelo rosnado maligno das sentinelas infernais: os cães de cinco cabeças.

Vinte membros da Horda Sombria luciferiana, liderados por Dagon, marcharam para fora da escuridão. Sobre os ombros, levavam uma grande caixa preta.

– Apresentamos as chaves do inferno – rosnou Dagon.

Os guardas sombrios colocaram a caixa diante do portão e curvaram-se profundamente para Lúcifer.

Dagon destrancou a caixa e a abriu.

Sobre uma almofada de veludo magenta, havia uma imensa chave dourada, gravada com letras angelicais e um rubi engastado em sua coroa.

Dagon acenou para sua milícia, e seis deles ergueram a chave nos ombros, marchando com ela até o lugar onde estava o líder, aguardando na frente da fechadura.

Ruber estendeu a mão, grande e cuja pele parecia couro, levantando a chave-mestra e a posicionando na fechadura. Virou-a. O som de uma centena de monstruosas fechaduras do inferno destravando-se ressoou pelas planícies de lava.

– Bem-vindo aos seus domínios, mestre. O inferno e o mundo inferior o aguardam.

Cem ogros-xamãs empurraram a monstruosidade de ferro para trás. Lentamente, a porta colossal se abriu, a entrada para o núcleo fundido da terra. O mundo inferior dos espíritos mortos. tempestades de fogo azul irrompiam pelos portões, e lava derretida era lançada sobre a procissão que passava. Balberith aguardava ao lado do magnífico garanhão real de asas escuras, amarrado do lado de dentro do portão.

à frente, havia uma estrada elevada de minério cristalino, com piche ardente e rubro sob ela. a estrada se transformava em uma passagem de vidro líquido que, dos dois lados, despencava num abismo fervente de minério de ferro fundido, estendendo-se por milhares de quilômetros pelas entranhas da terra. tratava-se do corredor de cristal do mundo inferior, a uns cinco mil quilômetros abaixo da superfície e com cerca de dois mil e quatrocentos quilômetros de diâmetro – o núcleo interno do planeta.

à frente, brilhando através do núcleo de cristal, a cinco quilômetros de distância, erguia-se o palácio negro – o imponente palácio de cristal negro de Lúcifer. dentro da cidadela do palácio, repousando sob o véu magenta na necrópole das trevas, ficava a arca da raça dos homens, guardada pelos guerreiros satânicos da horda sombria de Lúcifer, sua milícia de elite.

à esquerda do corredor, através das paredes de cristal líquido transparente, ficavam as monstruosas prisões do inferno, que encarceravam os mortos ímpios.

milhões de prisões abrigando as colônias penais de Lúcifer foram escavadas nos rudes penhascos de ferro, que se estendiam por quilômetros para cima e para baixo – os campos de trabalhos forçados dos condenados.

um alarido ensurdecedor e malicioso se fez ouvir por trás das barras de ferro – os gritos atormentados de milhões de mortos ímpios da raça dos homens, misturados às gargalhadas dos guardas da prisão, dos devoradores de almas e dos *banshees* que ocupavam o corredor até perdição, gritando encantamentos para os condenados. à

direita do corredor, atrás de um grande golfo, ficavam as estranhas e lúgubres terras das sombras, a morada dos mortos justos e adormecidos. o túmulo.

era um monstruoso bloco de cristal translúcido, que se estendia por milhares de quilômetros acima e por milhares de quilômetros abaixo do corredor.

os doze príncipes satânicos puseram Lúcifer e seu trono no chão. Lúcifer se levantou. virou-se, inspecionando Jesus, erguido nos braços da horda filistina de moloch, marchando pelos ventos e pela chuva de metal fundido que caía em sua direção. ele levantou o braço.

– mandem o nazareno para o mundo inferior! – gritou, apertando a capa contra o corpo e montando em seu cavalo. as asas venosas e escuras se estenderam e ambos saíram voando na direção da tempestade.

No mesmo instante, o grupo foi puxado para baixo, até as sombras cinzentas do inferno aumentarem e se tornarem a escuridão opressiva da estrada de cristal, iluminada apenas pelas lanternas coruscantes dos devoradores de almas.



– À esquerda, Nazareno – sorriu Lúcifer maldosamente, enquanto Moloch empurrava a cabeça de Jesus para a esquerda –, eis a ralé da raça dos homens que rejeita Jeová: blasfemos, assassinos, rebeldes...

Homens e mulheres gritavam, os olhos velados por uma película suja e opaca, e arranhavam cegamente as paredes de ferro da prisão, com a parte inferior do corpo sendo queimada viva na ardente lava negra.

– E agora, a elite da raça dos homens, os intelectuais... – Lúcifer virou-se com desdém para as cercas de correntes onde um grupo de prisioneiros atormentados gritava, arranhando alucinadamente a barreira farpada, os dedos dos corpos espirituais dilacerados, sangrando, as unhas arrancadas pelo esforço insano. – Ateus, filósofos, agnósticos – todos rejeitando a existência de seu criador pessoal. Seus deuses eram a própria mente e a própria opinião. Gritam mais quando chegam em meus domínios e descobrem que eu sou real. – Lúcifer sorriu. – Quando percebem que Jeová existe – deu de ombros –, ficam alucinados e imploram para morrer. – Lúcifer levantou a mão. – Solte os touros infernais na prisão, Adzeal.

Cem touros infernais, bufando furiosos, cada um com uma tonelada, rasgaram a lava com suas patas e, depois, atacaram os prisioneiros condenados, os chifres curvos despedaçando seus corpos, lançando-os sobre uma pilha de prisioneiros que se retorciam e gritavam no canto da cela de piche ardente.

– Bem, mas aqui é o inferno. Não há morte, apenas tormentos. E agora, Nazareno, os meus prêmios... – Moloch agarrou Jesus pelos cabelos e virou Sua cabeça com violência para a direita, para além do grande abismo. Havia um silêncio absoluto na

estranha e lúgubre escuridão das terras sombrias.

– O reino das sombras do meu mestre – grunhiu Moloch.

Gradualmente, a escuridão absoluta foi cedendo lugar a uma sombra acinzentada.

A voz de Lúcifer assumiu um tom mais grave e íntimo.

– O túmulo – sussurrou com admiração.

Passaram devagar pelos portões de bronze das monstruosas barricadas de cristal do mundo inferior – os perfis tênues de milhões de mulheres e homens encarcerados no gelo enlameado pareciam estar num estranho e sonolento limbo.

– São todos os que adormeceram desde o início do mundo – sussurrou Charsoc para Jesus. – Todos que veneraram *Jeová*, Nazareno.

– Dormem o sono dos mortos justos – silvou Lúcifer. – *Nunca* irão acordar em meus domínios.

Passaram por milhares de corpos adormecidos, flutuando no imenso bloco de gelo. De estatura quase divina, até no sono era óbvio que tinham mais de dois metros de altura, com feições angelicais e um brilho sobrenatural que ainda emanava de seus corpos.

– Almas do tempo de Adão – vangloriou-se Charsoc. – A glória da raça dos homens diminuiu ao longo dos séculos, como consequência da queda.

– A glória de Perdição – vangloriou-se Lúcifer. – Seus profetas, patriarcas, todos os que pertencem a Jeová... que pertencem a *você*, Nazareno; *todos* sob minha jurisdição. E, quando chegar a minha hora, conforme a ação que apresentei aos conselhos do Primeiro Céu, todos eles vão se unir a mim no Lago de Fogo.



Mais de cem milhões de soldados angelicais do Primeiro Céu encontravam-se reunidos nas vastas planícies desoladas de Perdição, do lado de fora dos portões do inferno. Seus exércitos se estendiam até o horizonte, em todas as direções.

À frente das vastas legiões angelicais, posicionadas diretamente diante dos monstruosos portões de ferro, iam Jether e os Vinte e Três Reis Anciões celestiais, montados num semicírculo em cavalos brancos alados. Imperiais e ameaçadores. Suas lanças piscavam com os raios de Jeová e iam erguidas na mão direta. Na esquerda, levavam no alto os estandartes carmim vivo com o símbolo da cruz.

Dos dois lados deles, marchavam os arautos, os proclamadores, soprando chofares, com as bandeiras do Primeiro Céu erguidas no alto. Em seguida, vinham dez mil Grandes Cavaleiros Brancos, com seus aríetes prontos para o combate.

Logo atrás deles, liderados por Gabriel em seu traje completo de batalha, ia a grande companhia de ágeis e hábeis arqueiros, os reveladores, com suas armaduras de prata reluzente.

Acima deles, havia um milhão de batedores reveladores, ocupando o comprimento e a largura do céu – as enormes águias guerreiras de penas brancas do Primeiro Céu. Em torno do pescoço de cada águia, havia um aro de ouro incrustado com rubis: os localizadores de guerreiros.

Ocupando a planície à direita de Gabriel, seguiam os rumorosos cavaleiros imperiais de Miguel em cavalos de guerra ajaezados de ouro. As espadas reluzentes iam erguidas, seguindo o poderoso comandante dos exércitos do céu.

Miguel cavalgava em pelo o enorme cavalo negro de guerra, coberto dos pés à cabeça pela dourada armadura cerimonial, a Espada do Estado erguida na mão direita.

Acompanhando-o, e a seus exércitos, ia a imensa companhia de Leões Brancos Alados de Jeová, as juba brancas reluzentes, as enormes asas brancas estendidas. Seus rugidos tonitruantes ressoavam pelas planícies e ecoavam pelas prisões do inferno.

Os grandes e terríveis exércitos do Senhor.



Dagon galopou em seu cavalo de guerra até Lúcifer e Charsoc.

– Os exércitos do Primeiro Céu estão reunidos nas planícies de Perdição, Vossa Majestade – grunhiu. – Seus irmãos, os grandes príncipes, lideram-nos.

– Sim, sim... – disse Lúcifer com desdém. – Ouvi os rumores e a comoção. Sabíamos que iriam se reunir. – Sorriu triunfante para Charsoc. – Nós estamos com o *rei* deles.

– Eles não têm justificativa – declarou Charsoc.

Lúcifer assentiu, sorrindo maldosamente.

– Miguel sabe muito bem que, se puserem um pé sobre meus portões, serão invasores segundo a lei eterna. E meus irmãos seguem a lei eterna à risca. – Bocejou. – Envie uma mensagem ao meu irmão real. Diga-lhe que tenho um túmulo especialmente preparado para o Nazareno: o sepulcro negro.

– E *eu* tenho um esperando por Miguel! – rosnou Moloch.

Um poderoso alarido se fez entre os açougueiros de Moloch.

– Vamos esquartejar o príncipe Miguel! – uivaram.

Lúcifer sorriu.

– Por enquanto, vamos esquecer os tormentos dos meus irmãos. Temos o nosso prêmio; temos o rei deles.

– Meu senhor... – gritou Moloch, a voz repleta de intenções sinistras. – Peço permissão para nos divertirmos, grande rei do inferno. – Curvou-se profundamente, e Lúcifer assentiu. – Deveríamos nos curvar diante do Nazareno – falou com um

sorriso sarcástico para Jesus. – Deveríamos coroá-Lo rei.

Um sorriso grotesco iluminou o rosto de Lúcifer. Ele concordou.

– Vamos coroar o rei nazareno! – rosnou Moloch. Com isto, um uivo estridente se ergueu dos devoradores de almas, seguido pelas multidões de depravados das prisões infernais.

A procissão sinistra desceu até os laboratórios das trevas. Um grupo de aprendizes sombrios e deformados, de cabelos alaranjados e rindo às gargalhadas, saiu dos vastos e abafados corredores subterrâneos levando para Moloch um objeto de ferro de aparência cruel, ainda em brasa por ter acabado de sair do caldeirão. Era uma coroa retorcida de espinhos moldada em ferro.

Lúcifer assentiu.

– Coroem o Nazareno, para que seja o rei do inferno por um momento.

Um riso irônico irrompeu das legiões de Moloch. Gargalhadas histéricas e risos dementes foram ouvidos por toda a parte quando Moloch ergueu sobre Jesus a coroa ardente em seus braços fortes.

– Tirem a atadura da boca Dele para que possamos ouvir os gritos de agonia do Nazareno! – rosnou Moloch. No mesmo instante, os vândalos arrancaram os panos sujos que cobriam a boca de Jesus.

Moloch empurrou selvagememente a cruel coroa de espinhos de ferro quente no crânio do prisioneiro.

Um tremor de terra se fez sentir e, no mesmo instante, a estrada de cristal caiu no piche ardente, e, como um ímã, puxou os exércitos do inferno para as chamas alaranjadas. Enquanto vulcões lançavam infernos ardentes à sua volta, Moloch flutuou sobre os restos entrecortados do caminho de cristal. Um a um, seus doze açougueiros caíram, sugados por chamas ferozes. Charsoc caiu de frente sobre a estrada, as órbitas oculares queimando, o corpo contorcendo-se em agonia.

– O Nazareno! – gritou, quando um relâmpago cegante iluminou a sombria prisão do túmulo.

Lúcifer observou, horrorizado e incrédulo, os imensos portões da entrada do reino das trevas despedaçados, as barras de ferro das prisões reduzidas a farelo. Jesus de Nazaré tinha desaparecido.

– *Onde está o Nazareno?* – gritou Lúcifer. – Mobilize os exércitos do inferno. Levem cada um dos generais, cada um dos príncipes satânicos para o Palácio Negro. Posicionem-nos nas entradas. Ordenem a Dagon e a Darsoc que protejam a necrópole sombria. O Nazareno pretende resgatar a Arca da Raça dos Homens!

Ele olhou horrorizado, atrás de Charsoc, para os prisioneiros adormecidos do reino das sombras começando a despertar em sua prisão de cristal. Uma luz púrpura cegante brilhou, iluminando as sombras com a luz de milhares e milhares de sóis.

– Façam isso agora! – berrou, protegendo os olhos do desmoronamento dos

penhascos da prisão. – O Nazareno vai destruir o inferno!



Os vastos exércitos do Primeiro Céu estavam em alerta, aguardando em silêncio. Miguel foi até Jether e os Anciões diante dos portões do inferno. Os Vinte e Quatro reis ergueram a cabeça coroada e interromperam suas súplicas.

Jether fez um sinal de cabeça para Miguel.

Miguel ergueu a mão e um grande grito se espalhou como um trovão pelas planícies.

– Ataquem os portões do inferno! – gritou. – Lúcifer é *meu*!

REI GUERREIRO

Jesus caminhou pelos salões de mármore do Palácio Negro de Lúcifer, sobre os reluzentes pisos de lápis-lazúli, o semblante imperial firme. O manto índigo ondulava enquanto passava sob os grandes afrescos sinistros que ornamentavam as paredes e o teto do santuário interior do príncipe decaído. Ergueu o chicote de prata que estava em Sua mão; no mesmo instante, os dois enormes portões negros da Sala do Trono de Lúcifer se abriram diante Dele.

À Sua frente, mais de cinco quilômetros nave adentro, na frente do reluzente e vazio trono de diamante de Lúcifer, estavam posicionados noventa guerreiros ferozes – os generais de elite da milícia da Horda Sombria de Lúcifer. Dagon e os generais olharam aterrorizados para Jesus, sem poder acreditar no que viam.

Atrás do trono, havia um colossal altar de granada negra, a superfície brilhante coberta por milhares de velas negras permeando o recinto com o aroma puro do olíbano. Acima dele, erguia-se um enorme e translúcido vórtice de cristal negro. Atrás do altar, ficavam os portões dourados da Câmara da Necrópole das Trevas, que abrigava a Arca da Raça dos Homens.

– Você é um invasor, Nazareno – silvou Mulciber. Uma baba amarelada e espessa caiu de sua língua escura sobre o piso de cristal.

Os Vigilantes olharam desafiadoramente para Jesus, as espadas em riste, os olhos

pálidos e amarelos semicerrados, as faces mutiladas e retorcidas pela malícia. Panteras negras de olhos amarelos rosnavam e iam de um lado para o outro, inquietas, acorrentadas a seus senhores depravados, as presas escuras visíveis.

– O que quer conosco, Nazareno? – cuspiu Ramuel, os olhos destilando iniquidade. – Somos decaídos; você não tem lugar entre nós.

Ramuel rodeou Jesus lentamente, como um lobo medindo a vítima, o machado erguido. Vinte dos seus gigantescos asseclas se uniram a ele com suas maçãs, clavas, machados de combate e cutelos erguidos, os cabelos negros, trançados e sujos chegando até as coxas.

Jesus ficou imóvel.

Dagon, tendo uns trinta centímetros a mais que os asseclas, afastou Mulciber e Ramuel do seu caminho. O sangue fresco de uma cabra escorria de sua boca e de suas narinas. Olhando para Jesus com um sorriso cínico, os olhos pálidos e vitrificados, apertou a maçã contra o queixo do inimigo. Jesus desenrolou o chicote. Ele podia ver o reflexo de Dagon no piso de cristal.

– Olhe para mim quando falo, Nazareno! – gritou. Ele berrou instruções numa língua angelical e gutural para os soldados, erguendo a outra mão, que tinha um chicote de nove pontas com vidros e ferros pontiagudos.

Ergueu a cabeça de Jesus, alinhando-a com seu ombro, mas o olhar Dele se manteve baixo, concentrado no reflexo de Dagon.

Então, Dagon lançou o chicote de nove pontas na direção do pescoço de Jesus.

O Nazareno lançou o chicote sobre o chicote do adversário, jogando-o ao chão. A horda demoníaca riu-se ruidosamente.

– Acabem com Ele! – berrou Dagon, lançando-se sobre Jesus com sua espada.

Jesus lançou o chicote pela segunda vez. Ele se enrolou no pescoço forte de Dagon. Ele o puxou e apertou até o decaído cair no chão, esforçando-se para respirar. Jesus levantou os olhos, e Dagon cobriu os seus com as mãos, gritando de agonia. Depois, Jesus se virou para enfrentar os rebeldes decaídos, enquanto o bando de panteras negras e de olhos amarelados saltava ferozmente sobre Ele, as presas escuras à mostra.

Jesus fez um gesto rápido com as mãos na direção delas. As panteras caíram de costas ao mesmo tempo, ganindo e se esgueirando pelos portões da Sala do Trono.

– Os feitiços do Nazareno! – gritou Mulciber.

Jesus olhou para além do altar, além do santuário sombrio, para a câmara da Necrópole das Trevas. Dagon acompanhou Seu olhar.

– Solte os cães do inferno, Menelik! – gritou, contorcendo-se no chão. – Ele está procurando a Arca da Raça dos Homens!

Uma criatura esquelética, com presas de vampiro, destravou uma grande jaula de ferro, e cinquenta cães negros do inferno, cada um com cinco cabeças soltando fogo

pelas ventas, correram na direção de Jesus, as presas à mostra.

Jesus ergueu a mão. Os cães infernais lançaram-se sobre Ele, mas foram jogados com violência para trás pelo escudo invisível que o cercava. Caíram assustados no chão, ganindo.

Dagon tateou às cegas, procurando sua espada, a outra mão ainda sobre o olho.

– Vou destruí-Lo, Nazareno – rosnou.

Jesus se abaixou e agarrou-o pelo pescoço, levantando-o do chão até que perdesse o fôlego.

– Você e seu mestre, Satã, não têm poder sobre Mim!

Jesus lançou Dagon ao chão quando as legiões de Lúcifer surgiram no portal. Mil asseclas sinistros do príncipe decaído se dirigiram para a figura no manto índigo, brandindo espadas e vociferando obscenidades.

Jesus levantou a mão direita, e uma lâmina de chamas ardentes se ergueu do chão e se lançou sobre a hoste angelical renegada.

– O fogo que consome! – gritou Ramuel, agitando as mãos em chamas.

Gritos horripilantes ecoaram pelo recinto quando os decaídos foram atingidos pelas ondas escaldantes e letais de fogo e tombaram, queimados vivos, sobre o chão. As armas se espalharam pelo piso de lápis-lazúli com alarido, inúteis.

Enfim, o grande e terrível Dagon se ajoelhou, tremendo de medo, diante de Jesus. Ele tirou o capacete e o colocou sobre o peito, a cabeça abaixada.

– Nós, os decaídos, fomos conquistados por Você, ó Nazareno. – Ele entregou sua espada.

– Fomos conquistados por Você – ecoaram milhares de vozes sinistras.

Dagon ergueu a cabeça, aterrorizado, e viu Jesus firme e em silêncio, a cabeça abaixada.

– O abismo não, Nazareno! – sussurrou Dagon, as mãos tremendo em descontrole.
– Nós Lhe imploramos, Nazareno, o abismo não! – Gritos torturantes ecoaram pela câmara, e Jesus ergueu a cabeça.

Um grande trovão irrompeu pela aterrorizada horda decaída. Uma fração de segundo depois, eles se estilhaçaram como vidro, tornando-se pó fino. Desapareceram, levados até o núcleo fundido de fogo: o abismo.

Jesus inspecionou a Sala do Trono vazia e, depois, passou pelo altar negro, indo até o portal do Santuário das Trevas. Seus olhos se estreitaram; estava sem vigilância.

Abriu as portas maciças.



O monstruoso cavalo de Lúcifer agitava freneticamente o ar com suas colossais asas

negras enquanto subiam pelas infundáveis prisões, passavam pelas colônias penais e pousavam a uma curta distância da entrada dos maciços portões de ferro do inferno. Nesse instante, um tremor agitou o solo sob eles. Lúcifer apeou trêmulo, hipnotizado pela cena horrível diante dele.

Um dos imensos portões de ferro do inferno estava caindo diante dos seus olhos, arrancado das monstruosas bases pelos gigantes aríetes das legiões angelicais de fogo e pelos Cavaleiros Brancos. Viu, quase em câmera lenta, quando ele caiu no chão, pulverizando sob seu peso esmagador uma legião de ogros-xamãs e cinquenta legiões de condenados.

Marduk surgiu das trevas ao seu lado. Curvou-se profundamente e agarrou o braço de Lúcifer com seus dedos longos e pálidos.

– Meu Imperador, venho com notícias dos Murmuradores das Trevas de Jerusalém. Disseram que o véu do templo... foi rasgado. – Estremeceu, os olhos amarelos demonstrando uma preocupação maligna. – Rasgado de maneira estranha – acrescentou em um tom de voz nervoso.

– E de que maneira a cortina do Santo dos Santos foi rasgada? – perguntou Lúcifer, o rosto pálido.

– A cortina foi rasgada ao meio, de alto a baixo, Vossa Excelência – respondeu Marduk. – Os Murmuradores das Trevas dizem que ela foi rasgada exatamente no instante em que o Nazareno exalou Seu último alento no Lugar da Caveira.

Horrorizado e sem palavras, Lúcifer, enfim, desviou a atenção dos portões em ruínas para Marduk.

– Foi como os Videntes de Plantas predisseram. – Afastou os cabelos desgrehados dos olhos. – O véu é uma mensagem. *Eu*, o portador da luz, fui banido para sempre de Seu rosto – murmurou –, mas Ele deu à raça dos homens *acesso direto* à Sua presença.

Viu, atônito, os grandes exércitos do Primeiro Céu atravessando a entrada e dizimando os grandes mercenários do inferno. À esquerda e à direita, milhares de membros de sua Horda das Trevas gritavam aterrorizados, abatidos pela feroz companhia de leões brancos alados. Procurando escapar das garras e dentes, as hordas do inferno fugiram, deixando para trás suas armas e buscando o santuário das criptas mais baixas das sombras.

As górgonas gigantes estavam feridas, sangrando e agonizando no chão à sua volta. Ergueu o rosto para o céu; as águias reveladoras voavam em círculos – as novas proprietárias do céu do inferno. Deu alguns passos hesitantes.

– Não mais separados. Um acesso direto... mas *como*? – murmurou.

Miguel estava em meio a uma luta feroz do lado de fora dos portões, o olhar fixo sobre Lúcifer, que se encontrava a menos de duzentos metros dele, para dentro dos portões... alheio ao olhar de Miguel.

O príncipe-chefe removeu devagar as luvas e jogou-as no chão, sem tirar os olhos de Lúcifer. Desembainhou a Espada do Estado e procurou a adaga dourada na bota. Depois, enfiou três longas facas finas na cinta militar às costas.

Ocultou-se por trás dos leões e correu para a frente, fora do campo de visão de Lúcifer, à direita dos portões derrubados, até ficar bem atrás do irmão decaído. Agarrou os braços dele por trás, com grande força, segurando a adaga na garganta de Lúcifer.

– Prepare-se para encontrar seu fim, Lúcifer.

O príncipe decaído olhou para a frente. Tomado de surpresa por completo. A mente acelerada. O rosto implacável.

– Meu devotado irmão... – murmurou, sem mover um só músculo. Então, com um impulso violento, livrou-se do golpe.

Lúcifer desferiu um pontapé selvagem na parte de trás das panturrilhas desprotegidas de Miguel, e as esporas afiadas rasgaram a pele de trás do seu joelho, quase chegando ao tornozelo.

– Pode esquecer esse pedaço de carne... – silvou Lúcifer, virando-se.

Miguel ficou em pé, agoniado, o sangue escorrendo-lhe pela perna. Uma escuridão terrível cobriu seus olhos.

– *Você* conhece a lei angelical. Não está em solo sagrado aqui, Miguel. – Lúcifer sorriu lentamente. Sem misericórdia. O corpo de Miguel cambaleou, a espada caiu no chão. Miguel contorceu-se de dor. – Um golpe preciso, e sua cabeça sairá dos ombros... – Lúcifer desembainhou sua monstruosa e reluzente espada negra do inferno – ... e você será banido para o abismo. – Levantou a espada sobre o pescoço de Miguel. – Adeus, meu irmão. Até o julgamento! – gritou.

Valendo-se de sua disciplina férrea, Miguel buscou as três facas finas escondidas na cinta e, com um último esforço hercúleo, enfiou-as no pescoço de Lúcifer com um único golpe brutal.

O rosto do decaído contorceu-se de agonia. Ele agarrou o pescoço com as mãos e arrancou as facas com um safanão. O sangue jorrou dos três furos, escorrendo por suas mãos e torso. Foi ficando lentamente de joelhos, a espada tombada na terra ensanguentada.

Com a perna ilesa, Miguel chutou a espada para longe do seu alcance.

Lúcifer, por sua vez, tirou o manto, as mãos tremendo em descontrole, e amarrou-o ao redor do pescoço para estancar o sangramento. Sua cabeça foi ao chão. Com imenso esforço, virou o rosto para Miguel.

– O Nazareno foi esquartejado – disse, em meio ao sangue que escorria da boca. – Ele está morto, desmembrado no núcleo fundido – prosseguiu Lúcifer, olhando para Miguel, uma estranha e maliciosa exaltação nos olhos vidrados. – Está ardendo no inferno.

Furioso, Miguel empunhou a Espada do Estado e ergueu-a sobre a cabeça de Lúcifer.

– E você, meu irmão, vai para o abismo! – gritou. Um lento sorriso maligno surgiu nos lábios de Lúcifer.

– Não, Miguel! – vociferou Jether. – É invenção dele! Ele quer escapar do Primeiro Julgamento!

Reunindo suas últimas forças, Lúcifer ergueu um dedo trêmulo na direção dos portões do inferno. Suas feições se contorceram com um ódio visceral.

Jether e os Vinte e Três Anciões do conselho celeste estavam em pé no corredor de cristal, logo após os portões, os trajes cerimoniais brancos ardendo de luz. Jether caminhou apressadamente até Miguel.

– Deixe a cabeça dele intacta – instruiu discretamente. – Ele *precisa* ser submetido ao Primeiro Julgamento. A lei eterna *precisa* ser cumprida.

Xacheriel entregou a Obadiah um pequeno frasco; o aprendiz correu até Miguel e despejou o conteúdo em sua perna, restaurando-a de imediato.

– Acorrentem-no! – ordenou Jether.

Lúcifer, ainda zozzo, ajoelhou-se, apertando o manto contra o pescoço, esforçando-se para se aproximar de Jether, e depois caiu a apenas alguns passos dele.

– Jether! – disse, cuspiendo sangue, os olhos embaçados, enquanto Rafael e Ariel acorrentavam-lhe os pulsos e os tornozelos. – O inferno é *meu* território! – Esforçou-se para respirar. – Vocês estão transgredindo a lei eterna.

Jether rodeou Lúcifer lentamente e, depois, parou.

– Você ainda não adivinhou? – Sua voz mostrou-se perigosamente suave. Olhou para baixo, encarando Lúcifer com firmeza, e ficou um bom tempo em silêncio. – O pai de Jesus de Nazaré não é José. – A voz de Jether era cristalina.

Lúcifer olhou para Jether, momentaneamente confuso.

– Seu corpo foi criado como o primeiro, Adão, e não replicado, ao modo do da raça dos homens – acrescentou Jether em voz baixa.

– José... – ecoou Lúcifer, desconcertado.

– Não houve uma concepção pela raça dos homens, Lúcifer. A semente de Christos foi concebida por Jeová.

– Jeová... – Lúcifer ficou olhando vagamente à sua volta, horrorizado, e depois se arrastou em desespero pela terra, afastando-se de Jether. O manto deslizou do pescoço para o piche. – Ele não pode... Ele transgrediu sua própria lei eterna... – balbuciou.

– Há dois mil anos – disse Jether em voz baixa –, sobre o Monte Moriá, foi selada uma aliança entre Jeová e um membro da raça dos homens, um homem chamado Abraão, disposto a sacrificar seu filho. Jeová, por sua vez, foi legalmente

dispensado de sacrificar o próprio filho em *seu* planeta. *Não houve* transgressão da lei eterna; a concepção do óvulo de Christos por Jeová está legitimamente selada pelo Supremo Tribunal do Primeiro Céu. Teria sido muito útil se você conhecesse melhor os patéticos rituais hebraicos que você tanto despreza. O sangue de Jesus de Nazaré não é corrompido!

– *Não é... corrompido...* – ecoou Lúcifer, o rosto tombando sobre a lava, o sangue escorrendo do seu corpo e se misturando à terra.

– Não haverá troféus infernais nem danças nas ruas dos condenados – gritou Jether. – Ele deu seu sangue não corrompido em benefício da raça dos homens.

Miguel ajoelhou-se sobre Lúcifer.

– Sua alma foi trocada pelas almas da raça dos homens. – Ele agarrou os cabelos emaranhados de Lúcifer com a mão e virou sua cabeça para ficar de frente com a dele, encarando com ferocidade os olhos enevoados e avermelhados. – O ponto mais alto do Monte Moriá, seu cume, é chamado de *Gólgota*... – largou a cabeça de Lúcifer, que se estatelou na terra – ... meu irmão!

– Gólgota... – silvou Lúcifer, engasgando no próprio sangue, os ombros trêmulos de medo e raiva, o terrível choque das palavras de Miguel sendo assimilado lentamente.

Jether se levantou e voltou-se para Lamaliel.

– Estanquem seu sangramento com gaze medicinal – instruiu. – Ele vai se curar devagar. A iniquidade que leva consigo prejudica o processo de cura, mas ele há de se curar. Ele *precisa* se submeter ao Primeiro Julgamento.

Miguel se levantou com um ar cruel, mas triunfante.

– Ele não é mais o governante legítimo da raça dos homens. Agora, nós vamos levar a Arca da Raça dos Homens de volta para o Primeiro Céu. Deste momento em diante, Lúcifer é um *rei usurpador*. Nosso rei nos aguarda na Necrópole das Trevas!



Diante de Jesus, do lado de fora dos portões dourados da Necrópole das Trevas, erguia-se uma figura encurvada e encapuzada, trajando uma roupa clara de xantungue. Além dos portões, via-se a grande e dourada Arca da Raça dos Homens, acorrentada ao Sepulcro Negro com correntes de ferro maciço.

Milhares de velas negras tremeluziam no Ímpio dos Ímpios, exsudando seu perfume soporífero de olíbano pela câmara.

A figura falou sob o capuz:

– O véu do Ímpio dos Ímpios foi rasgado de alto a baixo. Isso significa uma intrusão nas regiões dos condenados. – Ele deu um passo para trás. – Você não é bem-vindo aqui, Nazareno – murmurou.

– Nisroc... – disse Jesus.

A figura encapuzada assentiu.

– Tenho muitos pseudônimos, Nazareno. O Cavaleiro Pálido, Morte e O Ceifador são os mais conhecidos pela raça dos homens. – Ele voltou os olhos claros e encapuzados para Jesus. – Sua voz é familiar, Nazareno. Ela ecoou em meus sepulcros certa vez.

– Lázaro – respondeu Jesus com voz suave.

O Cavaleiro Pálido assentiu.

– Eu, a Morte, não pude detê-lo. Alguém com poder e mando sobre o meu reino tinha falado. – Ele levantou o capuz. – Alguém maior do que eu.

Jesus firmou longamente o olhar nos olhos pálidos dele.

– Eu, a Morte, estou sujeito aos preceitos da lei eterna em vigor e aos conselhos de Jeová. – Nisroc rodeou Jesus. Flutuando. – O que procura, Nazareno?

– O que procuro, Nisroc, o Prudente, são as chaves da morte – declarou Jesus. – E a Arca da Aliança da Raça dos Homens.

O Cavaleiro Branco assentiu. Após algum tempo, falou:

– Ah, os títulos de propriedade. – Fechou os olhos encapuzados. – Só aquele que não é corrompido pode reclamar a arca. Mas essa pessoa não existe na raça dos homens.

Jesus ficou em silêncio.

– Suas mãos, Nazareno – falou com gentileza. Jesus estendeu as mãos.

O Cavaleiro Branco observou, horrorizado, as grandes feridas rasgadas, depois estendeu o dedo longo e ossudo e enfiou-o nos ferimentos sangrentos no corpo de Jesus.

– Ahh... – Ficou zozzo, perdendo forças. – Seu sangue não é corrompido... – Olhou apavorado para Jesus, a mão ardendo, vermelha, como se tomada por um fogo sagrado peculiar. – Você é *Christos*! – murmurou em sinal de reconhecimento, caindo trêmulo e prostrado diante Dele. – Se um membro não corrompido, sem mácula, da raça dos homens estiver disposto a derramar Seu sangue em nome da raça dos homens – murmurou o Cavaleiro Branco –, tornando-se um substituto no julgamento, a dita raça dos homens, gerações passadas, presentes e futuras, ficará livre do julgamento eterno pela morte desse membro. Uma alma por uma alma. Esta é a lei eterna e obrigatória... – Ele se levantou. – Para os membros da raça dos homens... *desde que* aceitem o grande sacrifício.

Tirou um anel com chaves da cintura e destrancou o portão dourado.

– No Gólgota – proclamou ele –, você conseguiu tudo isto.

Miguel entrou na Sala do Trono com seus generais logo atrás, seguidos por Jether. Curvaram-se profundamente diante de Jesus.

– Vossa Majestade... – Miguel tirou o capacete e se ajoelhou diante de Jesus. –

Lúcifer foi capturado – murmurou. – Está acorrentado; seus generais estão presos. As chaves do inferno estão em nosso poder.

Miguel levantou a cabeça e percebeu a presença do Cavaleiro Branco. Ficou em pé e empunhou a espada. Jether pôs gentilmente a mão sobre o braço de Miguel, meneando a cabeça.

– Ele está sujeito à lei eterna; vai enfrentar o Grande Julgamento – disse Jesus suavemente. – Ainda não é a hora.

Miguel franziu a testa. Jether observou a figura idosa e enrugada, a boca aberta de espanto.

– Você conquistou a morte, Nazareno.

Nisroc revirou as grandes chaves douradas e brilhantes nas mãos. Eram incrustadas com diamantes e gravadas com o selo de Perdição – o selo de Lúcifer.

– As chaves da morte e da sepultura. – Nisroc se ajoelhou e entregou-as a Jesus. Quando este as pegou, as gravações se transformaram no selo real da Casa de Jeová. O Cavaleiro Branco curvou-se para Jesus e ergueu a mão em respeito a Jether. Em seguida, desapareceu.

– Ele foi meu mentor – sussurrou Jether, intrigado, quase para si mesmo. – Nisroc, o Justo. Caiu juntamente com Lúcifer...

Jesus caminhou pelos portões dourados do Sepulcro Negro. Diante deles, acorrentada à Necrópole das Trevas, estava a grande caixa dourada com dois serafins de ouro de cada lado, a Arca da Raça dos Homens, contendo os documentos de propriedade do planeta Terra e dos sistemas solares.

Miguel respirou fundo, admirado.

– Hoje a justiça está sendo feita no tribunal do céu – disse Jesus em voz baixa. – A raça dos homens foi libertada do reino da tirania. Pegue a arca, Miguel. – Depois, virou-se para Jether. – Jether, fiel intendente, prepare o cálice.

Miguel desembainhou a espada da justiça e a levantou bem alto.

– Devolvemos a Arca da Raça dos Homens ao Primeiro Céu! – gritou.

Gabriel encontrava-se na outra porta. Ele se curvou diante de Jesus.

– Os exércitos do inferno se renderam, Vossa Excelência. – Gabriel entregou um pergaminho a Jesus. Este o tomou e o leu, dirigindo-se depois a Gabriel, as mãos estendidas. Tomou as mãos dele nas suas e as ergueu, Sua voz ecoando pelo inferno e abalando o próprio núcleo do planeta:

– As chaves da morte e da sepultura são de Jeová. Libertem os mortos justos!



Lúcifer observou, pelas barras de ferro serrilhadas de sua cela na prisão, os incontáveis milhões de prisioneiros libertados que marchavam por ele em procissão

triunfal, liderados por Gabriel e seus exércitos conquistadores. As bandeiras carmin com a cruz, o novo emblema do Primeiro Céu, tremulavam no alto, erguidas pelos prisioneiros recém-libertados, os mortos justos.

Lúcifer protegeu os olhos da intensa luz púrpura que brilhava como o sol do meio-dia, iluminando cada recôndito sombrio das regiões lúgubres do mundo inferior.

Ficou deitado no chão, ainda muito enfraquecido por causa dos ferimentos, pulsos e tornozelos presos com os pesados grilhões de ferro que antes tinham acorrentado Jesus. Os grilhões cortavam-lhe a pele.

Ele estava nu, as roupas e a coroa tiradas dele, e vestia apenas uma tanga estreita. Seu pescoço tinha um curativo feito de seda medicinal à maneira antiga, embebido em mirra.

Humilhado diante de súditos e exércitos... e dos prisioneiros. Suas mãos tremiam de raiva; as unhas cravavam-se nas palmas das mãos. Cem sentinelas de elite de Miguel faziam a patrulha externa, guardando a cela.

Um lúgubre aprendiz, recém-libertado dos escaldantes laboratórios subterrâneos das criptas de Lúcifer, passou correndo pela cela, gritando obscenidades, a coroa de Lúcifer posta de lado em sua cabeça. Um outro aprendiz ficou indo de lá para cá do lado de fora da cela, provocando o mestre, embrulhado nos trajes cerimoniais de Lúcifer, grandes demais para ele.

Lúcifer pôs a cabeça entre as barras. Observou, paralisado, a passagem dos filhos de Noé, de Abraão, do profeta Daniel e do rei Davi. Uma figura alta e magra parou diante da cela. Olhava-o de cima.

A face de Lúcifer contorceu-se num esgar maligno.

– Saia daqui, Batista – silvou freneticamente.

O Batista virou-se para Lúcifer com o olhar intenso, julgando-o.

– O Rei da Glória esmagou a morte e o inferno. Você foi *conquistado*, Satã.

Do outro lado da prisão, pelas barras, pôde ver as expressões irônicas e provocativas dos prisioneiros do inferno. As vozes se ergueram, e sua cela foi tomada por gritos estridentes e risos altos que ridicularizavam o rei impotente. Sem poder fazer nada, Lúcifer tapou os ouvidos com as mãos para bloquear as vozes irônicas. O corpo tremia de raiva violentamente.

A porta da cela se abriu, e Lúcifer observou, sob os cabelos sujos, a alta forma imperial que se postou ao seu lado.

– Você é um invasor, Nazareno! – disse, esforçando-se para se sentar.

O Príncipe da Glória ficou ao lado do príncipe dos condenados. Imperial. Majestoso.

– Filho da Destruição... – Jesus agarrou ferozmente Lúcifer pelos cabelos e virou seu rosto para cima, o semblante grave como um trovão. – Eu lhe estendi, no Primeiro Céu, o cetro de prata da Minha graça, mas você não o tocou. – A voz Dele

era suave, mas implacável. – Agora, estendo-lhe a vara de ferro da Minha ira.

Lúcifer encarou Jesus, o rosto contorcido por medo e desprezo. Lenta e deliberadamente, passou a verbalizar imprecações numa língua angelical maligna, sinistra e gutural, e depois cuspiu no rosto de Jesus.

Jesus ficou olhando para ele durante um bom tempo, em silêncio. A cusparada de Lúcifer escorria por Seu rosto. Então, Ele lançou o príncipe decaído ao chão antes de se agachar e escrever, na poeira escura de piche do chão da cela, uma frase numa escrita angelical estranha, saindo da cela em seguida.

Lúcifer se arrastou até o texto. Leu letra por letra e, depois, levou as mãos aos ouvidos. E gritou – um grito de enregelar o sangue e de arrepiar a medula, que reverberou pelos recônditos mais sombrios e profundos do inferno.

– Você vai conhecer minha vingança, Nazareno! – vociferou, e caiu no chão, como se estivesse morto.

Miguel aguardava do lado de fora da cela.

– Tem Minhas instruções. – A expressão de Jesus era intensa; lentamente, Seu olhar se suavizou. – Temos uma última tarefa. – Ele apoiou a mão no ombro de Miguel. – Encontre-Me no portão norte do Tártaro.

Miguel olhou para Jesus sem ousar acreditar. Este sustentou seu olhar e, depois, desapareceu em meio à multidão que marchava por ali.

Miguel tirou o capacete e entrou na cela. Lúcifer estava agachado no canto oposto, batendo a cabeça com raiva contra as grades.

– Ele invadiu meu reino – rosnou Lúcifer. – Miguel o fitou com desprezo. – A raça dos homens não me teme mais – uivou o mestre decaído, os braços envolvendo o próprio tronco, que ia para a frente e para trás, como se fosse um demente.

– Você escolheu seu caminho, meu irmão. Agora, colha a recompensa.

– Meus domínios foram invadidos... meu reino foi conquistado – choramingou Lúcifer.

Miguel virou-se para Rafael, que aguardava suas ordens.

– Levem-no acorrentado a Nisroc, o guardião da morte – instruiu Miguel. – Ele deve ficar encarcerado no sepulcro negro até ser chamado pelos grandes conselhos de Jeová no Primeiro Céu. – Miguel voltou-se para Lúcifer. – Ele aguardará o Primeiro Julgamento na prisão.



Miguel desceu pelas regiões inferiores do mundo infernal, percorreu suas prisões e foi além do núcleo do próprio inferno, chegando aos limites externos do abismo sem fundo localizado nas partes mais profundas do inferno, o Tártaro, o lado do Lago de Fogo. Um lugar sequer relacionado nos documentos de propriedade. Sob a jurisdição

de Jeová.

Nenhum membro da raça dos homens chegou a entrar por esses portões austeros e imponentes. Essa era a prisão das hostes angelicais decaídas e condenadas, que tinham abandonado seu estado inicial e coabitado com as mulheres humanas em eras passadas, no tempo de Noé, e corrompido a raça dos homens. Mantidos acorrentados na escuridão lúgubre a cinco mil quilômetros abaixo do abismo.

Até o julgamento.

Em meio à terrível e inabalável escuridão, Miguel discerniu as cem nobres legiões angelicais do Primeiro Céu que guardavam o Tártaro e o Lago de Fogo, dia e noite, sob o comando de Uriel. A distância, via-se uma forma alta e imperial, aguardando do lado de fora do portão norte, que dava para os lúgubres poços sem fundo. A entrada para o Tártaro, pelo poço mais baixo do abismo.

A pedra negra estava coberta de rachaduras alaranjadas causadas pelo calor da fornalha ardente que ficava a cinco mil quilômetros abaixo deles. Uriel estava silencioso e atento, e sua legião encontrava-se curvada diante de seu rei. Jesus assentiu, e Uriel foi até a imensa fechadura circular escavada na colossal rocha de granito com um quilômetro e meio de largura. Abaixou-se e posicionou na fechadura a enorme chave do corredor do abismo. Muito lentamente, ela começou a virar. Cem guerreiros angelicais agarraram os rebites de ferro da rocha, usando grande força contra a porta cavernosa. Ela se abriu devagar.

Uma fumaça escura e ondulante saiu da entrada do poço da fornalha. Os guerreiros foram momentaneamente abalados pela onda de calor do rio de fogo e lava fluida – o núcleo fundido.

Lentamente, a fumaça serpenteante do poço foi arrefecendo. As paredes das cavernas tinham o brilho vermelho de brasas mortais e o ar reverberava com os gritos clamorosos dos encarcerados.

– Amaldiçoo Jeová! Amaldiçoo Christos! – Mil obscenidades vis e sussurradas foram aumentando de intensidade. – Amaldiçoo sua presença sagrada.

Jesus ergueu a mão e, no mesmo instante, as blasfêmias abrandaram, exceto pelo som de uma única voz solitária, ouvida a cinco mil quilômetros abaixo dali, que mal se podia escutar em meio ao rumor da fornalha ardente.

– Christos! – O grito torturado se fez ouvir de perto, levado pela fumaça. – Tenha piedade da minha alma atormentada.

Jesus caminhou até a entrada e ficou diretamente no caminho da fornalha ardente. Sem se abalar. Fechou os olhos.

– Zadkiel! – gritou. – O Filho do Homem ordena: saia!



E assim foi que, naquele dia, ouvi o grito agoniado de derrota de Lúcifer. O Filho de Deus, o Filho do Homem, em toda a Sua gloriosa e terrível majestade – o Cristo eterno, o Messias –, entrou em seu domínio infernal e conquistou seu reino. Foi um grito terrível, de enregelar o sangue. Lúcifer compreendeu sua loucura sem paralelo: fora um peão na crucificação do Príncipe da Glória. Pelo derramamento de Seu sangue não corrompido, Jesus de Nazaré, o Cristo, o Pai encarnado e feito matéria, abriu um portal para que a raça dos homens pudesse se reconciliar com o grande Criador de suas almas, Jeová. Os domínios de Lúcifer haviam sido invadidos; seu reino fora conquistado, para sempre, no Gólgota.

E por isso ele gritou.

Ninguém jamais saberá o que foi escrito na terra naquele dia.

Ninguém jamais saberá o que se passou naquele momento entre o Príncipe da Glória e o príncipe dos condenados... só que, depois disso, Lúcifer alimentou uma insaciável vingança contra o Nazareno e os filhos da raça dos homens.

JOTAPA

O vasto céu do deserto ainda estava estranhamente vermelho. Jotapa encontrava-se sentada do lado de fora da tenda, o rosto coberto por um pesado véu de luto. Só se viam seus olhos, avermelhados e inchados de tanto chorar.

Ayeshe pôs uma tigela com carne de cordeiro assada diante dela.

– Você precisa comer, princesa – disse em voz baixa.

Jotapa meneou a cabeça com veemência. Agarrou a mão de Ayeshe com tanta força que os anéis dela marcaram os dedos dele. Devido à dor, ele retirou a mão com gentileza, cobrindo-a com um cobertor macio.

– Por favor, princesa – suplicou –, coma.

Jotapa fez um gesto para que ele se afastasse.

– Não temos nenhuma vitória para contar ao pai; só a história brutal da morte torturante e sangrenta do Hebreu. E, o que é pior, com seu túmulo violado e seu corpo furtado... – Ela começou a chorar em desespero, até a cabeça cair sobre o peito e os olhos se fecharem de exaustão.

Uma estranha brisa começou a soprar. Uma mão gentil apoiou-se em seu ombro.

– Não deve se lamentar, princesa.

Jotapa se agitou. Os olhos injetados arderam com uma raiva cansada.

– Ele está morto. Aquele que amo está morto, e você ousa me dizer que não devo

me lamentar, Ayeshe? – Ela piscou os olhos. – Você se esqueceu do seu lugar? – murmurou. – Meu pai vai ficar sabendo do seu atrevimento. – E, como uma criança petulante, puxou de novo o cobertor sobre a cabeça e recomeçou a chorar.

– Jotapa. – Ela ficou paralisada sob o cobertor, olhando curiosa com um dos olhos o estranho que se debruçava sobre ela, o rosto coberto por um capuz árabe. – Filha de Aretas, rei da Arábia.

Os olhos de Jotapa se arregalaram quando Jesus se postou bem diante dela, os olhos radiantes.

Com ternura, Ele removeu o véu, pegou a tigela de carne e levou-a para perto de seus lábios. Ela olhava como que hipnotizada para os olhos Dele. Sem desviar a atenção do Seu olhar um instante sequer.

– Coma, princesa... – Ele sorriu. Depois, tirou o capuz.

Ela observou o encantador semblante à sua frente, admirada com Sua beleza.

Ele era o mesmo, exatamente o mesmo. Franziu a testa. Ao mesmo tempo, não tinha nada de igual.

Jotapa O estudou: Seus olhos fundos com longos cílios negros, as feições fortes e nobres, os cabelos grossos e escuros que caíam em ondas sobre os ombros fortes. Algo tinha mudado de forma irreversível. Então, ela viu Suas mãos marcadas por dois ferimentos recentes ainda abertos. Sua mente deu voltas, e ela tentou tocá-lo.

– Não, Jotapa. Você não pode Me tocar. – Ele meneou a cabeça gentilmente e se afastou. – Devo subir até Meu Pai e Meu Deus; até seu Pai e seu Deus.

Lágrimas escorreram pelo rosto pálido e macio de Jotapa.

– Vá se reunir com Seu Pai – ela sussurrou.

Jesus assentiu, e lágrimas de saudade escorreram por Seu rosto, naquele que era o Seu melhor momento após trinta e três anos de afastamento. Jotapa observou-O com infinita ternura enquanto Jesus olhava para o céu noturno com intenso desejo. De súbito, uma violenta tempestade de areia surgiu do nada, e as areias ardentes começaram a fustigar o rosto da princesa. Apertando as cobertas contra o corpo, lutando contra o vento forte, ela se esforçou para chegar à entrada da tenda, voltando o rosto para trás.

Jesus encontrava-se em plena tempestade, o rosto e as roupas cobertos de areia, olhando para cima, rumo ao céu, que se abriu diante Dele. Estava radiante de desejo.

Jotapa ficou observando a cena na segurança da entrada da tenda. Poderia jurar ter visto figuras no céu. Virou-se para dentro a fim de chamar Ayeshe.

– Ayeshe! – gritou, tornando a se virar.

A tempestade tinha cessado tão repentinamente quanto começara. Jesus havia sumido.

– Ele foi até o Pai Dele, Ayeshe – sussurrou maravilhada. Suspirou, uma nova

esperança iluminando seu olhar. – E eu vou até o meu!

⊙ CÁLICE DE CORNALINA

Jether estava em pé ao lado das fontes da Torre dos Ventos. Os zéfiros sopravam seus longos cabelos e barba enquanto contemplava os grandes exércitos do céu, regressando pelas doze entradas dos imensos portões de pérolas de sua vitória contra o exército de Lúcifer.

Gabriel caminhou pelos jardins em sua direção, o rosto radiante.

– Muito bem, meu nobre Gabriel! – Jether abraçou-o com força.

Gabriel curvou-se profundamente diante de Jether.

– Acompanhei nosso Rei de volta ao Primeiro Céu. Ele está se preparando para se encontrar com Jeová. Pediu-lhe que vá até Ele com o Cálice de Cornalina. – Lágrimas escorreram pelo rosto de Gabriel; ele as enxugou despreocupadamente com a mão. – Ele está em seu jardim.



Um querubim se incumbiu do cavalo de Jether e outro o acompanhou pelas névoas brancas espessas e rodopiantes do Éden no Primeiro Céu. Jether levava um enorme Cálice de Cornalina nas mãos. Na tampa, estava gravada uma simples cruz dourada.

Ele caminhou entre as árvores douradas e pelo estreito corredor de pérolas

coberto por romãzeiras repletas de frutos prateados, inalando o intenso perfume das magníficas flores pendentes do Jardim das Fragrâncias, com aromas de olíbano e nardo. Percorreu arbustos de gladiolos e renques de plumérias, gramados com juncos e botões de ouro com finos estames de cristal no centro, voltados para os intensos feixes de luz carmim cegante que irradiavam de algum ponto distante. Atravessando o vale, chegou a uma discreta gruta na extremidade dos penhascos do Éden, cercada por oito velhas oliveiras.

Abriu a humilde porta de madeira.

Em pé, no centro do Seu jardim, o rosto pouco visível em meio à névoa, estava Jesus. Trajava roupas brancas de tecido brilhante; os cabelos reluzentes caíam-lhe abaixo dos ombros.

Ele se virou lentamente, e Jether caiu de joelhos, o braço protegendo o rosto da gloriosa luz branca que emanava do semblante da figura.

– Christos – murmurou extasiado.

Gradualmente, a névoa branca foi se desfazendo. Jether olhou para os pés de Jesus, com seus ferimentos ainda recentes.

– Christos... sussurrou.

– Minha tarefa foi concluída. – A voz de Jesus era suave. – Cumpri a pena em nome da raça dos homens. – Olhou as grandes oliveiras à sua volta. – Foi aqui que Lúcifer Me deu um beijo tantas eras atrás... antes de sua traição – falou com suavidade. – Foi apropriado para aquilo que aconteceria depois.

Jether assentiu.

– Foi aqui que tudo começou, quando ele ficou sabendo do advento da raça dos homens.

Jesus viu quando os raios reluzentes se abrandaram e revelaram, a trinta metros dali, através de um grande abismo, a magnífica porta de rubi, radiante de luz, encravada nas paredes de jacinto da torre – a entrada para a Sala do Trono de Jeová. Ele contemplou o reluzente arco-íris que se erguia sobre o palácio de cristal. Por fim, falou:

– E foi aqui que tudo se completou.

Jether ajoelhou-se diante de Jesus com o Cálice de Cornalina na mão estendida.

– Cada gota de sangue derramada no Gólgota – murmurou Jether com reverência.
– O sacrifício de sangue pelas almas da raça dos homens. Não corrompido.

Jesus pegou o cálice de sua mão.

– Levante-se, fiel servidor de Jeová.

Jether ficou em pé, acompanhando o olhar de Jesus na direção da grande porta de rubi. Devagar, a porta colossal se abriu, e, com isso, raios e trovões aumentaram de intensidade, e um vento tempestuoso soprou.

– Você será convocado para o Grande Trono Branco no Éden, nas planícies dos

Grandes Álamos Brancos. – Jesus levantou o cálice em êxtase, o olhar brilhante em adoração. – Meu pai Me aguarda.

Dito isso, desapareceu em meio às névoas brancas e rodopiantes. Depois, reapareceu do outro lado do abismo e passou pela porta de rubi.

Luto

Aretas estava sentado diante da mesa, a cabeça entre as mãos.

– Então, os relatos são verídicos – murmurou. – Ele está morto.

Jotapa ajoelhou-se diante dele, o rosto pálido.

– Sim, papa – falou carinhosamente. – É certo que Ele morreu, mas...

Aretas passou os dedos pelos cabelos grisalhos, mas ainda fartos. Olhou debilmente para Jotapa. Embora ela estivesse com um véu negro de luto, os olhos tinham um brilho etéreo.

Aretas encontrava-se com o semblante abatido; devia estar sem dormir havia dias, pensou Jotapa, e os olhos estavam estranhamente inchados. Ela se perguntou se ele teria chorado.

– Eu tinha... – esforçou-se para falar, depois engoliu em seco. – Eu tinha esperança... – Sua mão caiu pesadamente na mesa diante dele. – Não importa... foi o sonho de um tolo. – Aretas levantou a cabeça. De repente, parecia mais velho, bem mais velho do que seus quase setenta anos.

Jotapa o observava em silêncio, os olhos pesarosos e arregalados.

– Você *acreditou*... – murmurou ela intrigada.

– Percebo que fui tolo – murmurou Aretas. – Foi algo sentimental... uma ilusão. – Ele encarou a filha em busca de alguma esperança. – Você O viu... morrer?

Jotapa assentiu.

– Sim, papai, Ele morreu. Mas está vivo. – Ela estendeu a mão para ele, mas Aretas se afastou, uma fúria terrível cobrindo-lhe as feições.

– Histórias motivadas pelo *desespero*!

Jotapa aproximou-se do rosto do pai.

– Eu O vi, pai.

O semblante de Aretas ficou sombrio como um trovão. Jotapa insistiu:

– Seu amigo Abgar, príncipe da Armênia, escreveu para o senhor Tibério dizendo que o Hebreu ressurgiu, que Ele apareceu para muita gente – disse, o rosto rubro de excitação. – Muitos túmulos e sepulturas se abriram, papa; mais de doze mil. Só se fala disso em Jerusalém. Simão, o sumo sacerdote, seus filhos, os irmãos de sangue Carino e Leucio... seus túmulos estavam abertos. Annas e Caifás se uniram a Gamaliel e a Nicodemo e os encontraram na cidade de Arimateia... vivos! Vivos, papa! Ressuscitados. Juraram pelo Deus de Israel que tinham se erguido dos mortos. E escreveram sobre o que viram: estavam envoltos em sombras profundas e, de repente, o Hades brilhou com uma luz púrpura e majestosa que os iluminou. João, o Batista, esteve lá, e também o profeta Isaías! O Hebreu os ressuscitou, papa!

Aretas se levantou, as costas encurvadas, sentindo-se muito, muito velho.

– Não posso mais. – Olhou furioso para ela. – Essas mentiras me revoltam. Deixe-me em paz!

Jotapa correu, agarrando suas roupas, mas ele se desvencilhou dela.

– Deixe-me, Jotapa! – gritou. – *Saia daqui!* – Afastou-se da filha. Ela tropeçou sobre a barra do vestido e caiu no chão. Aretas entrou em seu quarto, deixando Jotapa chorando no chão de mármore.

As portas se fecharam com estrondo atrás dele.

ECOS DA ETERNIDADE

As sete pálidas luas lilases ocidentais reluziram suavemente no horizonte do Primeiro Céu. Um relâmpago índigo acertou a Sétima Cúspide, bem acima da encosta rochosa da Montanha Sagrada. Sete câmaras ocultas na montanha levavam até o santuário interior dos labirintos.

A entrada secreta para a Sala do Trono, acessível apenas pelos Anciões desde a Sétima Cúspide, mal era visível, envolvida pelas névoas reluzentes que subiam e desciam junto com os zéfiros matinais.

Miguel encontrava-se a trezentos metros abaixo dela, nos jardins que ficavam atrás da entrada de rubi da Sala do Trono, ao lado dos labirintos ocidentais das sete cúspides. Sete colunas ardentes do eterno fogo branco queimavam intensa e incessantemente na sétima entrada do palácio de Jeová, sob o imenso arco-íris flamejante.

– Jether foi chamado à Sétima Câmara antes que as luas ocidentais se erguessem no céu – disse Miguel.

Gabriel conduziu sua montaria branca até um dos grandes salgueiros retorcidos que floresciam nos jardins dos labirintos ocidentais.

– Jeová vai se pronunciar sobre o destino de Lúcifer – disse ele.

Miguel juntou as luvas na mão.

– O julgamento se aproxima.
– O Primeiro Julgamento – respondeu Gabriel. – O julgamento dos condenados...
– E daquele que instigou sua condenação desde o início – disse Jether em voz baixa.

Os príncipes se viraram.

Jether encontrava-se na base dos labirintos, segurando uma tocha de chama eterna na mão, a cabeça e a coroa cobertas por um manto branco.

– Chegou a hora, Miguel, príncipe-chefe da Casa Real de Jeová. Ele ordenou que você vá imediatamente a Perdição. Você voltará com Lúcifer, que deve se apresentar diante dos Grandes Conselhos de Jeová para o Primeiro Julgamento. No Grande Trono Branco, no Éden, nas planícies dos Grandes Salgueiros Brancos. – Ele apoiou a mão no ombro de Miguel. – Leve Lúcifer aos seus antigos aposentos na ala oeste. Ephaniah estará esperando com seus trajes cerimoniais. – Jether afastou debilmente o manto da cabeça. – Ele condenou a raça dos homens no Éden da Terra. O Éden celeste é onde será julgado.



Lúcifer estava em pé, mãos e pés acorrentados, do lado de fora das grandes portas douradas da ala oeste do Palácio dos Arcanjos. Miguel abriu as portas e empurrou o irmão para o centro dos enormes aposentos. Miguel acenou para Sandaldor, membro de seu alto-comando, que no mesmo instante removeu as algemas das mãos e tornozelos de Lúcifer, curvou-se e assumiu seu lugar junto a outros doze membros do comando de Miguel do lado de fora da porta.

Lúcifer encontrava-se no centro do enorme aposento, usando apenas uma túnica cinzenta simples, estudando seu antigo quarto. Tudo estava intacto, exatamente como na noite anterior ao seu banimento. Os magníficos afrescos, sua coleção de instrumentos de sopro e de pandeiros... a viola e o arco ainda estavam sobre a escrivaninha. Sua Espada do Estado fora posta de novo na magnífica bainha incrustada com pedras. As enormes janelas de rubi estavam abertas, e os sons de orações angelicais do Monte da Assembleia ecoavam pela câmara.

Observou o teto alto, decorado com magníficas vistas que adornavam as câmaras, e depois foi até as grandes portas que se abriam para as exuberantes praias brancas na frente do Palácio dos Arcanjos. Uma tropa de cavalos de asas brancas passou como um trovão pela praia e subiu pelo firmamento, para além das doze pálidas luas azuis que se erguiam pelo horizonte oriental. Miguel observou em silêncio enquanto Lúcifer as contemplava, embevecido. Então, ele se virou e percebeu o olhar de Miguel. Caminhou até a escrivaninha, posicionou-se atrás das velas de olíbano que queimavam e inalou profundamente.

Percebeu com surpresa os trajes cerimoniais preparados para ele. As manoplas cerimoniais de prata cuidadosamente entalhadas com os emblemas de Perdição. A jaqueta cerimonial de seda branca bordada, as luvas de couro branco macio. As medalhas de ouro e de prata. A grande coroa de diamante.

– Tudo está como antes... – murmurou Lúcifer, um estranho sorriso esboçando-se nos lábios.

Pegou sua viola, dedilhando as cordas enquanto caminhava até o balcão. Passou o arco sobre as cordas com os dedos ágeis, os olhos fechados em enlevo.

Uma luz deslumbrante, pulsante, lançou-se sobre ele, cegando-o e cobrindo por completo o balcão perolado. Ele soltou um grito de agonia, e a viola se espatifou no chão de mármore. Entrou cambaleante na câmara e ficou de joelhos, tentando desesperada e inutilmente proteger os olhos da luz cegante.

Miguel fechou as portas e puxou as imensas cortinas de veludo sobre a janela, até a câmara ficar na penumbra. Olhou para Lúcifer, temeroso e prostrado no chão.

– *Nada* está como antes, Lúcifer.

Miguel tocou uma sineta dourada que pendia das cortinas de veludo. Um serviçal da corte, velho e enrugado, entrou pela porta e se curvou.

– Ephaniah – instruiu Miguel –, vista meu irmão tal como fazia no passado, com seu traje cerimonial da Casa de Jeová. Depois, entregue-o a Sandaldor. Ele será julgado. Ficaré diante do nosso Rei.

Miguel saiu pelas grandes portas douradas, que se fecharam com força atrás dele.

⊙ PRIMEIRO JULGAMENTO ⊙

As magníficas portas translúcidas do Primeiro Céu se abriram devagar, revelando as vastas e exuberantes planícies brancas, tomadas por milhares e milhares de grandes salgueiros-brancos. Cada um exsudava um brilho suave, leitoso. Os troncos e galhos eram brancos e transparentes, e em alguns havia diamantes incrustados. Suas folhas terapêuticas eram verde-claras e brancas por baixo, e os galhos estavam cobertos de reluzentes flores brancas com estames de diamante, repletos de nardo. A fragrância requintada se espalhava pelas planícies. Um memorial adequado para Aquele que fora ungido com devoção por um membro da raça dos homens.

As Grandes Planícies Brancas irradiavam a suave luz branca das névoas que se erguiam dos imensos e exuberantes gramados com lírios-brancos e dedaleiras, crescendo sob os salgueiros.

Bem no centro das planícies, havia mil colunas de marfim colossais, sustentando um grande toldo de gaze finíssima. Sob esse teto diáfano, milhões de integrantes das hostes angelicais estavam sentados em tronos de prata entalhada, divididos por uma grande nave de placas de safira reluzente, levando ao grande e sacrossanto altar branco. Sobre o altar, estava o Cálice de Cornalina.

No centro da nave, as águas da vida, brilhantes como cristal, caíam em cascata da Sala do Trono, banhando o Éden e as Grandes Planícies Brancas. Centenas de

majestosos cisnes brancos deslizavam pelo curso d'água na direção do mar de cristal.

Cem arautos angelicais sopraram seus chofares.

– Anunciamos o conselho sagrado dos Anciões, intendentos dos mistérios sagrados de Jeová – proclamaram.

As névoas brancas cegantes se esvaíram, revelando Jether e os Vinte e Três Reis Anciões do céu. Caminharam solene e majestosamente pelos grandiosos portões de pérolas, até os vinte e quatro tronos dourados que ficavam atrás do grande altar branco entalhado. Jether se sentou no trono central, e os outros Vinte e Três Reis Anciões o seguiram.

Mais uma vez, o arauto soprou o chofar.

– Gabriel, o Revelador, príncipe dos arcanjos – proclamou. – Que seu reino seja longo, com sabedoria e justiça.

O refrão da hoste angelical reverberou pela câmara quando Gabriel acompanhou os reis pelos portões, levando a Espada da Justiça.

– Miguel, o Valente, príncipe-chefe dos arcanjos, que seu reino seja longo, com justiça e valor – proclamou a hoste angelical. – Lúcifer, o portador da luz, príncipe decaído dos arcanjos, filho da destruição.

Toda a assembleia ficou em silêncio. Ao mesmo tempo, voltaram-se para os portões de pérolas.

Lúcifer estava ao lado de Miguel em seu completo traje cerimonial branco do Primeiro Céu. Os longos cabelos negros estavam trançados com pérolas brancas e diamantes. O manto cerimonial reluzia com adornos de seda branca, e as luvas brancas eram de couro macio. Suas medalhas de prata e ouro estavam sobre o peito. Ele portava o cetro real dourado de Perdição. Sobre a cabeça, apoiava-se uma grande coroa de diamantes. Os punhos estavam presos por pesados grilhões de prata, assim como os tornozelos. Miguel segurava seu braço em um aperto como se fosse um torno.

Lúcifer virou a cabeça para ele.

– Isto é escandaloso, meu irmão. – Olhou para Miguel com desprezo mal disfarçado. – Você me trata como um insurgente.

– O insurgente que sabemos que você é. – Miguel empurrou o irmão com vigor.

Lúcifer virou a cabeça, sarcástico, para a hoste angelical. Todas as cabeças encontravam-se abaixadas; todas as bocas estavam em silêncio. Não se ouvia um som na vasta planície. Renitente, passo a passo, Lúcifer caminhou pela grande nave de placas reluzentes de safira que levavam ao Grande Trono Branco. Os cavaleiros do regimento de Miguel puseram-se no mesmo passo que eles, portando com solenidade as bandeiras da Casa Real de Jeová. Miguel e Lúcifer pararam ao lado de Gabriel, a pouca distância dos Anciões e do lugar do trono. Miguel e Gabriel se

curvaram profundamente e se ajoelharam sob a névoa ardente que caía sobre as planícies brancas.

A atenção de Lúcifer foi atraída estranhamente para uma figura alta e nobre, que emitia uma luz gloriosa, em pé à sua direita. A figura virou lentamente a cabeça na direção de Lúcifer, mantendo firme o olhar por um longo momento.

– Zadkiel... – balbuciou Lúcifer. Virou-se para Miguel, alucinado, e depois abaixou a cabeça, as mãos tremendo de medo e raiva.

– Contempla, ó Deus nosso defensor, a face de Teus príncipes-chefes, pois um dia em Tuas cortes é melhor do que mil em qualquer outro lugar.

Jether observou Lúcifer com atenção. O príncipe decaído se manteve imperioso, recusando-se a se ajoelhar. Ficou em silêncio por um bom tempo, o rosto voltado para baixo, e depois fechou os olhos. Pálido.

– Vieram à tona suas lembranças dos dias anteriores à sua queda, os dias de glória – murmurou Jether para Lamaliel, intrigado.

– Quando ele era o portador da luz, o glorioso – murmurou Maheel.

Com um grande trovão e raios, a cegante luz branca das planícies se transformou num espetacular tom de safira e depois de ametista.

– Jeová está descendo – anunciou o arauto.

Lúcifer ficou olhando para a frente, inexpressivo, mas Jether percebeu que suas mãos tremiam visível e descontroladamente, enquanto o Grande Trono Branco descia.

Diante dos pés de Jeová, as sete tochas ardentes queimavam como sete colunas de uma incandescente chama branca. No meio de cada tocha, ficavam as brasas flamejantes do Espírito de Jeová. Desceu ainda um arco-íris, que se estendeu pelas planícies brancas, cercando Sua presença.

Estrondos ensurdecedores de trovões abalaram as planícies do Éden.

Depois, tudo ficou imóvel.

Lúcifer ficou olhando, pálido, para o Grande Trono Branco. Abaixou a cabeça diante do brilho.

Lá, sentado no Grande Trono Branco de luz incandescente, estava Aquele de cuja presença e de cuja visão da face, a terra e o céu se evadiam – o grande Rei do Universo, Jeová.

Mas agora, um segundo trono, à direita de Jeová, ficara vagamente visível em meio à névoa reluzente. E, através dos portões de pérolas, doze santos Vigilantes em trajes cerimoniais caminharam em procissão pela nave, carregando nos ombros a caixa dourada com querubins. A Arca da Raça dos Homens. Puseram-na diretamente no altar diante do trono.

Gabriel assentiu. Rafael levou até ele uma grande chave de ouro apoiada numa almofada de veludo. Gabriel a tomou e abriu reverentemente a caixa. Os doze

códices dourados ocupavam a arca, as capas adornadas com jacintos, diamantes, safiras, crisólitos e inúmeras outras pedras preciosas.

– A Terra e seu sistema solar, o Segundo Céu acima da Terra, são devolvidos hoje a Jeová, pela eternidade das eternidades – declarou.

Jether se levantou.

– Segundo a lei eterna, a Arca da Raça dos Homens não é mais propriedade de Lúcifer, filho da manhã. Ela volta agora aos cuidados de Jeová. O grande e terrível sacrifício no Gólgota livrou a raça dos homens do domínio do filho da destruição... – fez uma pausa – ... *desde que aceitem o grande sacrifício.*

Ele abaixou a cabeça em súplica, depois voltou-se para um homem de grande estatura e cujo brilho no corpo não era natural na raça dos homens.

– Jeová chama Adão, a primeira criação de Jeová – prosseguiu.

O homem alto, de simetria perfeita, saiu da hoste angelical e se prostrou diante dos tronos. Então, uma gloriosa figura imperial caminhou majestosamente pelos fogos brancos, vindo do trono à direita de Jeová. As névoas começaram a assentar quando a forma deslumbrante tornou-se visível. Era Jesus.

– Aceito o grande sacrifício do Gólgota – murmurou Adão em veneração.

– Levante-se, Adão, primogênito dos homens – declarou Jesus.

Adão levantou-se do chão. Gabriel retirou a tampa do Cálice de Cornalina, e Jesus mergulhou Seu indicador no sangue sagrado.

– A raça dos homens, perdida pela árvore da transgressão – disse Jesus com suavidade, ungindo Adão com o sinal da cruz em sangue –, volta pela árvore da cruz do sacrifício.

Jesus sorriu, abraçando ternamente Adão junto ao peito. Lágrimas escorreram pelo rosto de Adão.

– Ele foi redimido – murmurou Xacheriel – pelo sangue.

Jesus ergueu as mãos para Jeová.

– Começa o Primeiro Julgamento – proclamou.

Zadkiel se levantou, seguido por Vinte e Quatro Santos Vigilantes Brancos, que levaram seis monstruosas caixas de prata e granada adornadas com o selo de Perdição. Puseram-nas diante do altar e, depois, ergueram as tampas, revelando seiscentos e sessenta e seis imensos códices selados com o timbre da Casa de Perdição.

A expressão de Lúcifer se fechou.

– Os Livros das Iniquidades da Raça dos Homens, tirados dos arquivos de Perdição – declarou Zadkiel. Jesus assentiu e, no mesmo instante, cem escribas aprendizes tiraram os códices das caixas, até todos os seiscentos e sessenta e seis estarem dispostos sobre o altar branco colossal.

Jether caminhou até Jesus.

– Todas as gerações da raça dos homens estão registradas, Vossa Majestade. Lúcifer e seus arquivistas anotaram meticulosamente cada ato sinistro, cada ato de iniquidade da raça dos homens contra Jeová.

– Abram os Livros das Iniquidades – ordenou Jesus. Os escribas aprendizes abriram com rapidez os livros. – Eu, o cordeiro sacrificado, executo o Primeiro Julgamento.

Lúcifer ficou em silêncio enquanto Jesus pegou o Cálice de Cornalina e o segurou sobre os livros abertos, olhando para ele.

– Antigo príncipe do mundo dos homens, você já está condenado, e a sentença já lhe foi dada.

As mãos de Lúcifer tremiam visivelmente quando ele compreendeu, aterrorizado, a extensão das ações de Jesus.

– Cada uma das gotas do sangue derramado no Gólgota, que derramei pela raça dos homens para a reconciliação deles com Jeová, para livrá-los do inferno e do Lago de Fogo.

Jesus levantou bem alto o cálice.

– Nãããão! – gritou Lúcifer, os olhos arregalados de horror. – As almas de todos os homens são *minhas*, para queimarem comigo no Lago de Fogo!

Miguel apertou ferreamente os braços do arcanjo decaído, os dedos enterrados em sua pele. Lúcifer olhou atônito para o Cálice de Cornalina, sem desgrudar os olhos dele. Gotas de suor escorriam de suas têmporas para o rosto.

Jesus despejou o sangue do cálice sobre os Livros das Iniquidades. A cada gota que caía, as páginas queimavam ferozmente com chamas intensas e escuras, que se contorciam num inferno branco e ardente.

Jether ficou de joelhos.

– O Primeiro Julgamento.

– O Cordeiro que foi sacrificado – disse Gabriel, maravilhado.

Miguel agarrou os cabelos de Lúcifer e aproximou a boca de seu ouvido.

– Morto pelas suas mãos. – Seu sussurro reverberou na mente de Lúcifer, que, aterrorizado, olhou para a mancha vermelha se acentuando cada vez mais na palma da mão direita. Agarrou a mão, agoniado com a dor lancinante.

A hoste angelical espalhada pelas planícies caiu prostrada. Gabriel ficou de joelhos.

– Jesus de Nazaré morreu como o Cordeiro. Agora Ele se ergue como o grande conquistador! Todo poder, honra e domínio sobre a Terra e sob a Terra são Seus.

– Todos saúdem o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, Seu reino é para sempre! – disseram tonitruantes as multidões de hostes angelicais. – Jeová vai promulgar Seu decreto.

Um grande trovão saiu do trono e percorreu a névoa – o rumor de mil águas.

Então, as névoas subiram, e a graciosa e nobre voz ressoou pelas planícies:

– Recebemos o sacrifício de sangue do Gólgota pela raça dos homens. Todos os que rejeitarem Meu Filho ficarão sob o reino de Satã e seus condenados, e nunca passarão por estes portões. Todos os da raça dos homens que receberem o grande e terrível sacrifício de sangue do Meu Filho, derramado no Gólgota, Eu liberto da tirania de Satã. Declaro-Me como Pai e Deus de Vocês. Coloco Meu selo real sobre suas cabeças.

As névoas subiram mais e, pelos tons dourados, foi possível entrever o perfil tênue de uma forma com imensa estatura através das brumas douradas e ondulantes. Ondas torrenciais de compaixão incessantes jorraram de Seu ser como um vigoroso dilúvio vivo sobre as planícies. Depois, por um instante, um momento muito fugaz, a face de Jeová ficou visível. Todo o céu se prostrou, todos ficando como mortos diante da majestade e do respeito inspirados por Ele. Lúcifer continuou em pé por um momento, mas depois desabou no chão de safira como uma pedra.

Só Jesus se manteve em pé. Lágrimas escorriam por seu rosto, contemplando... contemplando aquele rosto belo e nobre. Pois Sua beleza era indescritível, e os poucos que já tinham visto Seu rosto não podiam escutar Seu nome sem chorar. Os cabelos e a cabeça Dele eram brancos como neve por conta do brilho de Sua glória, e os olhos eram orbes negras e luminosas, ardentes, refletindo Sua infinita e terna compaixão, Sua infundável misericórdia, a gentileza e a beleza da verdade. Da justiça. Da santidade. Do amor indissolúvel.

– Este é o Meu voto. – As palavras de Jeová saíram de Seu ser como ondas douradas radiantes. – Minha promessa solene para eras e eras... para a eternidade das eternidades. – Então, Ele sorriu. Um sorriso terno e brilhante. A compreensão das eras naquele gesto. – Pois a raça dos homens é imensamente amada por Mim.

Em seguida, Jeová desapareceu de novo em meio às brumas.

O céu ficou em silêncio.

Por fim, Jether fez um gesto para que a hoste angelical se levantasse.

– Que fique registrado pelos escribas do Primeiro Céu: os decretos de Jeová como lei eterna. O Primeiro Julgamento decidiu que: todos os membros da raça dos homens, de gerações passadas, presentes e futuras, que recebem o selo do sacrifício de sangue do Gólgota estão livres do domínio de Satã, filho da destruição. Todos estão livres da contaminação pela queda do homem. Todos os que estão selados têm acesso ao tribunal de Jeová além da porta de rubi e encontram-se salvos das chamas do Lago de Fogo.

A hoste angelical irrompeu num alarido jubiloso. Jether olhou para o ponto onde estava Lúcifer, a cabeça baixa, protegendo os olhos do brilho de Jeová.

– Jeová responsabiliza Lúcifer, filho da destruição, Satã, o tentador, adversário da raça dos homens.

Lúcifer ergueu os olhos tomados pelo ódio na direção de Jether. Miguel agarrou seus ombros com os dois braços. Lúcifer se desvencilhou dele.

– Posso andar – vociferou.

Lenta e determinadamente, ele caminhou. Os olhos se concentraram no chão, e ele foi pé ante pé sobre o corredor de safira polida. Miguel o seguiu. Lúcifer caminhou, trêmulo de terror e raiva, até postar-se diante do trono. Rafael tirou os grilhões de suas mãos.

– Christos... – sussurrou Lúcifer, apavorado.

O Rei falou com uma voz que era a um só tempo suave e repleta da autoridade do universo:

– Filho da destruição. – A cabeça de Lúcifer estava abaixada, o braço protegendo seu rosto da luz que irradiava de Jesus, Grande Rei do Céu. Lúcifer ergueu a cabeça centímetro a centímetro, até seu olhar pousar em Jesus. – Cessa Lúcifer, o dourado. Jeová quebrou o cajado do perverso, o cetro do governante. – Jesus estendeu a mão e tirou o cetro de Lúcifer. – Está derrubada sua pompa até o Seol. – Seu olhar mergulhou no olhar de Lúcifer. Severo. Grave. Assentiu para Gabriel. – Conclua o julgamento, depois leve-o de volta aos decaídos. – Após essas palavras, voltou ao Seu trono e desapareceu nas espessas névoas rodopiantes com Jeová.

Rafael e Ariel despiram Lúcifer dos trajes brancos cerimoniais até que ele ficasse diante do altar apenas com um pano sobre os quadris.

– Você perdeu, meu irmão – falou Gabriel. – Não tem mais autoridade sobre a raça dos homens.

Lúcifer agarrou a túnica de Gabriel e o atraiu para si.

– A menos que os homens *me deem* essa autoridade... – silvou Lúcifer. Aproximou-se de Gabriel a ponto de os rostos se tocarem. – Meu irmão Gabriel – sussurrou –, seu irmão decaído, Lúcifer, ainda é um profeta. – Lúcifer levantou a mão, apontando o lugar onde estavam os mortos justos.

Toda a assembleia ficou em silêncio. Miguel virou-se de sua posição no portão para trocar um olhar com Jether. O Ancião assentiu.

– Eu previ, compatriotas, antes do meu imerecido banimento, que veríamos nosso santuário angelical *profanado* por esses animais inferiores, replicados e chorões. – Gabriel sentiu o hálito quente e pútrido de Lúcifer no rosto. – Aqui, eles estão no meio de vocês! São imitações ridículas! – Lúcifer empurrou Gabriel e levantou os braços para a hoste angelical. – Guardem bem minhas palavras, meus reverenciados compatriotas angelicais... – Seus olhos se inflamaram com um fogo ímpio, e a voz aumentou em decibéis. – Se *realmente* quisermos servir a Jeová, vamos protegê-Lo do Seu esplêndido e avassalador amor por eles.

– Amordacem-no – ordenou Miguel, aproximando-se de Lúcifer –, para que suas odiosas palavras caiam no chão e não em nossos ouvidos. – Miguel agarrou-o pelo

pescoço e o amordaçou.

Uriel marchou em sua direção com a adaga afiada e pronta. Lúcifer se debateu com violência, mas Miguel prendeu a cabeça do decaído em uma chave de braço. Com seis movimentos ágeis da lâmina de Uriel, os longos cachos negros de Lúcifer caíram no chão. Ele foi tosquiado.

– Como caíste do céu... – sussurrou Jether.

Lúcifer encarou Miguel com um ódio chocante, violento.

– ... e o som de tuas violas; os vermes se espalham sob ti – falou Miguel entredentes. – E as larvas te cobrem. Mandem-no de volta ao reino dos decaídos!

Rafael e seus generais arrastaram Lúcifer pela nave em direção aos portões, este debatendo-se violentamente. Com a mão livre, ele arrancou a mordaça.

– Você vai pagar por isto, Miguel! – gritou. – Nazareno! – berrou –, Você vai pagar por isto pela eternidadeeeee...

Os grandes portões de pérolas das planícies brancas se fecharam para sempre às costas de Lúcifer.

– Acabou – murmurou Miguel debilmente. Abalado. Sentiu-se subitamente emotivo com o grito de Lúcifer ressoando em seus ouvidos.

– Acabou – ecoou Gabriel, aliviado.

– Ele é o mestre das ressurreições. – Jether virou-se do portão para os irmãos, a expressão contida. – Quando Lúcifer estiver queimando no Lago de Fogo das margens orientais, *só então* tudo terá realmente *acabado*.

★ ★ ★

2021

MANHATTAN · NOVA YORK

Lilian estudou o amplo dormitório da cobertura de Jason em Manhattan. Era despojado, quase um quarto de hotel – a única característica que o salvava era o exuberante sofá branco Nina Campbell pelo qual Julia tinha se apaixonado quando se mudaram para a cidade de Nova York. Era estranho, refletiu Lilian, mas Jason eliminara rigorosamente todas as lembranças de Julia... exceto por essa omissão óbvia.

Lilian sorriu. Fora ela quem convencera Lawrence a apresentar a jovem sobrinha, a bela e inexperiente jornalista londrina Julia Cartier, ao seu filho jovem e teimoso, recém-saído de Harvard e cursando faculdade de cinema em Nova York. E como ele gostara no mesmo instante de Julia, uma jovem escritora, impetuosa e talentosa. Julia fora muito boa para Jason, disso ela tinha certeza.

Ambos haviam se casado cedo. No décimo nono aniversário de Julia. Jason tinha apenas vinte e dois anos. E, no seu aniversário de vinte e três, sua parte no fundo

fiduciário De Vere passara às suas mãos para que ele fizesse o que bem entendesse – duzentos milhões de libras a seu dispor, liberados em parcelas de dez milhões pela diretoria da Fundação De Vere a cada cinco anos, até ele completar quarenta, quando o restante passaria às suas mãos.

E o mundo se tornou a proverbial casquinha de noz de Jason e Julia.

O divórcio dos dois abalara seriamente Lilian. Jason nunca se recuperara por completo do acidente de Lily. Lilian sabia que ele bebia demais. Nunca – *nunca* o suficiente para prejudicar seu trabalho, mas o suficiente para afetar o casamento.

Ele tinha usado sua grande fortuna pessoal como garantia para que os bancos de Nova York o auxiliassem na busca por novas empresas de comunicações. Seu império pessoal nessa área, a Vox Media, fora fundado por um entre os mais de nove mil fundos ativos de *hedge* da indústria de um trilhão de dólares (que ainda crescia). A maioria dos fundos tinha sede em Nova York, e a diretoria do fundo de *hedge* era formada quase exclusivamente pelos amigos mais íntimos do seu pai, James De Vere. Charles Cussler, padrinho de Jason, fora um valiosíssimo aliado.

A aquisição de empresas de mídia tornara-se a única obsessão de Jason. Ele era teimoso... tão teimoso quanto o pai. Ah, sim... os dois eram muito parecidos. Ambos irritadiços, egoístas, motivados, difíceis e, sobretudo, teimosos, mas tanto Jason quanto James eram autênticos, concluía Lilian. Não havia nada artificial em Jason.

Lilian foi até o bar e pegou uma das duas fotos solitárias no apartamento. Jason e Adrian na recente posse presidencial.

Sorriu. Jason começava a se parecer com aquele ator da década anterior... como ele se chamava mesmo? Harrison Ford! Jason teria detestado a comparação.

E Adrian, o belo, talentoso, generoso Adrian. Lilian colocou a foto de volta no lugar.

Ele fora um bebê iluminado. Sempre sorridente. Um ímã para as pessoas desde que tinha dois anos. Nunca fazia birra. Nunca procurava levar vantagens indevidas, nunca ficava amuado ou se impunha sobre os outros. Que criança fácil de se lidar! E, além de tudo, era engraçado. Lilian sorriu para si mesma. Engraçado a ponto de provocar gargalhadas. Uma alegria.

Na adolescência, Adrian passara por algumas fases difíceis, mas, tirando isso, fora um ótimo aluno em Gordonstoun, obtendo excelentes notas na Universidade de Oxford, e fizera um ano de intercâmbio na Universidade de Georgetown em Washington, DC, especializando-se em estudos árabes, antes de entrar para o mundo da política britânica. Com vinte e nove anos, Adrian De Vere fora um dos mais jovens primeiros-ministros ingleses na história das Ilhas Britânicas. Cumprira dois mandatos na íntegra e renunciara na primavera passada para se concentrar na candidatura à presidência da Europa. James teria ficado muito orgulhoso. Lilian suspirou.

Mas James De Vere não vivera para ver Adrian no cargo. Morreria no escritório da sua casa de campo em Oxfordshire em decorrência de um ataque cardíaco. Estava morto antes mesmo que a ambulância chegasse. E, menos de dezoito meses depois, Melissa... e o bebê. Lilian estremeceu.

Adrian e Jason sempre haviam sido próximos. Muito próximos e, depois da morte de James De Vere, ainda mais. Mas nem mesmo Adrian conseguira convencer Jason a perdoar Nick.

Nick. A expressão de Lilian se suavizou. Um garoto bonito e calado, com espírito gentil, primeiro da classe, estudante destacado de arqueologia – e, então, o acidente. Ela vira o garoto de olhos azuis beber noite após noite para esquecer, dissipando seu substancial fundo em cocaína, heroína e sabe-se lá Deus o que mais. Ele era bonito o suficiente para se tornar assunto dos implacáveis *paparazzi* ingleses, e havia lhes fornecido bastante material. Depois, contraíra aids.

Lilian passou para o balcão da cobertura e contemplou a vista do outro lado do rio, mergulhada em pensamentos.

Dezoito meses antes da morte de James De Vere, ele bloqueara o fundo fiduciário de Nick ao descobrir que ele tinha rompido o noivado com aquela glamorosa modelo inglesa, Devon, para ter um caso com um arqueólogo alemão, Klaus von Hausen. James era da velha escola. E o fundo continuaria bloqueado, pois, quando James morreu, Jason, como filho mais velho, passou a fazer parte da diretoria da fundação. E se recusou a reverter a situação.

– Mamãe.

Lilian se virou. Jason estava ao lado do bar, recém-saído do banho. Ele preparou o suco de tomate temperado que ela adorava e encheu um copo de uísque para si. Aproximou-se dela e lhe deu o copo. Ficaram em silêncio durante vários minutos. À vontade. Enfim, Jason falou:

– Eu vi a Julia. – Lilian assentiu. – No evento do Adrian, em Aqaba. – Jason sorveu um grande gole de uísque.

Com gentileza, Lilian tirou o copo do alcance do seu filho mais velho e pegou sua mão.

– Sinto falta da Lily – ele disse, e deu de ombros.

Ela mergulhou seus olhos nos dele, depois o olhar se desviou para a outra única foto do apartamento. Uma foto de férias. Jason, Julia e Lily juntos na praia, na França, rindo, à vontade – uma família. Jason acompanhou seu olhar.

Não trocaram palavras, mas Lilian compreendeu inteiramente seu filho.

OS CONSELHOS DE TERROR
DO INFERNO

Lúcifer coxeou pelo grande pórtico de bronze da ala oriental dos seus aposentos, que dava para os belos jardins tropicais. Os cabelos tinham crescido novamente, mas ainda estavam curtos, escuros. Os olhos cor de safira encontravam-se baços, com uma película fina e opaca. Pulsos e tornozelos ainda estavam arranhados, com marcas dos grilhões dos eventos anteriores.

– Cérbero – cantarolou, alimentando seu cão infernal com guloseimas na palma da mão.

Ele passou a palma pelo horizonte, apoiando o peso sobre a bengala de prata, e depois massageou devagar os punhos feridos, inspecionando a fortaleza recém-construída, que ficava anos-luz além do inferno e das regiões das sombras, além das calotas polares ao sul de Marte, no Segundo Céu, sob as escarpas das altas rochas gélidas de Vésper.

Era uma estrutura monstruosa, feita inteiramente de prata e alabastro fundidos. Observou os grandes portões e ameias, e sorriu. A cidadela de gelo de Geena estava quase completa – seu palácio de inverno. Nenhum sinal do fogo do inferno apareceria novamente em seu caminho para humilhá-lo. Adotaria o inverno eterno até chegar sua hora segundo a lei eterna, até o julgamento final. *O Lago de Fogo*. Estremeceu.

Marduk passou pela soleira, curvando-se profundamente.

– Sandor, Diablon – disse Lúcifer sem se virar. – Todos os meus guerreiros que se entregaram ao Nazareno e aos exércitos de Miguel foram mandados para o abismo?

Marduk sorriu com afetação.

– Todos os decaídos que foram conquistados foram mandados ao abismo, senhor. Ao núcleo fundido. Assim como os insurgentes entre os escalões dos mortos perversos.

– Meu édito foi divulgado? – virou-se.

– Seu édito foi divulgado nas prisões do inferno, grande Majestade. Não haverá quem sussurre sobre a visita do Nazareno aos tribunais dos condenados. É um ato punível com o abismo.

– Muito bem, Marduk. As missivas foram enviadas?

– As missivas estíguas foram enviadas aos decaídos terríveis, senhor. Aos príncipes satânicos da Babilônia e da Grécia, aos principados de Belphegor. Aos arcanjos decaídos de Astaroth, aos tronos de Folcador, aos Reis Feiticeiros de Ishtar. Todos os grandes principados do mal e do terror sobre a terra e sob a terra vão se reunir para a assembleia do terror da vingança, meu senhor.

– Diga a Charsoc que meu palácio de inverno deve estar preparado para a chegada deles. – Lúcifer olhou para o piso de lápis-lazúli sob os pés. – Assim que estiver preparado, mande demolir este palácio para que não reste pedra sobre pedra; para que não reste um só sinal da presença do Nazareno no meu reino.

– Será feito, meu senhor.

Lúcifer levou a mão à cabeça, passando os dedos pelos cabelos curtos que cresciam. Os fios passaram a brilhar de malevolência. De vingança.

– Não quero nenhum vestígio Dele, Marduk. Quando a reunião do conselho tiver terminado, o Nazareno terá deixado de existir!



Jether e Miguel desviaram o olhar das cascatas de néctar, no horizonte distante, para uma figura solitária que estava em pé nos jardins dos labirintos próximos à Sétima Cúspide, olhando para a Terra.

– Ele voltou novamente da Terra – falou Miguel.

Jether assentiu.

– Ela O atrai continuamente.

Jesus estava em silêncio, observando a terra girando lentamente em torno de seu eixo. Os raios e trovões das cúspides no alto da montanha relampejavam e soavam sem cessar ao Seu redor. O rosto Dele revelava um anseio profundo.

– Ele está dividido – murmurou Jether – entre dois mundos: o nosso, no Primeiro

Céu, e o mundo da raça dos homens.

– Não podemos sentir o que Ele sente – sussurrou Miguel. – Nunca fomos um deles.

Gabriel ajoelhou-se em súplicas sob os grandes salgueiros. Depois, levantou a cabeça.

– Tenho observado que Ele sai a cada entardecer – murmurou – e volta ao nascer do sol.

– Ele visita aqueles que aceitam Seu sacrifício, que anseiam por Sua aparição. Sente saudade dos Seus súditos; Ele é o rei Deles – falou Jether com voz suave.

Observaram em silêncio enquanto Jesus caminhou na direção dos relâmpagos cor de rubi, vindos do portal secreto que levava diretamente da Sétima Cúspide à grande Sala do Trono.

– Ele vai fazer um pedido a Jeová. Está comovido com as enfermidades.

Jesus caminhou até a fonte gloriosa dos raios e trovões, a cabeça erguida, cercado por um brilho sobrenatural, o rosto exultante, em êxtase. Em seguida, desapareceu.



As grandes ameias de prata da cidadela de Geena reluziam sob os nove sóis magenta gelados que nasciam no céu frio e turvo sobre as rochas cobertas de gelo de Vésper, no Segundo Céu.

As terras desoladoras, gélidas e estéreis se estendiam por quilômetros, cercando a fortaleza grande e imponente. Tempestades e ventanias árticas geladas de Marte rodeavam continuamente a cidadela, lançando sua fúria contra as ameias de alabastro do palácio de inverno de Lúcifer.

Imensos abutres brancos sobrevoavam as planícies desoladas, as asas abertas cobrindo mais de trinta metros, as penas sarnentas sujas de sangue coagulado.

Os ameaçadores príncipes satânicos chegaram, um a um, com seus carros de condenados, cada um puxado por vinte grifos de asas escuras. Vieram da Babilônia e da Etiópia, da Grécia e da China. Da Sibéria e da Pérsia. De Gog e Magog. Seus grandes e terríveis exércitos reunidos nas planícies geladas de Geena para seguir instruções.

Milhares de sinistros Magos Sombrios cavalgavam pelas planícies em seus camelos sem cabeça e de três corcovas. Logo atrás, voavam as Bruxas da Babilônia e os terríveis Reis Feiticeiros de Ishtar no dorso de lobisomens e dragões, o rosto levantado em êxtase sob as tempestades geladas.

Vieram de lugares acima do céu – milhares de golfinhos escribas com caudas fendidas, voando na direção de Geena e de lugares abaixo da terra; Hera e os *banshees* das Valquírias, montados em um Leviatã e em serpentes gigantes. Os

Videntes de Plantas de Diabolos e os Reis Necromantes. Por toda a planície, até onde a vista alcançava, os decaídos se reuniam.

Respondiam a um chamado. Para a realização de uma sessão da corte suprema nos Conselhos de Terror do Inferno.

Lúcifer se afastou da janela que dava para o grande salão e sorriu.

– Os discípulos do inferno estão reunidos – anunciou. – Que comece a reunião.



Lúcifer encontrava-se sob o grande domo aberto no centro da grande câmara de guerra de Geena, os olhos fechados, o manto soprando violentamente sob os ventos lúgubres que sopravam dos Picos Anões Brancos. Os nove sóis magenta gelados punham-se, e em seu lugar surgiram os sete cometas de Thuban, as caudas flamejantes com névoa condensada ardendo sobre as áridas planícies de gelo de Geena. Centenas de ferozes cães infernais das neves, cada um com seis cabeças e olhos vermelhos brilhantes, patrulhavam as planícies em bandos.

Ele abaixou a cabeça, os braços estendidos, e seis enormes asas negras de serafim saíram da sua espinha. Um segundo depois, estava no alto de um local intrincadamente decorado da câmara de guerra, a trezentos metros de altura. Manteve-se em pé, esplendoroso em seus trajes cerimoniais, coroados por translúcidos raios de luz, no púlpito de osso de chifre entalhado que pendia do centro do domo. Estava de costas para centenas de milhares de decaídos reunidos na câmara de guerra. Uma grande oração saiu de seus lábios. O som foi como o de flautas, clarinetas e todos os instrumentos celestiais de sopro já ouvidos no universo. Uma melodia discordante dos condenados emanou da hoste de decaídos como resposta.

Os monstruosos sinos do limbo repicaram, acionados pelos *banshees* das Valquírias nos postos do campanário da basílica.

Lúcifer ergueu seu cetro, os trajes de veludo magenta flutuando sob as violentas tempestades de gelo.

Virou-se, ficando de frente para os condenados reunidos na imensa sala de guerra – a grande assembleia de poderes do mal e do terror, os governantes do mundo sombrio. Os olhos de safira ardiam intensamente.

O grande príncipe da Babilônia se levantou.

– Ouvimos dizer, ó grande Satã, que seu reino foi pilhado – disse numa voz macia como seda. – Os portões do inferno foram destruídos, as chaves do inferno e da morte, furtadas. – Ele ficou sentado, acariciando o fio aguçado da cimitarra adornada por joias, um sorriso insondável no rosto.

O ameaçador comandante-dragão dos exércitos sombrios da China se levantou

com seu manto de seda carmim-dragão.

– Chegou até nós, decaídos, a história de que seu império foi pilhado. – Seus olhos rasgados e amarelos tinham o brilho do motim. – De que as criptas do inferno foram saqueadas. – Sentou-se, apoiando as manoplas no peito, os dedos em sua grande maça de ferro.

– Chegou até nós sob a terra... – a velha líder das harpias voou diante do trono com sua repulsiva cabeça de megera – ... a informação de que seus poderes se dissiparam – gorjeou, as asas batendo.

Os Reis Feiticeiros de Terror de Ishtar se levantaram como se fossem um único corpo.

– Convença-nos, iníquo portador da luz, serafim sombrio, de que seu reino ainda está íntegro – silvaram com suas vozes lúgubres, melífluas e revoltosas. – Ou será que devemos escolher outra pessoa para nos governar?

Os sussurros sombrios e subversivos irromperam por toda a assembleia dos condenados. Os caquéticos membros dos Conselhos Sombrios e os magos ficaram sentados sob o púlpito, os capuzes ocultando-lhes o rosto. Marduk se levantou de seu banco nos Conselhos Sombrios e abaixou a cabeça em reverência.

– Vocês foram convocados a participar dos Conselhos de Terror do Inferno, príncipes das trevas e grandes poderes dos condenados, pelo único e verdadeiro rei deste mundo, Lúcifer, coroado Satã.

Lúcifer inspecionou a assembleia. O recinto ficou em silêncio.

– Um dia terrível amanheceu nas regiões dos condenados. – Sua voz tremia de fúria. – Um dia tão medonho que ninguém poderia concebê-lo. O dia do Nazareno. – Ninguém se mexeu.

– Gólgota – sussurrou uma voz.

Um grande tremor de medo percorreu toda a assembleia.

– Gólgota! – gritaram os *banshees*, tapando os ouvidos.

– Perdemos nossa força! – gritaram as Bruxas de Endor.

– Gólgota. – Os Reis Feiticeiros de Ishtar agarraram a garganta. Com náusea.

– Gólgota! – disseram em voz rouca os Videntes de Plantas de Diabolos.

Lúcifer se levantou com o cetro erguido.

– Devemos ajustar as contas; queremos vingança! – gritou.

Todos os membros da assembleia se levantaram como se fossem um só.

– Queremos vingança, ó Satã! – gritaram em uníssono.

– Amarrem e esquartejem o Nazareno – sibilou Hécate, a velha megera, os dedos verdes e retorcidos agarrando a garganta. – Fervam-no em acônito.

– Queimem-no em piche borbulhante! – gritou outro.

– Cortem suas mãos e pés e deem-No ao Leviatã – silvou o Senhor dos Reis Feiticeiros.

Lúcifer levantou as mãos para acalmar a assembleia.

– Não! – gritou. – Vocês terão o derramamento de sangue depois, eu prometo. Existe um modo mais eficiente, mas antes...

Ele olhou para além da câmara. Vinte e quatro príncipes satânicos decaídos, seus generais, trajando armaduras negras e portando coroas de ouro, caminharam até ele, curvando-se profundamente.

– Procuro seguidores *leais*...

Mil membros da Horda Sombria de Lúcifer foram até os grandes portões e os fecharam.

– Discípulos *dedicados*.

Ele acenou para Balam. No mesmo instante, cinquenta membros ameaçadores de sua Guarda Sombria cercaram o grande príncipe da Babilônia. Os Reis Xamãs seguraram selvagememente o comandante-dragão.

– Lancem os traidores covardes ao abismo! – gritou Lúcifer. Huldah e seus Reis Xamãs arrastaram o príncipe e o comandante pelo salão dos fundos, até a planície gelada.

– Espere... eu lhe dou quinhentos dragões de barriga vermelha! – gritou o comandante.

Lúcifer permaneceu olhando à frente, ignorando-o.

Seus gritos de terror, de enregelar o sangue, ecoaram pelas terras desoladoras e tomaram a câmara. Depois, fez-se um silêncio sombrio.

Triunfante, Lúcifer avaliou a assembleia.

– Será que preferem escolher outra pessoa para liderar vocês? – sussurrou. Caminhou descontraidamente pelo salão, estudando com firmeza os rostos diante dele, e parou na frente da velha harpia megera. Acenou de novo para Balam.

– Nãããão! – ela berrou quando dois membros da Horda Sombria agarraram suas asas e a arrastaram. Os gritos alucinados invadiram a câmara e depois desapareceram.

– Quem mais duvida de mim?

Um a um, os condenados se puseram em pé por toda a câmara.

– Ó decaído, Satã, tentador, inimigo da raça dos homens – cantaram em coro –, declaramos nossa lealdade. Não há ninguém tão grande quanto você. Declaramos nossa lealdade. Nós o veneramos – ecoaram os condenados.

Lúcifer sorriu.

– Chamo Charsoc, apóstolo sinistro, feiticeiro.

Charsoc levantou-se de seu trono à cabeceira dos Magos Cinzentos Sombrios e se curvou.

– Poderoso Imperador – disse, curvando-se novamente para Lúcifer. Virou-se para se dirigir aos condenados. – Meus reverenciados compatriotas dos condenados,

recito os artigos da lei eterna: “Se algum membro não corrompido da raça dos homens estiver disposto a derramar seu sangue vital em nome da raça dos homens, tornando-se seu substituto em um julgamento, a dita raça de homens, inclusive em gerações passadas, presentes e futuras, ficará livre do julgamento eterno pela morte desse membro. Esta é a lei eterna e obrigatória”.

Lúcifer levantou a cabeça com um sorriso sinistro no rosto.

– Para aqueles da raça dos homens... que *recebam* o grande sacrifício.

Charsoc assentiu, o rosto tomado pela maldade.

– Toda vez que um membro da raça dos homens aceita o sacrifício do Nazareno, recebe o selo de Jeová, o selo do Primeiro Céu na testa: o selo do Nazareno. É um selo que denota sua transferência do reino de Satã para o reino de Jeová. – Charsoc fez um gesto para seu senhor. – O selo não é visível para os membros da raça dos homens – silvou. – *Só* é visível para aqueles do Primeiro Céu e para os reinos dos condenados. Ele representa o sangue derramado no Gólgota. – Charsoc analisou os decaídos. – Confere ao seu portador os mesmos poderes que tem o Nazareno. – Uma onda de horror se espalhou pela câmara como fogo numa floresta.

Dagda, irmão de Nakan, agora o assustador Rei dos Necromantes, levantou-se e se arrastou até a frente do salão.

– Vi esse selo apenas uma vez – rosnou. Sua voz estava repleta de iniquidade. Ele estremeceu, envolvendo a capa preta contra o corpo pesado com suas mãos carnudas e pigmentadas. – Ele queima na testa como uma odiosa fornalha luminosa em nosso mundo espiritual e torna-nos, os condenados, sem poderes contra essa pessoa.

Lúcifer ia de um lado para o outro, as mãos às costas.

– Isso compromete muito nosso poder nos reinos dos homens. Se mil, cem mil, um milhão da raça dos homens tiverem esse selo, os reinos dos condenados poderiam ser dizimados.

Sethunelah, antigo líder dos macabros Magos Cinzentos, levantou-se.

– O espírito não é forte na raça dos homens. – Suas palavras eram lançadas com suavidade, como num pesadelo. – Eles são feitos de barro, e o pó da terra gruda neles. Vivem segundo a própria mente, sendo as almas consumidas pelos assuntos dos homens. Eles não compreendem os assuntos do espírito. – Alisou o manto negro com os dedos pálidos e finos. – Nós, os decaídos, precisamos nos alimentar das suas fraquezas.

Faileen, Rainha das Bruxas Demoníacas, levantou-se do fundo da assembleia.

Todos os olhares se fixaram nela. Usava um vestido longo, fluido e diáfano de gaze branca, com sua pele de porcelana visível sob ele. Os cabelos castanho-avermelhados, reluzentes, entremeados com lírios, iam até o chão, cobrindo suas costas. Ela caminhou até Lúcifer, a voz cativante, melíflua, mas venenosa como cicuta.

– Atraia-os com nossos engodos, meu senhor. Convença-os com nosso intelecto. – Virou-se, transformada instantaneamente numa horrenda megera corcunda, a pele verde e enrugada como a de um sapo, o queixo longo e retorcido, mãos enrugadas e com garras. – Iluda-os com nossos encantamentos! – foi seu grito assustador.

Lúcifer esfregou os dedos, satisfeito.

Os Reis Feiticeiros de Terror de Ishtar puseram-se em pé, os dez mil falando como uma só voz:

– Venerável Excelência – o timbre sinistro e depravado ecoou pela câmara –, precisamos destronar o Nazareno na mente e na alma da raça dos homens até eles O considerarem apenas outro deles, nem maior, nem menor. Vamos humanizá-los. Secularizá-los. Vão chamá-Lo de virtuoso. Vão dizer que ele é bom... mas não vão chamá-Lo de *Deus*.

– Vão chamá-Lo de nobre – gritaram os *banshees*.

– Vão dizer que Ele é bom – cacarejaram as Bruxas da Babilônia.

– Mas não vão chamá-Lo de *Deus*! – gritaram os Reis Necromantes.

– Vão chamá-Lo de nobre – uivaram as Bruxas Demoníacas.

– Vão dizer que Ele é bom – berraram com voz rouca os Reis Feiticeiros de Ishtar.

A assembleia toda se levantou.

– MAS NÃO VÃO CHAMÁ-LO DE DEUS! – rugiram.

Lúcifer e Charsoc trocaram olhares.

– E, se ele *não* for Deus – murmurou Lúcifer –, será destronado... nos corações e almas da raça dos homens.

Um grande grito irrompeu na câmara de guerra:

– Destroem o Nazareno!

– Destroem o Nazareno!

Lúcifer se levantou com um sorriso maligno nos lábios.

– Precisamos erradicar para sempre seu nome e seu rosto dos registros da raça dos homens. O sacrifício terrível será um mero mito para os fracos e trôpegos, e para bebês de colo. O sacrifício no Gólgota será em vão, pois eles não lhe darão atenção.

Lúcifer levantou a voz aos céus.

– Mobilize todos os exércitos dos condenados para iludirmos a raça dos homens. Acima da Terra e sob a Terra, governantes dos lugares sombrios. Poderes. Principados. Tronos. Príncipes satânicos, Reis Xamãs, Reis Feiticeiros, Bruxas, magos, harpias. Todos os que estiverem submissos a vocês são meus súditos leais. Nossa próxima reunião será no início da segunda década do segundo milênio da raça dos homens. – Ele passou lentamente os dedos pálidos pelos cabelos escuros e curtos que cresciam. – O Nazareno vai desejar nunca ter provocado a ira do filho da destruição.

33 D.C.
CINCO ANOS DEPOIS

Jotapa estava do lado de fora dos aposentos de Aretas, dobrando e redobrando a missiva amassada e manchada por lágrimas que tinha chegado de Jerusalém havia apenas uma hora. Cinco anos tinham se passado desde a morte do Nazareno na cruz sobre o Gólgota.

Ghaliya estava agora com outros fiéis em Jerusalém e se comunicava fielmente com Jotapa. A morte do Hebreu não fora em vão. Zahi e outras centenas como ele haviam insistido em ficar com os discípulos em Jerusalém. Os seguidores do Hebreu tinham se multiplicado em número na Palestina e na Ásia Menor.

Dois anos antes, Zahi e Duza haviam saído de Jerusalém e viajado à Fenícia e à ilha de Chipre, passando por Tessalônica e chegando enfim a Antioquia, na Síria. Jotapa sorriu em meio às lágrimas. Zahi conhecia seu gosto exótico e lhe mandava badulaques diferentes dos mercados das cidades por onde passavam, pregando sobre o Pai do Hebreu e sobre o Primeiro Céu. Mas, quatro meses antes, os badulaques e as missivas tinham cessado.

E hoje ela havia recebido a terrível confirmação de Ghaliya.

Primeiro, o jovem brilhante e talentoso, Estevão, com cachos finos e escuros, de quem Zahi tanto gostava e a quem ensinava à noite todas as grandes línguas da Arábia, fora apedrejado até a morte perto da cidade de Jerusalém. Mas a pior notícia estava por vir. Escrita com a mão rude de pescador de Pedro, a missiva mal podia ser lida – mas era legível o suficiente para que ela saísse correndo do quarto, gritando.

O fiel Ayeshe a reconfortara com as antigas canções de ninar árabes, mas nenhum dos dois sabia como transmitir a aterradora notícia ao rei Aretas.

– Tenho de fazê-lo, Ayeshe – sussurrou. – É tarefa de filha.

Por fim, Ayeshe concordara.

Desde a noite da conversa sobre a ressurreição do Hebreu, Aretas tinha se afastado de Jotapa, da Arábia e de seu Deus. Seu corpo se enfraquecera de forma alarmante, e, embora tivessem vindo médicos de toda a Arábia, Pérsia e Índia com suas poções, Aretas ficara cada vez mais frágil. Jotapa sabia que tanto Zahi quanto Duza rezavam fielmente por sua alma, para que ele se mantivesse firme em sua fé no Hebreu. E, agora, esse último e hediondo golpe.

Ela ficou andando sem parar de lá para cá na frente do quarto dele até fazer um aceno para o guarda real de Aretas, que, no mesmo instante, abriu as grandes portas

douradas.

Aretas se levantou, envelhecido e frágil, apoiado numa bengala, as mãos às costas, olhando para as fontes dos pavilhões reais. Virou-se.

– Jotapa. – Sua expressão estava amena. – Senti falta da sua amizade, minha filha.

– E eu da sua, meu pai – respondeu Jotapa suavemente.

Ele olhou para baixo e viu a carta com marcas de choro na mão dela. Seu rosto se imobilizou. Sem dizer uma só palavra, foi mancando pelo chão de mármore e a arrancou da mão da filha.

Desdobrando-a, estudou rapidamente seu conteúdo. Emitiu um grito terrível, quase sem som, o papiro voando da mão para o chão, e cambaleou até a janela, atônito.

– Meu amado e terno Zahi... – Ficou olhando pela janela, as lágrimas escorrendo sem controle sobre o rosto. – Crucificado *de cabeça para baixo*!

Virou-se para Jotapa, o rosto tomado por uma fúria terrível.

– Diga-me, Jotapa, ONDE estão o amor e a misericórdia do Deus do Hebreu? É uma farsa! – disse, irado, batendo a mão sobre a mesa. – Um mito desesperado para crianças ingênuas que constroem castelos de areia no chão do deserto... Meu filho, morto – lamentou-se. – Nunca, Jotapa! – Agarrou a cruz do altar e a jogou sobre a mesa. Ela se espatifou no chão, quebrando-se em três pedaços. – *Nunca* Seu nome será pronunciado novamente na casa da Arábia. *Nunca* será ouvido o nome do Hebreu.

Ele se virou, os olhos revelando um perigoso brilho de raiva.

– Nunca mais um hebreu será nosso amigo.

Indefesa, Jotapa observou Aretas batendo os frágeis punhos contra a parede, os braços débeis.

– Meu filho está morto – lamentou, os olhos baços e sem visão. Seu corpo magro ruiu sob ele, e o rei escorregou da parede até o chão. – Zahi... – murmurou.

A PORTA DE RUBI

Aretas ficou dormindo, apoiado em sete almofadas de seda vermelha com franjas. Jotapa permaneceu sentada ao lado dele, a frágil mão venosa colada na dela. Ele estava inquieto, virando-se de um lado para o outro, os lençóis de seda ensopados de suor pela quarta vez naquele dia. Respirava fundo, uma respiração seca.

Ayeshe alisava sua testa com os dedos idosos e venosos. Com frequência, vira a morte agitar seu chocalho quando a vida enfraquecia. Por mais simples que fosse o velho beduíno, ele sabia que o rei Aretas morria. E tudo aquilo tinha relação com o Hebreu. Disso, Ayeshe tinha certeza.

Jotapa levantou-se da cabeceira dele, tornando a acender as lanternas que iam se apagar, e despejou outra dose de poção medicinal no cálice do rei. A poção, a mais recente de uma dúzia de frascos que tinham chegado só naquele mês, viera naquela madrugada num camelo do califa da Pérsia, do Oriente.

O velho compatriota de Aretas, Abgar de Edessa, viajara pelo deserto e pelas planícies para visitá-lo, mas Aretas não tolerou ouvir as histórias do rei da Armênia sobre como o Hebreu o curara quando ele estava morrendo; de fato, Aretas mandou embora o grande e generoso rei, lamentando a perda de sua antiga amizade.

Ayeshe meneou a cabeça.

– Sua moléstia é uma doença da alma. A poção não vai resolver nada! – Ayeshe

levantou as mãos, murmurando lugubrememente em ciríaco. – Tudo tem a ver com o Hebreu.

Jotapa suspirou.

– Ele está deslizando para longe de nós, Ayeshe. Tornou-se a sombra do grande rei da Arábia que foi um dia.

– Ele não perdoou o Hebreu por ter morrido na cruz ou por tirarem dele seu filho varão.

Ouviu-se uma batida suave à porta. Jotapa franziu o cenho. Era tarde, apenas algumas horas antes do amanhecer. Ela pegou uma das lanternas e atravessou o quarto, abrindo a porta delicadamente e espantando-se ao ver uma luz brilhante irradiando pela entrada.

No centro do brilho, diante de Jotapa, estava Jesus.

Ela caiu de joelhos.

Seu olhar moveu-se para cima, desde a barra de Seu manto de seda índigo até o cinturão de platina ao redor da cintura.

Seu rosto irradiava uma luz tão brilhante que Sua cabeça e Seus cabelos pareciam brancos como neve, mas, quando as ondas luminosas se abrandaram, ela percebeu os cabelos escuros e flamejantes. Sobre Sua cabeça havia uma coroa de ouro com três grandes rubis.

Ela observou hipnotizada as maçãs do rosto altas e bronzeadas, os olhos límpidos e ardentes, com tons que iam do azul ao esmeralda, e deste ao castanho como chamas de fogo vivas. O Grande Rei do Céu. *Seu* Rei. De uma beleza além da imaginação.

Jesus dirigiu-se vagarosamente a Aretas. Parou ao lado da cama enquanto Jotapa observava da porta. Observou o rei adormecido com um olhar de infinita ternura e compaixão.

– Meu amigo, Aretas – murmurou, curvando-se sobre ele, afagando gentilmente os ralos cabelos grisalhos na cabeça do rei agonizante. – Abençoados aqueles que não Me viram e mesmo assim acreditam – murmurou com enlevo. Olhou para Aretas com profunda compaixão nos olhos; uma compaixão que compreendia a confusão de um rei, que perdoava o ceticismo de um rei, que afastava a amargura de um rei, que acolhia o homem Aretas, o amigo Aretas que O protegera nos braços quando Ele era um bebê.

Jotapa se espantou quando as pálpebras do pai estremeceram. Seus olhos, devagar, foram ganhando foco. Ele franziu o cenho e olhou longa e firmemente o rosto de Jesus. Um reconhecimento vago iluminou seu semblante.

Ele meneou a cabeça, incrédulo, e um sorriso de indizível alegria se estampou em seu rosto. Contemplou o rosto de Jesus, enlevado, e seus olhos não se afastaram Dele nem por um segundo.

– É você – balbuciou, tentando se apoiar nos braços fracos. Desajeitado, tomou as mãos fortes de Jesus entre as suas, já débeis. Então, franziu o cenho. Virou as mãos de Jesus até as palmas ficarem de frente para ele.

Observou os ferimentos graves e irregulares e cobriu a boca com as mãos, horrorizado, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Jesus sorriu e assentiu. Aretas enterrou o rosto nas mãos de Jesus e suas lágrimas caíram sobre as feridas abertas. Jesus abraçou o velho frágil junto ao peito, profundamente comovido. Jotapa observou a cena em meio às lágrimas, rindo, exultante, numa alegria irrestrita.

– Meu amigo Hebreu – murmurou Aretas entre soluços fortes. E Jesus chorou.

Jotapa observou, hipnotizada, um selo branco e brilhante materializando-se lentamente na testa de Aretas, na forma de uma cruz.

– Venha, meu amigo – pediu Jesus. – Tem uma coisa que preciso lhe mostrar.

Com ternura infinita, Jesus ajudou Aretas a sair da cama e, abraçando-o firmemente à cintura, levou-o para fora das grandes portas do palácio que davam para os exóticos jardins orientais. Ele afastou as pesadas cortinas de seda rosa-claro.

Lá, na base da escadaria de mármore, estava Zahi, radiante, os braços estendidos para o pai.

Aretas olhou novamente para Jesus, os olhos arregalados, questionadores. Jesus assentiu.

Jotapa se aproximou Dele com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Você vai levá-lo?

– Se for esse o desejo dele – disse Jesus em voz baixa.

Aretas olhou para Zahi, depois para Jesus e novamente para Jotapa.

– É o meu desejo. – Virou-se para Jotapa, dividido. – Vou com eles, Jotapa – sussurrou. – Quero visitar a terra da porta de rubi.

Jotapa se jogou nos braços de Aretas. Ele a abraçou com força. Ela o abraçou como se nunca fosse soltá-lo, as lágrimas manchando a camisa de dormir do pai. Por fim, olhou-o, e suas palavras quase não puderam ser compreendidas em meio aos soluços.

– Vou sentir sua falta, papai querido... Vá – soluçou. – Vá e fique com aqueles que você ama.

Aretas a beijou firmemente na cabeça, como fazia quando a filha era pequena.

– Você será uma grande rainha da Arábia! – declarou, virando-se para Jesus, que assentiu. E, sem a ajuda de ninguém, ele caminhou pelas grandes portas e desceu a escadaria de mármore até o filho varão, cujos braços estavam estendidos para recebê-lo. Virou-se de novo para Jotapa e, em seguida, desapareceu.

Jotapa se voltou e viu Ayeshe com o rosto coberto de lágrimas. Estavam sozinhos no quarto.

Então, Jotapa olhou para a cama do rei.

Aretas estava morto, com um sorriso incrível no semblante. E os três pedaços da cruz do Hebreu encontravam-se em sua mão direita.

2021
LONDRES

Jotapa, princesa da Jordânia, dobrou cuidadosamente a última missiva de sua homônima e a recolocou no maço de documentos antigos. Enxugou as lágrimas do rosto com a palma da mão e se levantou, tocando com os dedos a pequena cruz de prata pendurada no pescoço.

Seus cabelos escuros caíam sobre os ombros e a longa camisola de seda. Dirigiu-se às grandes janelas duplas e abriu as cortinas, os pés descalços afundando no espesso carpete da suíte da cobertura. Os táxis pretos de Londres ainda atravessavam a ponte de Westminster. Ela olhou para um ponto além da roda-gigante London Eye, na direção do Big Ben e do Parlamento, e ficou observando a estranha aparição branca sobre o perfil dos prédios londrinos.

☆ ☆ ☆

2021
ALEXANDRIA EGITO

Nick estava só de jeans, sem camisa, no balcão do velho e grandioso hotel Cecil, na praça Saad Zaghlou, observando a vista contínua da baía oriental e do ancoradouro dos iates. Respirou fundo, sentindo o cheiro salgado da brisa do Mediterrâneo.

Naquela noite, estava entregue a um raro sentimentalismo, pois, como inglês no Egito, divertia-se com o fato de que tanto Somerset Maugham quanto Noël Coward teriam ficado num balcão ali, antes dele, e que até o Serviço Secreto britânico tivera uma suíte no velho hotel Cecil para suas operações. Uma ótima razão para ficar lá. Além disso, havia o interesse adicional da arquitetura mourisca do hotel, uma lembrança constante de que antes a Alexandria fora sede de opulentas extravagâncias.

Nick sorriu indolente para a incessante gritaria e a feroz tagarelice que provinham dos lendários cafés e *pâtisseries* de Alexandria, embora já fosse quase uma da manhã. Ele tinha ido de Roma até o Cairo no último voo, depois dirigira pela importante estrada que ligava o Cairo a Alexandria, tendo chegado à velha cidade fazia uma hora. No dia seguinte, ao nascer do sol, iria visitar aquele que considerava o único sítio interessante para antiguidades da área – Kom el-Dikka, onde fora escavado um pequeno teatro romano –, antes de ir de carro até o monastério do deserto, no qual o professor Lawrence St. Cartier estaria esperando por ele.

Nick dirigiu o olhar, naquela que deveria ser a sexta vez naquela noite, para a lua cheia que reluzia alto no céu noturno do Egito e para a estranha aparição branca; depois, se virou e entrou no quarto do hotel, tão inexpressivo a ponto de lhe causar desapontamento. Suspirou, estudando o papel de parede previsível e a colcha sobre a cama, feita em série. Deitou-se pesadamente no colchão duro e fechou os olhos. Seu corpo estava ficando cada vez mais fraco; dava para sentir isso. Olhou para as costelas, parcialmente visíveis sob o tórax. Tinha perdido quase quatro quilos nos últimos quinze dias. Seus jeans desbotados estavam largos nos quadris, presos apenas por um cinto caro de couro macio, já afivelado no último furo.

Ele sabia o dia e a hora exatos em que tinha acontecido. Fora numa noite de domingo em Amsterdã. Eram ricos, jovens e entediados. O material de que são feitas as celebridades. Sete deles tinham usado a mesma agulha naquela noite – quatro rapazes e três moças, todos com a vida inteira pela frente. A heroína fora uma forma de sair do marasmo, mas o vírus sobrevivera à adrenalina. Fora a cepa mais letal de aids já encontrada – pernicioso, invasiva. O sexto tinha morrido na segunda-feira anterior. Estava em todos os jornais ingleses. Era uma modelo. De Manchester. O mundo aos seus pés. Seus pais estavam arrasados.

Nick procurou o controle remoto e ligou a TV. Foi mudando de canal, passando por uma obscura novela egípcia, até encontrar a Al Jazeera.

Lá, numa gravação, estava seu irmão Adrian De Vere, sorridente, em Damasco. Ele agradecia a Deus por Adrian. Nick sabia que nunca teria conseguido chegar até aquele dia sem ele. Estudou o irmão mais velho. Adrian devia ter se valido da ajuda de Julia, que lhe teria conseguido um bom esteticista. Estava bronzeado, magro, os cabelos escuros e brilhantes, muito parecido com um sofisticado astro de Hollywood – só que ele era o recém-nomeado presidente da União Europeia e o mais jovem pioneiro em um acordo de paz no Oriente Médio de toda a história.

Nick bocejou, exausto, e depois entrou no inquieto mundo dos sonhos com monges, antiguidades, seus irmãos Jason e Adrian De Vere, o controle ainda na mão... e com a princesa jordaniana.

★ ★ ★

2021

WASHINGTON DC

Jason De Vere observou, do telhado do prédio da Câmara de Comércio, o Marine One levantar voo do gramado da Casa Branca rumo a Camp David. O presidente e o ministro das Relações Exteriores da China tinham saído da festa de gala meia hora antes, seguidos pelos últimos senadores do Capitólio e pelo grupo da embaixada da China. Só os habituais retardatários de Washington e os interessados em aparecer nos noticiários ainda ficaram para trás, afastados de Jason pelos assistentes bem

pagos e extremamente eficientes.

Largou o copo de uísque com força na mesa de banquetes improvisada e caminhou pelo telhado, passando pelas tendas de mídia pertencentes à VOX Communications, seu império pessoal. As equipes chinesas e de outros países já tinham desmontado os equipamentos; só a BBC e a SKY ainda enrolavam os cabos.

Jason sorriu. Um evento raro. Eufórico. Dois anos antes, a VOX estava pronta. Embora possuísse a maioria das ações de plataformas de transmissão nos EUA, Europa, Ásia e Oriente Médio, ele tinha comprado a Direct TV, seguida três meses depois pela FOX News e sua equivalente inglesa, a SKY, obtendo enfim a aquisição da 21st Century Fox. E ontem a VOX havia assinado uma das maiores aquisições globais de sistemas de transmissão de todos os tempos com Pequim – o maior risco já assumido por Jason De Vere, levando-se em conta todos os elementos. Agora, ele parecia incontrolável. Nada mal para a idade madura de quarenta e quatro anos.

Olhou para a Casa Branca e conseguiu distinguir o perfil familiar de atiradores de elite no telhado. Seu celular tocou.

– Sim – respondeu secamente. – Não, não vamos nos mexer. É o máximo a que vamos chegar. Minha posição não muda.

Conferiu as mensagens. Nenhum telefonema pessoal. Na verdade, não tinha recebido um só telefonema pessoal desde o final do divórcio com Julia, treze meses antes... exceto de sua mãe... e de Adrian.

Julia. Jason ficou paralisado.

Ficara chocado. Mais do que chocado. Na verdade, atônito com o intenso fluxo de emoções que sentira ao ver Julia na semana anterior em Damasco. Seu encontro o irritara muito. Deixara-o alucinado. Ele ainda a amava; sabia disso agora. Mas não ousara correr o risco de ter de lidar novamente com emoções tão carregadas. Nunca mais veria Julia novamente em pessoa – nunca, jurou em seu íntimo, a menos que fosse uma questão de vida ou morte.

Guardou o telefone e deu mais uma olhada na Casa Branca, que transmitia ao vivo para a rua M, que repassava os sinais para os satélites da VOX espalhados sobre a terra. Depois, relanceou o olhar para a estranha imagem branca que ainda era visível sobre os telhados de Washington. Passou os dedos pelos cabelos curtos e grisalhos. Julia teria detestado aquilo. E esse pensamento lhe deu uma sensação infantil de prazer.

Olhou para o relógio e franziu a testa. Adrian faria aniversário no dia seguinte. Quarenta.

Fez um lembrete para telefonar para a França pela manhã.

Um homem alto, trajando um costume impecável da Savile Row, estava em pé do lado de fora das enormes portas de cerejeira que davam para o balcão da biblioteca do palácio europeu de verão. Nas mãos, tinha um pergaminho com estranhas letras aramaicas. Observou as centenas de policiais militares patrulhando o perímetro da cerca dupla de arame, as metralhadoras giratórias no telhado, e fixou o olhar na aparição esbranquiçada, visível contra a lua cheia, no céu noturno sobre o Atlântico.

Um sacerdote jesuíta, trajando o hábito fluido de sua ordem dos Mantos Negros, caminhou até ele, a bengala com castão de prata batendo cadenciadamente nas tábuas de mogno do piso. Parou a alguns metros atrás do homem.

– O Cavaleiro Branco.

O homem assentiu. Seus cabelos negros eram longos, como queria a moda, caindo pouco abaixo do colarinho, e tinham um brilho preto-azulado ao luar.

– Nosso sinal está no céu. – Virou-se devagar e, de súbito, o contorno com feições cinzeladas ficou visível ao luar. Seu perfil era encantador... estranhamente belo. – Esperamos mais de dois mil anos por nossa vingança.

O homem contemplou a vista monumental do outro lado da baía. Ficando sob um feixe do luar, observou a aparição. Suas mãos tremeram de raiva contida enquanto acendia uma vela negra e a encostava no pergaminho, ateando-lhe fogo.

– Agora, vingamos nossa desonra – murmurou Lúcifer. – Nossa humilhação nas mãos do Nazareno. – o príncipe decaído alisou o traje jesuíta, acariciando a serpente de prata entalhada no cabo da bengala, e sorriu lenta e maliciosamente. – Nós nos vingamos do Gólgota.

AS CRÔNICAS DOS IRMÃOS
CELESTIAIS - LIVRO 3

FILHO DE PERDIÇÃO

O destino de milhões por nascer vai depender agora, sob deus, da coragem deste exército. nosso inimigo, cruel e implacável, deixa-nos apenas a escolha da valente resistência ou da mais abjeta submissão.

PORTANTO, RESOLVEMOS CONQUISTAR OU MORRER.

(GW1, Ordem geral ao Exército Continental, 2 de julho de 1776)

ELES NÃO TEM SÔMBRAS

Era 10 de setembro, um dia como outro qualquer, refletiu o sacerdote jesuíta. Precisamente às 8h46 do dia seguinte, o mundo inteiro mudaria.

Ele também ponderou sobre isso enquanto observava, da vasta área envidraçada do clube particular a quatrocentos metros sobre a cidade de Nova York, o magnífico panorama dos arranha-céus de Manhattan.

Contemplou em silêncio a espetacular vista do porto de Manhattan, os olhos fixos na incessante passagem dos esguios aviões 757 e 747 que chegavam e saíam dos aeroportos de La Guardia, JFK e Newark.

Enfim, o sacerdote parou de contemplar o panorama e se virou.

Seu rosto, embora estranhamente marcado por cicatrizes, era imperial. As feições eram notáveis. A testa ampla e o nariz reto como o de um senador romano emolduravam imperiosos olhos cor de safira, que tinham uma beleza fantasmagórica, hipnótica. Os grossos cabelos negros estavam prateados em alguns pontos.

Num dia comum, ele os usaria meticulosamente puxados para longe das maçãs altas do rosto, numa trança presa por uma simples faixa preta.

Num dia comum, ele usaria os trajes fluidos dos Mantos Negros, sua ordem jesuíta.

Mas *aquela* não era um dia comum, e nesse crepúsculo as brilhantes tranças

negras do sacerdote caíam soltas sobre os ombros, que envergavam um terno sob medida de Domenico Vacca, com cavas altas e apenas um fiapo de tecido em excesso, acentuando o corpo bem modelado sob ele.

O sacerdote acariciou a serpente de prata entalhada no cabo da bengala. Inspecionou lentamente os homens sentados diante dele.

O Conselho dos Treze, as mais elevadas ordens do Comitê dos 300, a Nobreza Negra Veneziana, o Supremo Conselho Mãe dos Maçons do Grau 33 do Rito Escocês.

Inspecionou a fisionomia dos presidentes do Clube de Roma, do Federal Reserve, do Grupo Bilderberger, do Fundo Monetário Internacional, do Bohemian Grove, do Lucius Trust, até seu olhar se deter no Frater Superior e no Grande Tribunal do Ordo Templi Orienti.

Os Grandes Mestres dos Illuminati.

Os *illuminatus* secretos que controlavam o governo norte-americano.

Que controlavam todos os governos do mundo oriental e ocidental.

Um leve sorriso passou por seus lábios.

Que, por sua vez, eram controlados por ele.

Lorcan de Molay.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para receber informações sobre os lançamentos da
Editora Jangada, basta cadastrar-se no site:
www.editorajangada.com.br



Para enviar seus comentários sobre este livro,
visite o site www.editorajangada.com.br ou mande
um e-mail para atendimento@editorajangada.com.br

LIVRO TRÊS
AS CRÔNICAS
dos
IRMÃOS CELESTIAIS



◉ O FILHO DA PERDIÇÃO ◉

UM ROMANCE ÉPICO DE
WENDY ALEC

666

JANGADA

O Filho da Perdição

Alec, Wendy

9788555390364

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma epopeia emocionante que parte das estéreis planícies geladas da Cidadela de Geena para os degraus do Lincoln Memorial, em Washington, passando pelas criptas arqueológicas do Mosteiro dos Arcanjos, em Alexandria, e daí para o Palácio de Inverno, em Monte São Miguel, na Normandia, quando os três mundos - o mundo dos Decaídos, o mundo dos Anjos e o mundo da raça dos homens - colidem entre si. A história começa no ano de 1981, arremessando os leitores num labirinto escuro e sinistro de operações secretas da CIA, dinastias de banqueiros, feiticeiros do século XXI e o sinistro segredo do Conselho dos Illuminati, controlado pelo padre jesuíta Lorcan De Molay. Agora, o Filho da Perdição vem para governar.

[Compre agora e leia](#)



Origem

Brannan, J. T.

9788555390159

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

A pesquisadora científica Evelyn Edwards e sua equipe descobrem um corpo de 40 mil anos enterrado sob a calota polar da Antártida. Mas, quando começam a extrair o corpo do gelo, o sonho se transforma em um horrível pesadelo, quando todos são marcados para a morte por alguém que quer manter enterrado esse segredo. Evelyn mal consegue escapar com vida. Ela pede ajuda a seu ex-marido Matt Adams, antigo membro de uma unidade de elite do governo. Logo eles se veem envolvidos em uma corrida alucinante contra o tempo, que os leva ao Grande Colisor de Hádrons, em Genebra, enquanto tentam desvendar a maior conspiração de todos os tempos, antes que seja tarde demais para a espécie humana. Se a humanidade achava que conhecia suas origens, chegou a hora de repensar tudo, por que todas as crenças estão a ponto de ser questionadas.

[Compre agora e leia](#)

Saga
Acompanho
Shadow Falls

Levada ao Entardecer

OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter



Levada ao entardecer

Hunter, C.C.

9788564850262

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

[Compre agora e leia](#)

Nele Neuhaus

Autora best-seller com mais de 6 milhões
de exemplares vendidos no mundo

LOBO MAU

SUSPENSE POLICIAL

UMA ADOLESCENTE ENCONTRADA MORTA COM SINAIS DE ABUSO SEXUAL

UMA FAMOSA APRESENTADORA DE TV BRUTALMENTE ATACADA

UMA TRAMA DE GELAR OS OSSOS

JANGADA

Lobo-mau

Neuhaus, Nele

9788564850897

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem. Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.

[Compre agora e leia](#)

FORTALEZA NEGRA

A CHEGADA
DA NOVA ERA

Kel Costa



Fortaleza Negra

Costa, Kel

9788564850767

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na antiga União Soviética, vampiros, até então considerados criaturas lendárias, surgem inesperadamente e põem fim à Guerra Fria em 1985. Usando seu poder mental extraordinário e sua força sobre-humana, os Mestres da Realeza Vampírica exigem a rendição dos líderes mundiais e se autoproclamam senhores absolutos do planeta. Dez anos depois, vivendo num mundo de relativa paz entre humanos e vampiros, Aleksandra Baker, uma garota de 17 anos, se ressentida por não ter a mesma liberdade que os jovens do passado. Além de viver sob o jugo dos vampiros, Sasha, como é chamada por todos, está apavorada com uma nova ameaça, a invasão de predadores letais: os mitológicos! Diante dos terríveis ataques de centauros e minotauros, a família Baker não vê outra saída a não ser se mudar para a Rússia e morar entre os muros do único lugar onde é possível viver livre dos ataques: a impenetrável Fortaleza Negra, reduto da Realeza Vampírica. Mas a ideia de se mudar para a Fortaleza não agrada a Sasha. Ela não gosta de vampiros e, Helena, sua melhor amiga, vai ficar para trás, correndo perigo constante. Mas Sasha não irá descansar até encontrar uma forma de levar Helena para a Rússia e destruir de vez essas criaturas mitológicas que rondam a Fortaleza. A única esperança são as pesquisas do seu pai, que conta com a ajuda de Blake, um prodígio adolescente, que balanceará o coração de Sasha. Mas a jovem talvez já esteja envolvida demais com a obscuridade do mestre da realeza vampírica: Mikhail.

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Sumário](#)

[Os personagens](#)

[De A Queda de Lúcifer - As Crônicas dos Irmãos Celestiais - Livro I](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 - Príncipe de Perdição](#)

[Capítulo 2 - Aretas de Petra](#)

[Capítulo 3 - Irmãos](#)

[Capítulo 4 - O Primeiro Céu](#)

[Capítulo 5 - Herodes](#)

[Capítulo 6 - Christos](#)

[Capítulo 7 - A Revelação](#)

[Capítulo 8 - A Sétima Pedra](#)

[Capítulo 9 - As Hordas do Inferno](#)

[Capítulo 10 - Alexandria](#)

[Capítulo 11 - Mosteiro dos Arcanjos](#)

[Capítulo 12 - Megiddo](#)

[Capítulo 13 - A Reunião](#)

[Capítulo 14 - 26 d.C.](#)

[Capítulo 15 - Traição – 27 d.C.](#)

[Capítulo 16 – As Condições do Acordo](#)

[Capítulo 17 - O Vale da Tentação – 27 d.C.](#)

[Capítulo 18 - Fuga - 27 d.C.](#)

[Capítulo 19 - Zahi](#)

[Capítulo 20 - Kerf Kenna - 27 d.C.](#)

[Capítulo 21 - 27 d.C.](#)

[Capítulo 22 - Gadareno](#)

[Capítulo 23 – Subterfúgio](#)

[Capítulo 24 - O Véu](#)

[Capítulo 25 - O Hebreu](#)

[Capítulo 26 - Escolhas sinistras](#)

[Capítulo 27 - Galileia](#)

[Capítulo 28 - Mandragora](#)

[Capítulo 29 – Lázaro](#)

[Capítulo 30 - Abaixo dos anjos](#)

[Capítulo 31 - Judas](#)

[Capítulo 32 – O Troféu](#)

[Capítulo 33 - Getsêmani](#)

[Capítulo 34 – A Testemunha](#)

[Capítulo 35 - Antonia - 30 d.C.](#)

[Capítulo 36 - O Lugar da Caveira](#)

[Capítulo 37 – Gólgota](#)

[Capítulo 38 – O Véu](#)

[Capítulo 39 – Os Portões do Inferno](#)

[Capítulo 40 – Rei Guerreiro](#)

[Capítulo 41 - Jotapa](#)

[Capítulo 42 – O Cálice de Cornalina](#)

[Capítulo 43 - Luto](#)

[Capítulo 44 – Ecos da Eternidade](#)

[Capítulo 45 - O Primeiro Julgamento](#)

[Capítulo 46 - Os Conselhos de Terror do Inferno](#)

[Capítulo 47 - A Porta de Rubi](#)

[As Crônicas dos Irmãos Celestiais - Livro 3](#)

[Filho de perdição](#)

[Eles não tem Sômbra](#)